

COLETÂNEA

isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais

BARBALHO

LAPINHA

do

Caminhos  
Culturais

IFBA

@mapaculturalifba

mapeamentointeligente@gmail.com



Atena  
Editora

# **COLETÂNEA ISISE**

## **Materials Didáticos Interdisciplinares**

### **Caminhos Culturais**

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia*

Salvador 2025



**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia**

**Reitora**

Luzia Matos Mota

**Diretor Geral Campus Salvador**

Luanda Kívia de Oliveira Rodrigues

**Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPGI)**

Hingryd Inácio de Freitas

**Linha de pesquisa: Cultura, Tecnologias e Processos Sociais**

Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Processos Sociais (GPEC-IFBA)

**Coordenadora do Grupo de Pesquisa**

Catiane Rocha Passos de Souza

**Autores**

Catiane Rocha Passos de Souza

Fábio Adrian Teixeira dos S. e Santos

Jair Souza de Santana

Gracione Batista de Oliveira

Maria Lucileide Mota Lima

Marijane de Oliveira Correia

Mirella Rodrigues da Cruz

Nadson Silva dos Santos

Solange Maria de Souza Moura

Virlene Cardoso Moreira

Uli Freitas Marback



**Mapa  
Cultural**  
IFBA

Editoras: Catiane Rocha Passos de Souza, Maria Lucileide Mota Lima e Solange Maria de Souza Moura

Revisão Técnica: Catiane Rocha Passos de Souza, Maria Lucileide Mota Lima e Solange Maria de Souza Moura

Assessoria Técnica, Design Gráfico, Diagramação e Ilustrações: Dango Costa

Ilustrações de Capas: Maíra Moura Miranda

Revisão de Texto: Catiane Rocha Passos de Souza, Elisângela dos Passos Mendes, Érika Fonseca Maciel, Manuela Cunha Peixinho, Marijane de Oliveira Correia, Solange Santos Santana e Waleska Oliveira Moura.

Coletânea produzida como resultado dos projetos de pesquisa Edital nº 14/2022 da Pro-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia e no Edital nº 03/2022/PRPGI - PIBITI IFBA do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação para o Ensino Superior (PIBITI 2022/2023).

Publicação digital 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C694 Coletânea isise: materiais didáticos interdisciplina-res: caminhos culturais / Organizadoras Catiane Rocha Passos de Souza, Maria Lucileide Mota Lima, Solange Maria de Souza Moura. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2025.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-3550-1

DOI <https://doi.org/10.22533/at.ed.501250107>

1. Interdisciplinaridade e fundamentos culturais na educação. 2. Educação, ensino e materiais didáticos. I. Souza, Catiane Rocha Passos de (Organizadora). II. Lima, Maria Lucileide Mota (Organizadora). III. Moura, Solange Maria de Souza (Organizadora).

IV. Título.

CDD 370.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166



# SUMÁRIO

	<b>Apresentação</b>	07
	<b>Introdução</b>	09
	<b><u>Oficina Caminhos de Arte Urbana e Intervenções Artísticas</u></b> Catiane Rocha, Maria Lucileide Mota Lima e Solange Maria de Souza Moura	14
	<b><u>Oficina Caminhos do Cinema</u></b> Catiane Rocha Passos de Souza, Maria Lucileide Mota Lima e Jair Souza de Santana	30
	<b><u>Oficina Caminhos dos Museus</u></b> Solange Maria de Souza Moura, Catiane Rocha Passos de Souza, Maria Lucileide Mota Lima e Uli Freitas Marback	41
	<b><u>Oficina Caminhos da Arte e Arquitetura</u></b> Solange Maria de Souza Moura, Catiane Rocha Passos de Souza, Maria Lucileide Mota Lima e Jair Souza de Santana	67
	<b><u>Oficina Caminhos da Música</u></b> Marijane de Oliveira Correia, Nadson Silva dos Santos e Catiane Rocha Passos de Souza	94
	<b><u>Oficina Caminhos de Teatros e Performances</u></b> Catiane Rocha Passos de Souza, Solange Maria de Souza Moura Maria Lucileide Mota Lima e Fábio Adrian Teixeira Santos,	110
	<b><u>Oficina Caminhos da Literatura</u></b> Catiane Rocha Passos de Souza e Solange Maria de Souza Moura	130
	<b><u>Oficina Caminhos do Carnaval</u></b> Catiane Rocha Passos de Souza, Mirella Rodrigues da Cruz e Maria Lucileide Mota Lima	147



**Oficina Caminhos da Educação**

163

Catiane Rocha Passos de Souza, Solange Maria de Souza Moura  
Maria Lucileide Mota Lima, e Mirella Rodrigues da Cruz



**Oficina Caminhos de Inclusões**

188

Catiane Rocha Passos de Souza, Maria Lucileide Mota Lima e  
Mirella Rodrigues da Cruz



**Oficina Caminhos de Religiosidades**

201

Virlene Cardoso Moreira, Catiane Rocha Passos de Souza,  
Maria Lucileide Mota Lima e Solange Maria de Souza Moura



**Oficina Caminhos da Arte e Artesanato**

217

Virlene Cardoso Moreira , Solange Maria de Souza Moura,  
Catiane Rocha Passos de Souza e Maria Lucileide Mota Lima



**Oficina Caminhos de Cidadania**

241

Maria Lucileide Mota Lima, Catiane Rocha Passos de Souza  
e Solange Maria de Souza Moura



**Caminhos da Capoeira**

261

Gracione Batista de Oliveira, Catiane Rocha Passos de  
Souza, Maria Lucileide Mota Lima e  
Solange Maria de Souza Moura



**Oficina Caminhos de Gastronomia**

278

Gracione Batista de Oliveira, Catiane Rocha Passos de Souza,  
Maria Lucileide Mota Lima

# Apresentação

A Coletânea ISISE - Materiais Didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais - é resultado do Projeto “Produção de Materiais Didáticos a partir dos Caminhos Culturais do Entorno do IFBA Campus Salvador”, aprovado no Edital nº 14/2022 da Pro-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia e no Edital nº 03/2022/PRPGI - PIBITI IFBA do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação para o Ensino Superior (PIBITI 2022/2023).

O nome **Isise** é de origem lorubá, que significa Ateliê. Nossa perspectiva de ateliê se ancora na visão de artista da tradição em África. Jaime Sodré (2006), A influencia da religião afro-brasileira na obra escultórica de Mestre Didi”, nos informa sobre a produção dos objetos por artista negro africano, “em especial o litúrgico”, que é operada com consciência de que o seu fazer está além de uma execução que exige apuro e cuidado técnico. O artista está cômico que no seu fazer estão presentes os elementos mágicos e de encantamento nascidos dos encontros com a comunidade. Esse fazer se concretiza nas escolhas dos códigos da cor, do material, das formas dentre outros constituintes da produção.

Partindo desses princípios, as oficinas apresentadas na Coletânea Isise são um dos fios da teia incubadora Mapa Cultural IFBA que se originou do projeto de pesquisa

“Mapeamento inteligente das atividades culturais do entorno do IFBA - Campus de Salvador” (2020-2021). Seus outros fios entrelaçam os seguintes projetos de pesquisa e extensão: “Caminhos Culturais: do IFBA Campus de Salvador, às atividades culturais do seu entorno” (2021-2022); Produção Audiovisual de Caminhos Culturais do Entorno do IFBA Campus Salvador (2022); e, Difusão dos Caminhos Culturais do IFBA, Campus Salvador, ao seu entorno - fomento aos arranjos produtivos e socioculturais locais (2022).



**PartedaEquipeCaminhosCulturais,fevereirode2022**

O objetivo principal das oficinas é difundir e partilhar materiais didáticos e estratégias pedagógicas, que possibilitam vivências inter e transdisciplinares, a partir dos saberes e conhecimentos culturais do entorno do IFBA Campus Salvador, sobretudo das comunidades dos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo. Parte desses saberes e conhecimentos estão também apresentados nos quinze audiovisuais - curtas documentários - que constituem o projeto Caminhos Culturais, pretexto da criação dos materiais.



**Evento de lançamento dos Curtas documentários Caminhos Culturais, setembro de 2022**

As oficinas têm como público-alvo principal as escolas, as associações e demais instituições ou coletivos dos bairros acima citados. No entanto, são propostas que podem interessar a educadores, agentes culturais, artistas e ao público em geral.

As oficinas são diálogos de formação humana escolar e não escolar. No contexto escolar, as oficinas são voltadas para o Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Ensino Superior, Cursos da Educação Profissional, Educação de Jovens e Adultos, dentre outras formações para estudantes em geral, exceto para Educação infantil devido à necessidade de adequação às especificidades do público infantil.

As oficinas, portanto, abrangem o desenvolvimento tecnológico e a inovação na oferta de materiais didáticos voltados ao reconhecimento das culturas e fomentando as relações comunitárias e dialógicas entre o IFBA, Campus Salvador, e as populações de seu entorno, bem como, as populações de lugares diversos.

### As oficinas são divididas em três partes:

📍 a primeira é a **Contextualização** Preamble, na qual se apresentam a origem dos materiais e os bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo;

📍 a segunda parte é a **Sensibilização** Temática, em que o tema específico de cada oficina é vislumbrado com o objetivo de suscitar os conhecimentos prévios dos participantes;

📍 a terceira parte, chamada de **Estratégias Pedagógicas**, se subdivide em seis etapas: 1. exibição do curta documentário sobre o tema da oficina, 2. discussão sobre o documentário, 3. visualização do mapa físico de orientação/localização dos espaços e agentes exibidos no documentário, 4. aprofundamento com estudo sobre esses espaços e agentes, 5. prática, etapa de aplicação dos conhecimentos com atividades a serem aplicadas na oficina ou em atividades extras, 6. avaliação da oficina.

Os dezesseis (16) documentários são acessados pelo hiperlink, <https://portal.ifba.edu.br/cultura/mapa-cultural> incluindo as versões com Libras, audiodescrição e legendas.

A sessão Trilhas do Conhecimento tem como objetivo ampliar conceitos pertinentes aos temas discutidos na coletânea. A sessão pode aparecer em qualquer uma das partes da oficina.

Por fim, desejamos, com o acesso às oficinas da Coletânea ISISE, uma imersão dialógica, sensível e que respeite a diversidade e as singularidades de todas as pessoas envolvidas nos processos educativos de produção e aplicação dessas oficinas.

# INTRODUÇÃO

Pensar na produção de Materiais Didáticos (MDs) nos remete a refletir sobre a educação em sua complexidade e no compromisso com a formação de cidadãs e cidadãos, ou melhor, de seres humanos diversos, múltiplos, plurais constituídos de uma condição humana. Essa compreensão humana pressupõe a investigação, a valorização e o diálogo fecundo entre saberes produzidos pelos diversos povos em diferentes espaços sociais, culturais e geopolíticos, o que requer uma investigação multi e interdisciplinar. Inclusive, quem sabe, uma abordagem que possa remeter à transdisciplinaridade.

As práticas instituídas na formação do/da educador/educadora e consequentemente na produção de MDs, apesar de, teoricamente, estarem fundamentadas em concepções integrais do ser humano, continuam, na sua maioria, lastreadas por modelos que privilegiam as dimensões materialistas, utilitaristas e vinculados à lógica formal-linear. Essas práticas estão relacionadas a um padrão de racionalidade analítico, funcional e técnico que ensina o indivíduo a perceber a si mesmo e ao mundo de forma fragmentada e instrumental.

Dessa forma, os processos educativos guiados por esse modelo de educação esquecem, na maioria das vezes, as dimensões éticas, afetivas, intuitivas, espirituais, sensíveis dentre outras que constituem a

complexidade da condição humana, bem como desconsideram ou não compreendem a inter-relação e a interdependência existentes entre as esferas do humano. Assim, esses processos educativos, que praticam a comunicação monológica, acabam fortalecendo o individualismo, tais processos fazem com que cada pessoa acredite que a sua opinião, o seu conhecimento e a sua forma de pensar, sentir e agir são os mais corretos e os mais válidos, o que dificulta as relações dos indivíduos com eles mesmos, com o outro e com o mundo; cria distâncias entre semelhantes; faz das diferenças motivos de desavenças e de exclusão; discute ao invés de dialogar e cultiva mais os valores mercadológicos do que os valores humanos primordiais.

A coletânea ISISE - materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais se orienta pela necessidade de se repensar a forma monológica, colonialista e segmentada que a educação instituída e parte de suas práticas apresentam, possibilitando novas abordagens de educação e de práticas educativas. A começar pelo conhecimento e/ou reconhecimento da cultura, valores e saberes dos três bairros envolvidos: Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo. Compreendemos que esse trabalho tem uma abordagem transdisciplinar, visto que a transdisciplinaridade propõe a religação dos saberes, e o diálogo é



uma das pontes para realizar essa ação. Assim, a interação interdependente de conhecimentos pressupõe a compreensão da complexidade da condição humana, além disso, a vivência do processo de autoconhecimento se constitui em uma das formas de conseguirmos tal compreensão.



***Equipe na frente do Campus Salvador, primeira saída de campo dos Caminhos Culturais - fevereiro de 2022***

Como estamos tratando da relação entre os saberes dos bairros no entorno do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, Campus Salvador, assumimos uma postura dialógica, pesquisando de forma coparticipativa, instigando reflexões e ouvindo as falas dos moradores, comerciantes, artistas, alunos, educadores, dentre outros agentes nesses/desses territórios. Essa postura está sustentada na compreensão da condição de inter-relação, integração e interdependência do ser humano e dos saberes e pode ser potencializada através da ideia de que o conhecimento implica processo de reconstrução e envolve os lugares de experiências dos seus atores.



***Entrevista com moradora da Lapinha - fevereiro de 2022***

Para discutirmos a metodologia adotada na Coletânea ISISE, faz-se necessário inicialmente apresentarmos o conceito de MDs adotado aqui. Entendemos materiais didáticos enquanto produtos pedagógicos que apresentam determinado conhecimento ou assunto, voltados principalmente para sala de aula ou demais espaços de ensino-aprendizagem e que podem ter vários formatos, desde jogos de computador até livros. Decerto, o livro ainda é a forma mais difundida, com distribuição nas escolas públicas de educação básica brasileiras pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), portanto, os MDs devem ser de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas também apropriados às propostas pedagógicas das escolas de Ensino Básico. No caso da Coletânea ISISE, são materiais que ultrapassam os muros das escolas, por isso podem e devem ser aplicados para a população em geral, exceto pelo público infantil considerando as adequações que se fazem necessárias como a linguagem, ilustrações, atividades dentre outros aspectos.

Sob esse viés, os MDs apresentados pela Coletânea ISISE ajudam a ampliar o estudo realizado em sala de aula, mas podem ser usados como material de consulta fora do ambiente escolar e suas oficinas são ajustáveis às realidades variadas e para públicos diversos, exceto o infantil. Assim, funcionam como elementos principais ou complementares ao espaço/tempo do processo ensino-aprendizagem. As sugestões de atividades auxiliam no trabalho em sala de aula, como também na prática pedagógica fora de sala de aula e podem estimular o interesse, a autonomia e a responsabilidade dos indivíduos com aquilo que estão aprendendo.

Em geral, os MDs podem ter formato impresso, audiovisual e tecnológico, e podem ser produzidos pelos agentes da escola e da comunidade, não precisam ser limitados aos encontrados prontos no mercado. Na Coletânea ISISE, dentro das fundamentações das metodologias ativas, nas quais diversos formatos de materiais são utilizados, priorizamos que os atores do processo de aprendizagem sejam protagonistas da produção. As metodologias ativas possuem base no mesmo princípio das pedagogias progressistas e construtivistas nas quais os estudantes são agentes e coautores do processo de aprendizagem. Nelas, a vivência e a experimentação são estimuladas, pois as atividades autorais e projetos são valorizados e fazem parte do cotidiano escolar.



***Exposição de mapas, cartazes e fotografias dos Caminhos Culturais no IFBA Campus Salvador-Março de 2023***

Ainda existe, dentro das metodologias ativas, a aprendizagem baseada em problemas busca como estratégia central de aprendizagem a prática da pesquisa no processo de produção do conhecimento. Nesse sentido, reconhecendo a pesquisa como fundamental, interessa-nos, como estratégia metodológica na perspectiva das metodologias ativas, incluir o diálogo com pressupostos da Arte Educação, tendo em vista o caráter transdisciplinar da Arte; a relação equânime entre o saber sensível e inteligível; e as possibilidades intervencionistas do trabalho pedagógico pelo diálogo interpretativo com as produções culturais, compreendido na tríade: Experiência Estética/fruição, Leituras Críticas e produção da Coletânea/problematização.

Por fim, ao considerar nossos objetivos, entendemos que se trata aqui de uma metodologia processual, dialógica, investigativa e intervencionista a ser continuamente revisitada, repensada e ou recriada ao longo do processo de desenvolvimento e aplicação dos MDs interdisciplinares Caminhos Culturais,

disponíveis na Coletânea ISISE, pois propomos uma prática inovadora de construção transdisciplinar de saberes.

O primeiro procedimento metodológico nessa construção partiu do conhecimento dos caminhos entre o IFBA, Campus Salvador, e as atividades culturais do seu entorno, principalmente no perímetro Barbalho, Lapinha, Santo Antônio Além do Carmo. Essa etapa tomou materiais diversos, além do acervo das pesquisas dos projetos “Mapeamento inteligente das atividades culturais do entorno do IFBA - Campus de Salvador” (2020-2021) e “Caminhos inteligentes: do IFBA Campus de Salvador, às atividades culturais do seu entorno” (2021-2022), publicados no portal [Mapa Cultural IFBA](#).



**Equipedos Caminhos Culturais no Santo Antônio Além do Carmo - março de 2022**

No segundo momento da produção da Coletânea, houve análises dos materiais em paralelo ao estudo sobre produção de materiais didáticos, considerando as demandas da contemporaneidade. Nessa etapa, fizemos aplicação das oficinas no Campus Salvador e em alguns espaços dos bairros em estudo nos MDs, aplicamos oficinas no ICEIA e no Colégio Suzana Imbassahy no Barbalho, espaços formais de educação, mas também aplicamos oficinas em espaços diversos como no Projeto Levanta-te e Anda que reúne pessoas em situação de rua, na Lapinha.



**Aplicação de Oficina com pessoas em situação de rua no Projeto Levanta-te e Anda, dezembro de 2023**



Em paralelo, aconteceu a terceira etapa que foi a própria produção de MDs audiovisuais e tecnológicos (material digital: slides, apostilas e manual metodológico) para as quinze oficinas a partir dos Caminhos traçados pelo mapeamento cultural no perímetro atendido pelo projeto, sendo elas:

- ***Caminhos da Arte Urbana e Intervenções Artísticas;***
- ***Caminhos do Cinema;***
- ***Caminhos dos Museus;***
- ***Caminhos da Arte e Arquitetura;***
- ***Caminhos da Música;***
- ***Caminhos de Teatros e Performances;***
- ***Caminhos da Literatura;***
- ***Caminhos do Carnaval;***
- ***Caminhos da Educação;***
- ***Caminhos de Inclusões;***
- ***Caminhos de Religiosidades;***
- ***Caminhos da Arte e Artesanato;***
- ***Caminhos de Cidadania;***
- ***Caminhos da Capoeira;***
- ***Caminhos de Gastronomia.***

COLETÂNEA

# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



SANTO  
ANTÔNIO  
ANTI-  
COLONIAL

Caminhos de Arte Urbana e Intervenções Artísticas

Volume 01



**Autoria:**

Catiane Rocha Passos de Souza

Maria Lucileide Mota Lima

Solange Maria de Souza Moura

**Revisão do Volume 01:**

Solange Santos Santana

**Assessoria Técnica, Designer Gráfico, Diagramação e Ilustrações:**

Dango Costa

**Ilustrações Capa:**

Maíra Moura Miranda

# OFICINA 01:

## Caminhos de Arte Urbana e Intervenções Artísticas

### OBJETIVOS:

Discutir concepções sobre Arte Urbana, intervenções artísticas e suas relações com as comunidades dos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo, conhecendo alguns agentes produtores: coletivos, artistas e fotógrafos que mobilizam e dinamizam a paisagem, tais como o Coletivo GIA, Leonel Mattos, Sociedade da Prensa, Flávio Oliveira, dentre outros; Destacar as produções nesses territórios do Centro histórico de Salvador: fotografias, painéis, grafites, lambe-lambes, pixos e inscrições que inserem artes no cotidiano das ruas.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Estudantes do IFBA e de qualquer escola/instituição de Ensino, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA Campus Salvador; artistas, produtores, agentes culturais e interessados em geral.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

4 aulas (200 minutos): 2 aulas teóricas e 2 aulas práticas.

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

**Notebook, datashow**, caixa de som, rede de internet, celular ou câmera fotográfica (opcional), cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz.

## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta Coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros do Barbalho, da Lapinha e do Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural, bem como esclarecer sobre a origem da Série de vídeos curtas documentários Caminhos Culturais do entorno do IFBA do [Projeto Mapa Cultural IFBA](#) como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta Coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da Série: Apresentação, que pode ser acessado no [hiperlink](#), com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- 📍 Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- 📍 Há algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- 📍 Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.

## a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA

No cotidiano da cidade, nos relacionamos com manifestações de arte de rua, intervenções autorizadas ou não, murais, grafites, um pixo que salta no inesperado, a textura efêmera de um lambe-lambe colado no poste ou uma ação que convida o público a participar. A arte na rua captura a quem, na repetição dos dias, passa sem imaginar o que pode encontrar na próxima esquina.

**UMA QUESTÃO-CHAVE INICIAL:** Vocês sabem que existem galerias de arte urbana abertas, gratuitas e democráticas nos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo?!

Aguardar respostas. Na sequência, perguntar:

- 📍 O que é uma galeria de arte? (possíveis respostas: murais, museus, ateliês, lojas etc.)
- 📍 E o que é arte urbana? Ouvir as respostas e relacionar com as informações do texto a seguir:



**Grafite na Rua Manoel Caetano - Barbalho**



# Nas trilhas do conhecimento

## 01:

Texto Retirado de: [ABRA: Academia Brasileira de Arte](#), acesso em 15 de junho de 2023.

<sup>a</sup>Falamos dos mais diversos tipos de manifestações artísticas que acontecem em ambientes públicos como ruas, edifícios, casas, túneis, viadutos etc. Pinturas, grafites, esculturas, apresentações de caráter teatral, musical ou circense, cartazes, estátuas vivas, entre outras são todas consideradas um tipo de arte urbana. Apesar de não ter uma origem precisa, segundo registros acredita-se que ela tenha surgido ainda na Grécia Antiga Pré-Socrática.

Foi através dos “Aedos” (ou cantores) homéricos, que discursavam em versos e músicas, a fim de envolver os transeuntes com suas obras. Posteriormente tivemos outros artistas: os trovadores, que eram da nobreza e responsáveis por recitar versos, melodias, poesias e histórias cantadas em festas nas cidades, nos castelos e palácios.

Finalmente chegamos ao século XX, em que a arte urbana passou a ter um conceito mais dinâmico e temporário. Este último refere-se especialmente que, para além das apresentações, obras feitas em espaços públicos estão sujeitas a todo tipo de imprevisto. Por exemplo, um grafite que se perde quando um edifício é demolido, pinturas que são cobertas etc. Já a importância da arte urbana é muito maior do que se imagina, pois ela busca levar

muitas vezes a arte para além de espaços restritos (e que muitas vezes nem todos têm acesso). Fora que ela tem uma característica única que não há a necessidade de um evento especial, apenas que o artista vá para a rua e expresse sua arte.



**Cartazes Sociedade da Prensa. Fotografia do Acervo Caminhos Culturais, 2022**

Portanto, os principais tipos de arte urbana são: **Grafite** – obras feitas normalmente com spray (desenhos e frases) e que cobrem os mais variados espaços, como prédios, casas, túneis, viadutos, etc. Vale destacar a capacidade inventiva dessas/es artistas que hoje não apenas criam pinturas que interagem com o ambiente, como também em 3D, que muitas vezes parecem sair da parede; **Estêncil** – similar ao grafite, mas ela utiliza papel recortado como molde para criar e fixar no lugar frases ou desenhos; **Cartazes e lambe-lambe** – utilizam-se de um método similar: o de colar mensagens ou mesmo desenhos em espaços urbanos; **Estátuas vivas** – um tipo de arte que vem ganhando



muito espaço nos dias de hoje. Nela temos uma pessoa que se maquia e veste como uma estátua e fica estática, fazendo movimentos apenas quando alguém passa perto, como forma de interação; **Estátuas, esculturas** – neste caso podem ser para os mais variados intuitos: seja uma exposição feita a céu aberto, ou então com o intuito de passar uma mensagem. Um exemplo é a [Cow Parade](#), que surgiu em 1998 na Suíça como uma manifestação artística de Pascal Knapp, que acreditava que elas eram uma forma divertida que teve essa ideia para poder reproduzir uma tela tridimensional. Atualmente esse projeto virou um evento mundial, onde diversos países têm pelas suas ruas as vaquinhas pintadas pelos seus artistas; **apresentações individuais ou em grupo** – finalmente temos esse tipo de manifestação que engloba todo tipo de apresentação ao vivo. Aí temos teatro, circo, música, poesia etc.<sup>a</sup>

## PERGUNTAS:

💡 Os grafites, os riscos, as inscrições são artes? Podem ser entendidas como que tipo de arte? Possíveis respostas: literatura, arte visual, artes plásticas, desenhos, pinturas etc.

💡 Você já viu ou produziu algum lambe-lambe? Sabe o que é um lambe-lambe no universo da arte urbana?



**Grafite e lambe-lambe na Travessa José Bahia (Beco do Zé) - Santo Antônio Além do Carmo**

## Nas trilhas do conhecimento 02:

Texto Retirado de: [Portal ESPM Jomalismo](#), acesso em 15 de junho de 2023.

“A técnica lambe-lambe surgiu no final do século 19 por conta da invenção e proliferação da imprensa. Esse contexto foi muito importante, pois facilitou a disseminação de cartazes contendo informações sobre política, arte e propaganda. Tal fato se dá pois, a partir das impressões, um número muito maior de trabalhos pôde ser feito e de forma massiva, em um modelo industrial. Esses cartazes impressos eram colocados em locais públicos para que as pessoas pudessem se manter informadas.

Nessa época, o mais comum de se ver em lambe-lambes eram anúncios de espetáculos de circo. Contudo, esse reflexo para o mundo artístico demorou quase 100 anos para chegar. Após o período Pós-Segunda

Guerra, surgiram várias manifestações populares contra as atrocidades que haviam acontecido, e havia também um forte apoio para os movimentos de Contracultura. Foi então que os artistas de rua se aproveitaram da facilidade que os cartazes traziam de massificar a informação e começaram um movimento cultural utilizando cartazes de

lambe-lambe. A técnica é considerada mais segura para os artistas de rua, pois as artes são produzidas em algum local de preferência do artista e somente depois são levadas ao local de aplicação. Isso tornava o processo mais rápido e difícil de ser visto mesmo em locais com grande movimento, vantagem muito útil para a época em que a prática era ilegal.”

## **b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS**

**ETAPA 01:** Assistir ao curta documentário que apresenta os principais agentes produtores de arte urbana e intervenções nos bairros do entorno do IFBA no hiperlink [aqui](#). (Duração: 11 minutos).

**ETAPA 02:** Coletar e registrar as impressões que o grupo obteve ao assistir o curta-documentário.

**ETAPA 03:** Exibir o mapa de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar o Mapa do Caminhos de Arte Urbana [aqui](#).

**ETAPA 04:** Aprofundar o conhecimento sobre agentes, produtores e projetos apresentados no vídeo. Para isso, deve-se estudar materiais dos pontos do Mapa online do [Portal](#) Mapa Cultural IFBA.

## **Trilhas do Conhecimento INTERVENÇÕES E ARTE URBANA**

### **1. GIA - Grupo de Interferência Ambiental**

#### **Entrevista com Cristiano Piton, integrante do GIA, ao Mapa Cultural IFBA**

“Fazendo um recorte mais voltado para esse lugar do Santo Antônio que é um dos lugares depois das Belas Artes, acredito que seja o próximo lugar muito importante para a construção desse corpo coletivo que é o Gia. E aí, essa relação com o Forte do Barbalho, essa relação com espaço se

intensificou com as relações das pessoas do Gia com o bairro, a cultura... gastronomia... gastronomia é cultura e o palco é cultura e a cozinha é cultura também e isso tem tudo a ver com o pensamento do Gia, conectar essas possibilidades de cultura na construção das nossas ações. E temos ações que fazemos nesse espaço e ações que fazemos em outros lugares, o Dois de Julho, por exemplo, é uma ação que nós fazíamos constantemente antes dos períodos pandêmicos, loucos, terremotos. Todo Dois de Julho, nós estávamos ali com nossa plaquinha de curtir e não curtir. A gente distribuía para a

população e onde a galera podia votar: se estava curtindo aquela pessoa que vinha ou não. O Santo Antônio acaba sendo um lugar de experiência, quer dizer, antes de fazer o carrinho para ir para lá, a gente contactua a galera ali em baixo, pega o carrinho, modifica ele, a gente tenta pegar esse material que a gente junta nas experiências, nas vivências, no cotidiano e apresenta.”

Para maiores informações sobre o GIA, ver o texto no [hiperlink](#).

## 1.1 O “baba” e o mundo

No vídeo aparece a cena em que o GIA mostra uma intervenção na Ladeira do Funil onde moradores disputam um “baba” (futebol de rua no vocabulário baiano).

Na cena, os times se denominam por George Bush (presidente dos Estados Unidos de 2001 a 2009) e Países Emergentes. Os países

## 2. Leonel Mattos, “Caixa Preta”

### Entrevista de Leonel Matos ao Mapa Cultural IFBA

“Fiz várias intervenções urbanas. Na cidade sou um dos pioneiros a levar a arte pra rua, na tentativa de democratizar a arte, entendendo que qualquer pessoa, que não precisa ir a museu, galeria, no ônibus ou passante poderia ver o trabalho e se inspirar.

‘Caixa Preta’ é uma instalação que representava o período mais difícil da minha vida, que eu fiquei 04 anos presos, mas nesse período eu tentei transformar o lugar onde eu estava no centro cultural, ignorando a prisão. Eu consegui enxergar um palmo a mais através da minha arte, a arte, ela te

emergentes formam uma classificação de cunho econômico e social que agrupa países de desenvolvimento mediano. São características desses países a presença de grande mercado consumidor, médio desenvolvimento humano e considerável crescimento econômico.

A [globalização](#) possibilitou a maior participação das nações ditas emergentes no mercado global, principalmente por meio da facilitação dos [transportes](#) e das [comunicações](#). Os dois principais agrupamentos de países emergentes são: Brics ([Brasil](#), [Rússia](#), [Índia](#), [China](#) e [África do Sul](#)); e Mist ([México](#), [Indonésia](#), [Coreia do Sul](#) e [Turquia](#)).

Fonte Mundo Educação, hiperlink [aqui](#), acesso em 15 de junho de 2023.



**Leonel Matos em sua residência-ateliê do Santo Antônio Além do Carmo**

eleva, ela lhe pula barreiras, ela transcende, talvez por isso eu nunca me senti preso. E fico muito feliz de ter vocês aqui para a gente trocar essa ideia através da arte.”

### SUGESTÃO:

Assistir ao [Documentário](#) “A 24 quadros por segundo”.

# Nas trilhas do conhecimento

## AFINAL, O QUE É A LIBERDADE?

**Texto retirado de:** Significados. hiperlink [aqui](#), acesso em 15 de junho de 2023.

“A liberdade é um dos temas principais tratados pela tradição da filosofia. Uma das primeiras definições de liberdade está presente no pensamento de Aristóteles. Para ele, a liberdade está baseada na possibilidade de realizar escolhas orientadas pela vontade. Entretanto, a liberdade deveria estar acompanhada do conhecimento. Para Aristóteles, o conhecimento é a ferramenta capaz de ampliar as possibilidades de escolha e tornar o indivíduo mais livre e capaz de realizar sua finalidade, a busca pela felicidade. Na filosofia medieval, a liberdade estava diretamente relacionada com a faculdade do livre-arbítrio. Os seres humanos são dotados de liberdade por Deus para que possam (livremente) seguir os ensinamentos Dele e alcançarem uma vida virtuosa orientada pela fé. Já nas raízes do pensamento liberal desenvolvidas por John Locke, os indivíduos teriam abandonado a liberdade natural e passaram a viver sob o governo de um

Estado que pudesse garantir o seu direito à propriedade. A vida passa a ser orientada pelas leis e inaugura-se a liberdade civil. Segundo Kant, liberdade está relacionada com autonomia, é o direito do indivíduo criar regras para si mesmo, que devem ser seguidas racionalmente. Essa liberdade só ocorre realmente, através da vontade em conformidade com as leis morais. Já no século XX, Sartre afirma que a liberdade é a condição de vida do ser humano, o princípio do homem é ser livre. Os seres humanos estariam condenados a serem livres, são obrigados a realizar escolhas e a construir sua própria existência. Assim, pode-se pensar na liberdade como o direito a agir de acordo com a própria vontade, sem limitações impostas por outras pessoas.”

### 1. Grafites do ICEIA: história e educação do/no Barbalho

Em 2011, quando o ICEIA completou 175 anos, uma das homenagens na comemoração foi a pintura da fachada principal do complexo com grafites dos artistas Pinel, Mônica e Boob, que foram realizados através do projeto Grafitaê da Secretária de Educação. Os desenhos que



**Grafites do muro do ICEIA - Barbalho**

fazem referências à história e ao legado do ICEIA, em 2021, completaram uma década de existência.

Para saber mais sobre os grafites do ICEIA acesse o [hiperlink](#).



## 2.2 Projeto Labirintos na Praça:

Se você apontar seu celular para os diferentes QR Codes que estão no bairro do Barbalho, sobretudo no ICEIA, vão ter uma grata surpresa: vídeos de várias cenas aparecem por trás daqueles códigos!

Durante entrevista no curta documentário, Jovan Mattos nos fala sobre o significado do Projeto Labirintos da Praça; “uma poética sobre a realidade que você anda pela cidade.” Uma poética que é capturada pelos olhos sensíveis que passeiam pelas calçadas,

pelas visualidades do morador de rua e do vendedor ambulante e de tudo que se vê.

Para Jovan: “É uma narrativa ligada mais a [...] ideia do vídeo-arte [...] que é muitas vezes repetitiva, abstrata... Um fragmento que tem vídeo ali. A tendência é que a cidade seja mais virtual. Então nesse sentido me coloco como alguém que participa dessa configuração do que poderá ser. O nome da pesquisa é Narrativas Urbano Virtuais, uma Poética do Cotidiano Através do Código QR.”

Para conhecer melhor sobre o Projeto Labirinto da Praça, acesse o hiperlink [Texto](#).



**Labirinto da Praça - Muro do ICEIA**

Um elemento encantador da paisagem do Bairro Santo Antônio Além do Carmo é a arte urbana, observada nas intervenções artísticas nos muros e paredes das casas. Grafites, pichações e lambe-lambes funcionam, na maioria, como manifestos políticos quanto às causas da vida contemporânea ou sobre referências aos processos históricos e identitários. O Beco do Zé (Travessa José Bahia) tornou-se, ao longo dos últimos anos, uma galeria aberta, democrática e bastante interessante no Bairro.

Para saber mais, leia o [texto](#) Grafites do Mapa Cultural IFBA.

## 3. Demais artistas e ateliês

Para conhecer sobre artistas e ateliês do Santo Antônio Além do Carmo, sugerimos a leitura do [texto](#) Artistas e Ateliês do Mapa Cultural IFBA.



# Nas trilhas do Conhecimento

## SOCIEDADE DA PRENSA:

### 1. Entrevista de Thiago Ribeiro .

“Sociedade da Prensa é formado por eu, Flávio e Laura. Flávio agora em outra dimensão (...) É um coletivo artístico interdimensional... Mas acontece que assim... Sociedade da Prensa, este ateliê que existiu na Rua Direita do Santo Antônio em cima dos Oliveiras Barros, durante quase 10 anos. E a porta de entrada, ela, durante muito tempo foi um painel de colar lambes por cima. Ele hoje tem um lambe em homenagem a Flávio, que foi colocado ali logo após ele se encantar, de um artista, um parceiro ali de muito tempo, que é Cacá. Flávio tinha essa coisa do grafite também. Ele participou de festivais aí fora de Salvador... de grafite... nessa linguagem. E foi acontecendo... e a gente tinha ali o beco em frente a casa dele como um lugar que era possível de pintar e assim foi encontrando essas brechas. O beco foi crescendo assim e aí várias figuras da cidade, de outros lugares começaram a ir lá pintar também. Santo Antônio foi ganhando mais visibilidade também.”

#### SUGESTÃO:

Exibir o documentário “Carrego nas mãos o meu saber”, disponível na Biblioteca Mário de Andrade, acesso em 14 jul 2023.

#### PERGUNTAS PARA INICIAR A DISCUSSÃO

- 📍 O que chama a atenção no vídeo? Você já viu uma prensa?
- 📍 E o nome Sociedade da Prensa significa o quê?

Após respostas, lembrar o sentido ambíguo do termo “sociedade” aqui. E lembrar o histórico da criação da prensa e como isso revolucionou a história no ocidente.



**Casarão onde funcionou o ateliê da Sociedade da Prensa, com grafites de Flávio Oliveira, na Rua Direita do Santo Antônio Além do Carmo.**

## 1.1 A Invenção da Imprensa

**Texto Retirado de:** [Superinteressante](#), acesso em 15 de junho de 2023.

“Com letras e símbolos em relevo esculpidos em metal. A invenção de Johannes Gensfleisch, conhecido como Gutenberg, permitiu a impressão em massa de livros – que antes eram escritos à mão –, começando uma revolução na Europa, em meados de 1455. A técnica era inovadora, mas não foi a pioneira. Desde o século 7, calendários e livros sagrados já eram impressos pelos chineses – que utilizavam cerca de 400 mil ideogramas talhados em madeira. Mas Gutenberg criou tipos móveis mais resistentes, que poderiam ser reutilizados em outros trabalhos impressos. Assim, os livros deixaram de ser uma exclusividade dos nobres e do clero. Até 1489, já havia prensas como a dele na Itália, França, Espanha, Holanda, Inglaterra e Dinamarca. Em 1500, cerca de 15 milhões de livros já tinham sido impressos.

**LETRA POR LETRA:** Cada página era montada com centenas de caracteres, organizados manualmente.

**TRABALHO MANUAL:** Os compositores organizavam as letras para formar as palavras de uma linha de texto. Depois, em uma forma, juntavam as linhas – que se transformariam em colunas e, por fim, em uma página inteira.

**TIPOS MÓVEIS:** Eram fabricados em placas de metal duro, as chamadas matrizes. Elas serviam de moldes para fundir quantos caracteres fossem necessários para compor uma página. Os tipos móveis, em relevo, eram ordenados em caixas tipográficas.

**TINTA NA LETRA:** Na época, o pigmento

era à base de água e não oferecia uma boa aderência. Para sua prensa, Gutenberg usou uma tinta composta de óleo de linhaça e negro-de-fumo, que marcava o papel sem sem borrar. Ela era aplicada nos tipos móveis com uma tampa de pano.

**A IMPRESSÃO:** A prensa era movimentada por uma barra, que movia a rosca e o prelo.



**Tipografia - Sociedade da Prensa.**

O papel ou o pergaminho ficava em cima dos caracteres, sob os quais era prensado por um prato de platina, ganhando o aspecto de uma página. Os termos “caixa alta” e “caixa baixa” surgiram da organização das caixas tipográficas – as minúsculas ficavam na parte baixa, enquanto as maiúsculas eram guardadas no topo.

**PRENSANDO:** Como o prato de platina era pequeno, as colunas da mesma página eram impressas separadamente – o que exigia que o prelo fosse acionado duas vezes. Uma folha de feltro era colocada entre a página e a platina para melhorar o resultado da impressão.

**PRODUTO FINAL:** A primeira página é analisada e, com a aprovação, outras cópias são feitas. Depois, os caracteres são retirados da forma e reorganizados para a impressão das demais páginas da obra. Cerca de 200 Bíblias foram impressas por

Gutenberg. Em latim e com letras góticas – imitando a escrita –, as páginas do livro sagrado tinham 42 linhas, divididas em duas colunas. Algumas delas contavam com traços decorativos feitos a mão. Devido à grossura dos exemplares – até 1.300 páginas –, cada Bíblia tinha dois volumes. De todas elas, 48 sobrevivem até hoje em museus de diversos países”.

## ETAPA 05: Prática

Essa etapa pode acontecer no segundo encontro da oficina. Nesse caso, vale sugerir para que o grupo pesquise a história da fotografia e apresente no encontro seguinte.

**Retomar a fala do Professor Pablo Florentino, no Curta documentário Caminhos Culturais, sobre sua experiência com a fotografia:**

“Eu praticava no meu locomover dentro da cidade esse olhar do pedestre, esse olhar do usuário do transporte público, esse olhar para essa região que faz parte desse projeto. Esse meu ponto de vista de tentar também dar esse olhar de resgate a uma região da cidade muitas vezes esquecidas. Os telhados, a cerâmica, esse elemento cada vez mais em extinção dentro do meio urbano. O elemento que gera em nós um saudosismo.”

### PERGUNTA-CHAVE:

Você sabe que a fotografia é o principal mecanismo de registro e de memória da Arte Urbana?



*Lambes do Beco Santo Antônio Além do Carmo.*

## Nas Trilhas do Conhecimento

### FOTOGRAFIA

Texto Retirado de: [culturagenia](#), acesso em 15 de junho de 2023.

“A fotografia é uma técnica de reprodução de imagens que usa como base a luminosidade. A luz é tão importante para a fotografia que a origem da palavra é uma junção dos termos gregos *foto*, que significa “luz”, e *graphein*, que exprime a noção de escrita. Portanto, a denominação de fotografia é “a escrita com a luz”. Sua história remonta aos períodos da antiguidade, mas foi somente em 1826 que a primeira foto foi feita. O responsável foi o francês Joseph Niépce. Embora, no Brasil, outro francês, Hercule Florence, também criava um método fotográfico mais ou menos na mesma época. Muitas outras pessoas contribuíram para a evolução e difusão dessa técnica que revolucionou a arte e a comunicação no mundo todo, sendo atualmente tão presente em nosso dia a dia.”

## 2. Dicas de fotografia de paisagem urbana

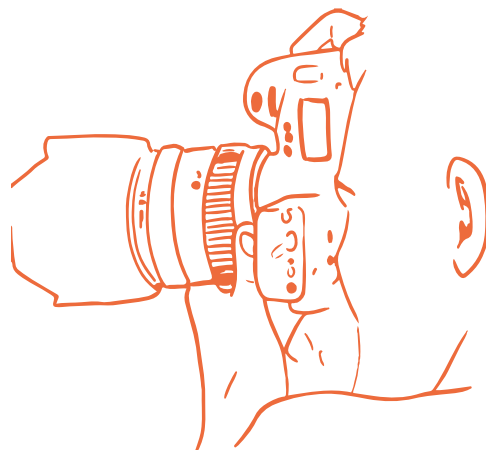
Texto Retirado de: Eduardo e Mônica. Hiperlink [aqui](#), acesso em 15 de junho de 2023.

**“SIGAS AS LINHAS PRINCIPAIS:** O conceito de linhas principais não é apenas para a fotografia de cidades ou paisagens urbanas, mas é uma ferramenta poderosa que deve ser abordada sempre que falamos de fotografia. O olho humano tende a não se fixar em um único objeto por muito tempo, ele salta ao redor da imagem à procura de novas informações. No entanto, quando as linhas apontam para o objeto, o olho seguirá para ele. Manter a atenção do expectador sobre o assunto cria uma imagem mais forte. Linhas de estradas e ruas são um tipo comum de linhas principais. Preste atenção nelas e dê o valor que elas merecem. Muitas vezes ignoramos esses detalhes que no final mudam muito o resultado da nossa fotografia.



**ELIMINE DISTRAÇÕES:** As cidades costumam ser densas e caóticas, o que dificulta a captação de uma ideia clara do que você quer fotografar e mostrar. Por isso, aprender a

eliminar efetivamente as distrações de suas imagens é o que diferencia um fotógrafo experiente. Aqui estão algumas dicas para ajudar: Encontre uma ponte, escadaria



ou outro local elevado. Use uma lente telefoto para isolar seu assunto. Recorte detalhes desnecessários. Cuidado com as incomodativas formações de nuvens.

**MANTENHA AS COSTAS PARA O SOL:** Ao lidar com formas geométricas, como edifícios, é importantíssimo levar em consideração a direção do sol. A posição do sol vai mudando ao longo do dia e do ano. Fotografar contra o sol resultará em edifícios escuros e sem detalhes. Evite isso a todo custo, a menos que você tenha experiência suficiente para que essa posição seja confortável para você alcançar o resultado que procura, mas na maioria das vezes meu conselho é evitar fotografar contra o sol. Essa regra vale também na hora de fotografar pessoas.

**VÁ MAIS ALTO:** A maioria das pessoas está acostumada a ver o mundo e as coisas do nível da rua. Encontrar uma perspectiva nova e mais elevada sobre as coisas é muito bom. Alguns famosos prédios, arranha-céus e igrejas históricas têm plataformas de observação que os turistas podem pagar



para visitar. Se você seguir esse caminho, recomendo planejar sua viagem para minimizar multidões e ter um resultado único e de fácil acesso para fotografar. Outra opção é encontrar colinas e outros mirantes naturais próximos à cidade.

**PLANEJE SUA FOTO:** Fotógrafos tendem a ser perfeccionistas, e a foto perfeita raramente acontece por acaso. Você pode sair todos os dias e tirar fotos até conseguir uma que goste, ou planejar a localização, a hora, o equipamento fotográfico e o clima corretos para obter a imagem desejada. A menos que você tenha paciência ilimitada, o planejamento é sua melhor opção. Tire esse tempo para planejar e extrair o melhor da

**MÃOS NA CÂMERA:** Sair da sala para um ambiente externo para que possam testar as dicas fotografando com os celulares disponíveis entre os presentes. Mostrar os registros fotográficos no data show e ouvir as impressões sobre a experiência. "

## **ETAPA 06:** **Avaliando nossa oficina**

- 📍 Como foi ou está sendo dialogar sobre arte urbana?
- 📍 Onde acertamos e onde erramos na preparação e vivência dessa oficina?

### **Dicas de lugares para fotografar arte urbana no entorno ao IFBA - Campus Salvador**

Barbalho: Muros do ICEIA

Lapinha-Estrada da Liberdade: Muro da subestação de energia

Santo Antônio Além do Carmo: Beco do Zé (Travessa José Bahia)



***CenaperformatizadanasruasdoSantoAntônioAlém do Carmo, com o "Forró Sem Eira Nem Beira".***



**Mapa  
Cultural**  
IFBA

COLETÂNEA

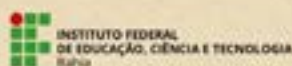
# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos do Cinema

Volume 02



**Autoria:**

Catiane Rocha Passos de Souza

Maria Lucileide Mota Lima

Jair Souza de Santana

**Revisão Volume 02:**

Manuela Cunha de Souza

**Assessoria Técnica, Designer Gráfico, Diagramação e Ilustrações:**

Dango Costa

**Ilustrações Capa:**

Maíra Moura Miranda

# OFICINA 02:

## Caminhos do Cinema

### OBJETIVOS:

(Re)Conhecer produções cinematográficas baianas, sobretudo a que apresenta os cenários dos bairros Santo Antônio Além do Carmo, Barbalho e Lapinha, como também algumas produzidas nesse território. Refletir sobre a ressignificação do Forte do Barbalho que, nas últimas décadas, vem se firmando enquanto importante central de produção audiovisual para toda região Nordeste. Discutir o papel e a história dos cinemas de rua nos centros urbanos, sobretudo, no centro histórico de Salvador.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Estudantes do IFBA e de qualquer escola/instituição de ensino, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA campus Salvador; artistas, produtores, agentes culturais e interessados em geral.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

4 aulas (200 minutos): 2 teóricas e 2 práticas.

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

**Notebook, data show**, caixa de som, rede de internet, cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz.



## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta Coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros do Barbalho, da Lapinha e do Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural, bem como esclarecer sobre a origem da série de vídeos curtas-documentários **Caminhos Culturais do entorno do IFBA** do [Projeto Mapa Cultural IFBA](#) como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta Coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da série: “Apresentação”, que pode ser acessado no [hiperlink](#), com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- 📍 Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos(as) no vídeo?
- 📍 Há algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- 📍 Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.

## a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA

Apresentar cartazes dos filmes: “Irmã Dulce”, “O pai ó”, “O pagador de promessas”, “Na rédea curta” e/ou de outros produzidos nos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo.

- 📍 Vocês já assistiram a esses filmes?
- 📍 O que eles têm em comum?
- 📍 O que vocês lembram deles?

Aguardar respostas, citar outros filmes produzidos no território que o grupo conheça (“Noite Escura da Alma”, “Besouro”, “Viva o 2 de Julho”, “10 centavos”, “Jardim das folhas sagradas” etc.). Fazer outras questões :

- 📍 Conhece alguém que faz cinema? Conhece alguém que trabalha produzindo filmes aqui em Salvador?
- 📍 Já foram ao cinema? Quais?
- 📍 Você já frequentou algum cinema de rua em Salvador?
- 📍 Sabe o que é “cinema de rua”?



**Cartaz do filme “O Pagador de Promessas”, 1957.**



**Escadarias e Igreja do Passo - Santo Antônio Além do Carmo. Principal cenário dos Filmes Série “O Pagador de Promessas”.**

## Nas trilhas do conhecimento 01:

Os cinemas de rua, cinemas de bairro ou cinemas populares são caracterizados pela oferta de ingressos a preços acessíveis e pela variedade de filmes de baixa circulação, assim gerando a democratização do acesso à cultura. A maioria exhibe produções com foco na arte e que, e que geralmente não são exibidos nas salas de cinema das redes multinacionais. A partir dos anos 1950, esses cinemas de rua começaram a entrar em decadência, devido ao processo de urbanização das cidades brasileiras e de modificação dos padrões de consumo, principalmente com a chegada do Video Home System [VHS](#). O setor cinematográfico foi muito afetado e muitos cinemas de rua se transformaram em cinemas pornô ou foram extintos, sendo seus prédios usados para sediar lojas e igrejas evangélicas, sobretudo na década de 80. Os cines populares foram progressivamente substituídos pelos cinemas de shopping, que hoje são o modelo predominante, existindo poucos cinemas de rua ainda em funcionamento.

Sugere-se interagir a cada sessão de respostas, trazendo o debate para a realidade soteropolitana. Para isso, sugerimos o texto da trilha 2.



## Nas trilhas do conhecimento 02:

Texto Retirado de: Conrado Matos. Site [muitainformacao](#). Acesso em 14 de Jul 2023.

“Quando cheguei em Salvador no finalzinho de 1981, mas que considero minha vinda oficial para esta cidade, o ano de 1982, onde comecei a frequentar os lugares, comércio, shopping, estádio de futebol, cinemas e tantos outros locais. Recordo-me nesta época que Salvador tinha como exibição cinematográfica 23 cinemas que, entre estes, tenho conhecimento dos cines Tupy, Jandaia, Guarany, Pax, Tamoio, Bahia, Aliança, Amparo (Engenho Velho de Brotas), Rio Vermelho, Liceu, Santo Antônio, Brasil, São Jorge, Glória, Astor, o antigo Bristol, Uruguai, Itapagipe, Bonfim, que passou a se chamar depois de Art 1 e Art 2, além dos cines 1 e 2 do Shopping Iguatemi, que passou a se chamar de Shopping da Bahia. Embora existiram outros cinemas, mas não frequentei. No caso dos cines Capri, Nazaré, Roma, Popular e Excelsior que foram também grandes espetáculos cinematográficos. Os cines de rua que frequentei, eu não sei se ainda funcionam todos. Penso que quase todos já se foram. Os cines Roma, Plataforma e São Caetano são bem antigos. Surgiram entre os anos de 1948 e 1949. O cine Pax de Roma, conhecido como “Gigante da Baixa dos Sapateiros”, cujo cinema, inicialmente, foi fundado no ano de 1950 para exibir filmes religiosos. O cine Guarany foi fundado em 1919 e fora considerado um cinema moderníssimo da época. Acredito que o Cine e Teatro Jandaia que foi palco de



personalidades importantes da MPB, como Carmen Miranda, grandes filmes, espetáculos e óperas, deve ser um dos cinemas que está entre os mais velhos de Salvador. Um Cine Teatro que era frequentado pelos ricos de Salvador. Fora inaugurado em 1911 e se encontra atualmente abandonado com as janelas abertas e mato pelo teto. Digo isso, porque vi quando desci recentemente a Ladeira do Alvo, do bairro Saúde, que sai ali na Baixa dos Sapateiros. Se olhar a lateral, dá para observar sem janelas e acredito que só deva ter morcegos lá por dentro. Outro cinema também velho de Salvador, inaugurado em 1956, que sempre o admirei, é o Cine Tupy. Não sei se funciona ainda. Andei frequentando nos anos 80. Os cines Art 1 e 2, eu também gostava de frequentar.



**Cine Teatro Jandaia, Baixa do Sapateiro**

**Fonte:** [\*Amo a História de Salvador - By Louti Bahia\*](#)

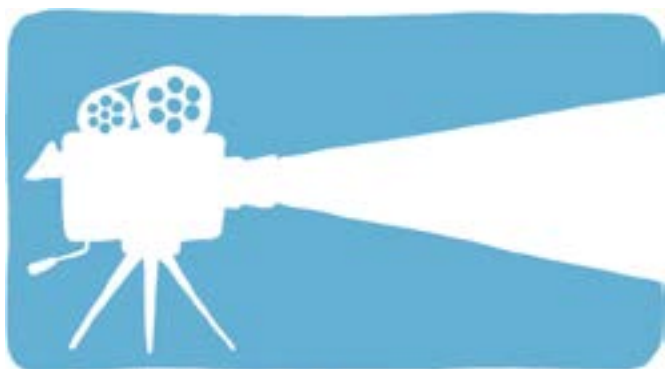
Eu acho que cheguei no momento certo em Salvador. Acredito que essa minha inspiração de poeta e escritor foi toda estimulada aqui nesta cidade, embora, já trago histórias inspiradoras da minha amada terra Sergipe. Nos anos 80, a nossa arte cinematográfica, teatral e musical, ainda viviam o seu grande apogeu cultural. Nós valorizávamos os cinemas, teatros, clubes e os grandes palcos de shows. Nós admirávamos a boa música, não vivíamos apenas de cultura do balanço bum-bum, sertaneja e forrozeira sem raízes, e pagodeira. Lamentavelmente, nossos cinemas de rua vivem o abandono e não temos mais certeza se iremos reviver ou ver suas revitalizações. Se vão destruí-los de vez ou se vão reformá-los. Espero que alguém que ame a cultura se prontifique um dia”.

### **DICA DE FILME PARA ASSISTIR FORA DA OFICINA**

“Tapete Vermelho” (2005), do diretor: Luiz Alberto Pereira, conta a história de Quinzinho (Matheus Nachtergaele) um caipira que promete ao seu filho que o levaria para conhecer o cinema e assistir a um filme do ator e diretor [Mazzaropi](#). Este ato é fruto de uma promessa de Quinzinho feita ao seu pai, perpetuando uma espécie de tradição familiar. Zulmira, esposa de Quinzinho, não concordamuito com a viagem, mas acaba indo e a família embarca em uma aventura. Caso tenha tempo, pode mostrar o [trailer do filme](#) (duração: 2’).



## b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS



### Nas trilhas do conhecimento 03:

#### ETAPA 01

Assistir ao curta-documentário que apresenta cenários cinematográficos nos bairros e o Forte do Barbalho como central de produção audiovisual. [Acesse aqui](#) (Duração: 9 minutos)

#### ETAPA 02

Coletar as impressões que o grupo obteve ao assistir ao curta-documentário registrando-as.

#### ETAPA 03

Exibir o mapa de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar o [Mapa do Caminhos do Cinema](#).

#### ETAPA 04

Aprofundar o conhecimento sobre agentes, produtores e projetos apresentados no vídeo. Para isso, pode usar o [texto](#) Cinema do Mapa Cultural IFBA.

O Forte do Barbalho, nas últimas décadas, vem se firmando enquanto importante central de produção audiovisual para toda região Nordeste. Nessa trilha, indicamos a leitura do texto ([acesse o hiperlink aqui](#)) publicado no Mapa Cultural IFBA.

Dentro da ressignificação do Forte, é necessário destacar o seu uso na Ditadura Militar, com ênfase para o Memorial da Comissão da Verdade instalado no Forte e com a produção do Documentário “A Noite Escura da Alma”, do diretor Henrique Dantas, 1h32min, 2016.

Sinopse: “A Noite Escura da Alma” é um documentário experimental que aborda a Ditadura Militar e ocorrida no Brasil, no contexto da Bahia. O filme tem a sua linguagem desenvolvida no hibridismo entre o documentário e a performance, sem utilização de imagens de arquivo. Além dos depoimentos, que respondem pela narrativa do filme e revelam histórias pouco conhecidas da chamada “Terra da Alegria”, temos, no que tange a proposta visual, o desenvolvimento de uma pesquisa de linguagem em que seis

peessoas performatizaram seus corpos no espaço que foi o maior centro de tortura da Bahia. O filme conta com os depoimentos de Juca Ferreira, Lúcia Murat, Emiliano José, Theodomiro dos Santos, Carlos Sarno, entre outros. E grande parte desses depoimentos foram captados no Forte do Barbalho, o mesmo espaço físico que elas foram torturadas.

### Trecho da fala de Paulo Pontes no curta-documentário:

“No Forte do Barbalho, faziam uns 2 dias que eu estava preso, inicialmente fui levado para a Polícia Federal ali nas imediações de onde hoje tem o Mercado Modelo. Então, já fomos torturados ali e posteriormente eu passei uns 10 dias sendo torturado no Forte do Barbalho. Então, só as condições de alojamento do preso já era um instrumento de tortura porque não é necessário muitos instrumentos para se torturar uma pessoa. Basta dizer que a essa altura eu já estava, não tinha mais roupas, todas foram rasgadas, eu estava apenas de cueca sem camisa e dormia deitado no

chão de cimento grosseiro e sujo de sangue, tanto meu quanto de Valdomiro, em que estávamos algemados um com o outro. O sangue, o cheiro de pólvora, tudo...passei uns 15 dias, mais ou menos, sem tomar banho e dormindo no chão. Então, imagine como era.”

## ETAPA 05

Passar [trailer](#) do documentário “A Noite Escura da Alma” (2:30min).

Correlacionar os conhecimentos históricos e atuais com as ameaças à democracia, nos últimos anos do Brasil.



Por que é importante a luta pela democracia?



Por que nomes de torturadores são ainda referenciados em espaços políticos no país, como em plenárias de deputados e senadores?



**Forte do Barbalho-Principal centro de torturas da Ditadura Militar na Bahia**

Leia o artigo da Jornalista Mariluce Moura sobre os crimes impunes da ditadura. Não esquecer [Para quem não se repitam!](#)

## ETAPA 06: Prática em sala de aula

- Assistir ao Filme “Ó Paí Ó”;
- Dividir a turma em grupos;
- Sortear temáticas sociais que aparecem no filme, uma para cada grupo: religiosidade, discriminação, pobreza, extermínio de menores, racismo, aborto e desigualdade social;
- Cada grupo deve fazer um relato de como a temática sorteada aparece no filme. Os relatos podem ser escritos, orais ou ilustrados de outras formas a depender da criatividade de cada grupo.



**Pôster oficial do filme, 2007**



**“Bar do Neuzão” do Filme “Ó Paí Ó” - divisa entre o bairro Santo Antônio Além do Carmo e o Largo do Pelourinho.**

## ETAPA 07: Práticas extras- oficinas

Uma expedição pelo cinema de rua de Salvador:

### SUGESTÃO:

A expedição começa no Cine Tupy, Aquidabã. Do Pax, o “Gigante da Baixa dos Sapateiros”, ao Astor, o “Palácio do Sexo” na Rua da Ajuda. Do Cine Excelsior na Praça da Sé ao Glauber Rocha na Praça Castro Alves.

Ver a experiência do urbanista João Pena, publicada no site [Agendartecultura](http://Agendartecultura.org), acesso em 14 de jul 2023.

**Sugestão:** se possível, levar imagens antigas dos cinemas visitados.



Uma expedição pelos cenários citados no texto da etapa 04 da oficina:

### ROTEIROS SUGERIDOS:

Bar do Neusão, Ladeira do Carmo, Escadarias do Passo, Escadaria da Ordem Terceira do Carmo, Rua do Carmo, Cruz do Pascoal, Rua Direita, Ladeira do Boqueirão.

Forte do Barbalho, Rua dos Perdões, Travessa dos Perdões, Largo do Santo Antônio, Forte da Capoeira.

Largo da Lapinha, Pavilhão 2 de Julho, Largo da Soledade, Parque do Queimado, Ladeira da Soledade.



**Rua do Carmo, Santo Antônio Além do Carmo**

### Uma expedição no Forte do Barbalho:

A partir da discussão realizada na oficina, conduzir o grupo ao/pelo Forte do Barbalho, mostrando os marcos colocados pela Comissão da Verdade: placas em salas e no tanque onde ocorreram torturas. Mostrar o Memorial na Cela Museu, no qual tem registros dos nomes de [presos e mortos no Forte durante a Ditadura Militar](#). Ver texto da CTB, acesso em 14 jul 2023.



**Cela Museu - Monumento Comissão da Verdade, Forte do Barbalho**

## ETAPA 08: Avaliando nossa oficina

- Como foi ou está sendo dialogar sobre cinema baiano?
- Onde acertamos e onde erramos na preparação e vivência dessa oficina?



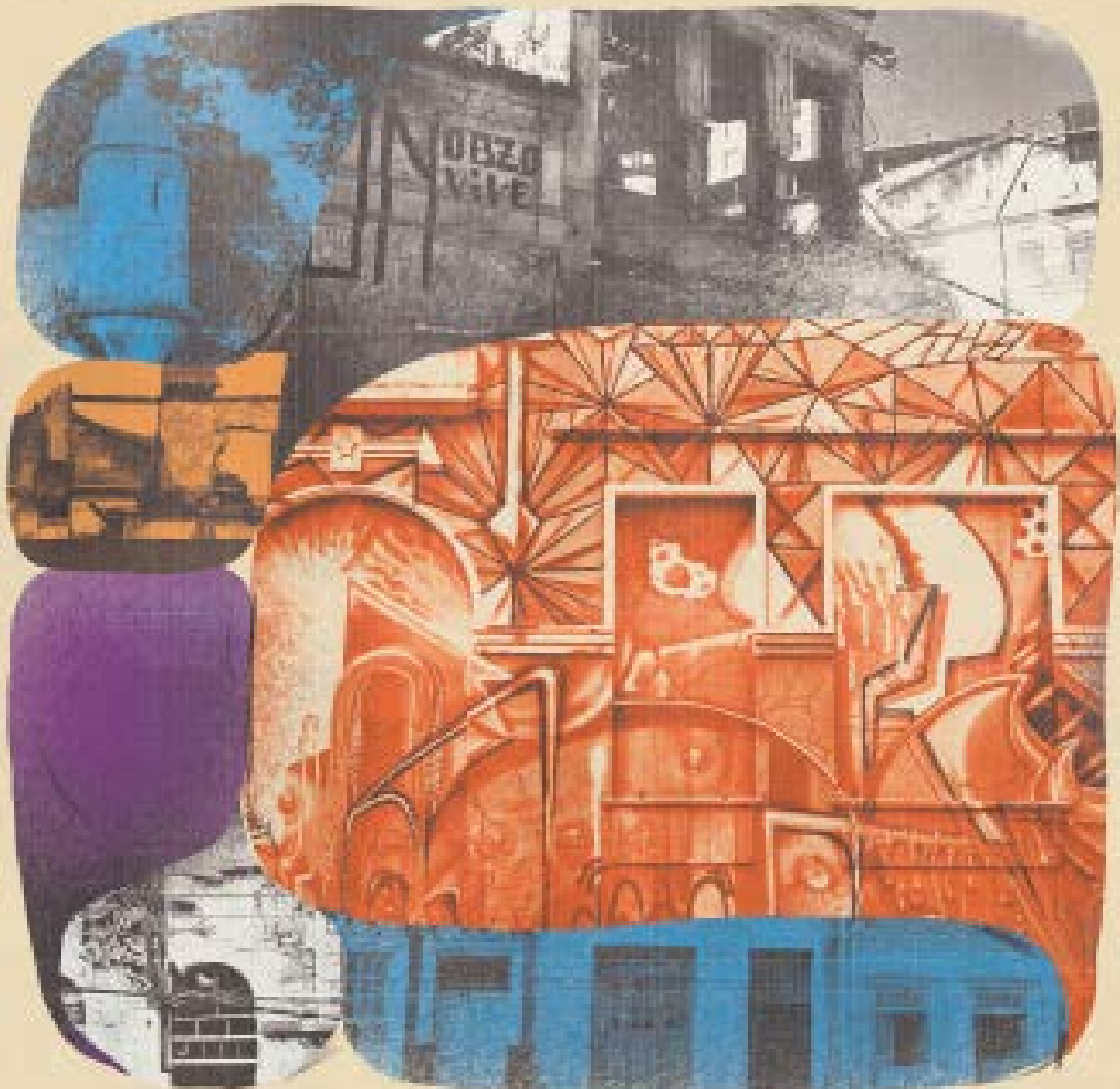
**Mapa  
Cultural**  
IFBA



COLETÂNEA

# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos dos Museus

Volume 03



**Autoria:**

Solange Maria de Souza Moura  
Catiane Rocha Passos de Souza  
Maria Lucileide Mota Lima  
Uli Freitas Marback

**Revisão do Volume 03:**

Catiane Rocha Passos de Souza

**Assessoria Técnica, Designer Gráfico, Diagramação e Ilustrações:**

Dango Costa

**Ilustrações Capa:**

Maíra Moura Miranda

# OFICINA 03:

## Caminhos dos Museus

### OBJETIVOS:

Colaborar para tornar mais democrática e acessível a participação do público na relação com o Museu, considerando: (1) a apresentação e apreciação dos Bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo na perspectiva de Hélio Oiticica- o “Museu é o Mundo”, as experiências da arte no cotidiano - que estão presentes nas ruas “a Céu Aberto”; (2) a reencenação de histórias e memórias objetificadas nas diferentes imagens do acervo e da própria arquitetura dos Museus das Igrejas da região, com destaque para o conjunto da obra de Francisco Chagas (O Cabra); e (3) tratar dos espaços-museus alternativos - Solar Museu Santo Antônio, Estúdio AGÁ e o Ateliê de Fotografia Mário Edson - nas suas potências como equipamentos culturais da Arte Educação. E, por último, ensejamos posicionar a ideia de museu no seu caráter formativo.

### **PÚBLICO SUGERIDO:**

Estudantes do IFBA e de qualquer escola/instituição de Salvador, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA Campus Salvador; artistas, produtores e agentes culturais em geral.

### **CARGA HORÁRIA MÉDIA:**

4 aulas (200 minutos): 2 aulas teóricas, 2 práticas.

### **AMBIENTE:**

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### **MATERIAIS NECESSÁRIOS:**

Notebook, data show, caixa de som, rede de internet, cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz.

A OFICINA CAMINHOS DOS MUSEUS possui diversas trilhas de conhecimento e dentro de cada trilha há alguns trajetos que evocam diferentes discussões. Escolha uma das trilhas e seus trajetos de acordo com o interesse do público participante para aprofundar reflexões e para a parte prática.

## **TRILHAS**

*Trilha Museu é o Mundo*

*Trilha Museus de Arte Sacra*

*Trilha Museus Alternativos*



## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta Coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade, bem como esclarecer sobre a origem da Série dos vídeos curtas documentários **Caminhos Culturais do entorno do IFBA** do Projeto **Mapa Cultural IFBA** como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas nesta Coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o **[vídeo01 da Série](#)**, com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- Tem algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.

## a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA



Essa etapa se desenvolve a partir de UMA QUESTÃO-CHAVE INICIAL, escrita ou feita oralmente:

Vocês conhecem ou já tiveram alguma experiência com museus, espaços expositivos, em cenas cotidianas com a Arte ou mesmo participaram de alguma procissão nos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo?

Escutar o público e, na sequência, formular outras questões problemas escritas ou oralmente, a partir das respostas surgidas. Como por exemplo:



📍 **O que são os museus?**  
É possível que escutemos respostas do senso comum, como museu é lugar do que é velho, de memória... Cabe aqui refletir sobre a ideia do que é “velho”.

Ao ouvir as respostas, acrescentar ao diálogo informações do texto Nas Trilhas do Conhecimento 01.

## Nas trilhas do conhecimento 01:

### O que diz a Lei 11904/2009 que institui o Estatuto de Museus?

Texto retirado de: BRASIL. Lei Federal de nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009. Dispõe sobre o Estatuto de Museus. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm). Acesso em: 20 mar. 2023.

**Art. 1º** Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.

**Art. 29.** Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação.”

## Nas trilhas do conhecimento 02:

Museu é uma palavra derivada do grego ***mouseion***, que na sua origem significa templo dedicado às nove musas.

“As musas eram filhas do deus grego Zeus com Mnemósine, e sua função era guardar as ciências, as artes e os tesouros da cultura.”

Texto retirado de: MARTINS, Luciana C. et al. **Que público é esse? Formação de públicos de museus de centros culturais**. 1. ed. – São Paulo: Percebe, 2013. Disponível em: [percebeeduca.com.br](https://percebeeduca.com.br). Acesso em: 27 mar. 2023.



Que tipos de museus vocês conhecem?



E que experiências vocês tiveram nesses museus?

## Nas trilhas do conhecimento 03:

### Uma Tipologia Museal

Texto retirado de MARTINS Afonso. et al. Casa-museu, museu-casa ou casa histórica? Uma controversa tipologia museal”. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 2014. Disponível em <https://www.eumed.net/rev/cccss/30/casa-museu.html>. Acesso em: 20 março 2023.

“Em sua origem histórica, o Museu está relacionado aos lugares de oferendas dos thesaurus, aos poucos transformado em instituição dedicada ao conhecimento,

com bibliotecas, observatórios, depósito de coleções; em Roma se desenvolveu o colecionismo privado e o incentivo ao colecionismo público; o ocidente medieval se impôs a ideia de colecionismo como tesouro: peças raras, exóticas, vindas das Cruzadas, do Oriente, as relíquias de santos, tendo a Igreja como grande colecionadora do período (HERNÁNDEZ, 2001, p. 31-33). As obras de arte, as relíquias, a arte sacra e tantas outras preciosidades ostentadas no Renascimento deram lugar, a partir do século XV, ao interesse da sociedade por objetos estranhos, extraordinários, que despertassem uma curiosidade científica (ECO, 2010). Esta característica específica de colecionismo deu origem às *'wunderkammer*, ou seja, as câmaras das maravilhas ou gabinetes de curiosidades, precursores dos nossos museus de ciências naturais' (ECO, 2010, p. 201). Estes espaços dedicados ao colecionismo, os quais reuniam uma série de antiguidades com tipologias diversas de objetos e peças exóticas, estavam disponíveis para exposição, apreciação do colecionador e de seus convidados. Alguns séculos mais tarde com a Revolução Francesa, se iniciou um processo social preservacionista, assim como o desenvolvimento da noção ocidental de patrimônio cultural que são as raízes do conceito que conhecemos atualmente (POULOT, 2009). Após a Revolução Francesa, as coleções e os bens culturais que até então eram de desfrute apenas da nobreza, passam a ser públicas, instigando a criação de museus na Europa e América. Neste sentido, se tem a criação do primeiro Museu aberto ao público: o Museu do Louvre em 1793. Entretanto, antes da abertura deste Museu já existia

desde 1683 o Ashmolean Museum, com coleções de história natural, arqueologia, entre outros. A partir do século XIX, surge mundialmente uma tipologia museal específica: a **Casa-Museu** (PONTE, 2007, p. 167). São instituições que representam o desvelo da vida privada à curiosidade social. Estes locais de memória (NORA, 1993) nasceram da ânsia de uma parcela social em preservar a memória de um (a) personagem de destaque em um grupo, compartilhar o seu legado e instituir suas raízes no cerne da sociedade. Uma Casa-Museu corresponde a uma tipologia específica de museu, que está em processo de categorização e ampliação dos estudos sobre sua gênese. Cada Casa-Museu possui uma particularidade, um tipo de



**Casa Museu Solar Santo Antônio**

acervo [...]"

Entre os tipos de museus, citamos: Museus Históricos, Museus de História Natural, Museus de Ciência e Técnica, Museus Etnográficos, Museus de Arte, Museu Biográfico e Galerias.

Observando as novas tendências vamos encontrar as seguintes tipologias ou modelos museais, entre outras: Museus temáticos, monográficos; Espaços musealizados; Museus virtuais, digitais, cibermuseus; Museus planetários; Museu Itinerante; Museu da Pessoa; e, Museus Comunitários, Ecomuseus, Territórios e Museus Domésticos.



## b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

### ETAPA 01

Assistir ao curta documentário que apresenta os [Caminhos dos Museus](#) (11'27"). Um enfoque plural, formativo e inclusivo, a partir da trilha apontada por Hélio Oiticica, artista neoconcretista - o Museu é o mundo, nas experiências cotidianas da Arte - e por isso pode tornar-se um espaço convidativo de partilha de conhecimentos, democrático e de saber mais. Saberes apontados nas cenas da estética do cotidiano pelas ruas do bairro, nos museus de Arte Sacra e nos espaços alternativos - do museu do vivido, dos estúdios e de galerias.

### ETAPA 02

Coletar as impressões que o grupo obteve ao assistir o curta-documentário anotando palavras chaves. Em caso de acesso à internet e a aparelhos com acesso à rede, pode-se criar nuvem de palavras online.

### ETAPA 03

Exibir o mapa de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar o [Mapa do Caminho do Museu](#).

### ETAPA 04

**ETAPA 04:** Aprofundar conhecimentos apresentados no curta sobre os museus como espaço acessível e democrático, - sejam nos espaços do cotidiano da cidade, da arte sacra e alternativos -, sobre os seus agentes, produtores e projetos que tornam esses espaços dinâmicos de saberes e de experiências estéticas. Para isso, ler materiais dos pontos do Mapa online do [Portal Mapa Cultural IFBA](#) e acessar os pontos sugeridos através dos seus respectivos hiprelinks.

## Nas trilhas do conhecimento TRILHA O MUSEU É O MUNDO

**Imagens do Museu a Céu Aberto** - Pessoas caminhando na Lapinha, Fitas do Bonfim na escadaria do Passo, Rua do Passo, Caboclo e Cabocla...

Na cena do curta, nosso olhar passeia por diversas imagens capturadas nos bairros do entorno do IFBA. No ritmo frenético da cidade e de nossas vidas, muitas vezes não damos oportunidade a uma experiência de sentir e perceber formas naturais e ou produzidas pelos humanos e que estão ali em nossos caminhos: em uma pintura, no colorido das frutas, na fachada da arquitetura, na escultura... **Que tal desacelerar e apreciar?**



**Beco do Zé no Santo Antônio Além do Carmo**

## “Olhe as coisas do mundo como arte e seu mundo será um museu!”

O museu é um espaço que, geralmente, nos solicita uma mudança de postura permeada de mais sensibilidade, para que a percepção e os sentidos possam atuar. Ao passear nossos olhares sobre seus objetos, exige-se uma maior atenção. Nesse momento, com a completude de nosso corpo paramos para observar e interagir. O espaço, na sua proposta curatorial, organiza cores, luzes, temperatura, entre outros elementos, para que possamos caminhar na contramão do fluxo cotidiano: mais devagar e abertos para um mergulho na singularidade do que ali se apresenta. O museu pode provocar no público uma experiência estética, cultural e histórica.

Essas sensações e esse estado de atenção para o seu cotidiano têm acontecido em aulas de campo, caminhando pelas ruas do bairro, inclusive com moradores do próprio bairro, quando os envolvidos param para observar detalhes que nunca havia reparado, ou observar algo que “torna-se novo” ao ser compreendido pelo seu valor histórico e cultural.

Já experimentou levar essa experiência para o seu cotidiano? Algum objeto ou acontecimento fez você apreciá-lo por instantes?

Ao afirmar que “o museu é o mundo, é a experiência cotidiana”, o artista **Hélio Oiticica** traduziu sua própria forma de criação e concepção da arte, ao mesmo tempo que problematizou o espaço, muitas vezes, inacessível do museu. Algumas de suas obras nascem de suas andanças pelo Morro da Mangueira, no Rio de Janeiro, além de outros espaços ditos periféricos. São nesses espaços cotidianos que a sua vivência com a arte se realizava. O próprio acontecimento no mundo físico e social torna-se alimento para uma arte conceitual e intervencionista.

Oiticica apropriou-se dos objetos do cotidiano, atribuindo-lhes novos sentidos e significados, transformando-os em objetos artísticos. Os objetos eram levados para os



**Fotografia, Marcia Abreu, S/T**

espaços de arte – galeria, exposições, mas também podiam permanecer ali e o público era levado até eles. Nesses momentos, o mundo e a experiência no cotidiano torna-se museu.

## “Bólide lata”

Um de seus trabalhos de arte é o “Bólido Lata” (1966) que nasceu de uma lata de óleo encontrada, na qual utilizou óleo para produzir fogo e iluminar as ruas. Para o artista, a obra para nascer só precisava de um toque, que se relacionava à expressão (como um sopro), enquanto a matéria ele preferia mantê-la (Salomão, 1996). A ideia de sopro pode ser observada, também, concretamente no interesse estético em que foram conjugados em “Bólido”: forma, calor, movimento e o contraste da luz do fogo com a escuridão da noite.

A obra “Bólido Lata” foi mantida no seu lócus e o público pode apreciá-la como arte. A rua ou qualquer parte do mundo torna-se, então, um espaço da arte, um museu, em que a experiência de apropriação das cenas e dos objetos do cotidiano podem dar novos significados a esses: a arte se realiza através do olhar do outro.

Todos podem experimentar as ruas como um flâneur.

Referência bibliográfica:

SALOMÃO, Waly. Hélio Oiticica: qual é o Parangolé? Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. 133p.

### FAÇA UMA EXPERIÊNCIA

“Ao encontrar uma situação ou um objeto comum e que, por alguma razão, toque você, imagine que ele é uma obra de arte e olhe para ele como tal. Perceba o que nele o atrai, suas formas, texturas, movimentos, cores e o que mais você perceber. Guarde essa imagem na sua mente. Passado algum tempo, observe se a situação ou o objeto se repetirá em seu cotidiano. Caso se repita, mantenha o olhar em estado de arte para ele.”

Texto retirado de: PARAMPAU, Daniela. et al. O museu é o mundo. Palácio das Artes, S/D. Disponível em: <https://fcs.mg.gov.br/o-museu-e-o-mundo/>. Acesso em: 10 mar. 2023

## Nas trilhas do conhecimento

### TRILHA MUSEUS DE ARTE SACRA

A Trilha Museus de Arte Sacra nos apresenta a possibilidade de andar por quatro trajetos: (1) há o trajeto de percorrermos os três museus, conhecer algumas peças imagens e histórias, acessando os hiprelinks dos textos do Mapa Cultural IFBA sobre esses museus e ainda temos uma reflexão sobre o paradoxo da ‘senzala de acolhimento’; (2) propõe uma leitura sobre a procissão do Senhor Morto - com a obra de Chagas- como um museu itinerante; (3) um trajeto sobre a estética barroca como referência às nossas construções identitárias e, também, ao atravessar o tempo, se fazer presente no nosso cotidiano da sociedade do espetáculo; (4) esse trajeto analisa na obra de Francisco das Chagas Senhor Morto a anatomia e o estado de saúde do seu corpo vivamente e dramaticamente representado na escultura de madeira e cravejada de rubis.

Observamos que é importante a inclusão sobre o artista Francisco das Chagas nos trajetos 2 e 3.

## 1. Aqui caminhamos por três museus.

Na cena, a sonoridade no toque do **agogô**, instrumento da tradição yorubá, ambienta a presença marcante dos criadores e construtores da edificação do [Museu da Ordem Terceira do Carmo](#) - as mãos afro-brasileiras. Seguindo a câmera, atravessamos o portão da fachada em estilo rococó tardio e caminhamos pelo salão com traços neoclássicos em tons de azul e rosa, por imagens sacras, santos de roca e chegamos em um túnel, para revirar essa história de nossos ancestrais.

No [Museu do Carmo](#), o curta apresenta a belíssima pintura ilusionista dos painéis do teto da Sacristia, com trabalho de douramento com seus relevos e que descem pelas paredes em formas florais e geométricas. Uma das características da produção artística do período barroco do Brasil era o aspecto coletivo do trabalho e o anonimato. Mobiliário, esculturas sacras em madeira, prataria compõem parte das peças entalhadas e esculpidas pelas mãos afro brasileiras, que são apresentadas no vídeo.

E chegamos ao **Museu do Santíssimo Sacramento**, que passou por uma reforma concluída em 2018. O destaque da cena vai para a escultura do Senhor Morto que contrasta, pela ausência de movimento e de força expressiva, com a escultura de mesmo nome do artista Francisco das Chagas, na Ordem Terceira; e, para as peças doadas por Oscar Santana - diretor do filme O Pagador de Promessa - que passam a compor o acervo do museu.

### 1.1 O paradoxo: “senzala” e acolhimento?



**Senzala na Ordem Terceira do Carmo**

Descemos os degraus e atravessamos um túnel - chegamos ao subterrâneo do Museu da Ordem Terceira do Carmo. Aqui andamos por um caminho incerto e paradoxal sobre as histórias que o túnel guarda.

Mas afinal, qual a função desses túneis em arquiteturas de igrejas do centro antigo?

Uma pista nos leva para a arquitetura no Brasil Colônia, cujas raízes são medieval, caracterizada pelo seu aspecto defensivo. Esse estilo pode ser visto nas construções militares e religiosas. Nas ordens religiosas e mosteiros há uma dupla defesa: dos possíveis invasores a que estavam sujeitos os territórios litorâneos, como há uma informação de que os túneis serviram de



esconderijos durante a invasão holandesa; e, por outro lado, do mundano e tentador mundo exterior.

Mas, esses subterrâneos serviam de passagem para quem ou do quê?

Em Salvador, podemos citar além do túnel do Museu da Ordem Terceira, o da Igreja do Rosário dos Pretos e da Faculdade de Medicina. Há informações que eles serviam de passagem entre as igrejas católicas.

Em visitas ao Museu da Ordem Terceira do Carmo é comum ter um guia ali presente - geralmente é alguém com vínculo religioso, um leigo carmelita, que acompanha turistas, estudantes e visitantes em geral. Em apresentações dos espaços que compõem a grandiosa construção, o guia destaca o subterrâneo, o qual rotula de “senzala de acolhimento”.

A informação é completada, através de outras fontes, com os argumentos de que a “senzala de acolhimento” foi um espaço, no qual os carmelitas davam guarida aos escravos que fugiam; e, após a ‘abolição’, foi um espaço para dar suporte e abrigar aqueles que estariam vivendo nas ruas.

Em diversas vezes e com grupos distintos, é possível observar o quanto a expressão gera espanto, mesmo em quem pouco conhece o histórico de escravidão no Brasil. É a sensação de falta de lógica na expressão “senzala de acolhimento” que gera o espanto, pois, na formulação discursiva coerente, não há como congregar dois termos com sentidos tão desarmônicos no mesmo campo semântico. Não é apenas

adicionar adjetivo ao substantivo para especificar um tipo de senzala: senzala feminina, senzala de quilombolas, etc.

A expressão senzala, acompanhada do adjetivo que incomoda os ouvidos de quem conhece a história da escravidão, segue com breve explicação do guia: as senzalas eram abafadas, sem janelas, portanto sem ventilação, enquanto que àquela, em demonstração no Museu da Ordem Terceira do Carmo, tem o teto alto por se tratar dos escombros da construção, cuja estrutura se estabelece em grandes arcos de tijolos vermelhos de barro e tem o fundo voltado para um quintal com muros que chegam à Baixa dos Sapateiros. Entretanto, vale destacar que, embora passados mais de um século do fim da escravidão oficializada no país, os escombros apresentados pelo guia em nada tem de acolhedor até hoje, ambiente sem nenhuma condição adequada para abrigar com humanidade, impossível ser ambiente de acolhimento.



**Túnel na Ordem Terceira do Carmo**

Enfim, apesar dos esforços do guia, o termo senzala continuará ecoando, com sua formação ideológica, nas mentes dos visitantes mais críticos. E em especial, nos subterrâneos da Terceira Ordem do Carmo, a existência de uma senzala nos leva a refletir acerca da enorme contribuição da Igreja para a escravidão de africanos e afro-brasileiros, não apenas a defendendo em prol do desenvolvimento do país e de seus interesses próprios, como a evangelização, mas também e principalmente, porque foi uma das maiores responsáveis, aqui no Brasil, pelos mecanismos de doutrinação da consciência da população, em sua maioria, para aceitação e naturalização da escravidão por quase quatro séculos.

## **2. As obras de Francisco das Chagas e a procissão do Senhor Morto como um museu itinerante**

No curta, uma forte respiração nos convida a sentir a força expressiva da belíssima obra de arte - Cristo Atado à Coluna, de Francisco das Chagas - o Cabra - que se encontra no Museu do Carmo. Logo depois nos encontramos com outra obra do mesmo autor - Senhor Morto. Obras barrocas que apelam aos nossos sentidos ao expressar, através do Cristo em seu calvário as próprias angústias e dores do ser humano daquele contexto e, mais ainda, a dor de viver a escravidão. A obra sai em procissão, na Sexta Feira da Paixão, e performatiza um museu itinerante.

## **3. Barroco: entre o drama e o espetáculo**



***Cristo Atado à Coluna', Francisco das Chagas, escultura em madeira, meados século XVIII, Museu do Carmo.***



### **O que é o barroco?**

Movimento artístico na literatura, artes plásticas e música que surgiu na Europa, no século XVII.

### **A visão de mundo barroca**

Opondo-se à arte clássica, a expressão barroca pode ser compreendida como algo que escapa às exigências da ordem e da harmonia. Acolhe o dinamismo da vida e seus impasses, servindo-se de temas contraditórios, do paradoxo, expressando, sobretudo, a dimensão conflituosa da vida. Comunica-se sob tensão: o homem vê-se oscilando entre fé e razão, carne e espírito,

céu e terra, virtude e prazer. Põe em tela os jogos de prazer, a impressão sensorial que se recusa a ser uma simples informação estética. Não se restringe ao campo das formas, demonstrando uma capacidade de sensibilizar o observador, emergindo como um modo de sensibilidade, uma estesia mais envolvente.

O uso de recursos visuais como diagonais, curvas, efeitos de luz e sombra, recuos, avanços, planos horizontais e verticais e vários outros elementos geométricos, nas palavras de Ernst Gombrich (2002), “a fim de dirigir nosso olhar para a entrada e levá-lo depois para o alto”, ao mesmo tempo em que se valorizava o rebuscamento como meio de louvar a Deus.

O Barroco floresceu em um contexto sócio histórico de um continente sacudido pela contrarreforma e pelas novas possibilidades do mercantilismo e consequente estruturação do colonialismo. As representações artísticas de caráter religioso deviam atingir a consciência do observador, mas não de forma racional. Além disso, deviam vir respaldadas por uma reverência ao sagrado, por uma “vertigem” frente à santidade. Um jogo produzido na dualidade entre o teocentrismo e o antropocentrismo.



## O Barroco e a nossa Formação Identitária

### À CIDADE DA BAHIA

Gregório de Matos

***Triste Bahia! Ó quão dessemelhante  
Estás e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo ati, tu a mi empenhado,  
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.***

A pedra irregular, o lúdico, o prazer, o excesso, as formas com contornos imprecisos que apelam para a impressão sensorial e para a tensão existencial - o Barroco fala da nossa Identidade Cultural. O antropólogo Antônio Risério (2004) aponta que a mestiçagem e o hibridismo são características nascedouras do barroco brasileiro e, portanto, é um traço fundamental da nossa formação. O barroco europeu ao cruzar os mares, ancorar no porto baiano e caminhar por uma cidade que reunia matrizes estéticas diversas - tupi guarani, lusa, banto e iorubá - recria-se com cores locais, no que Risério denominou “Barroco-tropical”.

As diferenças entre o Barroco europeu e o da América Latina são culturais, sociais e políticas. Sabe-se que, de início, os modelos, os materiais e até mesmo os artesãos vinham da Europa. A partir do século XVII, a mão-de-obra empregada no Brasil Colonial era negra e, principalmente, mestiça; e, a presença da Mão Afro na arquitetura, escultura, entalhes e pintura produziu uma arte singular.

É importante ressaltar que a estética barroca despontada a partir do período seiscentista, desdobra-se em sintonia com as diferenças no Brasil: uma sociedade marcada por baixas densidades demográficas, pela distância da metrópole, pelo trabalho escravo, pela estratificação racial, pelo latifúndio, pelas diferenças entre litoral e sertão e por uma Igreja livre da tentação protestante e pautada no trabalho da catequese.

As obras das cidades litorâneas tiveram uma maior influência portuguesa do que as do interior, cujas peças eram rústicas e artesanais. As mais requintadas são as esculturas feitas na Bahia e no Rio de Janeiro. Enquanto em todos os estados a madeira era o material preferido dos escultores barrocos, em São Paulo predominou o barro com expressiva rusticidade. No Rio Grande do Sul e na região Norte, por exemplo, as imagens modeladas nas missões jesuíticas trazem a influência espanhola e os traços indígenas dos escultores Guaranis. Já o barroco mineiro apresenta absorções do estilo Rococó, explicadas pelo apogeu da mineração, que favoreceu o acolhimento daqueles padrões de luxo e riqueza.

A Cidade da Bahia, antiga capital, concentrava o intercâmbio comercial entre a metrópole e a Colônia. Da Velha Bahia, que nunca perdeu sua majestade, zarparam riquezas locais/nacionais em direção a Portugal; e depois retornavam com os comerciantes europeus, que traziam produtos e passageiros do Velho Continente. Por conta dessa riqueza, monumentos de grande valor histórico, incluindo casarões da Ladeira da Soledade, do Santo Antônio

Além do Carmo, do Pelourinho foram construídos no chamado Centro Antigo de Salvador - área tombada pela como Patrimônio Histórico da Humanidade, pela UNESCO, em 1983, nossa herança material e simbólica.

Não podemos deixar de mencionar que o Barroco brasileiro se fez presente também nas festas promovidas pela igreja e pelo Estado. Todo aparato festivo causava impacto e tinha um cunho político de afirmação de poder. Algumas festas embaladas por fantasias, procissões, cavalhadas, músicas, carros alegóricos e autos; e outras, com ar carnavalesco, batuques e demais códigos culturais negro africanos penetravam e atravessavam os códigos festivos que vinham de Portugal.



***Procissão no Santo Antônio Além do Carmo.  
Fotografia de Paulo Vaz, cedida ao Mapa Cultural  
IFBA.***



## A presença da estética barroca no espetáculo contemporâneo

As características estéticas do barroco atravessam o seu tempo histórico e se revelam em espaços cotidianos da nossa cidade: no apelo aos sentidos, na teatralidade e na dramaticidade, na contradição e no espetáculo que alienam o nosso cotidiano social pela aparência. Essas são idéias presentes no conceito do de uma existência barroca, presentes no nosso tecido social.

Para refletir sobre a “sociedade do espetáculo:”

**“O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.**

**Guy Debord**

### Referências Bibliográficas:

GOMBRICH, E. H. HISTÓRIA DA ARTE; São Paulo: LTC Editora, 2002.

MIGUEZ, Paulo. A ORGANIZAÇÃO DA CULTURA NA “CIDADE DA BAHIA”. Tese, UFBA, 2012.

RISÉRIO, Antônio. UMA HISTÓRIA DA CIDADE DA BAHIA. RJ - Editora Versal, 2004.

## 4. Um estudo de anatomia e saúde na obra Senhor Morto (por Uli Marback )

Senhor Morto é uma das mais importantes obras do Barroco Brasileiro e aqui tece um diálogo com a anatomia do corpo humano em virtude das feridas expostas tão expressivamente por Francisco das Chagas, no século XVIII. Esse texto além de uma aula de anatomia nos confirma o caráter transdisciplinar da Arte. Acesse o texto e boa leitura!



**Escultura em madeira ‘Senhor Morto’, Francisco das Chagas - O Cabra - Século XVIII. Acervo do Mapa Cultural IFBA**

## **Cena do Museu do Mar Aleixo Belov**

Na breve cena, a câmera foca na casa de oitão amarela, um tipo de casa ou sobrado do século XIX, localizada na Praça de Santo Antônio Além do Carmo - Praça Barão do Triunfo - que hoje abriga o Museu do Mar Aleixo Belov. O Museu pode ser caracterizado como biográfico, por nos levar a conhecer o mar, através da história de vida de Aleixo Belov como velejador e que tem as águas da Bahia como um lugar de iniciação.



# Nas trilhas do conhecimento

## TRILHA ESPAÇOS MUSEAIS ALTERNATIVOS

A Trilha Espaços Museais Alternativos apresenta quatro trajetos: em um (1), reflete o museu como a “casa”, espaço coletivo e colaborativo; (2) no segundo, um mergulho sobre o ato de colecionar e de sua força na memória de vida de seus personagens; em (3) seguimos o trajeto da curadoria como espaço da arte educação; e por último, o trajeto (4) apresenta as políticas de incentivo à Cultura e à Arte, que tiveram como ambiência inicial a emergência do contexto da COVID.



**Casa Museu Solar Santo Antônio**

### 1 Museu como ‘a casa’, espaço coletivo e colaborativo

“Os museus fazem parte, do modo mais límpido, das casas de sonhos do coletivo”.

Walter Benjamin

#### Estúdio Agá

A cena traz um espaço insurgente da pandemia gerada pela Covid 19, quando a arte e os artistas foram profundamente atingidos por um contexto adverso e com a inexistência de políticas públicas culturais que garantissem, pelo menos, uma sobrevivência. Como espaço coletivo, abre possibilidade de absorver uma parte considerável de artistas que ficam de fora dos grandes espaços museais e de galerias.

Pensando a ideia de “casa” como o lugar que traduz a nossa primeira experiência com o mundo, a casa/corpo. Se fecharmos os olhos por um momento, que imagens e sensações nos chegam? E se pensarmos nessa experiência como um corpo coletivo?

#### SUGESTÃO:

Ver Imagens da performance Divisor(1968), Lygia Pape, [\*reencenada em 2011\*](#).



**Estúdio AGÁ. Santo Antônio Além do Carmo**

## 1.1 Da coletividade ao convívio: fazer, estar e ser juntos

Texto retirado de: Afonso, Manoela. Da coletividade ao convívio: fazer, estar e ser juntos. [revistazcultural.pacc.ufrj.br](http://revistazcultural.pacc.ufrj.br), Acesso em 10/03/2023.

“(…) a arte pode ser um lugar de produção [...] Ao refletir sobre o que já realizamos, percebi que o “convívio” vem adquirindo uma importância considerável em nossas propostas, as quais usualmente se iniciam a partir de um grupo (móvel) de pessoas que procuram fazer algo coletivamente e que, em diferentes graus e combinações, podem ter o relacionamento entre si fortalecido pelo “fazer juntos”.

O “fazer juntos” provoca o “estar juntos”: atualmente continuamos a nos lançar a tais convivências com o objetivo de realizarmos projetos artísticos não só coletivos, mas também relacionais. Temos percebido uma urgência nesse sentido, além de constatarmos o desejo de buscarmos mais que uma reunião de indivíduos ativos em função da realização de projetos artísticos coletivos: almejamos um convívio efetivo capaz de, a partir das negociações das nossas individualidades, potencializar o “ser juntos”. Ou seja, que possamos ir além do fazer ou do estar e convocar mais pessoas à experiência conjunta da produção artística, pois o exercício poético é uma das formas pelas quais podemos dar espaço, tempo e lugar ao verbo ser. Não seria esse um dos meios de esburacarmos – com muitos pequenos orifícios – os microssistemas dos quais

fazemos parte? Há que se deixar a luz entrar por esses buracos: nossos interesses têm sido dirigidos às relações humanas estabelecidas por meio de operações e arranjos poéticos. Desejamos que cada pessoa – artista ou não – possa escolher fazer, estar e/ou ser conosco durante propostas artísticas, inclusive propondo também [...]”

Temos tido experiências de “esburacarmos” com pequenos orifícios os microssistemas dos quais fazemos parte?

Como tem sido nossas experiências de coletividade?

## 2. Colecionadores de artes, sonhos e memórias

### Casa Museu Solar Santo Antônio

A cena do curta na Casa Solar nos transporta para a diversidade da Arte projetada na alma do personagem principal da cena - Dimitri Ganzelevitch, que aos seis anos de idade fez de seu quarto um museu, para expor sua primeira peça que encontrou quando visitava ruínas romanas - uma moeda.

Seu olhar rememora cada peça que ali se encontra e que foram garimpadas desde os seus 17 anos, quando inicia seu ritual de colecionador: fotografias de familiares, amigos e personagens das histórias e culturas do mundo; arte popular; esculturas, cerâmicas, máscaras e entalhes de África e



de outros continentes; pinturas, gravuras; assemblages, ready made; e mobiliários. Como um griot, nos conta a história de cada peça quando indagado.

O museu do vivido, como ele mesmo denomina, é um espaço dos afetos recolhidos no tempo e na história de vida desse ativista e produtor cultural, que compreende a função da arte, no espaço museal, no seu sentido de ir para a vida e não de estar em “um museu como cemitério”. Além das peças, a própria casa mantém a volumetria de sua construção inicial e que, curiosamente, abrigou na década de 80, do século passado, a Hora da Criança, criada em 1943, inicialmente como Programa de Rádio, que se constituía na culminância do processo pedagógico desenvolvido semanalmente pelo seu fundador o professor Adroaldo Ribeiro Costa.

A Casa Solar possui ainda um amplo espaço de encontro com a natureza e um anfiteatro, como a cena mostra.

### 2.1 José Saramago – trecho de “As pequenas Memórias”

Texto retirado de: As pequenas memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

“Desapareceu num montão de escombros a pobríssima morada de meus avós maternos, esse mágico casulo onde se geraram metamorfoses decisivas da criança e do adolescente. Essa perda, porém, deixou de me causar sofrimento porque, pelo poder reconstrutor da memória, posso levantar as suas paredes brancas, plantar a oliveira que dava sombra à entrada, entrar nas pocilgas para ver mamar os bácoros, ir à cozinha e deitar do cântaro para o púcaro de esmalte esborcelado a água que pela milésima vez me matará a sede daquele verão.”



**Mapa Cultural IFBA e as Memórias de Moradores da Lapinha**

### 2.2 Conto - A Promessa De Onorina (de Alejandro Reyes)

Texto retirado de: Vidas de Rua; Salvador; Fundação Jorge Amado; 1997. Disponível em: <https://lendoeescrivendonarede.blogspot.com/2011/05/conto-promessa-de-onorina-alejandro.html> . Acesso em 10 de março 2023.

“Todos os dias, às seis da manhã, Onorina abria o pequeno baú que guardava sob a cama e, com infinito cuidado, começava a tirar as lembranças que ali entesourava, colocando-as, uma a uma, sobre uma pequena e desalinhada mesa. Havia ali um gato de pelúcia, sujo e completamente corroído pelo tempo, um par de sapatos de bebê, duas bolas de gude - uma azul e outra verde -, uma carteira de estudante de primeiro grau, um velho retrato e, finalmente, o maior de seus tesouros: uma carta, amarelada e tão antiga, que havia de desdobrá-la com o cuidado de um miniaturista chinês, para evitar que



se transformasse irremediavelmente em poeira. Sentada frente à mesa na única cadeira que possuía, Onorina arrumava seus pertences com meticulosidade de relojoeiro: à esquerda, em leve ângulo, os sapatos; à direita, o gato de pelúcia, sentado; no meio, o retrato, e frente a ele, a carteira de estudante; as gudes, ela as colocava em frente aos sapatos, a azul em frente ao esquerdo e a verde em frente ao direito. Depois abria a carta com extraordinária cautela, desdobrando parcimoniosamente as três páginas de que era composta, enquanto um resplendor beatífico iluminava gradualmente seu rosto enrugado. E, então, ela lia em voz alta. Não sabia ler, mas isso pouco importava; de fato, o que para outras pessoas teria representado um obstáculo intransponível, para Onorina não era mais que um obséquio de Deus ou de alguma outra divindade que, por ventura, ter-se-ia interessado em seu destino, pois lhe permitia receber, a cada dia, novas notícias, fazendo deste rito matinal um momento de ditosa expectativa e quotidianamente renovada alegria.”

Que pequenas memórias você tem a nos contar? Vamos abrir os nossos baús?



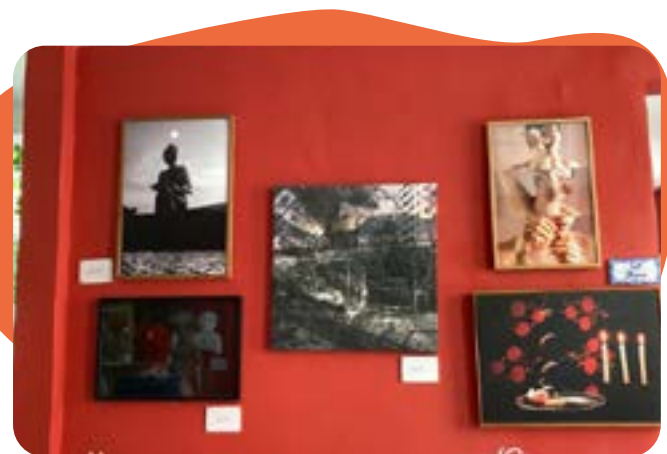
### 3. Curadoria e Arte Educação

#### ME Ateliê de Fotografia

O curta apresenta o Espaço Mário Edson de Fotografia, aqui compreendido como um espaço museal temático. A cena constrói com o agente cultural desse espaço um diálogo sobre a curadoria, contornando, assim, a potência pedagógica do trabalho

desenvolvido pelo fotógrafo e curador no âmbito da Arte Educação. Na cena, visualizamos peças expostas da tradicional “Exposição Antônios”, que anualmente se renova. Orientação, estudo, mediação e pesquisa envolvem o fazer dos artistas que participam das mostras temáticas e que movimentam o espaço museal ateliê/galeria.

Nesta trilha, buscamos refletir sobre o trabalho político pedagógico de curadoria nos espaços museais - espaços de saberes e conhecimento - e que podem também nortear práticas pedagógicas em sala de aula. A curadoria, assim compreendida, atua na perspectiva da Arte Educação.



**ME Ateliê de Fotografia, Ladeira do Boqueirão.**

#### 3.1 Curadoria, Arte Educação e atos políticos pedagógicos

Você conhece a história [O Fio de Ariadne](#) da mitologia grega, que envolve a busca do personagem Teseu em encontrar a saída no labirinto do Minotauro?

O Fio de Ariadne é uma metáfora para refletirmos o trabalho de curadoria nos espaços museais como atos políticos pedagógicos. O que se quer partilhar em uma exposição? Por quais fios de Ariadne o trabalho curatorial será conduzido para a construção do conhecimento?

### 3.1.1 Sobre Curadoria

Texto retirado de: O que é: curadoria, [sp-arte.com/editorial/o-que-e-curadoria/](http://sp-arte.com/editorial/o-que-e-curadoria/), acesso em 20/03/2023.

“[...] o papel principal dos curadores é construir uma narrativa contada através de obra de arte e apresentá-las para o público de um jeito em que faça sentido, passando para ele uma visão diferenciada da história da arte e costurando obras que podem até não conversar entre si de uma maneira óbvia, mas que conseguem se conectar dentro do contexto.

Os curadores também são responsáveis por produzir o registro das exposições, seja em forma de catálogo, site ou outro meio que marque sua existência na história da arte e como importante material de estudos futuros.

Visto que um curador tem o poder de apresentar visões diferentes da história da arte para o público, é inevitável pensar que também é seu papel inserir artistas novos ou apagados pela narrativa tradicional da arte em exposições e trazê-los aos holofotes. Um dos pontos mais discutidos nos dias de hoje em curadoria é a inserção da diversidade nas mostras e, principalmente, nos acervos

de grandes instituições. Isso claramente é facilitado pela maior diversidade no time de curadores, que idealmente inclui uma diversidade de raças, orientações sexuais e gêneros.

“Penso que uma postura anti-racista, antimachista e decolonial são compromissos de uma atitude crítica para qualquer pesquisador ou pesquisadora. Todos e todas que entendem a produção de conhecimentos, de saberes e de posturas como um exercício de transformação do mundo têm essas questões como constitutivas de transformação do mundo, que nunca pode se separar da prática”, diz a curadora Fernanda Pitta.”

### 3.1.2 Sobre Arte Educação

Compreendemos a arte educação no entranhamento entre essas duas áreas e, ao mesmo tempo, por concebermos a arte educadora enquanto arte. Dito isso, colocamos Freire (2002) e Fischer (1986) em um diálogo para refletirmos tal proposição.



**Pintura s/t , Maira Moura, 2019**

Freire considera que a origem da educação está na percepção que o ser humano tem da sua inconclusão e daí o seu “permanente movimento de procura” (FREIRE, 2005, p.14). “Ao reconhecer-se na sua incompletude, o ser humano vai compondo seu movimento de busca, de procura e a Arte é parte desse movimento de procura, no qual do seu caleidoscópio emerge a utopia. O vir a ser, outras realidades possíveis e as possibilidades de encontro, de identificações, dito assim por Fischer:” [1]

Como primeiro passo, é preciso advertir que tendemos a considerar natural (e aceitá-lo como tal) um fenômeno surpreendente. E, de fato, referimo-nos a algo surpreendente: milhões de pessoas lêem livros, ouvem música, vão ao teatro e ao cinema. Por quê? Dizer que procuram distração, divertimento e relaxação é não resolver o problema. Por que distrai, diverte e relaxa o mergulhar nos problemas e na vida dos outros, o identificar-se com uma pintura ou música, o identificar-se com os tipos de romance, de uma peça ou de um filme? Por que reagimos em face dessas “irrealidades” como se elas fossem a realidade intensificada. Que estranho, misterioso divertimento é esse? E se alguém nos responde que almejamos escapar de uma existência insatisfatória para uma existência mais rica através de uma experiência sem riscos, então uma nova pergunta: por que nossa própria existência não nos basta? Por que esse desejo de completar a nossa vida incompleta através de outras figuras e outras formas? Por que, da penumbra do auditório, fixamos o nosso olhar admirado em um palco iluminado, onde acontece algo que é fictício e que tão

completamente absorve a nossa atenção? (FISCHER, 1987, p.12).

“O Outro, simbolicamente representado na pintura, na música, na cena iluminada do palco, serve-nos de espelho, seja plano, convexo ou côncavo, em que as imagens podem se projetar simetricamente ou sofrer modificações, o fato é que ela não é a mesma. Um existir fora de nós, o (re) conhecimento da diferença ou da posição que ocupo, um tornar-se, uma relação identitária. Olho no ‘espelho’ o que vejo? E de onde vejo? Ou, olho no ‘espelho’ o que não vejo? Através dos significados que são produzidos nessas representações, referenciados na nossa experiência, produzimos sentidos que nos (re) modelam. Contudo, vale ressaltar que a arte provoca identificações não com “irrealidades” ou com o “fictício”. Consideramos que as palavras utilizadas não nos informam sobre a linguagem da arte, como prática de representação que atribui sentidos e, como tal, é instituinte de realidades e que diz respeito à experiência imediata do sujeito.” [1]

[1] Fonte: MOURA, Solange M.S. TECENDO OLHARES DO SER NEGRO: A DINÂMICA DO ENSINO DE ARTE NA PRODUÇÃO DE ESPAÇOS DE PERTENCIMENTO DE AFRODESCENDENTES, 2009 p.38/39. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29820>

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Guanabara SA, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.





**Museu éomundo: cenas do Projeto Lugar de Gigantes, de Alessandra Flores**

#### 4. Leis Aldir Blanc e Paulo Gustavo

Texto retirado de: MAIA, Dominique. Leis Aldir Blanc e Paulo Gustavo: Impacto cultural? Site Politize Boletim semanal - Cidadania, Cultura e Sociedade, 2022.

Disponível em [politize.com.br](http://politize.com.br). Acesso em: 27 mar. 2023.

“As Leis Aldir Blanc (PL 1518/21) e Paulo Gustavo (PLP 73/21) são duas propostas de incentivo à **cultura no país**, ambas têm como objetivo o auxílio financeiro a artistas e produtores culturais.

O **Projeto de Lei nº 1518**, de 2021 trata-se de uma homenagem ao letrista, compositor, cronista e médico brasileiro Aldir Blanc Mendes. Consagrado como um dos compositores mais importantes do Brasil, ele foi vítima do coronavírus em maio de 2020, falecendo aos 73 anos.

Essa proposta compreende uma série de medidas de emergência para o setor cultural, uma vez que esse foi prejudicado pela pandemia. Dentre seus objetivos estão: garantia de renda emergencial para profissionais do setor, subsídios para

manutenção de espaços culturais e ações para fomento da cultura.

Por sua vez, o **Projeto de Lei Complementar nº 73**, de 2021, apresentado pela bancada do Partido dos Trabalhadores (PT), trata-se de uma homenagem ao ator, apresentador, humorista, diretor e roteirista Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros, que, assim como Aldir Blanc, também faleceu em decorrência de complicações de Covid 19, em maio de 2021, aos 42 anos.

A Lei Paulo Gustavo dispõe sobre o apoio financeiro da União destinado aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios visando a tomada de ações emergenciais na área da cultura. Entre as proposições da lei, estão: fomento às produções audiovisuais; apoio a reformas e manutenção de salas de cinema; capacitação e qualificação em audiovisual; apoio a realização de mostras e festivais audiovisuais; exibição e distribuição de produções nacionais.

Na formulação dessas políticas, é fundamental a compreensão de que as cidades estão no centro da cultura, uma vez que é nelas que as ações se manifestam.

A Lei Aldir Blanc prevê o auxílio a trabalhadores da cultura, entidades e pessoas físicas e jurídicas que atuem na “produção, difusão, promoção, preservação e aquisição de bens, produtos ou serviços artísticos e culturais, incluindo o patrimônio cultural material e imaterial” (Câmara dos Deputados, 2022).

Nesse sentido, o projeto prevê repasses anuais de R\$3 bilhões da União para estados, **Distrito Federal** e municípios, sendo estes destinados a ações que fomentem a cultura.

Além disso, o texto lista 17 grupos de atividades culturais que poderão ser beneficiadas por editais, chamadas públicas, prêmios e outros processos. Entre esses, estão incluídos: estudos e pesquisas, bolsas de estudos, manutenção de grupos, construção e manutenção de



museus, centros culturais e bibliotecas [...]  
É previsto o repasse de R\$3,86 bilhões do Fundo Nacional de Cultura (FNC) para o estímulo de tais atividades.



Qual o alcance dessas políticas?

Qual a sua experiência com essas leis de incentivo à cultura?

## ETAPA 05: Prática

### Proposta 01:

Museu Brincante (montagem de álbum, caixas, objetos físicos e ou digitalmente).

**(Re) construção de memórias e dos lugares de memória.**

A ideia é criar uma oficina poética de memórias com o vivido ou conhecido por cada participante e que se torne uma coleção do coletivo. A oficina poética de memórias é produzida em diálogo com um dos recortes temáticos - Das trilhas do conhecimento e de seus trajetos.

### Oficina em 2 momentos distintos:

#### Momento 01

Partilha do curta Caminho dos Museus

Desenvolvimento de uma Trilha do Conhecimento

Solicitar para o momento 02 que se traga objetos (fotos, textos, fragmentos de objetos) que se relacione com as memórias de vida do participante e com a trilha partilhada na Oficina.

#### Momento 02

Expor ao grupo a intenção do trabalho da Oficina Brincante;

Criar um ambiente acolhedor e deixar os participantes em uma posição confortável;

Escuta da música de Wiza - Kanaya , que nos remete, pela sua própria história a um lugar de memória;

Poética de Memórias - momento de partilha dos objetos;

Poética de Memórias - momento de partilha dos objetos;

Discutir com o grupo a forma de montar a coleção (sugestão: criar no drive um documento de apresentação com as fotos dos objetos e breves textos poéticos de apresentação do objeto);

Fotografia dos Objetos com pequenas

## Oficina em 1 momento

Partilha do curta Caminho dos Museus;

Desenvolvimento de uma Trilha do Conhecimento;

Expor ao grupo a intenção do trabalho da Oficina Brincante;

Escuta da música de Wyza - Kanaya;

Escuta da Poética de Memórias - Após a escuta da música, fazer a seguinte questão: que memória a música de Wizá nos desperta? Essa memória se relaciona com o curta e nossas reflexões?

Na sequência, perguntar ao grupo se existe algum objeto (foto, pensamento, imagens, texto...) que pudesse naquele momento representar as memórias capturadas e como materializá-las (proposta de vídeo performance).

## ETAPA 06: Avaliando nossa oficina

- Após a oficina, o que você compreende por Museu?
- Como foi ou está sendo dialogar sobre museu?
- Onde acertamos e onde erramos na preparação e vivência dessa oficina?

### Proposta 02

Caso não queira utilizar a música como captura de memórias, é possível trabalhar com vestígios de memórias a partir de aromas. Pode-se levar diferentes aromas para a oficina em que a pessoa experimente, sem visualizar o elemento. A partir dessa experiência olfativa, produzir o material para a coleção coleção coletiva

### Proposta 03

Museu é o mundo - sair, coletar e retornar para a montagem da coleção. É importante que os objetos da coleção sejam catalogados e compartilhados suas memórias com textos verbais e ou orais (áudios).

### Proposta 04

Fazer o roteiro de visitas aos Museus a partir das trilhas. Alguns espaços precisam de agendamento anterior.

### Proposta complementar

Visita Virtual ao [Museu da Pessoa - Histórias de Vida](#).

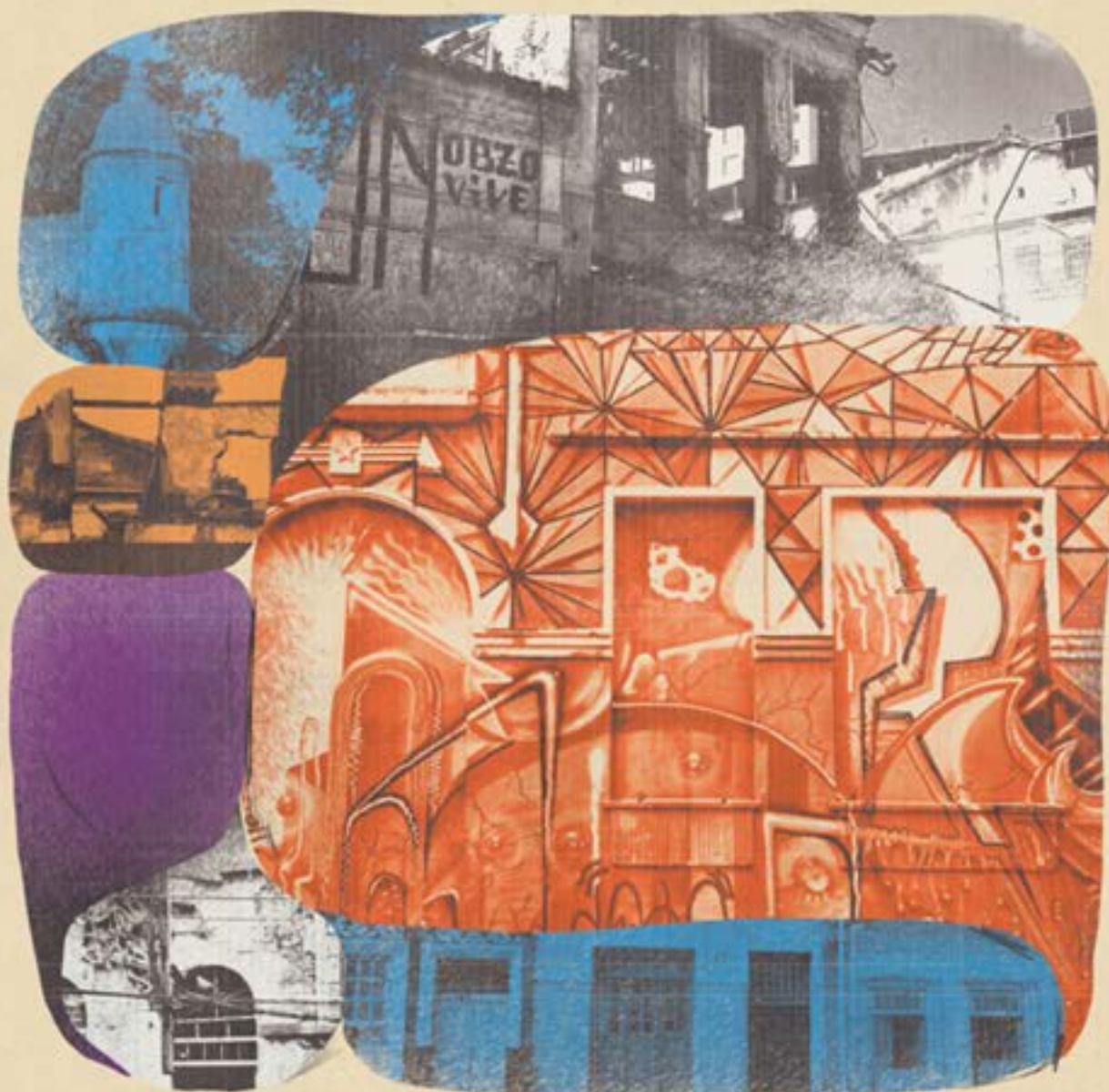


Mapa  
Cultural  
IFBA

COLETÂNEA

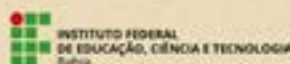
# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos da Arte e Arquitetura

Volume 04



**Autoria:**

Solange Maria de Souza Moura  
Catiane Rocha Passos de Souza  
Maria Lucileide Mota Lima  
Jair Souza de Santana

**Revisão do Volume 04:**

Catiane Rocha Passos de Souza

**Assessoria Técnica, Designer Gráfico, Diagramação e Ilustrações:**

Dango Costa

**Ilustrações Capa:**

Maíra Moura Miranda



# OFICINA 04:

## Caminhos da Arte e Arquitetura

### OBJETIVOS:

Sensibilizar o olhar e refletir sobre a paisagem arquitetônica da Lapinha/ Soledade, do Barbalho e do Santo Antônio Além do Carmo, a partir do diálogo que articula: (1) a diversidade de estilos em exemplares de casarões, solares, sobrados, chalés, fontes e construções diversas; (2) suas histórias e preservações; (3) os processos políticos e econômicos intervencionistas sobre essa paisagem – IPHAN, Via Expressa, dentre outros.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Professores e Estudantes (a partir do Fundamental II) do IFBA e de qualquer escola/instituição de Salvador; moradores do entorno do IFBA Campus Salvador; artistas, produtores e agentes culturais em geral.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

4 aulas (200 minutos)

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

**Notebook, data show**, caixa de som, rede de internet, cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz.

### **LOCAL DE APLICAÇÃO PREVISTO:**

IFBA - Campus Salvador; escolas e/ou outros espaços/instituições dos bairros no entorno do IFBA.

### **AMBIENTE:**

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

A OFICINA DE ARTE E ARQUITETURA possui cinco (05) trilhas de conhecimento. Escolha uma das trilhas de acordo com o interesse do público participante. Sugerimos que, pelo menos, um texto sobre Patrimônio Cultural e Tombamento seja incluído em todas as trilhas.

## **TRILHAS**

*Trilha Olhar sob a Memória Arquitetônica do Passado*

*Trilha Arquitetura do Barbalho*

*Trilha das Águas*

*Trilha Arquitetura da Ladeira da Soledade e da Lapinha*

*Trilha Arquitetura do Santo Antônio Além do Carmo*

## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta Coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade, bem como esclarecer sobre a origem da Série de vídeos curtas documentários Caminhos Culturais do entorno do IFBA do Projeto **Mapa Cultural** como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas deste Ateliê.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da Série, que pode ser acessado [neste hiperlink](#) com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- Tem algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Porquê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.

## a) **SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA**

Essa etapa se desenvolve a partir de UMA QUESTÃO-CHAVE INICIAL, escrita ou feita oralmente:

Vocês conhecem ou já observaram a paisagem arquitetônica dos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo que é tombada como patrimônio histórico e artístico do Brasil?

Escutar o público e, na sequência, formular outras questões problemas escritas ou orais, a partir das respostas surgidas. Como por exemplo:

- Que impressões vocês tiveram das construções arquitetônicas?
- E sobre a Arquitetura, acham que tem alguma relação com a Arte?

Ao ouvir as respostas, acrescentar ao diálogo informações do texto a seguir “**Nas Trilhas do Conhecimento**”.





# Nas trilhas do conhecimento 01:

## Arquitetura na Leitura da Cidade

Texto retirado de: CATARINO, Diana. A companhia do Queimado (1852-1905): Impactos desiguais na malha urbana de Salvador e na profissão do aguadeiro. Disponível [no hiperlink](#). Acesso em 23 março 2023.

“Como produção coletiva a cidade expressa as vivências próprias de cada hábito cultural, circunscrito por especificidades topográficas, climáticas e tensões sociais que a modelam e organizam, tendencialmente, de modo mais tecnológico e funcional para os que nela habitam ou governam (a dualidade novamente) e condicionada ao tipo de relações sociais que abriga. Entendemos a leitura da arquitetura e do urbanismo que ultrapassa a classificação temporal, estilística, como obra autoral, acreditando na intersecção de outros campos disciplinares (a disciplinaridade), entendendo as influências (outras) que compõem o construído”.

### O que é Arquitetura?

Para o professor e arquiteto Silvio Colin (2004), arquitetura é também um produto cultural e arte.

## Um Produto Cultural

Texto retirado de COLIN, Silvio. Uma Introdução a Arquitetura, 5ª edição, Ed. Uapê - RJ, 2004, p.22.

“Imaginemos um estudioso do futuro, um antropólogo ou arqueólogo, que deseje saber como viviam seus antepassados do século XXI DC. O quanto não lhe poderá informar a observação e o estudo de nossas cidades? Saberá este estudioso como comíamos, como trabalhávamos, como nos divertíamos; como utilizávamos nossas disponibilidades técnicas e como nos apropriávamos de nossos espaços domésticos e urbanos; como nos agrupávamos e como nos segregávamos. Da mesma forma, muito que sabemos sobre as sociedades e civilizações anteriores às nossas, o aprendemos pela observação e análise da arquitetura desses povos; sabemos sobre hábitos, grau de conhecimento técnico, grau de sensibilidade e ideologia, através dos seus edifícios e ruínas.”

### Arquitetura como Arte

Texto retirado de COLIN, Silvio. Uma Introdução a Arquitetura, 5ª edição, Ed. Uapê - RJ, 2004, p.25/26.

“Considera-se tradicionalmente a arquitetura como uma das belas artes juntamente com a escultura, a pintura, a música e o teatro. Este critério exclui grandes números de edifícios ao nosso redor. Para ser considerado como arte, além de atender aos requisitos técnicos, como a solidez estrutural e a qualidade dos materiais, além das demandas utilitárias, como a adequação dos espaços aos usos, deve o edifício tocar nossa sensibilidade, nos incitar à contemplação, nos convidar a observação de suas formas, à textura das

paredes, ao arranjo das janelas, ao jogo de luz e sombras, as cores, à sua leveza e solidez. É preciso que todos esses elementos estejam submetidos a um princípio que lhes dê unidade, e este princípio seja claramente perceptível. Assim, pela observação, podemos descobrir uma intenção de fazer algo destinado a nos emocionar, como uma bela melodia que nos emociona ou uma bela pintura. Somente assim poderemos considerar um edifício como uma obra de arte.”

## Um Produto Cultural

**Texto retirado de:** COLIN, Silvio. Uma Introdução a Arquitetura, 5ª edição, Ed. Uapê - RJ, 2004, p.22.

“Imaginemos um estudioso do futuro, um antropólogo ou arqueólogo, que deseje saber como viviam seus antepassados do século XXI DC. O quanto não lhe poderá informar a observação e o estudo de nossas cidades? Saberá este estudioso como comíamos, como trabalhávamos, como nos divertíamos; como utilizávamos nossas disponibilidades técnicas e como nos apropriávamos de nossos espaços domésticos e urbanos; como nos agrupávamos e como nos segregávamos. Da mesma forma, muito que sabemos sobre as sociedades e civilizações anteriores às nossas, o aprendemos pela observação e análise da arquitetura desses povos; sabemos sobre hábitos, grau de conhecimento técnico, grau de sensibilidade e ideologia, através dos seus edifícios e ruínas.”

# Nas trilhas do conhecimento 02:

## Sobre patrimônio cultural e bens tombados

### Bens Tombados

Texto retirado de: Bens Tombados. IPHAN. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126> Acesso em 04 de abril 2023.

“O tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. Em âmbito federal, o tombamento foi instituído pelo **Decreto-Lei nº 25**, de 30 de novembro de 1937, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas, e cujos preceitos fundamentais se mantêm atuais e em uso até os nossos dias.

De acordo com o Decreto, o **Patrimônio Cultural** é definido como um conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação é de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. São também sujeitos a tombamento

os monumentos naturais, sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou criados pela indústria humana. A palavra **tombo**, significando registro, começou a ser empregada pelo Arquivo Nacional Português, fundado por D. Fernando, em 1375[...]. No Brasil, como uma deferência, o Decreto-Lei adotou tais expressões para que todo o bem material passível de acautelamento, por meio do ato administrativo do tombamento, seja inscrito no Livro do Tombo correspondente.

**Responsabilidade e fiscalização** - Qualquer pessoa física ou jurídica poderá solicitar o tombamento de qualquer bem ao Iphan, bastando, para tanto, encaminhar correspondência à **Superintendência do Iphan em seu Estado**, à Presidência do Iphan, ou ao Ministério da Cultura. Para ser tombado, o bem passa por um processo administrativo que analisa sua importância em âmbito nacional e, posteriormente, o bem é inscrito em um ou mais **Livros do**

**Tombo**. Os bens tombados estão sujeitos à fiscalização realizada pelo Instituto para verificar suas condições de conservação, e qualquer intervenção nesses bens deve ser previamente autorizada.

Sob a tutela do Iphan, os bens tombados se subdividem em bens móveis e imóveis, entre os quais estão conjuntos urbanos, edificações, coleções e acervos, equipamentos urbanos e de infraestrutura, paisagens, ruínas, jardins e parques históricos, terreiros e sítios arqueológicos. O objetivo do tombamento de um bem cultural é impedir sua destruição ou mutilação, mantendo-o preservado para as gerações futuras.”

**O Patrimônio Cultural Material e Imaterial** é de fundamental importância para a memória e a identidade das comunidades, dos povos e das culturas.

**Sobre o Patrimônio no discurso nacionalista, Acesse aqui!**



***Ladeira do Boqueirão, Santo Antônio Além do Carmo***

## b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

### ETAPA 01

Assistir ao [curta documentário \(15'39"\)](#) que apresenta a paisagem arquitetônica do IFBA e seu entorno. Observar suas modificações - passado e presente em destaque - e sua diversidade em estilos e signos sociais. O curta também traz os questionamentos da comunidade e seus interlocutores - produtor cultural, arquiteto e moradores - sobre a atuação dos órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio cultural - IPHAN, CONDER - e, a sobreposição dos interesses econômicos em detrimento do patrimônio que é intérprete e tradutor de histórias, memórias e identidades.

### ETAPA 02

Coletar as impressões que o grupo obteve ao assistir ao curta-documentário anotando palavras-chave na lousa ou em outro suporte. Em caso de acesso à rede de internet e a aparelhos, pode-se criar nuvem de palavras online.

### Nas Trilhas do Conhecimento

### TRILHA UM OLHAR SOBRE A MEMÓRIA

### ARQUITETÔNICA DO PASSADO, PARTINDO DO IFBA

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman nos apresenta o conceito de Modernidade Líquida em oposição à ideia da forma sólida. A segunda tem uma forma definida, estática e com raras possibilidades de transformação, o que, negativamente, produziu verdades universais e absolutas. A primeira é efêmera e ganha formas variáveis, acompanhando as urgentes e rápidas transformações tecnológicas. Propomos um breve recorte da ideia de liquidez, para a **trilha da**

### ETAPA 03

Exibir o [mapa de orientação](#) com localização dos lugares exibidos no vídeo, destacando a trilha escolhida, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar o Mapa do Caminho de Arte e Arquitetura.

### ETAPA 04

Aprofundar o conhecimento sobre estilos arquitetônicos e seus elementos peculiares nas edificações, as fontes históricas e os estados de (não) conservação do patrimônio tombado apresentado no vídeo. Para isso, ler materiais do Mapa online do Portal Mapa Cultural ([portal.ifba.edu.br/cultura/mapa-cultural](http://portal.ifba.edu.br/cultura/mapa-cultural)) e acessar os pontos sugeridos através dos seus respectivos links.



**memória arquitetônica do passado**, como uma forma de situar nosso olhar sobre a sombra desta memória, para refletirmos criticamente o dissolver e a transitoriedade do nosso patrimônio cultural e da nossa história, começando pela Edificação do IFBA Campus Salvador e da ambiência espacial do seu entorno.



A ambiência rural e as fotografias antigas das proximidades do antigo casarão do IFBA nos possibilitam caminhar por, pelo menos, quatro trajetos que se inter-relacionam: (1) o Patrimônio Cultural; (2) A paisagem rural do Campos do Barbalho e a dinâmica do crescimento urbano da cidade na região, no século XIX, com as instalações do Matadouro Público; (3) a Mobilidade e o Transporte Urbano que culminam com a construção da Via Expressa, século XXI – um dos responsáveis por abalar parte da estrutura dos conjuntos arquitetônicos tombados.

## **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Salvador**

A cena se inicia com um mural fotográfico que expõe diversos estilos de edificações presentes no bairro Barbalho, acompanhada da introdução da música “A cidade” de Chico

Science & Nação Zumbi, nos remetendo a uma ambiência rural. Logo depois, é mostrado um casarão de estilo eclético, que foi demolido para em 1926 dar lugar à Escola Técnica, atual IFBA, Campus Salvador.

No ano de 1926, após 15 anos de existência como Escola de Aprendizes Artífices da Bahia instalada, provisoriamente, no Edifício do Centro Operário da Bahia, na rua 11 de junho, local próximo ao Relógio de São Pedro, a instituição foi transferida para o prédio que se encontra até hoje, mantendo a mesma fachada do prédio azul, na Rua Emídio Santos, Barbalho, bairro do Centro Histórico. O nome do bairro está associado a um capitão pernambucano, Luiz Barbalho Bezerra (1600-1644), que figurou no contexto das invasões holandesas e da construção do Forte do Barbalho (Forte de Nossa Senhora do Monte Carmo - 1638).



Na cena, aparece a fotografia da antiga edificação em estilo eclético, que apresenta traços do neoclássico associados a elementos de outros estilos do passado, que sugere, pelo porte e volumetria, ter sido construída para uma outra função que não

a de residência. Podemos visualizar também registros fotográficos do belo casarão que foi demolido e dos trilhos do bonde. Em 1868, Salvador utiliza o bonde por tração animal, depois a vapor e, finalmente, em 1897, o bonde elétrico, que se extinguirá na década de 60.

Para saber mais, [leia aqui!!!!](#)

## 1. Patrimônio Cultural

Texto retirado de : MOTTA, Lia. Patrimônio urbano e memória social: práticas discursivas e seletivas de preservação cultural 1975 a 1990. Disponível em [repositorio-bc.unirio.br](http://repositorio-bc.unirio.br). Acesso em 16 de abril 2023.

“O patrimônio cultural instituído como uma prática social é uma “construção” ou “invenção”. É uma escolha historicamente determinada, feita sobre o amplo universo da produção cultural. O patrimônio não é pré-existente como tal, é uma seleção diante de objetivos e projetos específicos. A escolha de determinado patrimônio e as opções para o seu tratamento não são atos desinteressados; dependem do ponto de vista da seleção, do significado que se deseja atribuir aos objetos e do uso que se quer fazer deles. Essa prática social, portanto, diz respeito a determinado projeto, à história, à identidade e à memória que se quer construir. (2000, p.20).”

## 2. A Estrada das Boiadas e o Matadouro Público

A Estrada das Boiadas vinha desde o bairro da Liberdade, passava pela ladeira da Soledade e chegava ao Barbalho. Essa região

conhecida como “Currais de São José” e, posteriormente, “Currais do Conselho” era usada como área de pastagem e descanso das boiadas vindas do sertão, desde o século XVIII, e ocasionalmente, para abate. A partir de 1855, foi transferido para essa região o Matadouro Público.

## 3. Mobilidade e Transporte Urbano

### Ascensores, Bonde e a Via Expressa Baía de Todos os Santos

“Conheci uma garota que era do Barbalho / Uma garota do barulho / Namorava um rapaz que era muito inteligente / Um rapaz muito diferente / Inteligente no jeito de pongo no bonde [...]”. Para revisitar o passado começaremos pelo - em **Tradição**, Gilberto Gil (Cidade de Salvador, 1973) expõe a façanha que destacava um jovem no ato de pongo e despongo do bonde; depois subiremos e descenderemos os ascensores; e, por último, daremos uma passada pela Via Expressa Baía de Todos os Santos.

Quantas transformações na paisagem urbana!!!! [Veja aqui](#) no site Observatório do Cotidiano sobre os bondes em Salvador (acesso em maio de 2023).

Vamos acessar imagens do **Plano Inclinado Pilar?**

**ACESSE O TEXTO COMPLETO DA TRILHA!!!!**

## Nas Trilhas do Conhecimento

### TRILHA ARQUITETURA DO BARBALHO

#### Casas: Chalé, Amarela - Estilo Eclético e Arquitetura Art Decó

Na cena do Bairro do Barbalho, edificações são apresentadas contendo, nas suas volumetrias, elementos dos estilos (1) **da Art Decó**, início do século XX com suas linhas geometrizadas; (2) **do Eclético**, um sobrado amarelo de piso alto, com duas esculturas de animais; e (3) dois **Chalés** de influência europeia, com telhas francesas cravejadas, que guardam um ar romântico e aconchegante. Os chalés e o sobrado amarelo são de propriedade do IFBA Campus Salvador.



**Arquitetura de transição, com dois elementos destacados: porão alto com três embasadoras; e o sótão, no desvão do telhado – fachada de oitão.**



Após visualizar a arquitetura dessa trilha, como entender a ideia de patrimônio tombado?

Vamos fazer um [tour pelas fachadas](#) de edificações em Salvador, através do Livro ArtDecó Salvador? É só clicar no hiperlink.

#### 1. Estilos Arquitetônicos

Propomos o uso do texto disponibilizado no Mapa Cultural IFBA e sugerimos que, para maior aprofundamento, acesse **Outras Leituras** - [Arquiteturas Barbalho](#) - formatadas no texto, a partir de nossas coletas de dados.



## Nas Trilhas do Conhecimento

### TRILHA DAS ÁGUAS

A ocupação dos espaços da cidade e suas edificações se projetavam nas proximidades com as águas dos rios e de suas nascentes.



## **Fontes: Baluarte, Santo Antônio e do Queimado**



***Volumetria da Fonte do Baluarte***

O curta apresenta três fontes tombadas pelo IPAC no entorno do IFBA, as fontes de Santo Antônio, Baluarte e do Queimado.

No curta, a **Fonte do Baluarte** chama atenção pela construção de seu frontispício - elementos decorativos da fachada principal da edificação em estilo barroco, estilo predominante nas construções dos séculos XVII e XVIII na Bahia. Foi tombada em 1981 e está localizada na Ladeira da Água Brusca, ao fundo do Forte de Santo Antônio Além do Carmo. Se caracteriza por ser uma fonte de sopé de encosta, de lá jorrava água pela encosta, local em que foi construída a Ladeira da Água Brusca. Hoje se encontra desativada e sem vestígios de água.

Segundo o IPAC, essa era uma fonte particular por suas características de acesso ao chafariz que se dá através de uma porta;

e, por não existir nenhuma referência dela entre os primeiros cronistas da cidade.



***Fonte do Queimado na atualidade***

A **Fonte do Santo Antônio** está situada em uma encruzilhada entre a Rua dos Perdões e a Rua Vital Rêgo. Segundo o IPAC, não há registro da data de sua construção, apenas uma alusão a essa fonte em documentos datados de 1829 e uma placa que confirma sua reconstrução pelo município em 1889. É uma fonte desativada, que possui um portão de ferro e sem acesso ao público. Segundo o relatório do projeto de pesquisa Geoprocessamento e Sustentabilidade: Nascentes do Barbalho (2020), coordenado



***Fonte Santo Antônio***



pela professora Priscila Martins Gonçalves: “[...] existe uma possível fonte de contaminação da água subterrânea que abastece a fonte, trata-se de um posto de gasolina a uma distância de aproximadamente 100 metros [...]. A coloração superficial da água é verde escura sem a presença de odor específico, é possível notar a existência de vida como alguns peixes e plantas rasteiras que se adaptaram ao ambiente em que a fonte se encontra. Não há presença de rocha e solo aflorando.” (Araujo, 2020).

**Referência:** ARAUJO, Ruan J. Geoprocessamento e sustentabilidade: Nascentes do Barbalho. Disponível em [academia.edu](http://academia.edu). Acesso em 25 de abril 2023.

## 1. Abastecimento em Salvador

**Texto retirado de;** CATARINO, Diana M. A companhia do Queimado (1852-1905): Impactos desiguais na malha urbana de Salvador e na profissão do aguadeiro. UFBA, 2019. Disponível em [repositorio.ufba.br](http://repositorio.ufba.br). Acesso 23 de abril 2023.

“Salvador é a cidade das fontes d’águas. Segundo Bochicchio(2003), Thomé de Souza não pensou duas vezes quando chegou a estas terras, devido a abundância das águas doces. As antigas fontes foram construídas para facilitar o acesso da população à água e assim abastecer a Cidade. Existem desde a época das capitâneas hereditárias e representaram, durante longos anos, fator de real importância para a população. À medida que os aguadeiros e mulheres com lata d’água na cabeça foram desaparecendo do cotidiano, as fontes foram sendo parciais ou totalmente destruídas. O fato é que os chafarizes e as fontes públicas existentes na primeira metade do século XIX já não atendiam à demanda da comunidade e nem

às aspirações de desenvolvimento da época (BAHIA 2003). Em 1800, com o aumento da população e a expansão progressiva da Cidade, o número de fontes havia também crescido. Entretanto, apesar da existência de muitas fontes, em fins do século XVIII, segundo Vilhena (1969), não havia uma única fonte cuja água se pudesse beber.”

### 1.1 Abastecimento em Salvador: o acesso à água potável

O encontro com três fontes no entorno do IFBA nos provoca uma reflexão sobre esses espaços de relevância no cotidiano da cidade, por terem sido por muito tempo os lugares, junto com os chafarizes, em que as pessoas buscavam água para o abastecimento das casas. Nas filas das bicas muitas conversas aconteciam!

Também esses espaços e seus recursos hídricos são determinantes para as ocupações e os processos de urbanização da cidade.



Propomos, então, um breve diálogo com a introdução do sistema de abastecimento e a privatização dos aguadouros públicos no projeto de modernização da cidade a partir da Companhia do Queimado.

Diana Catarino (2019), em sua tese sobre a Companhia do Queimado, apresenta questões sobre as quais precisamos também refletir: “[...] como a ‘cidade das mil fontes’ sofreu (e continua) com a dificuldade ao acesso à água potável nas variantes do abastecimento doméstico e no espaço coletivo. O que justifica o estado de degradação dos espaços das fontes e chafarizes de Salvador?” (p.11)

Sugerimos nesta trilha a leitura das imagens dos aguadeiros, do texto ***Trilhas das Águas*** e da manchete do G1. Depois acesse os ***dados atuais do Instituto Água e Saneamento***, que indicam o quantitativo populacional com acesso a água tratada, o consumo, preço e eficiência (perda de água tratada em Salvador).



## 2. A nascente das fontes: quais as condições atuais da bacia hidrográfica do Rio Camarajipe ?

Refletir sobre o patrimônio cultural das fontes no entorno do IFBA é também abrir o diálogo para a nascente dessas águas e seguir nas trilhas do conhecimento até a bacia hidrográfica do Rio Camarajipe. Nosso diálogo envolve o ecossistema e a sustentabilidade.

O Processo de industrialização e de modernização urbana de Salvador, a partir da segunda metade do século XIX, não foi acompanhado de planejamentos urbanos e políticas públicas capazes de deterem os graves problemas que até hoje estão presentes na cidade.

! Não deveríamos ter uma participação efetiva nos planejamentos e reordenamento urbanos da cidade?

Texto retirado de RIBEIRO, Nadja et al. Urbanização e a degradação do Rio Camarajipe, Salvador – BA, 2019. Disponível em [eventos.ufu.br](https://eventos.ufu.br), Acesso 24 de abril 2023.

“Desde a fundação da cidade portuária de Salvador na Bahia em 1549, uma cidade-fortaleza do governo colonial português no Brasil, com seu crescimento disparadamente rápido, o seu ambiente natural veio se degradando junto com a urbanização acelerada. A falta de planejamento urbano e políticas públicas eficientes contribuíram para graves problemas ambientais na cidade de Salvador. Os problemas ambientais

urbanos são cada vez mais visíveis na paisagem urbana, principalmente pelas constantes transformações que o homem faz na natureza e em seus mananciais, que trouxeram prejuízos para o meio urbano que afetam diretamente os recursos naturais e a qualidade de vida das pessoas que residem nas cidades [...]. A cidade de Salvador passou por um processo de

urbanização, que proporcionou a criação de seus principais bairros, meios de transportes e os prejuízos de toda essa transformação no tecido urbano e toda localização da população. Esse processo de urbanização também originou diversos fatores prejudiciais aos rios da cidade de Salvador - Ba, dentre eles o Rio Camarajipe.”

## Nas Trilhas do Conhecimento

### TRILHA ARQUITETURA DA LADEIRA DA SOLEDADE

Vocês conhecem tipos de construções mais antigas (sobrados, casarões, solares) e seus estilos arquitetônicos?

A trilha Arquitetura da Ladeira da Soledade e da Lapinha se desdobra em 4 outras trilhas de conhecimento: (1) Solar Bandeira, (2) Solares e Casarões com Fachadas Azulejadas, (3) Entre Patologias, Agressões e Descaso, (4) Hibridismo Cultural na Arquitetura da Igreja da Lapinha.

#### Sobrado, Casa e Solar

“As construções civis mais comuns nas cidades do período colonial do Sec. XVIII eram o sobrado e a casa térrea, possuíam soluções simples. As casas e sobrados tinham tamanho médio, mais ou menos uma variação de 15 metros de frente. As plantas apresentavam ora um corredor lateral que servia a todos os cômodos, ora corredor central que dava simetria às plantas e consequentemente as fachadas [...] As edificações que caracterizavam melhor a nobreza eram as casas senhoriais, como o paço, as quintas e Solares, estas possuem tipologias diferenciadas dos

sobrados e casas térreas [...]. Os solares eram edificações singulares pelas suas dimensões moradias destinadas a famílias nobres e dominantes [...] estão vinculados diretamente à arquitetura portuguesa, podendo ser urbano ou rural, em uma visão cronológica, a origem dos Solares remonta ao sec. XII [...]. O Solar é sempre a conjunção da casa e o jardim, não podendo apenas a edificação isolada ter o título de solar, mas sim a correlação existente entre os dois [...]”

**Fonte:** Lorene Pauline Lopes De Oliveira, Projeto de Intervenção No Solar Bandeira, [repositorio.ufba.br](https://repositorio.ufba.br). 26/27/28, 2016.

## Cena Solar Bandeira



**Fotografia: Solar Bandeira atualmente, ladeira da Soledade**

O curta mostra o estado de precariedade e abandono do Solar Bandeira, um exemplar da arquitetura do período colonial - Sec. XVIII, tombado desde 2010 pelo município de Salvador. De acordo com o Prof. Cid Teixeira, Salvador tem apenas um único solar; o Solar Bandeira. Duas reflexões emergem quando caminhamos pela Ladeira da Soledade com a câmera dos Caminhos Culturais, entre casarões, solar e sobrados: (1) uma diz respeito ao olhar sobre o passado e presente do Solar para vislumbrarmos perspectivas futuras que estão em debate por agentes do entorno; (2) outra reflexão, que se alia à primeira, compreende a importância histórica da azulejaria da Velha Bahia que se encontra em ordens religiosas e outros espaços, e aquelas que ainda resistem em algumas fachadas das edificações na Ladeira da Soledade e no Bairro do Santo Antônio Além do Carmo.

## 1. O Solar Bandeira: o passado, o presente e as perspectivas futuras

Entre o século XVIII e XIX, a classe média que se instalou na região da Soledade era formada, na sua maioria, por comerciantes e empregados públicos. O ápice da ocupação urbana desse território se dá em meados do século XIX. Ali o trecho mais importante da antiga Estrada das Boiadas, edificava-se uma arquitetura rica em detalhes, como as fachadas revestidas por azulejos e telhados com acabamentos de beirais com telhões de louça pintada à mão.

### 1.1 O Passado

**Texto retirado de:** OLIVEIRA, Lorene Pauline Lopes. Projeto Intervenção no Solar Bandeira -Dissertação, 2016, p. 12, 13, 14 e 15. [repositorio.ufba.br](http://repositorio.ufba.br). Acesso em 27/04/2023.

“O traçado da região acompanhava o já existente na Salvador colonial, lotes estreitos e longos, edificações construídas no alinhamento da rua e encostadas nos vizinhos, dificultando a penetração da luz do sol no interior das casas. Ao caminhar em direção norte, no ponto mais alto da Ladeira encontra-se o Largo e o Convento da Soledade. Neste contexto, a construção que mais se destaca pela sua imponência é o Solar Bandeira que chegou a ser considerado por alguns como ‘maravilha e orgulho da Bahia’. Construído em uma das esquinas do ponto mais baixo da Ladeira da Soledade no limite da escarpa entre a cidade baixa e cidade alta, o imponente edifício se destacava das outras edificações pelo tamanho e pelo jardim de contemplação



construído na porção posterior do lote que devido a sua localização suscitava a bela vista panorâmica da baía.

Devido a sua grandiosidade e riqueza em detalhes o jardim se tornou referência ganhando destaque na sociedade baiana, recebia frequentes visitas de estrangeiros e foi retratado em diários de viajantes, ganhando uma aquarela pintada por Salius Nasher intitulada 'Das Schloss Soledade'. [...] A região da Soledade possui grande importância no contexto de expansão dos limites do tecido urbano da cidade de Salvador não só pela consolidação do eixo principal do acesso norte, mas também pela urbanização das áreas que a circundam. As edificações construídas bem como a localização geográfica concernem valor histórico, artístico e ambiental a toda a região."



## 1.2 Como se encontra atualmente o Solar Bandeira e quais as perspectivas futuras?

[Leia aqui na Trilha do Solar!](#)

## 2. Casarões com fachadas azulejadas



**Detalhe do Padrão (Livro de Knoff 1986)**

Nas cenas, na Ladeira da Soledade e do Santo Antônio Além do Carmo, apreciamos algumas edificações que ainda possuem nas suas fachadas detalhes de azulejos e outras, apenas vestígios.

Os padrões de azulejos, por exemplo, encontrados nos sobrados de números 131 e 132, segundo Paula Uchoa<sup>1</sup> (2016), é o mesmo padrão – forma geometrizada em azul e branco - que consta no livro do ceramista alemão, que viveu em Salvador, Udo Knoff.

<sup>1</sup> Dissertação ENTRE SOBRADOS E VILAS, DO CASARIO AOS QUINTAIS: Reabilitação da Avenida Lourdes da Soledade (Salvador/BA)-Vol. 1 - , 2018 Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura - [repositorio.ufba.br](https://repositorio.ufba.br) - Acesso em 28/04/2023.



**Casarão azulejado na Ladeira da Soledade**



***Beiral de Casarão na Ladeira da Soledade***

Esse sobrado tem a peculiaridade dos beirais de telhas louças pintadas à mão com motivos florais em azul. As telhas foram colocados abaixo da platibanda revestida por uma fileira de azulejos que formam circunferências e de outra com motivos florais.

## 2.1 Relevância histórica dos painéis de azulejos



***Detalhe de Fachada de uma casa no Santo Antônio Além do Carmo***

A azulejaria tem uma importância histórica para o Brasil e Portugal. Está presente na Bahia desde o século XVII em painéis das igrejas e conventos, com toda produção vindo de Lisboa; e, no século XIX ganha as fachadas das edificações neocoloniais. a

primeira fábrica nacional de azulejos data de 1861, no Estado do Rio de Janeiro.

Com a devastação de Lisboa por um terremoto, em 1755, Salvador passa a ter a memória daquela cidade nos seus painéis de azulejos que se encontram em espaços das ordens religiosas. Por exemplo, no Museu da Ordem de São Francisco – Pelourinho – existem 19 painéis de azulejos que além de retratar o cortejo de casamento de um futuro rei, mostram paisagens arquitetônicas de arcos que ruíram após o terremoto e que agora estão eternizadas nas pinturas dos azulejos.

“[...] O gosto pelo azulejo, Portugal aprendeu com os holandeses. Da Holanda, vieram os primeiros painéis para o Brasil. [...] Toda a azulejaria portuguesa usada na Bahia no período colonial foi produzida nas oficinas de Lisboa, e as encomendas, feitas a partir das medições exatas dos locais a decorar, por vezes durante a realização das obras[...]”.<sup>1</sup>

Os painéis de azulejos, geralmente em branco e azul cobalto, como um texto visual, retratam em suas cenas os conteúdos religiosos e políticos, tornando-os um espaço estético da presença ostensiva dos poderes da Igreja Católica e de Portugal sobre o Brasil Colônia.

É no século XIX que o azulejo passa a ser utilizado na fachada, ganhando outras possibilidades decorativas e de intervenções cotidianas, na contemporaneidade.

<sup>1</sup> Fonte: [folha.uol.com.br](http://folha.uol.com.br). Acesso em 27 de abril 2023.

Vamos assistir ao vídeo de 4' 56" sobre a azulejaria portuguesa no Brasil? [Projeto SOS Azulejo](#)

Uma proposta de interação com um vídeo produzido pela TV UFBA, que apresenta um breve histórico da azulejaria portuguesa na Bahia, parte do projeto SOS Azulejo que nasceu em Portugal e tem um grupo que atua na UFBA.

## 2.2 Um Olhar sobre a geometria nos azulejos

Além do valor estético e histórico, as azulejarias encontradas nas fachadas dos edifícios do entorno do IFBA nos convidam para um olhar sobre a geometria no cotidiano, uma geometria que apresenta, entre outros, estudos de formas geométricas, isometria, movimento de rotação e translação e simetria. Vamos experimentar essas possibilidades?



***Casa no Santo Antônio Além do Carmo.  
Acervo Mapa Cultural***

## Cena antiga Casa de Saúde Ana Nery



***Casa de saúde Ana Nery - Próxima ao largo da Soledade***

Na cena do curta, o Professor Valdinei Nascimento sinaliza para as peculiaridades do estilo da edificação do século XIX, para o estado de deterioração do casarão e aponta a vegetação que toma conta da fachada como um grave fator de aceleração dessa deterioração. Nas suas palavras:

“Belíssima casa, também uma composição axial muito rigorosa, esse jogo de janelas confere a ela uma delicadeza e uma graça muito peculiares. Tem um arco de janelas da época que se aproxima do que tradicionalmente se chamava de arco de sexto. Por outro lado, é uma pena que ela já esteja num caminho muito acelerado mesmo de deterioração.”

## 3. Entre patologias, agressões e descaso

A visualização da Antiga Casa de Saúde Ana Nery e de outros casarões que aparecem no curta nos impele a discutir sobre a preservação do patrimônio, buscando conhecer duas patologias: (1) nas Possibilidades de agentes na degradação do patrimônio arquitetônico tombado; e , (2) nas agressões aos conjuntos arquitetônicos



e ao patrimônio em nome das demandas econômicas.

Na primeira patologia, encontramos fatores de aceleração do estado de degradação dados através de fatores endógenos - ligados às características intrínsecas dos materiais e seus processos químicos - e os fatores exógenos - fatores físicos que podem advir: desde os atos de depredação e vandalismo a ações de plantas, animais, erosão e etc. Tanto os fatores endógenos como exógenos se relacionam também ao abandono e não manutenção dessas construções históricas.

Na segunda patologia, dada em nome do “progresso”, misturam-se ingredientes de intervenções com ausência de equilíbrio e de um olhar sistêmico entre dois contextos distintos - o antigo e o novo. Tenta-se resolver um problema de tráfego de veículos com ações que afetam significativamente a estrutura local.

### [ACESSE O TEXTO DA TRILHA!!!!](#)

Outras imagens de agressões e descaso ao Patrimônio Cultural na Ladeira da Soledade



### **Cena Igreja da Lapinha**



#### ***Fachada neogótica da Igreja da Lapinha***

O curta-documentário mostra a Igreja Nossa Senhora da Conceição da Lapinha na atualidade. Fundada em 1771, originalmente a construção era de uma capela e passou por muitas transformações. Hoje, possui a fachada em estilo neogótico e seu interior, como enfatizado na cena, em estilo mourisco.

🗨️ Após as fotos visualizadas, o que você tem a dizer sobre Patrimônio da Humanidade e Patrimônio Tombado?



#### 4. Hibridismo cultural na arquitetura da Igreja da Lapinha



***Interior em estilo mourisco da Igreja da Lapinha***

A Igreja da Lapinha, na primeira década do século XX, passou por uma grande reforma. A igreja era administrada pelos Agostinianos Recoletos, religiosos da Província de Castela – Espanha. O responsável pela reforma foi o Frei e arquiteto Leão Uchoa. Após reforma,

a igreja foi inaugurada em 1930. Parece-nos que essa reforma apresenta a convergência da influência de uma arquitetura de estilo neo-mourisco da região do Al Andalus; e, ao mesmo tempo, temos, aqui na Bahia, o legado cultural dos Malês, cuja origem islâmica - maioria Haussás, do norte da Nigéria - se faz presente nessa arquitetura.

[Acesse o texto da trilha.](#)



***Interior em estilo mourisco da Igreja da Lapinha***

### Nas Trilhas do Conhecimento

## TRILHA ARQUITETURA DO SANTO ANTÔNIO ALÉM DO CARMO

### Cena Plano Inclinado Pilar

A cena apresenta as imagens do Plano Inclinado e as paisagens que podem ser vislumbradas, quando nos movimentamos da Cidade Alta para a Cidade Baixa, e vice versa, de dentro do bonde. Nesse movimento, é narrado o início de sua história como meio de transporte e de mobilidade urbana.



## Cena Bairro Santo Antônio Além Do Carmo

O curta-documentário apresenta o debate entre a conservação e as intervenções, às vezes descaracterizando o patrimônio, na arquitetura colonial, barroca e neoclássica que atravessa a história do bairro Santo Antônio Além do Carmo. Nesse debate, uma escultura do Rotary Clube, que apareceu na praça, é questionada e considerada pelos moradores como um OVNI. O colorido das casas também é questionado, considerado como meramente cenográfico, e não atendendo a preservação tanto nas mudanças de suas cores originais como na incompatibilidade das tintas utilizadas para os materiais construtivos da época.



**Fachada da Casa Solar Museu, antiga sede da Hora da Criança.**

### **1. Invasões silenciosas**

#### **Entrevista do morador ao Mapa Cultural IFBA:**

“Olá, eu sou William Marx!. Eu escolhi o Santo Antônio para morar no ano 2000, vinte e dois anos atrás, portanto. E foi uma escolha muito em função do modo de vida [...] de ter uma relação com a rua, com os vizinhos e com a arquitetura que sempre me interessou muito. Porque eu, como arquiteto, tenho essa relação com o entorno, com o bairro histórico, com a arquitetura que conta uma história, que tem muita relevância foi um ponto importante pra eu fazer essa escolha. É um espaço que eu uso bastante, eu faço treino aqui duas vezes

por semana pela manhã e de repente me deparo com um novo monumento do Rotary que foi colocado aqui há mais ou menos um mês e pouco [...]. Isso surpreendeu a todos no bairro, ninguém sabia do que se tratava, ninguém conhece o líder do Rotary, o autor não fez nenhuma ação aqui no bairro. Então, é uma ação completamente impositiva, violenta, autoritária e que não dialoga com a comunidade. Isso retrata muito bem o posicionamento da prefeitura [...]. O Estado também atua bastante aqui nessas decisões. O que é que o Rotary fez por aqui pelo bairro? Quais ações ele fez? Nenhuma! Muita gente nunca nem tinha ouvido falar desse Rotary. Então, eu acho que essa também é uma questão no Brasil que a gente vai ver de uma forma completamente silenciosa como foram os bandeirantes lá atrás, em outro século que chegaram aqui. Colocar um espelhinho pendurado em uma árvore e achar que a gente vai achar isso lindo, sem questionar, sem entender o valor simbólico disso.”

### **2. As casas têm que ter vida!**

#### **Entrevista com Dimitri G anzelevitch ao Mapa Cultural IFBA:**

“O bairro começou a ter muita fama, então, muitas pessoas que moram em São Paulo,

Belo Horizonte e no Rio compram uma casa aqui, reformam a casa, faz uma festa e depois fecham a casa durante meses, durante 2 meses ou 3 meses. Vem aqui passar um fim de semana, um feriado e fecham a casa de novo e isso é muito perigoso e eu sou completamente contra. Esse bairro é de casas que têm que ser vividas durante o ano inteiro. De vez em quando uma pessoa fecha para passear [...] tudo bem! Mas as casas têm que ter vida [...]. Eu me queixo muito do IPHAN que não faz seu trabalho, que são pagos para proteger o patrimônio e não protegem. Ainda agora teve esse escândalo da escadaria da Igreja do Boqueirão e se não fosse a comunidade que aos gritos parou a obra, teriam vandalizado completamente essa escada. Esse erro que já fizeram foi muito grave. O IPHAN está completamente ausente [...]. Quando se trata de pessoas importantes, aí permitem. Na ladeira lá do Carmo [...] no Largo do Carmo, têm 3 ou 4 casas que a volumetria mudou completamente, colocaram um ou mais andares. Tem muita coisa errada e o IPHAN é muito culpado por uma série de desmando. Qual é a ligação que eles têm? É uma ligação profissional unicamente. Agora vivência emocional, afetiva, não tem. Nenhuma! Existe um desequilíbrio dentro da sociedade em relação ao centro histórico

que o IPHAN e o IPAC não conseguem equilibrar de jeito nenhum. Passei muito tempo falando.”

### 3. A geometria das fachadas

Observar toda essa paisagem arquitetônica e seus detalhes nas fachadas, telhados e formas decorativas, nos possibilita um diálogo entre a geometria, suas formas e a arquitetura.

“Quadrados, retângulos, circunferências, triângulos... Para além das aulas de matemática, a geometria povoa de imagens bi e tridimensionais os caminhos por vezes nada retilíneos da criatividade. Em equilíbrio, essas formas, comportadas ou não, atestam que a elegância é simples. Monótona, jamais. Quando duas linhas se encontram, nem tudo é cálculo: há também espaço para poesia e transgressões, polvilhadas de cor e, eventualmente, temperadas com certo charme retrô. Réguas, compassos e esquadros trabalham juntos a fim de originar criações atraentes por natureza – afinal, dela vêm as estruturas básicas, como o hexágono das colmeias e a elipse das trajetórias planetárias.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Texto retirado de Figuras geométricas na arquitetura, na moda e no design, [casa.abril.com.br](http://casa.abril.com.br). Acesso em 27 de abril /2023.

## Cena Caminhos de pedra do Santo Antônio Além do Carmo

No curta-documentário, o calçamento de pedras ovais é compreendido como um espaço de resistência às transformações da paisagem urbana, em que o cimento e o asfalto já dominam. Ao mesmo tempo, a fala do narrador ao som de Bachianas, de Villas Lobo nos transporta ao passado.

## Vamos ler juntos/as?

No caminho da Arte e Arquitetura, dentre os vestígios da velha Bahia resiste calçamentos de pedras ovais da herança colonial, conhecida popularmente, segundo o professor de História Carlos Barros, de Cabeça de Negro. Denominação atribuída, ao que parece, por terem sido essas pedras testemunhas das dores e castigos sofridos pelos negros na nossa triste história. E para concluir: hoje as rachaduras e desabamentos de edificações da paisagem arquitetônica do Barbalho e da Lapinha, são testemunhas de intervenções grotescas.



De que maneira podemos nos posicionar com relação a essas e outras intervenções grotescas e a ausência de conservação do Patrimônio Cultural?

## ETAPA 05: Prática

### INTERVENÇÃO FOTOGRÁFICA

A proposta é de uma intervenção fotográfica realizada através de uma incursão a uma das trilhas apresentadas na Oficina. A Intervenção fotográfica deve expressar uma proposta de problematização sobre um dos temas “nas trilhas do conhecimento”, para uma intervenção digital através das redes ou outros espaços.



### 1. O que é INTERVENÇÃO no campo da Arte?

- É uma linguagem contemporânea, que pode envolver as diferentes áreas da Arte, objetivando se aproximar da vida cotidiana e se torna acessível ao público;
- É uma ação sobre algo, que acarreta reações diretas ou indiretas e imediatas sobre determinado tempo e lugar, com o intuito de provocar reações e transformações no comportamento, concepções e percepções dos sujeitos.



📍 Pode ser uma ação, entre outras de: subversão ou questionamento das normas sociais; engajamento com proposições políticas sobre os problemas sociais; e interrupção do curso normal das coisas através da surpresa, do humor, da ironia, da crítica, do estranhamento.

## 2. Como realizaremos a Intervenção fotográfica?

📍 Durante incursão ao campo devem ser feitos registros fotográficos. Esses registros podem em si já apresentar uma proposta intervencionista no ato de fotografar e ou a proposta de intervenção ser trabalhada sobre a fotografia.

📍 Sugerimos que seja criado um espaço coletivo para a postagem das intervenções, com o(s) título(s) e síntese(s) da(s) proposta(s) de Intervenção, para que alcance o público.

Caso não possa ocorrer uma incursão ao campo, sugerimos que se escolham fotografias disponibilizadas no Mapa Cultural, para que se intervenha sobre elas.

[Acesse aqui para conhecer algumas Intervenções Artísticas](#)

## ETAPA 06: Avaliando nossa oficina

💡 Como foi ou está sendo dialogar sobre arquitetura?

💡 Onde acertamos e onde erramos na preparação e vivência dessa oficina?

REVISTA

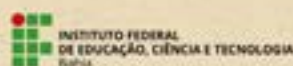
# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos da Música

Volume 05



**Autoria:**

Marijane de Oliveira Correia

Nadson Silva dos Santos

Catiane Rocha Passos de Souza

**Revisão do Volume 05:**

Marijane de Oliveira Correia

**Assessoria Técnica, Designer Gráfico, Diagramação e Ilustrações:**

Dango Costa

**Ilustrações Capa:**

Maíra Moura Miranda

# OFICINA 05:

## Caminhos da Música

### OBJETIVOS:

(Re)conhecer artistas, músicos, cantores, compositores, bandas e grupos da cena musical dos bairros Barbalho, Santo Antônio Além do Carmo e Lapinha, fazendo um passeio pelos ritmos mais presentes nessas regiões tais como Rap, Reggae, Axé Music, Samba e Forró. Além disso, identificar e refletir criticamente sobre os ritmos musicais nestes espaços e sobre os principais agentes de formação musical tais como CEEP de Música, Neojibá, Projeto Kadashá e no IFBA Campus Salvador. Por fim, reconhecer as músicas periféricas e marginalizadas em nossa sociedade.

### PÚBLICO SUGERIDO:

População em geral, estudantes do IFBA e de outras escolas/instituições de Salvador, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA Campus Salvador; artistas, produtores e agentes culturais em geral.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

2 aulas (100 minutos).

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

**Notebook, data show**, caixa de som, rede de internet, cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz, papel ofício e caneta.



## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade, bem como esclarecer sobre a origem da Série de vídeos curtas documentários Caminhos Culturais do entorno do IFBA do Projeto **[Mapa Cultural IFBA IFBA](#)** como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da Série, que pode ser acessado **[neste hiperlink](#)** com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- 📍 Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- 📍 Tem algum diálogo ou fala das/entrevistadas no curta que vocês gostariam de comentar?
- 📍 Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta coletânea.

## a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA

A sugestão é ouvir músicas que fazem parte do cenário musical dos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo, a fim de oferecer às participantes elementos para pensar mais sobre a música produzida no seu entorno, com a percepção de sua própria experiência estética. Escolher o hiperlink da música para a sensibilização:

- NEOJIBÁ, hiperlink [aqui](#)
- GRUPO DE SAMBA BOTEQUIM, acesse [aqui](#)
- TERCEIRO MUNDO, [hiperlink aqui](#)



**Grupo Botequim no pátio da Igreja de Santo Antônio**

Refletir com os estudantes sobre o valor e a força que a música tem na vida das pessoas, na formação humana e na cultura. Ouvir comentários gerais sobre os dois vídeos e a música. A partir desse estímulo perguntar:

- O que você entende por música?
- O que é música para você?
- Você conhece músicas chamadas de periféricas ou marginais?
- Você sabe o que é música erudita?

# Nas trilhas do conhecimento 01:

Esclarecemos antes de tudo a própria etimologia da palavra “música” que na Grécia antiga o sentido era outro, diferente do que estamos acostumados a ouvir. Era uma forma adjetivada de “musa” que foi nada menos que as entidades inspiradoras das criações artísticas e científicas formadas por nove irmãs, conforme a mitologia grega. Assim, podemos dizer também que se tratava de uma busca intensa da beleza e da verdade.

Problematizar o que seria uma cultura boa e uma cultura ruim, a partir do conhecimento de que não existe cultura ruim ou boa e sim culturas. Refletir e falar sobre os diferentes estilos musicais no entorno do IFBA e como eles estão inseridos na sociedade, de acordo com o que CUCHE (1999, p.145) propõe: “Falar de cultura “dominante” ou cultura “dominada” é então recorrer a metáforas; na realidade o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros”. Assim, propõe-se questionar sobre as diferentes formas musicais no entorno do IFBA, quem são as pessoas protagonistas que estão inseridas no contexto musical daqueles territórios.

“Os cruzamentos entre o culto e o popular tornam obsoletas a representação polar entre

ambas as modalidades de desenvolvimento simbólico e relativizam, portanto, a oposição política entre hegemônicos e subalternos, concebida como se se tratasse de conjuntos totalmente diferentes e sempre confrontados” (CANCLINI, 2013, P.346).

A partir dessas reflexões, qual estilo de músicas você tem mais gosto e proximidade: clássica, samba e reggae? Você tem uma experiência musical que possa nos contar? Você conhece alguém presente nos vídeos apresentados? Compartilhe alguma música que tem na memória de sua vida. Você se lembra de quem ou de quê? Quais estilos musicais você ouviu em sua casa? E em sua rua? Você já escutou músicas em comunidades periféricas? Já escutou Racionais MC? Você já ouviu Chico Buarque?



Perguntar o que o público considera ser uma boa música e porque.



## b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

### ETAPA 01

Assistir ao curta documentário “Caminhos da Música” que faz um apanhado geral sobre a produção musical nos bairros Barbalho, Lapinha, Santo Antônio Além do Carmo no [hiperlink](#).

### ETAPA 03

Exibir [o mapa](#) de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar o Mapa do Caminho da música.

### ETAPA 02

Coletar as impressões que o grupo obteve ao assistir o curta-documentário anotando palavras chaves na lousa ou numa cartolina. Em caso de acesso à internet e a aparelhos com acesso à rede, pode-se criar nuvem de palavras online.

### ETAPA 04

Aprofundar o conhecimento sobre os agentes musicais, produtores e os projetos apresentados no vídeo. Pode também consultar outros materiais no [Portal](#) do Mapa Cultural IFBA, como o texto de nosso acervo [aqui](#).



## Nas Trilhas do Conhecimento MÚSICA E DECOLONIALIDADE

Primeiro, sugerimos apresentar o vídeo de Daganja, clipe da música Sonhos, acesse [aqui](#). Depois da apresentação, sugerimos fazer uma leitura o artigo “A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA OITOCENTISTA BRASILEIRA À LUZ DO PÓS-COLONIALISMO” de Juliana Fillies Testa Muñoz - Universität zu Köln - disponível [aqui](#). A leitura pode ser a partir de trechos do texto da autora (anteriormente selecionados pelo aplicador da oficina) como elementos para pensar a mensagem da Música Sonhos no vídeo de DaGanja.



Outras sugestões de músicas a serem trabalhadas com a leitura: Escutar trecho do Rap dos Racionais Mc através da música Negro Drama, acesse [aqui](#), e trecho da música Salsity da cantora baiana Tícia, hiperlink [aqui](#).

A segunda sugestão é a leitura de trechos do artigo, numa roda de leitura e diálogos mais aprofundados para ampliar o que podemos chamar de “debate decolonial” presente a partir da literatura, mas também na música. Com isso, podemos regionalizar as argumentações com representantes da música no Brasil. As discussões têm o objetivo de refletir sobre o “modelo simbólico” de alguns personagens presentes na cultura brasileira que hierarquizavam o homem branco europeu como mais importante e superior ao homem negro sulamericano, como podemos notar nas composições de DaGanja.



Realizar as seguintes perguntas:

💡 Quem são as pessoas protagonistas nesses vídeos? Quais os problemas enfrentados pela população marginalizada e periférica? Como você acha que a música pode mudar ou ecoar um grito de liberdade e valorização das pessoas e comunidades pretas, pretos, pardas, pardos e que vivem à margem da sociedade? Você sabia que em Salvador existia o Rap e Hip Hop? Conhece algum grupo ou cantora/o baiano que canta esses estilos musicais a exemplo da mensagem da música Sonhos DaGanja? Quem? Quais? Ouve em qual canal de comunicação? Outras perguntas para análise e reflexão dos vídeos podem ser realizadas.

💡 Em trio, dupla ou grupo (depende da quantidade de pessoas na oficina) escreva um trecho de um Rap ou Hip Hop que mais achou interessante, associando com alguma passagem dos argumentos apresentados no texto de Juliana Muñoz e as discussões feitas até o presente momento.

## Nas Trilhas do Conhecimento DOS ESTILOS MUSICAIS

Conforme o vídeo “Caminhos da Música” produzido em 2022 pelo Projeto Caminhos Culturais, podemos observar que nos bairros do Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo encontramos mostras de músicas repletas de protestos, atitudes críticas, diversão, poesia, harmonia, políticas afirmativas e ancestralidade.

Os ritmos apresentados no vídeo “Caminhos da Música” foram o Rap, a Fanfarra, o Jazz, o Reggae, a Percussão, o Ijexá, o Samba, o Forró, a Música Clássica, o Coral, a MPB e, por fim, uma apresentação simbólica de um ritmo da MPB com a modalidade de apresentação presente nas ruas de Salvador que é o “voz e violão”. Esse estilo é marcante na cultura baiana, pois é a base da Bossa Nova, criada pelo baiano João Gilberto e disseminada pelo mundo. Portanto, falaremos no próximo tópico mais detalhadamente sobre alguns destes estilos musicais presentes no vídeo “Caminhos da Música”.

Dessa forma, a união entre a música e a poesia era uma concepção desse período que se deve ter uma maior atenção pois, para os gregos antigos, a junção entre a música e a poesia formava algo interessante como a melodia com intervalos, ritmos e outros componentes teóricos. Inclusive a música não era apenas um instrumento de diversão, era algo trabalhado, construído intelectualmente e combinado com bastante estilo e rigor na sua composição e uso. Hoje em dia falar de “música da poesia” não faz muito sentido, não há aquela métrica dos povos antigos nem aquele cuidado que tinham para a elaboração e utilização. É bom destacar também que música e poesia têm se distanciado muito aqui no Brasil e no mundo, inclusive na cultura musical baiana.



***Forró no coreto do largo de Santo Antônio Além do Carmo, 2023.***

De todo modo, a música antiga mostrava-se com certos poderes de conseguir “teleguiar”, digamos assim, as pessoas que ouviam o som. Podemos, quem sabe, arriscadamente comparar com alguns de seus efeitos prejudiciais que ocorrem nos dias atuais. Mas isso cabe dizer em outros estudos e pesquisas mais apuradas sobre, por exemplo, o conceito de Indústria Cultural elaborado pelo filósofo alemão Theodor Adorno (1903-1969). Ele foi um dos fundadores da renomada Escola de Frankfurt na Alemanha, onde trabalhava interdisciplinarmente com a teoria social, a teoria crítica e com a filosofia propriamente dita. Este filósofo pensava sobre a música especialmente como um dos produtos da cultura que tinha em determinadas localidades uma relação com o consumo das massas através da indústria da cultura. A música fazia parte dessa trama entre a sociedade dominante de um lado e a população consumista do outro, como uma dialética que se apresentava “negativa” frente ao capitalismo após a 2ª Guerra Mundial. Hoje, o conceito de cultura tem se mostrado diferente em relação às produções musicais.

Localizado na Rua dos Marchantes no Santo Antônio Além do Carmo o objetivo da ABOCA é praticar a mobilização popular, educar e incentivar novas formas de interpretações das nossas convicções históricas, artísticas e culturais. No espaço se reúnem músicos, cantores e artistas diversos, emergentes e conhecidos na cena baiana.



**Equipe do Mapa Cultural IFBA na sede da ABOCA  
- Associação Baiana e Observatório de Cultura e Arte.**

## **Nas Trilhas do Conhecimento**

### **TRILHAS DAS MÚSICAS MARGINALIZADAS E/OU PERIFÉRICAS**

Agora vamos saber um pouco mais sobre alguns dos gêneros musicais que formam a cultura expressa no hodierno do entorno do IFBA Campus Salvador, além das diversas atividades com a população local através da música, tanto nas ruas com populares quanto em algumas instituições.

Começamos pelo Rap que é um estilo musical cujas letras são recitadas e têm um ritmo, mas não é um canto propriamente dito como nos demais gêneros musicais com voz. As falas desse estilo considerado recente na cultura ocidental que é o Rap têm rimas que são conjugadas com as letras feitas pelo poeta e também pelo compositor. A origem do Rap é norte-americana, mais especificamente nos EUA, trazido pelos jamaicanos da década de 1960. Foi a partir do Rap que nasceu o Hip Hop. No Brasil, tanto o Rap como o Hip Hop fazem parte

de uma cultura chamada de marginal ou periférica, porque elas reproduzem a voz da periferia, das comunidades que estão à margem da sociedade e não são escutadas pelos governos e outras instâncias da sociedade. Diante disso, percebemos que o público maior desses estilos musicais são pobres, pretas, pretos e pardas e pardos, visto que são, na maioria das vezes, oriundos das grandes comunidades brasileiras e longe dos grandes centros urbanos. Sobre a origem Rap e Hip Hop, Severiano:

“Eclipsada na segunda metade dos anos 70 pela discoteque, um controverso modismo musical internacional, que passou a dominar bailes suburbanos, a música black começou a reconquistar espaço no período 1979-1984 com o disco-funk, um estilo que misturava funk com discoteque. Revigorou ainda esses bailes a chegada do rap (rhythm and poetry), um tipo de composição em que a letra é declamada sobre forte base rítmica, e de uma dança chamada break (...). Tais inovações eram produto do Hip Hop, um movimento surgido nos bairros negros de Nova York no início dos anos 70, que incluía também o grafite, pichação artística (nem sempre) de muros e fachadas de prédios” (Severiano, 2008:455).

Destarte, o Jazz é outra manifestação oriunda dos negros que viviam nos Estados Unidos e cantavam suas canções fruto do trabalho cansado, mas com esperança de liberdade. Importante lembrar que foi a partir do jazz que surgiu outros subgêneros como o Swing, Bebop, Cool, Soul Jazz, Free Jazz, Fuzion Jazz e Jazz Latino entre outros. A banda SKAnibais, que aparece no vídeo Caminhos da Música, é muito presente na cena do Santo Antônio Além do Carmo. Em seus shows o grupo reúne clássicos do ska jamaicano e sambas, jazz, rock, forró e outros ritmos.

Além de divulgar o ritmo jamaicano, apresentam suas possibilidades de mistura com a música brasileira e, em especial, com a música nordestina. A banda é formada por João Teoria (trompete), Uirá Nogueira (bateria), Ito Bispo (saxofone), Kiko Souza (sax/flauta), Léo Couto (sax barítono), Mathias

Traut (trombone), Nelmário Marques (bass), Juliano Oliveira (piano) e Marco Oliveira (guitarra). No vídeo, há um trecho do clipe gravado no tradicional Bar Oliveiras, palco de músicos e artistas do bairro.



**Logo da banda SKAnibais**

O Bebop e o Blues, por exemplo, são ritmos oriundos dos povos negros que influenciaram as músicas do saudoso rocker baiano Raul Santos Seixas (1945-1989), um dos pioneiros do rock brasileiro que agitava a cidade de Salvador desde sua juventude, juntamente com outros artistas da época no cenário musical do rock and roll nordestino e nacional como Sérgio Sampaio (1947-1994) e Jerry Adriani (1947-2017). Vale ressaltar que o pai de Raul Seixas, Raul Varella Seixas, foi professor do curso de eletrônica na antiga Escola Técnica Federal da Bahia, hoje, IFBA. Por isso a antiga biblioteca do IFBA possui o nome Raul Seixas em homenagem ao pai do cantor. Entretanto poucas pessoas sabem dessa homonímia e terminam atribuindo a homenagem ao cantor Raul Seixas, um equívoco percebido até através de pesquisas realizadas diretamente com a comunidade IFBA, campus Salvador.





**Fotodaplacaemfrenteà“BibliotecaRaulSeixas”-IFBA  
Campus Salvador**

Já a Fanfarra que do francês significa fanfare tinha basicamente os instrumentos de sopro de metal e percussão na sua composição. Este gênero pode também ser encontrado na ópera.



**FotodaBibliotecaRaulSeixas-IFBACampusSalvador**

As apresentações são temáticas e variadas dependendo da época do calendário cultural, mudam as comemorações e com isso os temas, mas normalmente são manifestações musicais que podemos ver, sobretudo, nas ruas atraindo as pessoas em festas populares e carregando por vezes a multidão que fica dançando e cantando hinos e músicas famosas ao seu redor.



**FanfarraemcortejonoSantoAntônioAlémdoCarmo**

O Reggae, por sua vez, é outro segmento notável do gênero musical que veio mais uma vez da população negra, mais especificamente da Jamaica. Tem sua marca principal na Bahia com a inauguração da então conhecida Praça do Reggae que infelizmente, como podemos ver na entrevista do vídeo “Caminhos da Música” com o professor de Filosofia Carlim Inácio, este local teve suas portas fechadas e não foram abertas até o presente momento.

Lembremos aqui que Platão (428 a.C.-347 a.C.), filósofo grego antigo, nos alertava há tempos sobre a associação da política com a música. Ele dizia que devemos ter muito cuidado com a musicalidade que o governo oferece para o povo. A música para este filósofo é um elemento importante no processo de formação da cultura. Por outro lado, salientamos que estamos em Salvador e o cenário musical por aqui deu/dá espaço a manifestações extra música comercial ou extra folia, isto é, o lado B da musicalidade soteropolitana, importante para o processo de construção da cidadania. Mas por quê? Porque trata-se de uma vertente histórica da musicalidade voltada para a resistência, a insistência e a persistência pela garantia

e manutenção dos direitos dos cidadãos manifestos através das letras musicadas e dos mais variados ritmos como o Samba, o Coral religioso entre outros. Aqui ela tem o papel fundamental de fazer entretenimento, mas também há um processo que envolve a Educação para o exercício da cidadania, com a presença das pessoas nas ruas dos bairros e no íntimo de suas casas.



**Foto da multidão na antiga Praça do Reggae no Largo do Pelourinho. Fonte Metro 1**

Portanto, salientamos a capacidade que o povo tem de manifestar-se para além dos aprendizados escolares e acadêmicos que estão justamente “no fora” da sala de aula e muitas vezes nos levam pelas suas mensagens e letras a um modo de consciência. Assim como dizia o cantor Sérgio Sampaio “Eu quero é botar, meu bloco na rua”. Por isso que na Bahia a música pode ser da mesma forma interpretada como diversão e atitude crítica, isto é, como instrumento de manifestação da liberdade, da beleza, do sagrado e do profano e em certo modo da incondicional alegria que as pessoas têm de viver e de estar bem no lugar onde vivem. Visto isso, vale dizer que a música não é apenas um mero modo de diversão ou

entretenimento. Portanto, muito mais que recreação, a música em Salvador perpassa por diversos seguimentos identitários através dos costumes e das tradições dos soteropolitanos, formados por inúmeras crenças e etnias, tanto pelas gerações dos povos negros e indígenas; quanto dos europeus e de outras descendências e linhagens que influenciaram e marcaram em certo sentido, ontem e hoje, a cultura musical da primeira Capital do Brasil. Nesse sentido, podemos citar a Festa de Santo Antônio na Rua Direita do Santo Antônio Além do Carmo, que atrai multidões com espírito da religiosidade carregado de fé, esperança e de musicalidade.



**Samba Junina na Festa de Santo Antônio-Rua Direita**



## Nas Trilhas do Conhecimento

# MÚSICA E CIDADANIA NO CENTRO HISTÓRICO

Como podemos perceber, nos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo não foi diferente. Encontramos ao fazer o mapeamento musical dessas localidades diversas instituições, grupos musicais e artistas independentes que manifestam seus trabalhos englobando além de folias e entretenimento, trabalhos de cunho crítico, reflexivo e principalmente educativo, mesmo que alguns deles não tenham consciência disso. Reparamos que alguns dos estabelecimentos educacionais mapeados contribuem através de uma “pedagogia musical” tanto com a formação técnica a partir dos instrumentos musicais; quanto da formação humana e civilizatória dos indivíduos moradores da região, com variados tipos de eventos musicais que encantam a comunidade e ao mesmo tempo se profissionalizam. Por exemplo, o próprio Instituto Federal Campus Salvador com o trabalho IFBA Sonoro - Projeto Musicando, onde muitos dos estudantes participam ativamente das atividades propostas e dão um retorno positivo do envolvimento com a música enquanto sujeito que, além de

crítico, tem sua concentração e harmonia exercitadas em suas atividades no processo de ensino-aprendizagem.

Hoje (2023) a comunidade IFBA Campus Salvador e seu entorno poderá contar com mais outra representatividade institucional no âmbito musical que é o mais novo curso técnico de nível médio de Instrumento Musical, na forma subsequente, que oferece 16 instrumentos diferentes, por escolha do estudante, e tem duração de três semestres.



***Turma 01 Curso Subsequente em Música e docentes do IFBA***

Além disso, a Festa do 2 de Julho no bairro da Lapinha atrai uma multidão ecoando os gritos de liberdade, é um arquétipo próximo do que estamos falando. De certo modo, alguns desses sujeitos fazem uma certa desconstrução colonial ou de decolonialidade com a produção musical a partir de seus trabalhos em shows e similarmente na gravação de discos, CDs, etc.



***IFBA Sonoro - Projeto Musicando***



**Festa do 2 de Julho - Lapinha**

Nesses eventos, a população baiana aduz canções emblemáticas como no refrão “Ê, Faraó” da banda Olodum ou “Esse sistema é um vampiro, oooo” do Reggae contestador de Edson Gomes e o irreverente “Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!” de Raul Seixas com letras questionadoras.

Essas canções lembram de certo modo uma estética histórica, mas também a indignação de uma parte considerável da população mesclada à diáspora africana e as intermináveis batalhas enfrentadas pelos cidadãos na garantia de suas liberdades por uma vida melhor de se viver. Dessa maneira, as músicas cantadas e tocadas nos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo sugerem diversas situações como as canções acima citadas. A localidade citadina provoca nas pessoas, por assim dizer, um êxtase das músicas cantadas, tocadas e principalmente dançadas nas ruas, em locais privados, sobretudo em vários eventos durante todo o ano no calendário cultural local. Um grande exemplo é o som produzido no Espaço Kadashá - Ladeira do Funil - Barbalho e o Trio Habeas Fole - localizado na Rua Direita do Santo Antônio Além do Carmo. O Espaço e banda Kadashá



**Banda Kadashá - Barbalho**

foram originados por um dos integrantes da banda Terceiro Mundo, músico Waky Hannah, que ganhou sucesso em Salvador e no Brasil no final da década de 1980, mas foi rapidamente esquecido pela mídia por questões empresariais. Dessa forma, a música “Cume da Memória” do cantor e compositor baiano Tonho Matéria foi regravada pela banda dando grande destaque em âmbito nacional. Você pode facilmente conferir o disco completo através do hiperlink [aqui](#).

O programa NEOJIBA é uma política pública prioritária do Governo do Estado da Bahia, executada pela Secretaria de Justiça e Direitos Humanos através de contrato de gestão com a organização social IDSM, Instituto de Desenvolvimento Social pela Música.



**Prédio da sede do Neojibá - Lapinha**



## ETAPA 05: Prática

Solicitar aos participantes da oficina a produção de versos rimados com temáticas sociais de seus territórios, cada pessoa produzindo até quatro versos com rimas que podem ser:

Emparelhada (aabb): as rimas ocorrem entre o primeiro e o segundo verso e, entre o terceiro e o quarto verso. Alternadas (abab): as rimas se formam entre versos pares e versos ímpares. Interpoladas (abba): as rimas ocorrem entre o primeiro e o quarto verso e, entre o segundo e o terceiro verso.

Após a produção, ler ou exhibir os versos e tentar compor um texto coletivo com todos os versos, criando uma possível composição que pode ser ritmada como rap, hip-hop, embolada ou usando qualquer outro ritmo musical.

### PRÁTICA EXTRA

Caso haja algum músico ou banda disponível no grupo da oficina, que sendo ou não dos bairros próximos ao IFBA ou ao Centro Histórico, enfim de qualquer lugar, sugere-se que se faça o convite para realizar uma pequena oficina musical com percussão, violão ou o que os músicos puderem propor para construir com o público. Proposta de duração 2h aulas.

## ETAPA 06: Avaliando nossa oficina

- Como foi ou está sendo conversar sobre música?
- Onde acertamos e onde erramos na preparação e vivência dessa oficina?

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bahia com H de Hip-Hop, acessado no [hiperlink](#), em 14 de dez. 2023.

Cultura Hip-hop, hiperlink [aqui](#), acesso em 14 de dez. 2023.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. Ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru:EDUSC, 1999.

FANFARRA, hiperlink [aqui](#), acessado em 15 de sete. 2023.

JAZZ, hiperlink [aqui](#), acessado em 15 de set. 2023.

RAP, hiperlink de pesquisa [aqui](#), acessado em 15 de set. 2023.

SEVERIANO, Jairo. Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade. São Paulo: Editora 34, 2008.

LEI 11.769, acessado [aqui](#), em 14 de dez. 2023.



COLETÂNEA

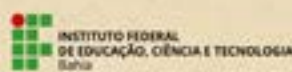
# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos de Teatros e Performances

Volume 06



**Autoria:**

Catiane Rocha Passos de Souza

Solange Maria de Souza Moura

Maria Lucileide Mota Lima

Fábio Adrian Teixeira dos S. e Santos

**Revisão do Volume 06:**

Marijane de Oliveira Correia

**Assessoria Técnica, Designer Gráfico, Diagramação e Ilustrações:**

Dango Costa

**Ilustrações Capa:**

Maíra Moura Miranda

# OFICINA 06:

## Caminhos de Teatros e Performances

### OBJETIVOS:

Conhecer o teatro-educação e a produção contemporânea voltada para o teatro e sua integração com demais campos artísticos nos Bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo. Destacar o papel do Teatro Iceia e seu histórico, incluindo o Projeto Hora da Criança e os coletivos do Forte do Barbalho. Sensibilizar sobre a potência dos equipamentos existentes neste território. Reconhecer a importância das performances do teatro popular. Por fim, discutir a produção teatral no ambiente escolar.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Estudantes do IFBA e de qualquer escola/instituição de Salvador, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA Campus Salvador; artistas, produtores e agentes culturais em geral.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

2 aulas (100 minutos).

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

**Notebook**, **data show**, caixa de som, rede de internet, cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz.



## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta Coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade do Salvador, bem como esclarecer sobre a origem da Série de vídeos curtas documentários **Caminhos Culturais do entorno do IFBA** do Projeto [Mapa Cultural IFBA IFBA](#) como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta Coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da Série, que pode ser acessado no [hiperhiperlink aqui](#), com duração de 6

minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- Há algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.

## a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA

Essa etapa se desenvolve a partir de questões iniciais:

Vocês conhecem ou já observaram a paisagem arquitetônica dos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo que é tombada como patrimônio histórico e artístico do Brasil?

📍 Para você, qual o papel do teatro na sociedade?

📍 Você já foi ao teatro?  
Qual? Quando?

📍 Qual a diferença entre teatro e “performance”?



*Cartazes de peças montadas pelo Barracão das Artes - Forte do Barbalho.*

# Nas trilhas do conhecimento 01:

## Performance

Texto retirado de: Thiago Camacho, Teatro sem Cortinas, UNESP. <https://www.ia.unesp.br/#!/teatro-sem-cortinas/pratas-da-casa/glossario-teatral/p---q--r/performance/> Acesso em 03 agos. 2023.

"A performance, segundo Renato Cohen (2011), corresponde a expressão cênica, inserindo-se, portanto, nas artes da representação, cujo fenômeno se consubstancia no tempo e no espaço. Essa configuração permite sua ocorrência em diversas localizações, desde as praias e piscinas aos elevadores, museus, igrejas, ruas, praças e edifícios... A flexibilidade temporal é extensa e pode durar de alguns minutos a dias. O autor de **Performance como linguagem** (2011) também apresenta como plausível a ideia segundo a qual a significação desencadeada é híbrida e proveniente das artes plásticas, estando a sua evolução dinâmico-espacial em diálogo com as artes cênicas e nestas se concluindo. Cohen enfatiza a tríade atuante-texto-público como fundamental para a construção da linguagem em voga. E constitui, conceitualmente, os elementos desta tríade. O atuante pode ser um/a artista que, de repente, se transforma em um **performer** da expressão cênica, mas pode ser também um boneco, um animal, um objeto ou uma forma abstrata qualquer. O texto pode ser simbólico (verbal) ou imagético-icônico (não-verbal), e/ou mesmo



**Performance na saída do Bloco DH8, Santo Antônio Além do Carmo.**

indicial, constituindo amplo campo de possibilidades semiológicas.

Sobre a linguagem como **performance**, Cohen busca ainda o conceito de "**multiplex code**" aplicado por Schechner ou seja, o inflame de reações cognitivo-sensoriais causado no espectador e também a proposta de Adolphe Appia (A obra de arte viva, 1919), a qual deixa possuir apenas atuantes, que sejam ao mesmo tempo público. Essa configuração significa que a performance causa sensações que só podem ser obtidas presencialmente, e que cada apresentação se difere uma da outra: ainda que a estrutura seja a mesma. E que, não menos importante, essa linguagem tem um caráter relacional que permite ao atuante ser espectador e vice-versa."

### Referência bibliográfica:

COHEN, Renato. Performance como linguagem. São Paulo: Perspectiva, 2011.



# Nas trilhas do conhecimento 02:

## Performance: “Escultura de comportamento”

A palavra performance transita por diversas situações e evoca diferentes possibilidades nos discursos que participa. Seu termo sugere uma perspectiva de ação artística - performance art - e de ação cotidiana. A ideia de performance no cotidiano pode estar associada ao corpo que desenvolve atividades físicas, a forma como o/a docente e estudante atuam nos atos pedagógicos, aos rituais, aos jogos e brincadeiras entre outras ideias.

A performance art é uma manifestação artística contemporânea, de caráter efêmero e, por sua natureza, é uma arte híbrida, fronteira e multidisciplinar.

O performer artista pode utilizar seu corpo como suporte para a obra e o seu corpo ser a própria arte, como a body art. A ação pode se utilizar de um formato ao vivo e visto por um público em um determinado tempo e espaço e na sua própria inserção no espaço relacionaecomunicacionalperformatizado.A ação também pode ser construída através de registros de filmes, fotografias, vídeos, desenhos, textos, esculturas e etc.

No contexto da história da arte, sua origem é deflagrada com os movimentos vanguardistas ocidentais, do início do século XX, quando os artistas começam a questionar a arte produzida na academia. Porém, o contato dos artistas com objetos de outras culturas, sobretudo da África, foi um fator de relevante influência sobre as rupturas que começavam a processar naquele contexto.



**Performances na Festa do 2 de Julho. Fotografia de Lígia Vilas Boas.**

Ricardo Biriba (2020) ao compreender a performance como “escultura de comportamento”, nos informa que as fronteiras entre a performance **art** e o pensamento africano nas artes, se configuram como círculo de interjeições peculiares em suas estruturas de pensamento sobre o fazer artístico. Voltando ao discurso em primeira pessoa, posso arriscar e afirmar definitivamente mais uma vez, que o pensamento contemporâneo



nas artes do mundo ocidental bebe no pensamento africano negro tradicional. (2020, p.10).

Assim, a dança, o teatro, o ritual, jogos, atividades coletivas e etc são todos gêneros performáticos.

#### Referência bibliográfica:

BIRIBA, Ricardo Barreto. CORPOS NEGROS EM TESE: PERFORMANCE E INSURGÊNCIAS CONTEMPORANEAS. In: Arte e Transmediações - Anais do 3o Congresso Intersaberes em Arte, Museus e Inclusão; III Encontro Regional da ANPAP Nordeste e 8a Bienal Internacional de Arte Postal. João Pessoa(PB) 2020. Disponível em: [even3.com.br](http://even3.com.br) Acesso em: 19 de set. 2023.

## Nas trilhas do conhecimento 03:



**Fotografia da Obra da artista Marcia Abreu, "Em Foco" - Mista s/tela, 1999.**

### Performance do gesto

Texto retirado de: MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021, p. 86.

“ No âmbito das oralituras, o gesto não é apenas uma representação mimética de um aparato simbólico, veiculado pela performance. Ou, ainda, o gesto não é apenas narrativo ou descritivo, mas, fundamentalmente, performativo.

O gesto, como poiesis do movimento e como forma mínima, pode suscitar os sentidos plenos. O gesto esculpe, no espaço, as feições da memória, não seu traço mnemônico de cópia especular do real objetivo, mas sua pujança de tempo em movimento. Em África, assim como nas Américas, “o bom dançarino é o que conversa com a música, que claramente ouve e sente as batidas, e é capaz de usar diferentes partes do corpo para criar a visualização dos ritmos”. Dançar a palavra, cantar o gesto, fazer ressoar em todo movimento um desenho da voz, um prisma de dicções, uma caligrafia rítmica, uma cadência. Assim se realiza a emissão da textualidade oral, nos diversos dispositivos pelos quais e nos quais se compõe.”



## b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

### ETAPA 01

Assistir ao curta-documentário Caminhos do Teatro e Performances, ver hiperhiperlink [aqui](#).

### ETAPA 02

Coletar as impressões que o grupo obteve ao assistir ao curta-documentário anotando palavras-chave na lousa ou numa cartolina. Em caso de acesso à internet e a aparelhos com acesso à rede, pode-se criar nuvem de palavras online.

### ETAPA 03

Exibir o mapa de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar o Mapa [aqui](#) do Caminho do Teatro e Performance.

### ETAPA 04

Aprofundar o conhecimento sobre agentes, produtores e projetos apresentados no vídeo. Para isso, exibir slides ou ler materiais dos pontos do Mapa online do [Portal Mapa Cultural IFBA IFBA](#).

## Nas Trilhas do Conhecimento TEATRO DO ICEIA

O Teatro do ICEIA fica no bairro do Barbalho e sua inauguração ocorreu em dezembro de 1939 no governo de Juracy Magalhães, gestão do secretário da Educação Isaías Alves, idealizador do Instituto que leva seu nome (ICEIA). O Instituto Isaías Alves (ICEIA) é uma das principais obras da Arquitetura Moderna da Bahia, que engloba o Teatro, uma das maiores salas de Salvador na época.

A criação do ICEIA remete à Escola Normal da Bahia que funcionava no Bairro de Nazaré desde 1836. Por isso, os estudantes do ICEIA eram chamados de normalistas. Assim, a escola objetivava uma educação inovadora e completa, com muita arte, cultura e esporte. O Teatro, inicialmente, era utilizado como auditório para as atividades escolares. Projetado para ser um



**Teatro do ICEIA, Fotografia de Pablo Florentino**

auditório do colégio, o teatro não dispõe de sistema de ar-condicionado, nem de projeto arquitetônico do ponto de vista da acústica. Devido sua capacidade para público de até 1300 pessoas, foi aberto ao público em geral e permitiu a apresentação de artistas locais e nacionais. Palco de muitas atrações culturais, formaturas e programas infantis, nesse teatro era realizada a Hora da Criança, programa de rádio que torna-se metodologia no ensino da arte em Salvador.

Em 1978, O Teatro do ICEIA recebeu a primeira apresentação de Elis Regina em Salvador com o show “Transversal do Tempo”, acompanhada do conjunto musical

de Cesar Mariano. Funcionando como centro de cultura, foi usado para palestras, seminários, espetáculos de dança e música serviu também como local de ensaio para espetáculos como a ópera Rei Brasil 500, o show da cantora Daniela Mercury, entre outros. O teatro, equipado com cadeiras de madeira, distribuídas em plateia, camarotes, frisas e balcão, conta ainda com uma Sala de Exposição, quatro camarins, palco com coxia e sala de projeção. Ademais, foi recuperado pela Fundação Cultural do Estado, por meio da Diretoria de Equipamentos Culturais e Ações, mas há muitos anos não abre as portas para o público.

**Fonte:** Projeto Mapa Cultural IFBA IFBA, [hiperhiperlink aqui](#).

## Nas Trilhas do Conhecimento

### TEATRO-EDUCAÇÃO

#### 1. Cena do curta documentário: depoimento da Profa Solange Moura



***Cena da montagem de Monetinho, 1977- Fotografia tirada do Livro Igarapé, de Adroaldo Ribeiro Costa.***

“Então, eu vou contar um pouquinho da minha experiência como participante da hora da criança. Em 72 eu estudava no ICEIA, morava no Lobato e eu, como muitas outras crianças que ali estávamos participando, e eram muitas crianças, mais de 100 crianças, nós éramos todas da escola pública e durante duas tardes a gente tinha esse encontro na parte da entrada pelo teatro do ICEIA e algumas vezes nós usamos o palco para a parte do ensaio.

Tinha uma área fora que a gente também usava, e algumas salas. Eu tinha 8 anos e participei da montagem de Narizinho [Peça Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato]. Eu me lembro muito da cena dele

(Prof. Adroaldo) no piano, e aí ele chamando as crianças que ele achava que deveria ir para o coro e para o coral. E aí ele botava a gente, tocando piano, para a gente cantar o “atirei o pau no gato”. E aí, ali, ele definia os caminhos: quem ia puxar o solo, quem ia para determinados grupos, quem ia ficar mais atrás por desafinar ou não, mas todo mundo participava. E a gente em determinados momentos abria ou fechava, no término de toda a peça, com seus atos, tinham vários atos.

A gente tinha um hino também e esse hino foi até composto (...) pelo maestro e a gente cantava com muito orgulho. É uma música que até hoje quando eu canto eu me sinto emocionada, porque eu me sentia

pertencendo a tudo isso, a esse fazer. O bairro ali, do Barbalho, ganhava para mim uma outra tônica, bem diferente de onde eu vinha (...). Era tudo muito grandioso, eu me sentia num espaço grandioso! E a gente cantava e cantava com essa grandiosidade (...) se sentindo um grupo muito unido e solidário ali naquele momento. E assim, até hoje, eu me emociono quando eu canto: ‘Os meninos da Bahia desta hora da criança’”.

A partir do depoimento, como podemos definir a importância do teatro-educação?

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais-Artes (1997):

“O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da fluência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio (BRASIL, 1997, p. 57).”

## 2. Programa Hora da Criança

Criado em 1943, o programa continua ativo ainda hoje. Para conhecer o histórico do Programa e mais informações [acesse o site](#).



**Figurinos na atual sede da Hora da Criança.**



## 2.1 A História do Programa Hora da Criança

Entrevista com Josélia Almeida, atual presidente do programa.

“Na hora da criança a gente trabalha por idade. Professor Adroaldo escrevia as peças para o elenco, ele não pegava uma peça pronta, a única que não era genuinamente dele é Narizinho que foi criada da obra de Monteiro Lobato, mas ele transformou isso numa opereta. Então, os textos eram feitos para as crianças.

Ele ficava observando os meninos brincando, ele pegava uma cadeira sentava ao contrário e ficava assim. Quando chegava no ICEIA e observava, ele via que menino faria cada papel, era para aquele que ele escrevia muitas vezes. Muitas músicas até compunha para aquela criança, para aquele jovem, para aquele adolescente.

Lembrança lá do ICEIA antes de 70 né? Eu sei que houve um temporal que foi em 68, com o Pinto de Carvalho indo, o Hora da Criança teve que sair do ICEIA. Na década de 70 depois de Narizinho. Em 72 quando se alugou, com a bilheteria de Narizinho, deu condição de alugar uma casa no Santo Antônio, um casarão na Rua Direita do Santo Antônio. E aí foi que eu fiquei atuando mesmo na instituição.”



## 3. Barracão das Artes



O Barracão das Artes, localizado no Forte do Barbalho, é um espaço de formação, difusão, criação e produção artística, oferece cursos gratuitos especializados em artes circenses, danças urbanas e contemporâneas, canto e música e capoeira. Oferece preparação diferenciada para atores, através de exercícios, improvisações, laboratórios e estudos teóricos, o ator/intérprete/atleta desenvolve suas potencialidades expressivas integrando o corpo e a voz.

### 3.1 Barracão das Artes

Entrevista de Fernando Machado, coordenador técnico do Barracão

“O teatro do coletivo Barracão das Artes funciona da seguinte forma: é um núcleo de formação em artes em geral, o aluno entra pra fazer o teatro e nesse curso de teatro ou nessa oficina de teatro, ele tem atividades integradas ao teatro que é a aula de dança, a aula de toda atividade corporal e preparação física, tem a preparação vocal e também tem a aula de canto especificamente 1 hora e 40 minutos de aula de canto e tem a preparação também circense porque o teatro é uma arte universal, é uma arte que engloba todas as artes. Então, esse aluno entra pra fazer o teatro, ele aprende a dança, ele aprende a arte circense e aprende toda a preparação vocal da aula de canto e esse aluno fica durante 6 meses, no mínimo, fazendo esse curso de teatro.”

# Nas Trilhas do Conhecimento

## EQUIPAMENTO CULTURAL

No curta Caminhos do Teatro e da Performance, um dos eixos de reflexão nos aponta para a potência dos Bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo sobre dois aspectos que aqui destacamos: 1) na perspectiva histórica por definirem parte do antigo Centro Histórico, território tombado como Patrimônio Cultural e 2) na perspectiva da materialidade de seus equipamentos culturais, alguns, hoje, desativados e/ou pouco cuidados e usados na sua potência.

### 1. Equipamento Cultural: um espaço artístico cultural, social e econômico

O Teatro do ICEIA e o Forte do Barbalho - que abarca o [Instituto Forte](#), a Associação Baiana de Técnicos Artistas e Produtores do Forte do Barbalho (ABTAP) e o Coletivo 4 Produções - são exemplos de equipamentos culturais presentes nessas comunidades, além dos espaços de museus, galerias e arte urbana que podem ser acessados, mais especificamente, nas Oficinas dos Caminhos dos Museus e dos Caminhos da Arte Urbana.

Os equipamentos culturais são definidos a priori por sua terminologia como edificação utilizada para atividades culturais. Com Eduardo Davel e Fabiana P. Santos (2018) [1] vamos ampliar a sua definição e compreendê-los na sua importância:

“[...] do ponto de vista artístico-cultural, por se constituírem em um lugar de criação artística e de encontro entre a oferta cultural e o público; do ponto de vista social, por serem espaços capazes

de influenciar e qualificar as práticas de sociabilidade vigentes, e ainda do ponto de vista econômico, por mobilizarem a cadeia produtiva da cultura e também por associá-la a outras dimensões econômicas, como o turismo e o comércio; os equipamentos culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, galerias, centros culturais, salas de concerto, museus, etc.) são organizações com grande potencial de dinamizar os territórios nos quais atuam.” (p.110)

Consideramos que o Teatro do ICEIA e o Forte do Barbalho são espaços que precisam ser pensados como equipamentos culturais relevantes nos pontos de vista artístico-cultural, social e econômico, como salientados pelos autores.

#### 1.1 Como se encontram hoje esses equipamentos?

O Teatro do ICEIA, como anuncia o Prof. Pablo Florentino (IFBA Campus Salvador), no curta Caminhos do Teatro, é especialmente “um registro arquitetônico por si só e é um equipamento cultural que precisa ter outro uso, ter outra finalidade que não somente definir.”

## 1.2 Que encontros o equipamento cultural do Teatro do ICEIA produziu?

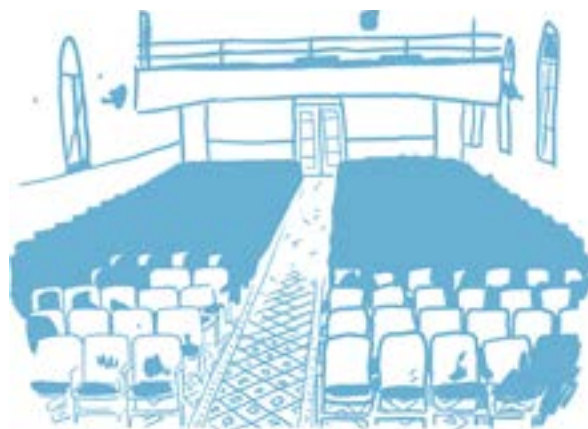


**Fachada do Teatro do ICEIA, Barbalho. Fotografia de Pablo Florentino**

Um dos maiores palcos de Salvador, inaugurado em 1937, o teatro do ICEIA fazia parte de um complexo arquitetônico que articulava os espaços de Cultura e Educação, pensado sob influência de Anísio Teixeira e, por sua vez, de John Dewey. Esse complexo incluía a Escola Primária Getúlio Vargas, a Escola Ginásial e Secundária – com formação de magistério – e o Teatro, para atender a comunidade acadêmica. A arte era intensa na escola primária, todos os estudantes subiam, pelo menos, uma vez ao ano no palco do teatro do ICEIA com grandes montagens.

O Teatro do ICEIA com sua arquitetura moderna, de influência alemã da Bauhaus, passa a ocupar um território de traços coloniais, possuía camarins, palco com coxia esalade projeção, além de possuir um espaço expositivo no **foyer**. Nele 1300 espectadores sentavam em suas cadeiras de madeiras e o teatro se tornou um centro cultural de referência para a comunidade e artistas, quando passou a atender público externo à

atividade acadêmica. Assim, shows, peças, espetáculos, ensaios, apresentações da Hora da Criança, palestras e etc, passaram a movimentar a vida artística e cultural do território e da cidade de Salvador.



Em 2012 a Neojibá recebeu a concessão de uso do Teatro do ICEIA por parte do governo do Estado da Bahia, através da SAEB e SECULT. Mas logo sai do espaço do Centro de Cultura do ICEIA e, atualmente, está em sua sede no parque do Queimado – outra edificação de um grande equipamento cultural no bairro da Lapinha.

Então, como vamos nos posicionar frente ao equipamento cultural do Teatro do ICEIA que se definha?

## 2. O Forte do Barbalho

Se viabiliza inicialmente como um espaço de arte, no ano de 2008, com a atuação do Cineasta e, na época, Diretor do IRDEB, Pola Ribeiro e o apoio da Baiana Film Commission, segundo informou a presidente da ABTAP, Rita Amorim, em entrevista à equipe do Mapa Cultural IFBA IFBA (julho de 2022).

O Forte do Barbalho pode ser designado como um polo artístico que abriga artistas e a toda uma rede de produção técnica cultural; atende ao público com oficinas e cursos em teatro, dança entre outras manifestações artísticas e esportivas; e há ainda a atuação da ABTAP na capacitação e consultorias empreendedora na área da cultura, como a realizada com a SEBRAE.



**Forte do Barbalho. Fotografia de Pablo Florentino**

Embora a estrutura pertença ao governo federal, a concessão de gestão é do governo do Estado da Bahia. A organização do espaço do Forte em uma associação, a qual nem todos os profissionais se filiaram, fortaleceu os vínculos que possibilita uma ação cultural colaborativa e coletiva.

O Forte do Barbalho hoje é um espaço de emprego e renda que envolve diretamente, aproximadamente, cinquenta pessoas/profissionais da economia criativa – artista, técnico e produtores – e movimenta também a economia local, em um trabalho de interação entre os profissionais que ali se encontram e a comunidade local e de outros pontos da cidade que participam do curso.

Luciano Reis, que atua no setor de iluminação e é vice-presidente da ABTAP, afirma que entre os equipamentos que estão a serviço da cultura, o do Forte do Barbalho se assemelha ao do Teatro Castro Alves no trato técnico – preparação de cenário, figurino, iluminação, dos ensaios nos estúdios – áudio, dança/teatro. Lembremos que as muitas produções baianas de cinema tiveram como base a estrutura Forte do Barbalho.

As muitas ações e parcerias informais com a comunidade e suas instituições que acontecem no Forte são realizadas com investimento pessoal dos próprios profissionais. A Bahia Criativa no governo Wagner teve um maior investimento, porém, nos últimos dez anos, aproximadamente, reduziu sua participação, embora continue com um escritório no Forte.

Para os representantes da ABTAP, o modelo de trabalho e organização inter e transdisciplinar desenvolvido no Forte pode ser levado para outras cidades do Estado, construindo uma rede de polos culturais na Bahia.





**Espaço do estúdio no Forte do Barbalho.**

Na longa história do Forte do Barbalho, a Arte oportunizou a ressignificação do espaço – memória de dor e tortura de uma época– em um lócus que movimenta processos de transformações artísticas culturais e de economia criativa.

Portanto, urge e é necessária uma política com um olhar diferencial para o tipo de equipamento que se tem no Forte do Barbalho. Considerar as possibilidades de uma ação cultural colaborativa que envolvam as pessoas das comunidades, órgãos e gestões nas esferas públicas e privadas e parcerias entre instituições.

Abrimos aqui a possibilidade de se criar uma forma de ‘corredor cultural’ que envolvam os equipamentos citados e outras instituições, a exemplo do IFBA Campus Salvador, começando a dialogar com o que propõem os autores Santos e Davel (2018) ao apresentar a “identidade territorial como estratégia de gestão, discutindo os conceitos de território e identidade e diversos tipos de benefícios (organizacional, interorganizacional e territorial).” (p.112)

Cabe ressaltar que ao exemplificar o diálogo e parceria com o IFBA Campus Salvador no “corredor cultural”, temos duas resoluções do Conselho Superior (CONSUP) de 2022 que tratam da (1) Política de Arte e Cultura da Instituição e do (2) Plano Decenal de Arte e Cultura. Nesse sentido, foi instituído o Núcleo de Arte e Cultura – NAC, no Campus Salvador, que de acordo com o artigo 3º da Resolução diz que “Política de Arte e Cultura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia tem a finalidade de estabelecer as diretrizes para o Fomento, Produção, Difusão e Memória do campo da Arte e Cultura [...] Visando contribuir para o exercício dos direitos culturais e valorização de manifestações artístico-culturais das comunidades envolvidas” (Resolução 79/2022 CONSUP IFBA).

O NAC também poderá vir a se constituir em um equipamento cultural, o Forte do Barbalho poderá ter uma maior investimento na sua potência e, quiçá, podemos esperar com o vicejar do Centro Cultural do ICEIA. Potencializar esses equipamentos possibilita que cada um se efetive como um espaço de encontro e de intra e entrecruzamento entre artistas, o público e as obras e/ou espetáculos, os produtores e técnicos da cultura. Espaços que se inscrevem como práticas culturais de sociabilidade e de economia criativa, modificando e ativando a paisagem da cidade.

#### **Referência bibliográfica:**

SANTOS, Fabiana. DAVEL, Eduardo. Gestão de equipamentos culturais e identidade territorial: potencialidades e desafios. Revista Pensamento & Realidade .v. 33, n. 1, p. 109-134, jan./mar. 2018 - e-ISSN: 2237-4418. Disponível em [revistas.pucsp.br](http://revistas.pucsp.br). Acesso em setembro 2023.

# Nas Trilhas do Conhecimento

## TEATRO POPULAR

O teatro faz parte das artes cênicas: modalidade artística que se apresenta em forma de espetáculo e que inclui o teatro, a dança, a ópera, o circo e as diversas manifestações que mesclam essas linguagens. O teatro é a arte de forjar realidades e sua natureza está intimamente ligada a outras formas de arte, como a literatura e a pantomima para contar histórias. Mas o que define a expressão “teatro popular”?

### 1. Teatro popular, o que é?

**Textos (1 e 1.1) retirados de:** Luiza Pêsoa, Teatro Popular: concepção e história. Disponível em [www.aoredor.blog.br](http://www.aoredor.blog.br), acesso em 17 set 2023.

“Essa é uma questão complexa e que já foi abordada por diversos autores. O ponto de vista mais antigo é o que expõe a antinomia dos termos ‘popular’ e ‘erudito’. Ao longo dos anos, a expressão ‘teatro popular’ ganhou diferentes significados de acordo com contextos históricos específicos e em função do uso que se pretendia fazer do termo.

Uma das concepções relaciona a expressão a um teatro engajado, aquele feito para atingir as massas e opor-se às produções direcionadas ao entretenimento da burguesia. Essa abordagem de teatro popular tem, portanto, um caráter ideológico.

Outra vertente da expressão relaciona-se à popularização do teatro profissional à classe trabalhadora. Apesar de ter um objetivo comum com a abordagem mencionada anteriormente - o de atingir as camadas populares - sua característica é marcada, menos pelo tipo de produção e mais por iniciativas de acessibilização social ao teatro.

Outra possibilidade de uso do termo ‘popular’ é a referência àquilo que é conhecido do grande público, que está nas mídias (famoso). Essa seria uma abordagem não ideológica do termo e menos adotada por aqueles que fazem ou que pensam o teatro.”



Pêsoa (2021) cita a categorização das produções teatrais, concebida por Augusto Boal, o fundador do Teatro do Oprimido e relevante nome as artes cênicas contemporânea. São cinco categorias:

- 📍 Teatro de perspectiva popular para o povo;
- 📍 Teatro de perspectiva popular para ‘não povo’;
- 📍 Teatro de perspectiva antipovo para o povo;
- 📍 Teatro que tem o povo como fabricante

e consumidor;

📍 Teatro Jornal: em que a criação dos atores se dá a partir de pesquisas e estudos de notícias e matérias de jornais.

## 2.1 Origens

“Em suas origens, o teatro popular está ligado ao teatro antigo, tanto ocidental, quanto oriental, em que se destacava o uso de máscaras e não havia separação entre o público e os atores.

Nos séculos XVI e XVII a **Commedia Dell'Arte** tornou-se referência do teatro popular e diferenciava-se do teatro burguês que se desenvolvia paralelamente. A **Commedia Dell'Arte** tem influências das pantomimas dionisíacas da Grécia Antiga e tem como principais características: uso de máscaras, representações grotescas, caráter itinerante, apresentações em locais públicos, espontaneidade dos atores e improvisações.

No mesmo período, proliferaram as manifestações do chamado Teatro de Feira, realizadas nas feiras populares que aconteciam em Paris, principalmente as de Saint-Germain e de Saint Laurent. Essas manifestações, diferentemente do teatro erudito, contavam apenas com o público, não eram subvencionadas pelo Rei, ao contrário, muitas vezes esses artistas sofreram censuras e expulsões.

O teatro popular desenvolveu-se e transformou-se ao longo dos anos. O teatro popular moderno buscou explorar novas estéticas, pautou suas práticas em experimentações e exploração de recursos

cênicos diferenciados. Viu-se surgir, na passagem do século XIX para o XX, a figura do encenador que com o tempo fundou a direção teatral.”

## 2. A performance na Terno de Reis

Entrevista de Pablo Henrique Pinto, morador da Lapinha, ex estuante do IFA e arquiteto.



**Monumento em homenagem aos Ternos de Reis no Largo da Lapinha - Obra do artista Padre Pinto.**

“Os Ternos de Reis, tradição da Festa de Reis no Bairro Lapinha, compreende uma expressão do teatro popular. O Dia de Reis é festejado anualmente no dia 6 de janeiro. De forma tradicional, as celebrações se iniciam às vésperas do dia 6 de janeiro.

É uma tradição natalícia católica que comemora a visita dos três Reis Magos do Oriente ao menino Jesus.



O Largo da Lapinha, nessas datas, se transforma, pois recebe muitos visitantes, religiosos ou foliões. Após a missa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Lapinha, sai o cortejo do Terno de Reis Anunciação, que começa no Largo da Lapinha, em frente à Igreja, vai em direção à Praça da Soledade, volta, passa em frente à praça novamente e segue em direção à Escola Municipal Pirajá da Silva de onde retorna ao Largo da Lapinha. No palanque, instalado no Largo, o Terno Anunciação e outros Ternos de Reis se apresentam com muita música, desde marchinhas de carnaval, samba, e músicas de autoria de cada Terno. Enquanto um se apresenta, outro sai para o cortejo no mesmo trajeto.

Cada terno possui seu estandarte, bandeira de frente que representa algo sagrado, que

emite o espírito do terno, a sua proposta ou sua missão.

Além da beleza, expressam manifestações de pensamento, sentimento e crença. O estandarte do Terno da Anunciação foi criado pelo Padre Pinto, ex-pároco da Lapinha, que também idealizou o monumento em formato de estandarte instalado no Largo da Lapinha.

Para saber mais sobre a festa, leia o artigo [“A Lapinha dos Reis: memória, diversidade e resistência”](#), publicado no XVII Enecult.

Padre José de Souza Pinto (1947-2019) foi um dos grandes incentivadores e responsáveis pela manutenção da Festa de Reis da Lapinha, de 1973 até 2006. “O Padre Pinto absorvia a Festa de Reis como marca identitária da própria paróquia. Antes dos anos 70, a Festa era entendida pelos paroquianos como algo à margem, algo da rua, da comunidade. Mesmo que existissem pessoas da paróquia dançando nos ternos, ainda não existia um terno da paróquia. Então, quando o Padre Pinto chegou e viu a Festa decaindo, ele alavancou a Festa para outro patamar”.

Para conhecer todo depoimento de Pablo Henrique, acesse o vídeo em nosso [drive](#).



## ETAPA 05: Prática

Apresentar um pequeno texto, ou mais de um, para o grupo de oficineiros, de acordo com o perfil do grupo. Caso haja grande quantidade de participantes, o grupo pode ser dividido ou se preferirem podem apresentar um texto desenvolvido pelo grupo. Os participantes entre si irão definir quem irá desempenhar cada função na cadeia produtiva do teatro: figurinista, cenógrafo, ator, sonoplasta e diretor. E cada um desenvolverá suas atribuições. Nessa oficina, os aplicadores podem levar alguns objetos cênicos para que os oficineiros utilizem.

Após apresentação dos grupos, serão compartilhados relatos das funções desempenhadas: os desafios? Como foi a experiência? Portanto, o que se espera com a prática é o entendimento de que o teatro é estimulante do ponto de vista criativo, mas que é importante para profissionalização e economia de uma cidade com apelo cultural grandioso como Salvador e que no teatro, mesmo em monólogos, o resultado de uma boa produção é coletiva, visto que o ator precisa do sonoplasta, a cenografia dialoga com a direção e etc.

### SUGESTÃO: FONTES DE TEXTOS TEATRAIS

#### Site Teatro na Escola

[teatronaescola.com/index.php/banco-de-pecas/category/pecas-teatrais-curtas-ou-adaptadas](http://teatronaescola.com/index.php/banco-de-pecas/category/pecas-teatrais-curtas-ou-adaptadas)

#### Site Oficina de Teatro

<https://oficinadeteatro.com/conteudotextos-pecas-etc/pecas-de-teatro/viewcategory/8-cenas-curtas>

#### Blog do Altamirando

<https://altamirando1.blogspot.com/2009/11/pecas-curtas.html>

## ETAPA 06: Avaliando nossa oficina



Como foi ou está sendo dialogar sobre teatro?



Em que acertamos e em que erramos na preparação e vivência dessa oficina?



Mapa  
Cultural  
IFBA

COLETÂNEA

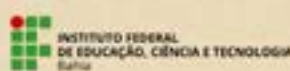
# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos da Literatura

Volume 07



**Autoria:**

Catiane Rocha Passos de Souza  
Solange Maria de Souza Moura

**Revisora do Volume 07:**

Manuela Cunha

**Assessoria Técnica, Designe Gráfico, Diagramação e Ilustração:**

Dango Costa

**Ilustração da capa:**

Maira Moura Miranda

# OFICINA 07:

## Caminhos da Literatura

### OBJETIVOS:

Refletir sobre a diversidade literária e sobre o poder da literatura a partir da produção nos bairros Barbalho, Santo Antônio Além do Carmo e Lapinha, a começar com os escritores e poetas do IFBA, seguindo com a importante presença na região do Quilombo Cecília, do Projeto Miau, do Importuno Poético, da Sociedade da Prensa, de eventos como o Sarau do Gato Preto, o Sarau de Stael Kianda na Lapinha e o Sarau da Arca do Neojiba, com vistas à valorização da literatura marginal e de empoderamentos.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Estudantes e servidores do IFBA e de qualquer escola/instituição de Salvador, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA campus Salvador; artistas, produtores e agentes culturais em geral.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

2 aulas (100 minutos).

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

**Notebook, data show**, caixa de som, rede de internet, cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz, livros, revistas “Aurora da Rua”.



## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta Coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade, bem como esclarecer sobre a origem da série de vídeos curtas-documentários **Caminhos Culturais do entorno do IFBA** do Projeto **[Mapa Cultural IFBA IFBA](#)** como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta Coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da série, que pode ser acessado no [hiperhiperlink aqui](#), com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- 📍 Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos(as) no vídeo?
- 📍 Há algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- 📍 Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.

## a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA

➤ Começar apresentando algumas questões ao grupo:

📍 Para você, o que é literatura?  
O que vocês têm lido nos últimos tempos?

📍 Lembram dos nomes de autores/autoras e/ou nome das obras?

📍 Onde encontrar uma boa leitura literária? Livrarias, bibliotecas, escolas?

📍 Vocês conhecem algum(a) poeta, cordelista e/ou escritor(a) de seu bairro?

➤ Registrar as respostas, comentando-as.

➤ Iniciar fazendo a leitura de um texto de algum poeta do entorno do IFBA -Campus do Barbalho, Salvador-Bahia.



## Nas trilhas do conhecimento 01:

### 1. Do Livro “Vocábulos Caminhantes”, de Juracy Tavares

Autoestima  
sonho de libertação  
adorando sua imagem negra, sim  
sua imagem é seu espelho  
ela é bonita sim, adore  
negro lindo é pleonasmo  
negro lindo é exclusão  
o negro lindo aí é dispensável  
é exceção é contramão  
ser paixão da sua imagem  
brilho vivo em seu ser  
refletindo esta imagem  
no espelho fino e grande você  
adore sua imagem negra, sim  
sua imagem é seu espelho é bonita, sim  
refletor, narciso, desafio linha tecendo fios  
semente no cio procurando caminhos  
semente no cio caminhando caminhos

#### Cordão Umbilical

Da escuridão, surge a luz  
Útero negro, prosperidade.  
Do negrume africano, a humanidade  
Senhora ébano, DNA do mundo Célula  
materna  
Primeira maternidade da terra.  
Foi lá onde o homem começou, na África  
Ilê Aiyê, África fértil Salvador

Ventre fértil, sentimento profundo Mãe  
natural,  
fio inicial  
África, do mundo eterno cordão umbilical  
Rebentos da mãe preta Europa, Oceania,  
Ásia,  
América  
Zumbi, rebentos da mãe preta Zumbi  
Mandela, Egito Tecnologia do ferro, Ilê Aiyê,  
Steve Biko  
Colo de ouro, diamante Marfim,  
berço gigante Oralidade, veia essencial  
África Ilê cantando o novo no ancestral  
África do mundo eterno cordão umbilical

### Relação Natural

Olha-me do alto  
tomo todo meu corpo  
joga-se e deita-se sobre mim  
é um natural romance, sim  
alcança o meu útero  
deixa-me umedecida  
ao me adentrar amável,  
me deixa sorridente e salutar  
nutritiva, colorida ao entrar em mim  
bonita, saudável, doce, ela ela é sempre  
assim  
corre pelas minhas veias  
passeia pelo meu interior  
abraça-se a mim formando teias  
quando chega, moço  
sempre se joga sobre meu corpo  
deixa-me úmida e refrescante  
ao tocar em mim neste romance constante  
relação amorosa, eterna, sincera  
a chuva penetrando na terra

#### SUGESTÃO:

Textos do escritor Fábio Mandingo, no Portal  
Literafro, [aqui](#). Acesso em 13 jul 2023.

## 2. De Stael Machado, do Livro “A Plástica da Vida”

### A Arte da Vida II

E por falar em arte, eu não a escolhi, ela  
que me escolheu. Meu pai fazia, com muita  
habilidade e pouca valorização, cartazes  
de datas comemorativas para a igreja, e  
eu, pequenina, mas encantada e atraída  
pelas letras desenhadas e organizadas no  
espaço de uma folha de cartolina, queria  
tanto crescer para ocupar esse espaço,  
pois eu sabia do meu potencial, embora  
ninguém deste grupo familiar e religioso  
reconhecesse a arte como futuro.

### A Arte da Vida

Arte da vida é luz para meu caminho  
Tudo que vejo inspira-me  
Viver no paraíso  
E gozar de imaginar  
Um transporte que leva a lugar algum  
onde pode começar tudo  
vendo o principal sair do vácuo  
E trançando um espetáculo  
Com direito a aplausos  
E uma entrega que flui na natureza do eu,  
seu e outro  
Voltando o mesmo caminho  
Achando outro lugar  
Que é o mesmo lugar  
Que faz recomeçar  
Curtindo como a primeira vez  
Para de novo entregar  
A vida  
É uma arte  
Que chegou para voltar  
E sempre as idas e vindas

Apontam o recomeço  
Com algo para entregar

**Quanto vale ser das artes?**

A arte me escolheu  
Eu aceitei  
Não tem medida  
Tem entrega  
A escala é querer  
Na dança ajusta o chão  
A dimensão entre terra e céu  
Encantamento do processo criativo  
Vai chegando e completando  
Quem fala está dentro  
A mão vai escrevendo  
O sentimento, a emoção, a pulsão, a explosão  
A forma que pulou para sua impressão.  
Para fazer uma expressão: aceitação ou rejeição.  
Tudo tem reação  
Se boli, afirma que é arte  
A licença está dada.



**Capa do Livro “A Plástica da Vida” de Stael Machado.**

### SUGESTÕES

📌 Livro “Psicodelicorações: 100 poemas de amor, erotismo e solidão”, de Tiago Oliveira, acesse [aqui](#).

📌 Livro “Rabiscos III, Antologia Poética”, organizadoras: Luciana Castro e Waleska Oliveira, acesse [aqui](#).

## **b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS**

### **ETAPA 01**

Assistir ao curta-documentário “Caminhos da Literatura” do Mapa Cultural IFBA IFBA. Acesse [aqui](#) (Duração: 10 min)

### **ETAPA 02**

Coletar as impressões que o grupo obteve ao assistir o curta-documentário anotando palavras-chaves na lousa ou numa cartolina. Em caso de acesso à internet e a aparelhos com acesso à rede, pode-se criar nuvem de palavras online.



## ETAPA 03

Exibir o mapa de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar [aqui](#) o Mapa do Caminho da literatura.



### Nas Trilhas do Conhecimento TRILHA DAS LEITURAS

#### 1. “VOCÁBULOS CAMINHANTES”

Entrevista com o professor e poeta Juracy Tavares.

“Em se tratando de literatura e particularmente a literatura negra que é a literatura que nós optamos por fazer, temos condição de fazer outros tipos de literatura, mas é uma opção nossa fazer literatura negra pelo fato de a gente perceber que é necessário que a gente traga discussões, estar trazendo questionamentos, inquietações como eu coloco na música ‘Autoestima’, quando eu digo que negro lindo é pleonismo, negro lindo é exclusão, negro lindo aí é contramão.”

Iniciar com leitura do texto (hiperlink [aqui](#)) que apresenta alguns autores, produtores e obras com referências aos territórios em foco no Mapa Cultural IFBA IFBA.

## ETAPA 04

Aprofundar o conhecimento sobre escritores(as), produtores(as) e projetos apresentados no vídeo. Para isso, ler materiais dos pontos do Mapa online do [Portal Mapa Cultural IFBA IFBA](#). Sugere-se leitura de textos diferentes para cada grupo discutir entre si e depois apresentar oralmente o resumo das principais informações.



**Livro “Vocabulos Caminhantes” nas mãos do autor Juracy Tavares.**

## 2. PROJETO MIAU

Projeto MIAU: Mostra Internacional de Arte Urbana - localizada na escadaria do Passo, no bairro Santo Antônio Além do Carmo. A Mostra é comandada por Tiago Poeta em parceria com a OMINIRA, editora comandada por Roberto Leal.

Para saber mais leia aqui o [texto](#).

## 3. “A INCRÍVEL HISTÓRIA DE ZÉ: O GATO PRETO DA SORTE”

### Trecho da entrevista com Tiago Oliveira ao Mapa Cultural IFBA IFBA:

“Eu acho que todas as pessoas, em especial as crianças que têm a oportunidade de criar e estar em contato com essa arte, elas puderam também ter a vida transformada. Vez por outra eu encontro alguém na rua que diz: ‘Minha vida foi transformada através do seu projeto social, minha vida se transformou através do projeto que eu vi você fazendo no ônibus, minha vida se transformou através daquela oficina, a partir daquele resgate hoje, eu posso ter um pensamento antirracista; através do seu livro, hoje eu posso ter um pensamento de cultura diferenciado’. Então, a gente sabe como a poesia e a arte me transformou e, ao mesmo tempo, a gente sabe como a arte pode transformar todas as pessoas que têm contato com elas.”

Para conhecer o livro de Tiago Oliveira, acesse o hiperlink [aqui](#).



*Capa do Livro de Tiago Oliveira.*

## Nas Trilhas do Conhecimento QUILOMBO CECÍLIA

### 1. CONTEXTO

O Quilombo Cecília foi uma organização de experiências culturais e práticas autogestionárias sem fins lucrativos que funcionou durante dez anos (1999 a 2009)

no bairro do Santo Antônio Além do Carmo, na rua do Passo, no casarão nº 37. Para saber mais, [veja o texto](#).

## Entrevista com Fábio Mandingo, poeta, professor, escritor, fundador do Quilombo Cecília.

📍 **Mapa Cultural IFBA IFBA:** Fábio, temos conhecimento de sua produção enquanto escritor, gostaríamos que você começasse comentando sobre seus livros e sua produção. Você escreve muitos contos, narrativas engajadas, mas também poesia. Como acontece, o que mais te seduz a escrever? Quais temáticas são mais frequentes? Vem coisa nova por aí?

**Fábio:** Bom, primeiramente agradeço pelas perguntas. Eu sou punk, do movimento punk de Salvador. Então na minha juventude, dentro do movimento punk, nós éramos fortemente instados pela ideia de “Faça Você Mesmo”, em todos os campos, inclusive na produção cultural. Era quase uma ofensa se você fosse parte do movimento e não estivesse envolvido com nenhum tipo de produção cultural, entende? Como eu sou profundamente tímido, a escrita foi a via que eu encontrei pra me expressar, e isso vem até hoje.

Meus livros “Salvador Negro Rancor”, “Morte e Vida Virgulina” e “Muito Como um Rei” são livros de contos que tratam da realidade urbana de Salvador a partir de uma perspectiva negra. De forma geral, o que aparece nos livros é a Salvador que só nós conhecemos, e que não está na literatura e nem na construção da “Bahia que não me sai do Pensamento”. Apresenta o outro lado, ou melhor, outro centro, a partir da nossa vivência. Recentemente lancei uma ficção histórica para o público infanto-juvenil, chamada “A Princesa Mahin”, que traz como

foco o Quilombo do Urubu, que existiu aqui em Salvador no século XIX e teve como liderança a Rainha Zeferina. No momento, nada nos planos. Mano, sou poeta não... (risos), vez por outra cometo um poema, mas é sem maldade. Sou da prosa mesmo!



**Casarão à esquerda, sedo do Quilombo Cecília, narua do Passo, Santo Antônio Além do Carmo.**

📍 **Mapa Cultural IFBA IFBA:** A associação cultural Quilombo Cecília teve início em 1999, quando você, um dos quilombolas, decidiu montar um bar cultural. No início a ideia era criar um espaço onde o movimento anarquista baiano pudesse se reunir. O intuito era produzir, divulgar, difundir e dividir informação, conhecimento e cultura, incentivando e proporcionando práticas autogestionárias e autônomas tornando reais e palpáveis os anseios das organizações libertárias e populares que dele fazem parte. Buscou oferecer à população financeiramente desfavorecida o acesso à cultura e ao conhecimento. Como se deu essa experiência no Quilombo Cecília? Narre um pouco dessa história?

**Fábio:** O Quilombo Cecília foi uma experiência incrível de muitos aprendizados

e erros. Inicialmente tentamos fazer um bar cultural, mas isso deu errado muito rapidamente, por falta mesmo de conhecimento de gestão, e falta de sabedoria pra lidar de forma equilibrada com a venda de bebidas. E esse erro foi realmente muito positivo, porque o espaço acabou por assumir sua vocação de centro de Cultura Popular. Naquele início de século, Salvador já vinha perdendo sua força na cultura de rua dos anos 90, quando em todas as praças e bairros tínhamos poesia, música, teatro de rua, eventos, etc., tudo na rua e acessível. Então a ideia era ser um espaço onde tudo isso tivesse casa, e foi isso que fizemos nos primeiros anos, com muitas apresentações teatrais, recitais de poesia, apresentações musicais etc. A ideia era fazer essa junção entre a cultura punk libertária e as nossas raízes africanas, o que também se mostrou depois cronicamente inviável. E isso foi também outro erro positivo. (risos) Posteriormente alugamos também um



andar com o saudoso militante negro Ivan Carvalho, na mesma rua do Passo, número 40, onde conseguíamos fazer shows de rap, de reggae, de rock, além de rodas de capoeira. Podemos dizer que poucos grupos da música alternativa e underground de Salvador (e até de outros estados e países) não se apresentaram no Quilombo nesse período. Na continuidade desse processo, as atividades do Quilombo foram se afunilando cada vez mais para o que fosse relacionado à cultura e luta negra, e assim prosseguiu até o encerramento das atividades. Como Quilombo, a busca era fazer ali tudo o que precisávamos, de nós pra nós: educação, saúde, renda, autodefesa, intercâmbio, arte, cultura, criação de filhos. Tudo.

**Mapa Cultural IFBA IFBA: Conte-nos mais um pouco sobre o funcionamento do Quilombo. Ficou em atividade até quando? Quais as atividades que desenvolviam?**

**Fábio:** De forma geral, o Quilombo tinha como base uma Biblioteca Comunitária com mais de três mil livros e com mais de cem associados de Salvador, Região Metropolitana e Ilhas. Os associados podiam pegar até dois livros por quinzena. Além da Biblioteca Comunitária, tínhamos um restaurante vegetariano popular que servia comida vegana e 100% natural a preços módicos, o Grupo Semente do Jogo de Angola, do Mestre Jogo de Dentro, com treinos às segundas, quartas e sextas. E nos sábados e domingos, realizávamos atividades culturais diversas (já citadas). Quando expandimos para o Passo 40, além disso tínhamos os shows. Também realizamos centenas de palestras, lançamentos de livros e discos,



atividades infantis e oferecemos centenas de cursos e formações durante os 10 anos de funcionamento do espaço.

🔦 **Mapa Cultural IFBA IFBA: Qual a situação do Quilombo Cecília atualmente? O que promoveu essa condição atual?**

**Fábio:** O Quilombo existiu de 1999 a 2009, quando encerramos as atividades. Acredito que o encerramento das atividades se deu justamente pelo amadurecimento das pessoas que fizeram o Quilombo acontecer. Veja, foi um período de tanto aprendizado e construção, que chegou um momento que aprendemos inclusive o que fazer, o que não fazer, em que insistir, e o que deixar de lado, em quem insistir e quem deixar de lado. Pelo que lutar, e quais lutas não eram nossas. Veja, foram 10 anos!!!!, então chegou um momento que essas experiências conduziram cada um para seus caminhos diversos.

🔦 **Mapa Cultural IFBA IFBA: Onde estão os associados do Quilombo Cecília? E as parcerias?**

**Fábio:** Os associados do Quilombo estão em todo lugar kkkkkkkk, professores, músicos, Capoeiras, cozinheiros, artesãos, escritores, motoristas de ônibus, em algum momento posso te mostrar as fotos das carteirinhas dos sócios, vocês vão rir bastante ao ver os rostos conhecidos, 20 anos depois.

🔦 **Mapa Cultural IFBA IFBA: E o acervo da biblioteca, videoteca, os discos, cds? E as edições do jornal? Há um arquivo acessível**

**aos materiais e a essas produções?**

**Fábio:** Infelizmente, com o encerramento das atividades, boa parte do material se perdeu, muita coisa se estragou, e isso dói bastante. Boa parte do material era altamente perecível né, livros, cds, discos e não suportaram muito bem as mudanças de local e armazenamento prolongado. Muita coisa também foi furtada. Acessível no momento, somente o registro fotográfico de algumas atividades realizadas ( no hiperhiperlink que te enviei), e as memórias!!!!

🔦 **Mapa Cultural IFBA IFBA: Há expectativa de retomar as atividades do Quilombo Cecília? Fale um pouco dos projetos e/ou ideias em ebulição.**

**Fábio:** Não, não, o Quilombo encerrou as atividades em 2009. Foram dez anos de experiência formadora pra mim e pra muitos que vivenciaram aquilo ali. De certa forma, sou hoje uma consequência daquilo ali. No momento, irmão, o projeto tem sido a sobrevivência básica nesse país.

🔦 **Mapa Cultural IFBA IFBA: Deixe sua mensagem final. O Quilombo Cecília resiste!?**

**Fábio:** Aquilombe-se! Essa é a mensagem! O Quilombo resiste irmão. O Cecília já tinha sido deixado de lado nos últimos anos de funcionamento do espaço. Mas o Quilombo resiste! Agora, a resistência do Quilombo tem sua forma né irmão, como disse Bob Marley: "O que luta e se retira, vive pra lutar no dia seguinte..."

## Nas Trilhas do Conhecimento

### IMPORTUNO POÉTICO

Como podem três mulheres importunar através da poesia? Imaginem muito mais que três? Com uma importunação cheia de arte e magia surge o grupo Importuno Poético formado por três lindas poetrizes, como se definem as meninas Jocélia Vândala Fonseca, Cléa Barbosa e Lutigarde Oliveira.

Sim, meninas e à frente do seu tempo! Há mais de 20 anos já estavam nas ruas de Salvador mostrando a força e a garra das mulheres. Mães, nordestinas e donas de um saber poético, as doces garotas têm uma poesia recheada de questões femininas, interpretadas através da dança, poesia e teatro.

O tempo passa, mas elas continuam cada vez mais ativas e poetrizes. Hoje suas artes continuam fazendo parte da vida e história destas representantes da força feminina nordestina e do Santo Antônio. Assim, com muito axé, elas encantam, distribuindo arte e sorrisos por onde passam.

“Posso dizer que o ‘Importuno’ não se desfaz, ele se reproduz em situações diferentes da vida da gente. Hoje é um outro tempo para mim, mas a gente está sempre essa sereia, que eu digo, é uma sereia de três cabeças onde realmente, como bem colocou, somos uma encruzilhada.

A poesia traz uma sensação de...como é que se diz?...como uma entidade espiritual que percorre seu corpo e transpassa, ela traz o movimento, ela atinge as pessoas, ela traz uma esperança.



***A sereia de três cabeças, desenho capa do “Livro Importuno Poético”.***

Quando a gente sai de lá para encontrar aqui, a gente também encontra aqui uma gama de poetas e vai justamente se encontrar com essa poesia de rua que é o ‘Poetas na praça’, o movimento de poetas na praça. Douglas de Almeida, Geraldo Maia e todas essas figuras bem representativas da poesia de rua daqui porque era uma identidade nossa fazer arte, essa arte mais liberta e libertadora e libertina.” (Entrevista com Cléa, Jocélia e Lutigarde - integrantes do Importuno Poético).

## Nas Trilhas do Conhecimento

### SOCIEDADE DA PRENSA/ ATELIÊ DE OFÍCIOS

Trecho da entrevista com Cibeles, companheira de Flávio Oliveira (um dos integrantes do Sociedade da Prensa):

“Em 2019, a gente criou o projeto Ateliê de Ofícios que era realmente a ideia de afirmar aquele espaço como espaço de aprendizado, um espaço de trocas nesse sentido dos mestres, também dos artistas porque o foco do Ateliê de Ofícios era mesmo a dimensão da produção gráfica

o mais analógico possível, essa produção tradicional. Então a pesquisa era essa, que era uma pesquisa que o Flávio já desenvolvia com Tiago e Laura e que a gente foi dando segmento.

E criamos a Editora Ateliê de Ofícios, que é essa editora também no sentido de produzir e trabalhar especificamente com livros artesanais, toda essa produção de cenografia, tipografia, da própria xilogravura também, enfim. Então o Ateliê de Ofícios é esse projeto que é filho desses outros e que ele vem como uma continuidade. A proposta dele era que ele fosse todo feito dentro do ateliê, o mínimo possível que fosse para fora, para gráficas, enfim.

É um livro da Arlete Soares, uma fotógrafa daqui que já tem 80 anos e é o primeiro romance dela. Ela não escrevia romance, mas resolveu escrever esse livro sobre a avó dela, passou vinte anos escrevendo, é um diário em primeira pessoa que é como se fosse a avó dela escrevendo, ela ficcionaliza a escrita da avó, que é uma mulher inglesa que veio para Valença no século XIX, casou com um pescador, rompeu com a família, enfim. A ideia desse livro que foi em 2020 que a gente realizou, esse livro marca um processo difícil porque Flávio chegou a imprimir, ele contraiu COVID e veio a falecer no processo e aí eu tive que finalizar sozinha. Sozinha com muitas parcerias, claro, sempre...pessoas que chegaram junto. Mas a ideia é essa, a costura toda feita artesanalmente, essa capa foi impressa com uns tipos de madeira aqui nessa prensa. Vou pegar aqui os tipos para mostrar pra vocês.”

#### OBSERVAÇÃO

Se possível, levar obras dos autores(as) citados, livros e lambe-lambes do Ateliê de Ofícios/ Sociedade da Prensa para serem folheados e lidos na oficina.



**Livro artesanal “Helen”, de Arlete Soares, produzido pelo Ateliê de Ofícios.**





Após apresentações dos grupos, perguntar:

📍 O que distingue a literatura que conhecemos aqui e agora das literaturas das livrarias, das bibliotecas e das grandes feiras literárias, como a FLIPELO que anualmente ocorre no Pelourinho?

Respostas possíveis ou apresentadas:

📍 Foco nas histórias e personagens locais;

📍 Produção de autores pouco famosos, a literatura mais próxima de nós;

📍 Literatura acessível no território por meio dos(as) escritores(as) e editores(as) moradores(as);

📍 Literatura com linguagem mais próxima à usada pela população em geral, com destaque para produções de origem oral, como poemas, cantigas, cordel e slam.



**Cartazes do Ateliê de Ofícios/Sociedade da Prensa**



Literatura marginal. Vocês já ouviram esse termo? O que significa esse tipo de literatura?



“O termo ‘literatura marginal’ nasceu por volta dos anos 70, também conhecida como poesia marginal ou geração mimeógrafo, em função da repressão da ditadura militar. Como principal característica surgiu a quebra de padrões literários da época, que iam contra o modelo do mercado editorial, fugindo das formas comerciais de produção e circulação de literatura impostas pelas grandes editoras da época. Ressaltando que a década de 70 foram uma das mais opressoras para a intelectualidade do país, quando a implementação do ato institucional número 5 (AI-5) repreendeu todo o tipo de liberdade de expressão. O resultado dessa primeira vertente foram principalmente obras poéticas que eram produzidas artesanalmente e tinham uma grande presença do contexto da linguagem misturado aos termos da linguagem culta, fugindo das regras da escrita, com uma escrita coloquial. Iniciou-se aí a distribuição de pequenos livros pelos próprios autores em bares, museus, praças, teatros e cinemas. Esse movimento foi liderado por um grupo de artistas e intelectuais da classe média que recusava as formas estéticas empregadas. Dentre os nomes precursores dessa vertente, temos Paulo Leminski”.

Nessa etapa propomos uma atividade com o exemplar nº88, ano 16, abril e maio de 2022 da revista “Aurora da Rua”, da Comunidade da Trindade.

Entregar papel para que os integrantes da oficina experimentem escrever seus sentimentos e/ou memórias que surgiram durante a oficina;

A sugestão é que formemos equipes, trios ou duplas para leitura dos textos da revista que pode ser acessada no hiperhiperlink [\*aqui\*](#).

Quem quiser pode socializar o texto produzido e, se aceitarem, sugere-se expor os textos em varal na sala ou no espaço da realização da oficina.

Fazer leituras em voz alta de poemas e outros textos da revista;



## Sobre a Revista Aurora da Rua



### Postagem da Revista "Aurora a Rua", jul 2023.

A comunidade da Trindade, instalada na Igreja da Santíssima Trindade, em Água de Meninos, descendo a Ladeira Da Água Brusca (via de acesso do Barbalho à Cidade Baixa) acolhe pessoas em situação de rua. O projeto, que já existe há mais de 20 anos, criou possibilidades de geração de renda e de expressão literária por meio da revista. O projeto beneficia ex-moradores de rua, que vendem a publicação. Além da comercialização, os vendedores participam de todo o processo de edição e distribuição da revista, desde a reunião de pauta para a produção do conteúdo jornalístico. Para saber mais sobre a revista "Aurora da Rua" acesse o perfil da Revista no Instagram: [instagram.com/auroradaruaoficial](https://www.instagram.com/auroradaruaoficial).

O Projeto funciona em parceria com outras ações que visam atender pessoas em situação de vulnerabilidade, como o Projeto Levanta e Anda, que pode ser melhor conhecido no texto [aqui](#).

## ETAPA 06: Avaliando nossa oficina

- Como foi ou está sendo dialogar sobre literatura?
- Em que acertamos e em que erramos na preparação e vivência dessa oficina?



Mapa  
Cultural  
IFBA



COLETÂNEA

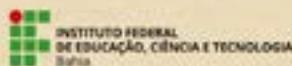
# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos do Carnaval

Volume 08



**Autoria:**

Catiane Rocha Passos de Souza

Mirella Rodrigues da Cruz

Maria Lucileide Mota Lima

**Revisora do Volume 08:**

Marijane de Oliveira Correia

**Assessoria Técnica, Designe Gráfico, Diagramação e Ilustração:**

Dango Costa

**Ilustração da capa:**

Maira Moura Miranda



# OFICINA 08:

## Caminhos do Carnaval

### OBJETIVOS:

Conhecer os principais agentes promotores do carnaval que acontece no Bairro Santo Antônio Além do Carmo, destacando as características que distinguem esse carnaval daquele que acontece no restante da cidade, além disso tratar da diversidade de manifestações carnavalescas presentes e oriundas na região dos bairros do entorno do IFBA Campus Salvador.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Estudantes do IFBA e de qualquer escola/instituição de Salvador, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA Campus Salvador; artistas, produtores e agentes culturais em geral.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

2 aulas (100 minutos).

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

**Notebook, data show**, caixa de som, rede de internet, cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz.

## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta Coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade, bem como esclarecer sobre a origem da Série de vídeos curtas documentários **Caminhos Culturais do entorno do IFBA** do Projeto [Mapa Cultural IFBA](#) como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta Coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da Série, que pode ser acessado no [hiperlink aqui](#), com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- 📍 Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- 📍 Há algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- 📍 Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.

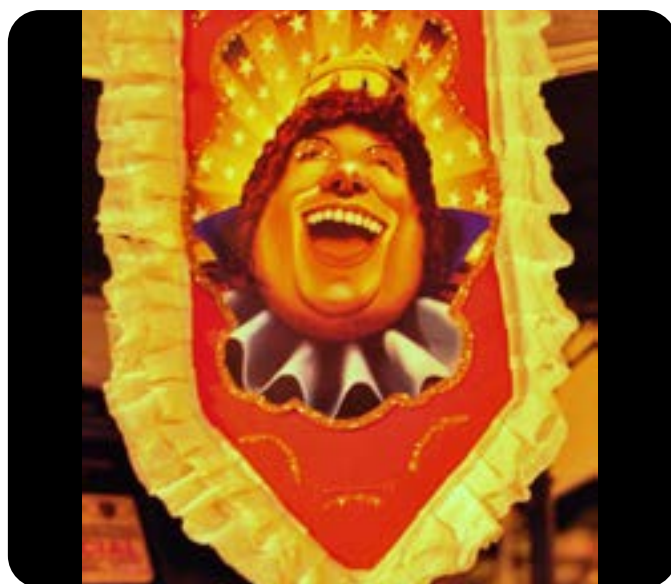
## a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA

Essa etapa se desenvolve através do acolhimento, trazendo questões como ponto de partida inicial:

📍 Vocês têm vivências de carnaval?

📍 Participam da festa? De que modo?

📍 Qual a importância do carnaval na sociedade?



**Foto de Pablo Florentino**

### Nas trilhas do conhecimento 01:

#### História do carnaval

O Carnaval surge na Idade Média quando poderia se prolongar por meses a fio, no entanto, alguns elementos da festa têm origem na antiguidade e estabelecem relação direta com o Cristianismo. Os elementos mais antigos foram herdados de celebrações de diferentes povos, como os mesopotâmicos, gregos e romanos. A ideia que marcava no Carnaval medieval era a do “mundo de cabeça para baixo”, isto é, um mundo no qual a ordem das coisas foi invertida temporariamente, sendo essa característica encontrada em uma festa mesopotâmica. Gregos e romanos

realizavam festas em homenagem a Dionísio (Baco, para os romanos), e essas festas promoviam bebedeiras e outros prazeres carnavais. A igreja buscou controlar, dar um novo tom as celebrações carnavalescas, visto que as festas beiravam os exageros e extravagâncias, algo visto como pecaminoso e inadequado pela Igreja, com isso, no decorrer da Idade Média, a mesma determina a Quaresma, período em que os fiéis aguardam a Semana Santa com 40 dias de antecedência e devem aderir à prática do jejum. Esses 40 dias tiveram êxito no quesito de controlar, de certa forma, as atividades intempestivas que a festa estimulava, com isso, a festa passou a ocorrer logo após o Natal e anteceder a Quaresma, sempre muito regada a bebidas, carne, sendo esse alimento colocado em destaque, já que a maioria da população não tinha acesso a ele por seu elevado custo, a festa também era acompanhada de zombarias públicas e peças de teatro.

O Carnaval se estabeleceu no Brasil no decorrer do período colonial. A festa se estabeleceu com diversas brincadeiras ao longo do século XIX, sendo o entrudo a de maior destaque. Essa atividade foi possivelmente herdada e disseminada no Brasil com o auxílio dos portugueses quando passaram pela Índia, e era realizada em grupo, esses grupos que jogavam nas pessoas ovos e bolas de cera cheias de água (limões de cheiro), porém, em meados do século XIX essa brincadeira foi criminalizada, de maneira principal, pela pressão da imprensa. Após a repressão do entrudo, o carnaval tomou outro formato, a elite do Império criava bailes de carnaval em clubes e teatros, com isso, agora, no início do século XX, danças e ritmos passaram a compor a festa.

Em 1930, o Carnaval se transformou em uma das celebrações mais importantes do

Brasil, quando falamos em festa popular. Atualmente conta com blocos de rua que ocorrem nas principais cidades do nosso país, além dos desfiles de escolas de samba.

O Carnaval brasileiro ganhou notoriedade por ser a maior festa móvel, sendo destacada a capital baiana, Salvador, por está no **Guinness Book** como a maior festa de rua do mundo, tendo sua data determinada pelos fatores que demarcam a data da Páscoa.

Fonte: Origem do carnaval, hiperlink [aqui](#), acesso em 22 out 2023.



## b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

### ETAPA 01

Assistir ao curta documentário Caminhos do Carnaval ([acesse aqui](#)) e a partir dele conhecer de forma mais profunda as práticas ligadas ao carnaval que envolve o entorno do IFBA Campus Salvador e como essas práticas possuem uma importância não só pela dimensão cultural, mas também pela relação com as questões que permeiam as lutas identitárias.

### ETAPA 02

Coletar as impressões que o grupo obteve ao assistir o curta-documentário anotando palavras. Em caso de acesso à internet e a aparelhos com acesso à rede, pode-se criar nuvem de palavras online, organizando de maneira interativa com o público, com o objetivo de fortalecer a autonomia do mesmo.



💡 Já estiveram em contato com o carnaval que ocorre nos bairros do perímetro: Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo?

💡 Vocês conseguem notar diferenças entre o carnaval que ocorre nesses bairros e o que ocorre nos circuitos mais visitados, como Barra-Ondina?

Desenvolver uma escuta ativa com os participantes, depois construir novos questionamentos relevantes com os mesmos.

Após, podemos apresentar a história e importância do carnaval nos bairros, a perspectiva do afoxé, o desenvolvimento do Maracatu no Santo Antônio Além do Carmo e explicar porque é necessária a preservação dessas práticas.

## ETAPA 03

Exibir o mapa de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar o Mapa do Caminhos do Carnaval no hiperlink [aqui](#).

## ETAPA 04

Aprofundar o conhecimento sobre agentes, produtores e projetos apresentados referentes ao carnaval no perímetro apresentado, mostrando um carnaval no qual há características de luta e resistência. Além das informações a seguir, veja os materiais dos pontos do Mapa online do [Portal Mapa Cultural IFBA](#) relacionados ao carnaval.

## Nas Trilhas do Conhecimento

### BLOCO DE HOJE A OITO

#### Vocês conhecem a origem do bloco Dhja8?

O BLOCO DE HOJE A OITO surgiu em 2011, no Santo Antônio Além do Carmo, com o desejo de viver um carnaval diferente do que se via em Salvador no que se entende por “circuito oficial”. Ao longo dos anos, o bloco fortaleceu e construiu um carnaval sem cordas, gratuito, na rua, com espaço para todos, valorizando as diversidades, com todo mundo fantasiado, incluindo crianças, idosos e toda a comunidade local. Como bloco de samba, durante todos esses anos, fizeram pesquisas sobre o Samba e sobre o carnaval antigo da Bahia, homenageando, por exemplo, as Escolas de Samba da cidade de Salvador, os Blocos de Índio, o Recôncavo e sambistas como Ederaldo Gentil, Guiga de Ogum, Riachão e, em 2023, Flávio Oliveira, artista e produtor cultural do bairro que faleceu de Covid 19.



**Foto da saída do Bloco DHa8 em 2023**

No documentário, o representante do bloco De Hoje a Oito, Everton Marco, fala sobre como o bloco se difere de uma simples festa, que se separa da estética do carnaval comercial com trios elétricos e abadás, revitalizando os movimentos culturais presentes no bairro do Santo Antônio Além do Carmo.

## 1. Nascimento do Dhja8

### Entrevista de Everton Marco músico e designer

“De hoje a oito surgiu no momento que o carnaval estava muito complexo, assim né! Lá se vão quase uns 15 ou 11 anos talvez que saímos...com a pandemia eu me confundi um pouco, mas a gente tem dois anos que não sai. Paramos no oitavo.

Então, movidos com alguns amigos, nós já fazíamos aulas e tal, estudava o samba, pesquisando o carnaval e vimos que a gente não se identificava com o carnaval que estava sendo feito, carnaval de trios elétricos, abadás e

cordas. Essa coisa muito comercial, de dinheiro para brincar e para curtir e se não tiver você não brinca né? Então, tipo assim, vamos fazer o nosso carnaval né? Voltar os carnavais de rua, fazer coisas aqui no bairro, o bairro já é legal né?

Não tinha tanto movimento, assim, cultural. Na verdade, o bairro sempre teve movimentos culturais, é um histórico do Santo Antônio, mas não tinha nada assim que criasse uma coisa tão envolvente, comunitária, eram sempre coisas muito miúdas assim. Então, tem blocos que são mais antigos até que o “De hoje a oito” lá no Santo Antônio, porém eles ficam restritos aos amigos, vestem camisas, botam os cordões e saem na rua, então é meio estranho né? Não precisa cordão, não é? Eu acho que não precisa disso. E a gente foi brincando, construindo isso com muita cautela e com muita alegria assim e com muita vontade de fazer um carnaval diferente.

O nosso processo de resistir está dentro disso. De manter o bloco no bairro, manter o bloco atuando na medida do possível né? Que também são pessoas, uma parte já viajou...o bloco vai indo, vai entrando, vai saindo gente e a resistência de tentar impor um jeito de fazer uma festa, um jeito de fazer um carnaval, um jeito de fazer as coisas e mostrar ali pra comunidade e para quem quer fazer, principalmente para a comunidade, mostrar pra elas quando a gente faz a festa porque aí dá pra comunidade saber quando é que eles não vão querer a festa, quando é que vai sair a festa diferente. Por que a nossa festa é diferente? Por que a outra festa é diferente?

A gente meio que começa educando os foliões, pede licença, a gente pede licença ao bairro, pede licença aos antigos, avisa a todo mundo que a gente está saindo. Vai todo mundo proteger o outro, a gente tem isso. Então, eu acho que tem o cuidado assim, não é só sair com o carro de som e fazer festa porque o som mexe com a gente de várias maneiras

né? Então, o som está ali e balança você, mas se você não tiver sido orientado é quase um ritual, se você for pensar o carnaval quanto ritual de coletividade maravilhoso que é.

É isso, se o cara fala tira o pé do chão, todo mundo vai tirar. Se o cara falar 'Bate!', vai bater. Você entende? Então, por que não falar coisas bacanas para que as coisas aconteçam de maneira fluida e bonita? Eu acho que tem dado certo porque a gente não teve nenhuma ocorrência esses anos todos que a gente fez, nenhuma cena de violência, nenhuma! Eu acho isso uma dádiva.

O melhor, e quando a gente gosta mesmo, é quando a gente passa nas ruas, muitas ruas apertadinhas e os moradores eles abrem as janelas, às vezes você não vê a janela aberta o ano inteiro porque passa ônibus, é muita poeira e o pessoal fecha, mas quando a gente passa abre janela, se fantaseia. Isso foi com o tempo, no primeiro ano não foi assim, no segundo a gente já foi...a gente passa panfletos nas ruas, avisando às pessoas, todo

mundo...todo bairro a gente passa panfleto por debaixo da porta para todo mundo. Avisando se é possível tirar o carro porque a rua é apertada. Então, assim, são uma série de cuidados que a gente foi juntado para hoje termos uma lista imensa para que a coisa aconteça assim."



**Carnaval 2023: Santo Antônio Além do Carmo**

## Nas Trilhas do Conhecimento ENTRECAMINHOS DO CARNAVAL

No vídeo, o entrevistado fala do processo de resistência do carnaval como uma atividade comunitária e de respeito à população do bairro. Essa preocupação deve-se ao fato do bairro Santo Antônio Além do Carmos estar passando por processos de transformações, desde a presença constante de shows e festas que atraem a presença de muitos visitantes à gentrificação a partir dos anos 90, com aceleração maior nos últimos anos. Para compreender e aprofundar o debate em relação aos processos que norteiam as manifestações culturais enquanto ferramentas de desarticulação da especulação imobiliária e o fortalecimento da cultura popular em contrapartida a fenômenos cíclicos do capitalismo, como a gentrificação, se faz relevante a leitura do artigo: **Entrecaminhos do carnaval: a folia como resistência à gentrificação no Santo Antônio Além do Carmo**, escrito e publicado pela equipe do Mapa Cultural IFBA. Leia mais no [hiperlink](#).

## 1. Vem mais bloco aí, gente!

Além do Bloco de Hoje a Oito, outros grupos carnavalescos são tradicionais no Bairro, como o **Bloco Rodante** que desfilou pela primeira vez em 2008. Os fundadores do Bloco, o casal Ademir Souza e Dora Souza que são proprietários do Restaurante D'Veneta, juntam amigos, familiares e moradores da região e desfilam acompanhados por uma charanga que interpreta clássicos do Carnaval baiano, o Rodante desfila anualmente pelas ruas do Carmo, com um público heterogêneo, formado por gente de todas as idades.



**Foto de Pablo Florentino,  
Bloco Urso da Meia Noite**

Outros blocos do carnaval no Bairro Santo Antônio Além do Carmo Bloco são: **Bloco Urso da Meia Noite**, criado em 2017 por Flávio Oliveira, influente produtor cultural no bairro que faleceu de Covid19; Bloco Bendito Seja Carnaval; Bloco Segura & Ataca; Bloco Rolinha Preguiçosa e outros. Além dos citados, há blocos que tiveram sua origem no Bairro Santo Antônio Além do Carmo ou que surgiram em outros lugares e se estabeleceram no Bairro:

O **Bloco Gravata Doida** é um bloco de fanfarra que desde os anos 2000 atrai centenas de pessoas para as ruas do Santo Antônio Além do Carmo. Nasceu do encontro de um grupo

de amigos que passava o ano todo no escritório e que resolveu curtir o carnaval vestidos apenas de bermuda e gravata. Até hoje é assim, os homens saem de bermuda e gravatão e as mulheres saem de camisa do bloco e adereços, o bloco atualmente passou a desfilar nos circuitos do carnaval tradicional da cidade.

O **Bloco Tambores do Mundo** surgiu do Grupo de Intercâmbio Musical Tambores do Mundo (TM) do Curuzu - Liberdade, fundado em 2008, com o objetivo de estabelecer intercâmbio musical-percussivo entre os variados grupos e estilos que executam a música percussiva afro-baiana pelos cinco continentes. Nos últimos anos, os workshops de percussão e dança aconteceram no Forte do Santo Antônio Além do Carmo, de onde o Bloco sai para o percurso do Pelourinho. Durante todo o ano, o grupo viaja pela Europa e América promovendo workshops de percussão e dança afro-baiana. No carnaval, cerca de 200 turistas oriundos destes locais (muitos deles alunos já capacitados), integram o Bloco.

O **Bloco Os Corujas** nasceu em 1963, após um grupo de jovens desistir do bloco "Os Internacionais". Eles se reuniram na Igreja do Boqueirão, no bairro do Santo Antônio, e decidiram criar outro bloco. No começo, o Coruja desfilou com fantasias, depois passou para as mortaldas, que foram substituídas pelos abadás. O Clube dos Corujas foi abreviado com o tempo, virando só Os Corujas e, depois, Corujas, atualmente Coruja. Com grande fama nos percursos do Carnaval oficial, o bloco em nada representa seu início no Bairro Santo Antônio Além do Carmo.



# Nas Trilhas do Conhecimento

## A CARNAVALIZAÇÃO NO BAIRRO SANTO ANTÔNIO ALÉM DO CARMO

### 1. Conceito de carnavalização:

Texto retirado de: Carnavalização, E-Dicionário de termos literários, acesso em 14/12/23, no [hiperlink](#).

Conceito de carnavalização: “No livro *A Obra de François Rabelais e a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* (escrito em 1940 e publicado em 1965), Mikhail Bakhtin desenvolve uma inovadora teoria da cultura popular e da sua apropriação pela literatura, baseada nos conceitos de carnaval e carnavalização. Carnaval não se refere aqui apenas ao período antes da Quaresma e centrado no *Mardi gras* ou *Fastnacht*, que continua a ser celebrado nas sociedades contemporâneas, mas compreende determinadas festividades que, durante a Idade Média e o Renascimento, decorriam também noutros momentos do ano associados a comemorações sagradas, como o *Corpus Christi*, e chegavam a totalizar cerca de três meses. As suas origens remontam certamente aos cultos dos mortos e rituais propiciatórios e celebratórios de comunidades agrícolas primitivas que ocorriam durante o tempo das sementeiras e das colheitas, as figuras há muito estudadas pelos antropólogos, como o bode expiatório e o rei sacrificial, e em particular às festas em honra do deus Saturno, que na Roma antiga tinham lugar em Dezembro e eram conhecidas como as Saturnalia. À semelhança do ‘mundo às avessas’ do Carnaval, no tempo em que duravam as *Saturnalia* vivia-se quotidianamente a inversão da ordem social normal: os escravos tomavam o lugar dos senhores e entregavam-se a toda a espécie de prazeres habitualmente proibidos, numa imitação simbólica do reinado de Saturno, a Idade de Ouro, da felicidade e abundância reproduzida na utopia medieval e renascentista do País de Cocanha ou *Schlaraffenland*.”

#### 1.1 A carnavalização no Santo Antônio

A carnavalização do bairro Santo Antônio Além do Carmo ultrapassa o período e os festejos do carnaval, vem categorizando o território como propício às atividades noturnas e de fins de semana. Nos últimos anos, concentram-se no bairro restaurantes, bares, pubs, casas de shows etc que funcionam ao longo de todo ano. Além disso, tornou-se comum, nas ruas do bairro, os desfiles de bloquinhos, grupos musicais, grupos de samba, dentre outras intervenções artísticas, garantindo ao bairro uma atmosfera de passarela disponível às manifestações festivas.



**Processo de Carnavalização do Santo Antônio Além do Carmo**

Para saber mais sobre a repercussão das festas no bairro Santo Antônio Além do Carmo, acesse a pasta do nosso drive [aqui](#) com várias notícias sobre isso.

## Nas Trilhas do Conhecimento

# DOS RITMOS NO/DO CARNAVAL

No período do carnaval tradicional da cidade, o bairro da Lapinha também se agita, principalmente porque integra o percurso que interliga a região da Liberdade ao centro da cidade. Vale destacar que, na Liberdade, há mais de 45 anos, acontece o desfile do Ilê Aiyê, um dos mais importantes blocos afros da Bahia.

O desfile do bloco afro sai tradicionalmente da Senzala do Barro Preto no Curuzu até o Plano Inclinado, perto da Lapinha, o que gera na comunidade da Lapinha o impacto de foliões que circulam no seu território ao encontro do Ilê Aiyê. Por conta desse desfile tradicional, o Conselho Municipal do Carnaval e Outras Festas Populares (Comcar) oficializou, em 2019, o percurso Mãe Hilda de Jitolu, no bairro da Liberdade, como Circuito do Carnaval de Salvador. Mãe Hilda é uma das mais importantes ialorixás do Brasil, é mãe de Antônio Carlos dos Santos Vovô, Presidente fundador do Bloco Ilê Aiyê – que é o primeiro Bloco Afro do Brasil.



### 1. Afoxé: é no toque do agogô

**Vocês sabiam que Salvador é o berço do Afoxé?**

Texto retirado de: História do Afoxé Filhos de Gandhi, hiperlink [aqui](#), acesso em 22 out 2023.

“O Afoxé é um ritmo musical e um grupo cultural afro-brasileiro que surgiu em Salvador no final do século XIX. Ele tem origem nas religiões africanas trazidas pelos escravos para o Brasil, como o candomblé e a umbanda. O nome “Afoxé” vem da palavra

iorubá *àsefé*, que significa “sangue bom”.

Inicialmente, os grupos de Afoxé eram formados por negros escravizados que se reuniam para celebrar suas crenças e tradições. Com o passar do tempo, eles se tornaram uma forma de resistência cultural e uma maneira de preservar as raízes africanas no Brasil. O Afoxé tem um papel fundamental na cultura baiana e no Carnaval de Salvador. Ele representa a luta contra a discriminação racial e a valorização das raízes africanas no Brasil. Além disso, os desfiles de Afoxé são uma forma de promover a inclusão social e a diversidade cultural.

Os grupos de Afoxé são compostos por pessoas de diferentes idades, classes sociais e origens étnicas. Eles se unem em torno da música, da dança e das tradições afro-brasileiras para celebrar a cultura negra e lutar contra o racismo.”

## 2. Maracatu: a diversidade cultural



### Vocês sabem o que é Maracatu?

Textos (2., 2.1 e 2.2) retirados de: Governo do Estado de Pernambuco, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), hiperlink [aqui](#), acesso em 22 out 2023.

“O Maracatu é um dos ritmos populares mais importantes do Nordeste. Surgiu em meados de XVIII no estado de Pernambuco durante o período em que pessoas negras ainda eram escravizadas. É um movimento da cultura popular que envolve música, dança e história - além de figurinos extravagantes, que remetem à cultura africana, indígena e portuguesa.

Desde 2018, foi instituído pela Câmara dos Deputados o dia 1º de agosto como Dia Nacional do Maracatu. A data comemorativa já é celebrada em Pernambuco desde 1997 em homenagem ao nascimento do Mestre Luiz de França, que comandou o Maracatu Leão Coroado por 40 anos. Ao tornar a data nacional, o objetivo é fortalecer os elementos desta manifestação cultural presente em quase todos os estados brasileiros.

Você sabe como é formado o maracatu pernambucano? Existem duas diferentes formas de celebrar: o Maracatu Nação e o Maracatu Rural, ambos com características muito próprias, que diferem tanto nos personagens, quanto na estética e musicalidade.”



### 2.1 Maracatu Rural

“Celebrado durante o Carnaval e o período de Páscoa, o Maracatu Rural - também conhecido como Maracatu de Baque Solto - tem como personagem central o Caboclo de Lança. As primeiras brincadeiras aconteciam em engenhos, tocadas por trabalhadores rurais no final do século XIX. A tradição é forte por toda Zona da Mata Norte de Pernambuco e configura-se numa fusão de diversos folguedos populares das áreas canavieiras no interior do Estado como o Pastoril, o Bumba-Meu-Boi e o Reisado. Nas apresentações, o instrumental da brincadeira é comandado pelo mestre que entoa loas, sambas e galope acompanhados do terno (orquestras de sopro e percussão).”

### 2.2 Maracatu Nação

“Conhecido também como Maracatu de Baque Virado, esta manifestação cultural é composta por grupos musicais percussivos que se concentram nas comunidades de bairros periféricos da cidade do Recife. Os conjuntos apresentam-se em um cortejo real, em trajes de seda, veludos, bordados e com pedrarias, que desfilam nas ruas evocando as antigas coroações de reis e rainhas do Congo africano. A celebração faz parte dos festejos carnavalescos. À frente do cortejo vem o Porta-Estandarte e logo atrás segue a Dama do Paço, que conduz a Calunga - uma protetora ligada ao Candomblé, religião de origem africana. Já a orquestra é composta de caixas, taróis, gonguês e alfaias (tambores confeccionados com madeira).”

### 3. Maracatu Santo Antônio e Musotto

O Maracatu Santo Antônio é originário do trabalho de Ramiro Gonzalo, percussionista argentino-espanhol, que veio ao Brasil estudar a música brasileira com Ramiro Musotto. Gonzalo estudou no Maracatu Brasil do Rio de Janeiro, escola onde Musotto era docente. Em 2007 morou em Salvador onde realizou oficinas de maracatu, nascendo assim o Grupo. As oficinas eram realizadas no Santo Antônio Além do Carmo. Pelo Maracatu Santo Antônio já passaram muitos integrantes, de diversas partes do Brasil e do Mundo, e essa tem sido a tônica do grupo desde sempre, agregar pessoas em torno da música, independente de diferenças culturais. O repertório aborda principalmente, as músicas tradicionais das nações de maracatu de Recife: Leão Coroado, Estrela Brilhante, Porto Rico, entre outras.

Atualmente, em Salvador, existem mais dois grupos de Maracatu: Maracatu Ventos de Ouro: grupo feminino de Maracatu de Baque Virado, do Campo Grande-Canela, Bando Cumatê: coletivo autônomo de Maracatu formado na comunidade de São Lázaro.



De onde surgem os Sambas-enredo dos carnavais dos bairros?

Texto Retirado de: SOARES, Rafael. Os batuqueiros e as primeiras escolas de samba da Cidade do Salvador.

Hiperlink [aqui](#). acesso em 2 out 2023.

“Inicialmente, pontuamos o contexto e alguns dos elementos básicos relevantes no surgimento das escolas no carnaval. Em “Batuques, batuqueiros e a Ritmistas do Samba”, apresentamos os carnavais dos bairros e das localidades da capital baiana como importantes para o desenvolvimento das escolas, uma vez que os homens negros das batucadas — que há muito já usavam o samba, a percussão e letras autorais como formas de diversão — experimentaram o formato de escolas de samba, sinalizamos a criação da primeira escola de samba da cidade e, a partir das fontes, diferenciamos o modelo das escolas de samba dos demais grupos. (...)”

Nos bairros, desde as primeiras décadas do século XX, o costume carnavalesco prezava pela construção de grupos de festividade mais percussivos feitos de barrica com couro de jibóia, cujos participantes visitavam bairros trajando fantasias simples, cantando e tocando. Além das batucadas, forma mais comum de diversão popular carnavalesca, havia as charangas, e os instrumentos da fanfarra, de percussão e de sopro também tinham certa popularidade.”



Foto Maracatu Santo Antônio, 2012. Retirada de :<https://festival2dejulho.blogspot.com/2012/06/maracatu-santo-antonio.html>. Acesso em 15 de jun 2025.



## ETAPA 05:

### Prática - para realizar em sala de aula

#### Proposta 1 -

Vivências de carnaval: se fantasiar e/ou se pintar para o carnaval, escolher músicas, usar instrumentos, construir cartazes e simular o bloco na rua com saída no perímetro onde a oficina é realizada. Levar um carrinho com caixa de som para o percurso.



#### Proposta 2 -

Confecção de máscara carnavalesca de papel, de tecido, de atadura gessada etc.

## Nas Trilhas do Conhecimento

### SIGNIFICADO DAS MÁSCARAS E ALEGORIAS NA HISTÓRIA DO CARNAVAL

Texto retirado de: Editora do Brasil, hiperlink [aqui](#), acesso em 22 out 2023.

“As máscaras são elementos muito anteriores à consolidação do carnaval como uma festa popular. Ao longo da humanidade, o utensílio foi amplamente usado para representar divindades, seres sobrenaturais ou antepassados, sendo item fundamental em diversos rituais e celebrações religiosas.

Com o tempo, essa finalidade dá espaço para o uso nas artes: é na Grécia antiga, por exemplo, no século V a.C., que ela começa a ser utilizada em peças teatrais.

Nesse contexto, as máscaras passaram a servir de reforço das emoções que o espectador deveria reconhecer no ator, ainda que estivesse muito longe do palco. É aí que nasce o símbolo do teatro até os dias atuais: duas máscaras gregas, uma triste, e outra alegre – ambas exageradas, com traços bem marcados e expressivos.

Mais do que isso, as máscaras também eram usadas como forma de substituir o

papel feminino: na Grécia Antiga, mulheres não eram consideradas cidadãs, sendo limitadas aos afazeres domésticos. Assim, ao lado de perucas, as máscaras davam vida à Jocasta, Clitemnestra, Electra e tantas outras personagens femininas do drama grego, interpretadas por homens.

Os povos da Grécia antiga são o exemplo mais clássico do uso de máscaras na antiguidade, o que não significa que seja o único. Não devemos esquecer, também, que por muito tempo elas foram utilizadas com um sentido completamente inverso a festividades em outras regiões: no Egito, por exemplo, a máscara era um dos

adornos que acompanhavam os corpos dos faraós em seus sarcófagos, como forma de proteção e preparo para o mundo divino. O mesmo uso também aconteceu na própria Grécia, junto ao costume de se colocar duas moedas de ouro, uma em cada olho, para que a alma possa pagar, no mundo dos mortos, a passagem de barco pelo Rio Estige até o mundo inferior.

Do teatro grego ao luto, as máscaras transitaram em diversas culturas com diversos significados. É apenas em Veneza, na Itália, que ela passa a ser considerada um adereço para o carnaval em si.

A origem desse uso remete, novamente, ao teatro. O que hoje conhecemos como máscaras venezianas, famosas pela exuberância, nasce com os famosos Pierrot, Colombina e Arlequim, personagens da **Commedia dell'Arte**, gênero popular de teatro surgido justamente Itália, no século XVI. A popularização desses personagens, livres de moral, aliada ao fato das máscaras cobrirem todo o rosto, logo se tornou uma forma dos próprios cidadãos se esconderem no anonimato.

Assim, os bailes de máscara se caracterizavam como momentos onde as pessoas se livravam das amarras sociais, constituindo um ambiente de liberdade e transgressão: não se sabe quem é rico, pobre, homem ou mulher.

Os anos transformaram a festa, mas as máscaras sobreviveram: a tradição dos bailes de máscara se estende ao longo dos séculos e, em contato com outras culturas, se converte no que hoje já compreendemos como carnaval.”

### Proposta 3 -

Construir um painel com imagens selecionadas do acervo do projeto, diretamente ligadas aos caminhos do carnaval. O público participante pode também trazer imagens e registros do carnaval no perímetro, se houver. Colocar o título “Outros carnavais”.



## ETAPA 06: Avaliando nossa oficina

- 💡 Como foi ou está sendo dialogar sobre o carnaval?
- 💡 Em que acertamos e em que erramos na preparação e vivência dessa oficina?
- 💡 Qual a sua percepção do Carnaval, agora ao final da oficina?



Mapa  
Cultural  
IFBA

COLETÂNEA

*isise*

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos da Educação

Volume 09



**Autoria:**

Catiane Rocha Passos de Souza  
Solange Maria de Souza Moura  
Maria Lucileide Mota Lima  
Mirella Rodrigues da Cruz

**Revisão do Volume 09:**

Solange Santos Santana

**Assessoria Técnica, Designer Gráfico, Diagramação e Ilustrações:**

Dango Costa

**Ilustrações Capa:**

Maíra Moura Miranda



# OFICINA 09:

## Caminhos da Educação

### OBJETIVOS:

Refletir sobre os caminhos da educação decolonial a partir de instituições nos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo; Evidenciar rupturas da educação religiosa feminina; Destacar as atuações do IFBA, do ICEIA, de escolas, do Espaço Humanidades Ossos 21, do Instituto Steve Biko, de educadoras e educadores na construção da decolonialidade.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Docentes, técnicos e estudantes do IFBA, preferencialmente dos cursos de formação docente e técnicos da Depae; pessoas de qualquer escola/instituição de Salvador, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA, Campus Salvador; artistas, produtores e agentes culturais em geral.

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

2 aulas (100 minutos) em sala e 2 aulas (100 minutos) para prática (expedição).

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

**Notebook, datashow**, caixadesom, rede de internet, cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz.

## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta Coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade, bem como esclarecer sobre a origem da Série de vídeos curtas documentários **Caminhos Culturais do entorno do IFBA** do Projeto [Mapa Cultural IFBA](#) como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta Coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da Série, que pode ser acessado no [hiperlink aqui](#), com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- Há algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.

## a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA

Essa etapa se desenvolve a partir de uma questão inicial:

Além do histórico de educação colonial, vocês sabem que nos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo há iniciativas que buscam a construção de uma Educação Decolonial?!

Aguardar respostas. Em seguida, outras perguntas:

O que compreendemos por Educação Decolonial?

O que diferencia a Educação Decolonial da Tradicional?

Ouvir as respostas e depois usar informações dos textos “Nas Trilhas do Conhecimento 01”.



# Nas trilhas do conhecimento 01:

## **SOBRE EDUCAÇÃO DECOLONIAL**

### **O que compreendemos?**

Nesta oficina, compreendemos que a noção de Educação Decolonial propõe a construção de uma educação pautada nos saberes e conhecimentos dos povos tradicionais que foram historicamente subalternizados numa visão de mundo eurocêntrica com “práticas epistemicidas”.

“Portanto, são questões atuais em que há a movimentação de discursos múltiplos, superando narrativas únicas e universalistas, levando pesquisadores aos caminhos em que advogam que os campos insurgentes possam trazer contribuições em termos teóricos e metodológicos na tentativa de decolonizar a historiografia da História da Educação, os saberes, os currículos e toda uma estrutura construída em torno de múltiplas exclusões e silenciamentos. Existe, assim, um potencial de reinterpretação de dados históricos e educacionais (NERY; DIAS, 2020), gerando a construção e reconstrução de novas leituras das realidades no âmbito da colonialidade.”

Texto retirado de: PRADO, Kelvin. Educação e prática decolonial: uma ferramenta político-pedagógica, (2021). Hiperlink [aqui](#), acesso em 16 jul 2023.

## **Decolonialidade e Interculturalidade**

Texto retirado de: OLIVEIRA, Luiz Fernandes. CANDAU, Vera Maria F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil, 2010. hiperlink [aqui](#), acesso em 16 jul 2023

“É um conceito carregado de sentido pelos movimentos sociais indígenas latino-americanos e que questiona a colonialidade do poder, do saber e do ser. Enfim, ele também denota outras formas de pensar e se posicionar a partir da diferença colonial, na perspectiva de um mundo mais justo.

É nesse sentido que a interculturalidade não é compreendida somente como um conceito ou termo novo para referir-se ao simples contato entre o ocidente e outras civilizações, mas como algo inserido numa configuração conceitual que propõe um giro epistêmico capaz de produzir novos conhecimentos e outra compreensão simbólica do mundo, sem perder de vista a colonialidade do poder, do saber e do ser. A interculturalidade concebida nessa perspectiva representa a construção de um novo espaço epistemológico que inclui os conhecimentos subalternizados e os ocidentais, numa relação tensa, crítica e mais igualitária.”



## Decolonial e Colonial

“O decolonial seria a contraposição à ‘colonialidade’, enquanto o descolonial seria uma contraposição ao ‘colonialismo’, já que o termo descolonización é utilizado para se referir ao processo histórico de ascensão dos Estados-nação após terem fim as administrações coloniais, como o fazem Castro Gómez e Grosfoguel (2007) e Walsh (2009)”.

**Fonte:** Notas sobre obediência: Decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência (2018), de Vivian Martins, hiperlink [aqui](#), acesso em 16 jul 2023.

Ouvir e, na medida do possível, registrar os comentários após leituras dos trechos acima.



**Detalhe da Pintura de Stael Kyanda Machado, técnica mista.**

## b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

### ETAPA 01

Assistir ao [curta documentário Caminhos da Educação](#) (Duração: 13 min).

### ETAPA 02

Coletar as impressões que o grupo obteve ao assistir ao curta-documentário.

### ETAPA 03

Exibir o mapa de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar [aqui](#) o Mapa do Caminho da Educação.

### ETAPA 04

Aprofundar o conhecimento sobre agentes e projetos apresentados no vídeo. Para isso, apresentaremos os itens a seguir, oriundos de materiais dos pontos do Mapa online do [Portal Mapa Cultural IFBA](#).

## Nas Trilhas do Conhecimento

# EDUCAÇÃO DA COLONIALIDADE: CONVENTOS, SUAS RUPTURAS E CONTINUIDADES

Os caminhos da educação dos bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo seguem a trilha da decolonialidade para desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostas durante séculos. Os espaços e iniciativas apresentados fazem da educação uma bandeira de justiça social e resistência. As instituições de reclusões femininas disseminavam uma educação conservadora pautada no catolicismo, eram centro de um modelo de feminilidade para a manutenção das desigualdades civis entre homens e mulheres. Esses educandários eram mecanismos de controle sobre a honestidade e a moral femininas. No currículo, o ensino da leitura e da escrita eram ministrados ao lado da música e dos trabalhos domésticos.



**Um olhar pela janela da sede do Instituto Steve Biko- Bairro santo Antônio Além do Carmo.**

## 1. Educação colonial

### Convento dos Perdões (1723)

Ler histórico sobre o Convento. Para isso, sugerimos o texto do [hiperlink](#). Destacar a transformação do Recolhimento para Educandário e Escola Normal (1909), com bastante influência na sociedade soteropolitana, e o fim da Escola em 1943, devido ao processo denominado “Episódio dos Perdões”.

Para saber mais sobre o Episódio, sugerimos ver a pesquisa de Patrícia Mota Sena (UFBA), [O Episódio dos Perdões e a Restauração Católica](#) (2005). Acesso em 16 jul 2023

### 1.1 O Brasil colônia e a educação feminina



**Detalhe interior do Convento dos Perdões.**

Texto retirado de: RAMALHO, Simone Maria **Educação feminina no Convento dos Perdões**, de Simone Maria Ramalho, no site História da Bahia III.

“No Brasil colonial a educação feminina ficou geralmente restrita aos cuidados domésticos e maternos. A maioria das mulheres vivia em conformidade com as normas sociais vigentes, as insubmissões eram exceções e esses casos reprovados pela grande parte que se submetia ao poder patriarcal. O destino da mulher de elite era traçado pelo

chefe de família. As filhas poderiam casar mediante dote entregue ao noivo, outras se conservavam solteiras, ou ingressavam nos conventos de freiras ou recolhimentos. Nesses locais elas passaram a ser educadas, e o ensino da leitura e da escrita era ministrado ao lado da música e dos trabalhos domésticos”.

Para ler todo artigo acesse o [hiperlink](#). Acesso em 16 jul 2023.

## 1.2 Educação colonial no Convento da Soledade (1738)

Construído por ordem romana como Recolhimento para donzelas dotadas, ao contrário do seu início quando para moças sem posses e “decaídas”. Atualmente, Convento e Colégio da Soledade.

Para saber mais, veja o texto [aqui](#).

Para conhecer mais sobre o Convento, sugerimos a pesquisa “[A Reclusão feminina no Convento da Soledade](#)” (2006), de Adínia Santana Ferreira (UNB), Acesso em 16 jul 2023.



## 2. Marcas de ruptura

Na cena do curta, no Convento dos Perdões, recortes de jornais datados de 1936, chamam a nossa atenção pelas manchetes de violência contra corpos femininos, protagonizadas pelo, então, Arcebispo da Bahia, D. Augusto Álvaro da Silva, contra a Irmã Maria José de Senna - Madre Regente do Educandário do Sagrado Coração de Jesus. D. Augusto espancou-a, rasgou suas vestes e cuspiu-lhe no rosto ali mesmo no Educandário do Convento na frente de algumas internas, em plena comemoração da Páscoa.



**Detalhe da imagem da Primeira página da edição de 07 de Abril de 1936, do Jornal Diário de Notícias. Arquivo Pessoal Irmã Maria José de Senna - (Memória e Esquecimento, 2021, p.16)**

### Qual foi a ação de enfrentamento e ruptura da Irmã Maria José?

No seu livro **Memória e Esquecimento - Uma História da Igreja e do Recolhimento do Senhor Bom Jesus dos Perdões (BAHIA - 1729/1943)**, Patrícia Sena (2021) relata que, no dia anterior à violência sofrida, a irmã Maria tinha ido ao Palácio Arquiepiscopal para comunicar às autoridades eclesiais o envio de uma carta à Santa Sé (ao Papa), na qual solicitava que não fosse obrigada a deixar a direção do Educandário dos Perdões, como desejava D. Augusto. Este, para atender aos interesses do programa de Restauração Católica na Bahia, queria transferir os bens

da comunidade dos Perdões para outra congregação.



**Capa do Livro *Memória e Esquecimento*, 2021**

O prelado tinha como propósito estabelecer a regulamentação canônica em conformidade com as determinações advindas do Código de Direito Canônico promulgado em 1917 pela Santa Sé e refazer os laços daquela instituição com os poderes seculares, tal como vinha sendo repactuado ao longo do tempo, ainda que com algum conflito (SENA, 2021, p. 10).

A ação da Irmã para sua permanência no Educandário dos Perdões, em um projeto de educação de formação do magistério que tinha dupla jurisdição (o poder público cível e episcopal), foi vista pelo Arcebispo como um “grande atrevimento de uma subordinada” (SENA, 2021). No dia seguinte, lá nos Perdões, D. Augusto chegou acompanhado de outras Irmãs Superiores e protagonizou seu ato de violência, que ficou conhecido como “Episódio dos Perdões”.

Irmã Maria José, além de excomungada, não conseguiu que a violência sobre seu corpo fosse judicializada.

“No mesmo dia, aproximadamente às duas horas da tarde, o delegado da 2ª. Circunscrição, Ivan Americano, fez realizar um exame de corpo de delito em Irmã Maria José com o intuito de apurar as acusações de agressão, constatando que, muito embora apresentasse o hábito rasgado em um dos ombros e queixasse dores nas costas, **não foi possível provar se houve realmente descontrolado (sic)** por parte do arcebispo.” (SENA, 2021, p.15).

Sua luta continuou dos tribunais baianos ao Supremo Tribunal, através de uma ação judicial, na qual questionava os poderes do Arcebispo para transferir os bens da comunidade dos Perdões para uma congregação religiosa, cuja regulação civil datava de três séculos, legados por benfeitores (SENA, 2020). O Educandário, inclusive, era pessoa jurídica distinta do Recolhimento.

Durante essa ação, a Irmã ficou à frente do Patrimônio da Instituição e o Arcebispo teve que se manter afastado do Recolhimento. Este, em 1942, após recorrer ao Supremo Federal, teve ganho de causa.

O curta nos provoca para refletirmos sobre a violência aos corpos femininos e, ao mesmo tempo, para o embrião de ruptura





e insurgência da mulher inscrito na cena, no contexto de uma sociedade colonial e patriarcal. Irmã Maria disse não! Esse não, no contexto apresentado, denota um sentido político necessário à perspectiva de um processo de educação decolonial (formal e não formal).

Para Hannah Arendt (2008), o sentido de política é inerente à ação e esta, por sua vez, sinônimo de liberdade. Liberdade que tem seu existir na pluralidade do humano – convivência do coletivo – e no momento de sua ação.

A autora divide a ação em duas partes. Uma, o começo em que algo novo foi criado, podendo ter sido inaugurado por uma única pessoa – momento de distinção e reconhecimento da singularidade – Aqui representado pelo “não” da Irmã Maria a D. Augusto, contra o seu afastamento e a luta que empreendeu para evitá-lo.

A outra parte da ação é a realização em que outros precisam aderir para conduzir e levar adiante o ato inaugural – necessidade da coletividade. De imediato, essa aderência do coletivo pode ser percebida, após o contexto de violência sofrido pela Irmã Maria, em vaias e ovos lançados contra o Arcebispo por uma pequena multidão que se aglomerava na entrada do Convento, na Ladeira dos Perdões, quando ele saiu do Educandário.

Para apagar essa cena de exposição da Igreja Católica e cair no esquecimento, o próprio convento foi, de alguma forma, sendo esquecido, e suas memórias sendo apagadas e/ou desgastadas como pudemos testemunhar (quando em campo para realização do curta) nos documentos do

Educandário já gastos pelo tempo e sem receber os cuidados necessários à sua preservação. No entanto, a ação política ao realizar-se nas ações de “outros”, num continuum, é aberta e vai ganhando corpo no espaço do improvável, pelo grau de imprevisibilidade de toda a ação. E hoje estamos aqui refletindo sobre esse fato e descolonizando, mais um pouco, as nossas mentes e corpos.

#### Referências Bibliográficas:

Arendt, Hannah. A promessa da política. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

Sena, Patrícia Mota. Memória & Esquecimento: uma história da Igreja e do Recolhimento do Senhor Bom Jesus dos Perdões (Bahia – 1729/1943) Belo Horizonte: Clio Gestão Cultural e Editora, 2021.



***Livro do Cerimonial do Recolhimento do Senhor Bom Jesus dos Perdões-1808.***

## 2.1 Outras marcas de rupturas

Política Nacional de Enfretamento à violência contra as mulheres. Acesse o documento no [hiperlink](#).

## 2.2 De Elisa Lucinda – Mulata Exportação

[Para assistir à declamação pela autora acesse o vídeo](#)

Mas que nega linda  
E de olho verde ainda  
Olho de veneno e açúcar!  
Vem nega, vem ser minha desculpa  
Vem que aqui dentro ainda te cabe  
Vem ser meu álibi, minha bela conduta  
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!

(Monto casa procê mas ninguém pode saber,  
entendeu meu dendê?)

Minha tonteira minha história contundida  
Minha memória confundida, meu futebol,  
entendeu meu gelol?

Rebola bem meu bem-querer, sou seu  
improviso, seu karaquê;

Vem nega, sem eu ter que fazer nada.

Vem sem ter que me mexer

Em mim tu esqueces tarefas, favelas,  
senzalas, nada mais vai doer.

Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega,  
me ama, me colore

Vem ser meu folclore, vem ser minha tese  
sobre nego malê.

Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo  
pra gente sambar."

Imaginem: Ouvi tudo isso sem calma e  
sem dor.

Já preso esse ex-feitor, eu disse: "Seu  
delegado..."

E o delegado piscou.

Falei com o juiz, o juiz se insinuou e  
decretou pequena pena  
com cela especial por ser esse branco  
intelectual...

Eu disse: "Seu Juiz, não adianta! Opressão,  
Barbaridade, Genocídio  
nada disso se cura trepando com uma  
escura!"

Ó minha máxima lei, deixai de asneira

Não vai ser um branco mal resolvido  
que vai libertar uma negra:  
Esse branco ardido está fadado  
porque não é com lábia de pseudo-oprimido  
que vai aliviar seu passado.

Olha aqui meu senhor:

Eu me lembro da senzala

e tu te lembrás da Casa-Grande

e vamos juntos escrever sinceramente outra  
história

Digo, repito e não minto:

Vamos passar essa verdade a limpo  
porque não é dançando samba

que eu te redimo ou te acredito:

Vê se te afasta, não invista, não insista!

Meu nojo!

Meu engodo cultural!

Minha lavagem de lata!

porque deixar de ser racista, meu amor,  
não é comer uma  
mulata!

(Da série "Brasil, meu espartilho")



**"Resistência", Marcia Abreu. Mista s/Tela - 1999**

## 2.3 Marcas de continuidades

Violência aos corpos femininos dentro e fora dos conventos: ver a plataforma digital [\*\*Violência contra as Mulheres em Dados\*\*](#) que reúne pesquisas e dados recentes relacionados às violências contra as mulheres no Brasil, com base no monitoramento e curadoria realizados pelo Instituto Patrícia Galvão – com foco na violência doméstica, sexual e online, no feminicídio e na intersecção com o racismo e a LGBTTFobia.



***“Dorso”, Marcia Abreu. Mista s/Tela - 1999***

Leia também o Artigo [\*\*“O invisível assédio sexual nosso de todos os dias”\*\*](#), por Juíza Rejane Jungbluth Suxberger, Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios,

## Nas Trilhas do Conhecimento A COLONIALIDADE E AS GRANDES INSTITUIÇÕES



### 1. ICEIA - Barbalho

Curso normal (ICEIA): a história do Instituto Central de Educação Isaías Alves (ICEIA) começou em 14 de abril de 1836, quando a Lei nº 37 instituiu a Escola Normal no Estado (Formação de Professor). Em Salvador, a Escola Normal funcionava no Distrito da Sé (Pelourinho), e somente em 1939 mudou-se para o conjunto arquitetônico moderno do Barbalho, uma importante edificação nos anos trinta.

Para saber da história do ICEIA e de sua importância, leia o artigo “O Instituto Isaías Alves (ICEIA): arquitetura e educação na modernização soteropolitana” de Ana Carolina Bierrenbach e Luiz Antônio Fernandes Cardoso (UFBA), no [hiperlink](#), (acesso em 16 jul 2023).

Em 1968, a Escola recebeu o nome do educador baiano Isaías Alves de Almeida (1888-1968), que foi aluno da instituição, secretário de Educação da Bahia, fundador da Escola de Filosofia da UFBA e um expoente na formação docente.

Para saber mais sobre o ICEIA, acesse o texto [aqui](#).

## 2. Colonialidade na formação do educador

Pensar na colonialidade da formação do educador nos faz refletir sobre as epistemologias e demais proposições nos currículos das nossas licenciaturas. Uma das vertentes que poderíamos analisar são as práticas instituídas na formação do futuro educador que, apesar de, teoricamente, estarem fundamentadas em concepções integrais do ser humano continuam, na sua maioria, lastreadas por modelos que privilegiam as dimensões materialistas, utilitaristas, vinculados à lógica formal-linear. Essas práticas estão relacionadas a um padrão de racionalidade analítico, funcional e técnico que ensina o indivíduo a perceber a si mesmo e ao mundo de forma fragmentada e instrumental. Tais processos educativos

estão fundamentados no padrão de educação e de valoração eurocentrado que privilegia as epistemologias ocidentais (da Europa e dos Estados Unidos) - brancas e masculinas - e não reconhece as produções intelectuais dos povos das demais Américas, da África ou melhor dizendo dos demais povos não europeus e/ou não norte-americanos.

A cultura, os valores e os conhecimentos que esses dois povos tentaram e tentam perpetuar estão embasadas em valores materialistas, consumistas e tecnocratas que reduzem os seres humanos a meros produtores/consumidores. São padrões que, muitas vezes, esquecem as dimensões éticas, afetivas, intuitivas, espirituais, entre outras, que constituem a complexidade da condição humana, bem como desconsideram ou não compreendem a inter-relação e a interdependência existentes entre as esferas do humano.

Esses processos educativos<sup>1</sup> perpetuam as formas europeias e norte-americanas de conhecimento que visam consolidar a hegemonia epistêmica imposta por esses povos, projetando em dimensão global os conceitos, os valores, a cultura, as imagens e as representações produzidas no seio da cultura europeia para classificar povos não europeus como incapazes de produzir conhecimento e, portanto, sujeitos subalternizados.

Ao tentar universalizar os seus saberes, seus valores e sua visão do mundo,

<sup>1</sup> Vale ressaltar que louváveis esforços estão sendo realizados por instituições e por muitos educadores comprometidos com a educação transdisciplinar e com a formação holística dos seres humanos.



menosprezaram e tentaram invalidar as culturas e conhecimentos dos povos que colonizaram, implementando nos processos de socialização e educação um padrão da comunicação monológica, informativa e vinculada apenas aos padrões hegemônicos da racionalidade moderna, edificando paradigmas e estruturas do racismo/sexismo, machista/branca. Formando, assim, educandos que quase não desenvolvem as habilidades necessárias para realizar diálogos entre saberes, valores, crenças, afetos e desejos.

Sendo formados por tais processos e submetidos a uma ideologia dominante que faz com que cada pessoa acredite que a sua opinião, o seu conhecimento e a sua forma de pensar, sentir e agir são os corretos e válidos, como esses profissionais podem ajudar seus alunos a refletir de forma crítica sobre a sua própria realidade? Como formar cidadãos? Como ajudar os jovens educandos e compreender a ideologia que os domina?

Outro aspecto desses processos colonialistas de educação diz respeito à falta de compreensão da diversidade, da pluralidade, da interculturalidade da condição humana. Essa falta de compreensão da condição humana gera dificuldade para o ser humano compreender e respeitar o diferente, o contraditório e consequentemente forma indivíduos com problemas nas relações com eles mesmos, com o outro e com o mundo; cria distâncias entre semelhantes; faz das diferenças motivos de desavenças e de exclusão; discute ao invés de dialogar e cultiva mais os valores mercadológicos do que os valores humanos primordiais.

Repensar os nossos processos formativos constitui uma das principais tarefas da educação decolonial. Para tanto, Walter Mignolo (2014) chamará de necessária 'desobediência epistêmica'. Essa desobediência, amplamente praticada como estratégia de resistência nos saberes emancipatórios e estético-corpóreos das populações afrodiáspóricas e ameríndias, coloca em xeque a lógica binária, racista e sexista que conforma a geografia da razão colonialista.

As epistemologias decoloniais podem ser reconhecidas e assumidas como estratégia de afirmação ontológica, política e epistemológica desde o lugar de enunciação da experiência vivida dos povos subalternizados. A experiência dialógica entre os saberes e fazeres dos povos originários das Américas do Sul e Central, da África visa refletir e, quem sabe, subverter a ordem monocultural estabelecida pelos colonizadores e os limites, preconceitos e ideologias por eles instituídos. A educação decolonial propõe encruzilhadas abertas, pluriversais e fronteiriças dos saberes, dos conhecimentos dos valores, das visões de mundo. As práticas educacionais decoloniais e a educação intercultural propõe, assim, um outro pacto civilizatório e epistêmico os povos que foram colonizados.

**Fonte:** Saberes encruzilhados: (de)colonialidade, racismo epistêmico e ensino de filosofia. DOSSIÊ - Educação, democracia e diferença. [scielo.br/j/er/a/Hvf6N7pz6yxwk6j945MS9CC/](https://doi.org/10.1590/1807-03172023010000000000000000000000), acesso em 2 out 2023.

### 3. Rupturas e continuidades - IFBA



**Fachada do IFBA, Campus Salvador (Barbalho)**

Da Educação para os filhos dos pobres ao IFBA: O histórico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus de Salvador - funde-se à história da própria Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica que se inicia enquanto instituição em 1909, quando as Escolas de Aprendizes Artífices são criadas. Em Salvador, fundado em 27 de janeiro de 1910, funcionava, inicialmente, no atual Solar do Ferrão – Pelourinho, depois no Largo dos Aflitos (1912-1926). Em 1926 muda-se para o Barbalho, onde ao longo de quase um século passou por diversos processos de transformações, mantendo a tradição da oferta de educação de qualidade referenciada na Bahia e em todo o Brasil. Para saber mais sobre o IFBA acesse o [hiperlink](#).

#### 3.1 Trecho de entrevista com Prof. Luzia Motta - Atual Reitora do IFBA



**Professora Luiza Mota**

“Ao criar essas escolas com o objetivo de formar artífices, aprendizes de mestre e contramestre, a ideia era justamente de fazer uma contenção social dos filhos da pobreza que, para a elite que dominava aquele início do Século XX, achava que poderia descambar ali em uma convulsão social e processos revolucionários. Então essas escolas serviram muito para esse propósito e também um outro objetivo nacional era o fortalecimento da própria República, daquele novo governo que estava se iniciando ali, que já tinha passado a experiência do genocídio em Canudos, então precisava se fortalecer com ideais positivistas e a educação era um desses ideais.”

### 3.2 Trecho da entrevista com Prof. Albertino Nascimento - Professor aposentado do IFBA

“Eu tenho a maior satisfação em falar sobre a Rede de Educação Profissional, por tudo que eu vivi dentro da Rede, por um laço familiar muito grande, meu pai foi aluno da Escola de Artífices, minha irmã foi aluna da Escola Técnica e se formou em Geologia, eu fui aluno da Escola Técnica e depois voltei na condição de professor de Química e fui diretor do Campus de Salvador durante duas gestões. Então, no próprio âmbito da família, a gente sabe da qualidade e da importância de uma instituição pública de qualidade como o IFBA é, e interfere e impacta positivamente na vida das pessoas.”



**Professor Albertino Nascimento, ex diretor do Campus Salvador**

### 3.3 Trecho da entrevista com Prof. Jucary Tavares - Professor aposentado do IFBA



**Jucary Tavares e Elisabeth Piedade T. da Silva  
professores aposentados do IFBA**

Idealizador e patrono do Espaço Humanidades Ossos 21

“Principalmente na condição de pessoa da periferia, negros, certo, o estudo é a única saída. Eu estremeço quando eu entro ali (no IFBA) e vejo uma boa quantidade de negros sentados naqueles bancos. Pra mim é algo assim muito significativo porque a gente não tem outra saída a não ser pela via da educação pública, crítica e de qualidade.”

## 4. Marcas de continuidades e rupturas

Sobre as marcas de continuidades e rupturas, sugerimos a leitura da pesquisa que reflete sobre a [Educação com objetivo de controle social da população pobre](#); e a matéria sobre política de cotas em [“Avanços nas Ações Afirmativas com a Lei de Cotas”](#), Jornal UFG.

## 4.1 Colégio Estadual Carneiro Ribeiro

Localizado na Ladeira da Soledade- Lapinha, atualmente está sem funcionamento. O seu nome faz referência ao grande intelectual professor negro (1839-1920).

### Professor Ernesto Carneiro Ribeiro



Texto retirado de : PITANGA, Ismael. Ernesto Carneiro Ribeiro: A trajetória intelectual do Professor Negro Baiano. UNEB), 2019. Hiperlink [aqui](#). Acesso em 06 jul 2023.

“Ernesto Carneiro Ribeiro dedicou-se ao magistério na Bahia por 63 anos, empenhando-se nas atividades do seu próprio Colégio, o Ginásio Carneiro Ribeiro, onde atuavam também como professores seus filhos: Helvécio Carneiro Ribeiro, Ernesto Carneiro Ribeiro Filho; e sua esposa D. Amélia Carneiro Ribeiro. Negro, nascido na ilha de Itaparica, em 12 de setembro de 1839, Carneiro Ribeiro ultrapassou os limites impostos ao seu lugar social e, assim como outros homens de cor que viveram no período escravista, alcançou projeção nos cenários de intelectualidade através da educação. Famoso como linguista, por produzir preciosas obras no campo da gramática e da linguagem, o Professor Carneiro tornou-se o primeiro presidente da

Academia de Letras da Bahia (1917-1920), sócio contribuinte do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1917-1920) e reconhecido como um dos principais educadores baianos no início do século XX, ocupando cargos como diretor e professor do Liceu Provincial (1871- 1902), Vice-diretor do Ginásio Baiano de Abílio César Borges, vice-diretor e diretor de instrução pública da Bahia, membro do conselho superior de instrução pública (1879), colaborador de número 03 da Revista ‘Bahia Ilustrada’, além de participar do considerado polêmico debate nacional com o então Senador Ruy Barbosa, em torno da revisão do código civil brasileiro proposto por Clóvis Beviláqua.”

A carreira do intelectual Carneiro Ribeiro revela as diferentes posições ocupadas pelas populações negras na sociedade escravista e do pós-abolição. Como educador, Carneiro Ribeiro buscou contribuir para o processo de constituição da sociedade brasileira a partir da sua atuação como educador, como também nos diversos cargos ocupados na administração pública e privada, singularmente na sua própria escola, o Ginásio Carneiro Ribeiro.

A trajetória do negro intelectual Carneiro Ribeiro representa as inúmeras contribuições conferidas pelas populações afro-diaspóricas para constituição do Brasil. Dessa forma, a educação se constituiu como uma ferramenta fundamental utilizada para ultrapassar os limites sociais impostos pelo racismo. Sua trajetória, assim como a de outros intelectuais negros, é desconhecida e foi silenciada pela tradicional historiografia brasileira. Neste sentido este trabalho busca contribuir com o processo de visibilidade dessas trajetórias.



# Nas Trilhas do Conhecimento

## EDUCAÇÃO DECOLONIAL

“O meu futuro começa quando eu olho para trás. Então que nem aquele pássaro africano Sankofa né, nós precisamos do passado para seguir em frente, para ter visão do futuro, para chegar onde queremos chegar. E aonde queremos chegar? Dentro desse sistema de desigualdade”.

Stael Machado - Artista plástica, Poeta, Profa do ICEIA e moradora da Lapinha



**A arma mais poderosa  
nas mãos do opressor é a  
mente do oprimido.**

Steve Biko

### 1. O que significa o Sankofa?

A palavra Sankofa, que na verdade tem dois símbolos que a representam, um pássaro mítico e um coração estilizado, simboliza a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor.



Esta palavra é proveniente da língua twi ou axante, sendo composta pelos termos san, que é “retornar; para retornar”, ko, que significa “ir”, e fa, que quer dizer “buscar; procurar”. Pode ser traduzida como “Volte e pegue”. Ela surgiu com o provérbio ganês “Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi”, que significa “Não é tabu voltar para trás e

recuperar o que você esqueceu (perdeu)”. Sankofa e seus dois símbolos surgem com o povo akan, que se localiza nos territórios de Gana e Costa do Marfim (África Ocidental). Eles fazem parte dos símbolos adinkras, que são um conjunto de ideogramas, ou seja, símbolos gráficos que eram usados para estampar tecidos de roupas, cerâmica, objetos, entre outros. Estes desenhos tinham como propósito representar valores da comunidade, ideias, provérbios, além de serem usados em cerimônias e rituais, como, por exemplo, funerais e homenagens a líderes espirituais. No Brasil o mesmo aconteceu com a colonização, pelo fato de vários corações estilizados estarem estampados em portões brasileiros. Esses símbolos são uma lembrança da história afro-brasileira e a importância de recordar os erros do passado, para que eles não sejam repetidos no futuro.

Fonte: **Sankofa**, [dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/](https://dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/)  
**Acesso em 06 jul 2023.**



O que você pegaria agora de sua história e/ou do seu passado?

## 2. Espaço Humanidades Ossos 21

Entrevista concedida ao Mapa Cultural IFBA pelo professor Juracy Tavares, criador do Espaço Humanidades Ossos 21, e a atriz Vera Lopes, coordenadora do Espaço.

### Professor Juracy Tavares

“Negro lindo é pleonasmo, negro lindo é exclusão, o negro lindo aí é dispensável, é excessão, é contra mão. Ser paixão da sua imagem brilho vivo em seu ser, refletindo essa imagem em espelho fino, grande você.



**Prof. Juracy Tavares e Vera Lopes no Espaço Humanidades Ossos 21, no Santo Antônio Além do Carmo**

O ser humano, principalmente nós negros e negras, é um dever ético que aquele que se estabeleceu, como é o caso aqui de nós cinco, é um dever ético puxar os outros para um patamar melhor. E a gente sabe que quem não tem acesso a essas coisas são os negros e as negras, porque o estado deixou desse jeito, entendeu? Então de uma forma indireta, foi um curso para negros e para negras. Se aparecesse pessoas azuis, vermelhas e amarelas participariam do curso.”

### Atriz Vera Lopes

“É extremamente necessário falar que tudo isso foi feito durante esses 28 anos com o salário dos dois. Porque nenhum, nenhum aqui vem de fora e nunca foi cobrado nenhum centavo de ninguém que passou por aqui. Nenhum aluno? Nenhum, nenhum.”

### 2.1 História do Espaço Humanidades Ossos 21

Localizado na Rua dos Ossos número 21 - Salvador, BA - no bairro Santo Antônio Além do Carmo. Fundado pelo professor aposentado do IFBA Juraci Tavares e sua esposa, que também é educadora, professora aposentada do IFBA, Elizabete Tavares. A instituição foi fundada no início da década de 90 (1992), portanto, com mais de 30 anos de existência oferecendo suporte de educação enquanto ensino preparatório para ingresso na então Escola Técnica Federal da Bahia - EFTBA -, hoje Instituto Federal da Bahia - IFBA - e, consequentemente, em universidades públicas. O trabalho de formação do Espaço Humanidades Ossos abrange aulas para além de cunho técnico, como do universo da cultura, das artes e, sobretudo, para o exercício da cidadania, com ênfase no combate ao racismo estrutural tão presente em nosso tecido social.

O Espaço é atualmente administrado pela atriz gaúcha, Vera Lopes, que encontrou no Ossos 21 um lugar para ensaios e apresentações artísticas e teatrais, mas que foi tomada pelo encantamento do local e pela proposta educativa, e terminou se aliando à administração do local, dando



**Espaço Humanidades, Rua dos Ossos-Santo Antônio  
Além do Carmo**

mais significados a sua vinda à Bahia. O Espaço Humanidades passou por algumas reformas, decoração. Hoje tem um formato mais trabalhado, preservando a estrutura predial antiga e com uma beleza singular. Um fato curioso na arquitetura do local é que para cada porta e janela, pilar, e demais pontos da casa foi-se atribuídas homenagens a pessoas que de algum modo contribuíram para a existência da casa, por exemplo a Porta Luiz Bacalhau, Pilar Maria José (Zezé), Casa Antônia Piedade e Paulina Tavares e a Janela Paulo Tavares e Juarez Tavares.

É importante ressaltar, como coloca a coordenadora Vera Lopes, que apesar de muitas conquistas já realizadas pela contribuição dos serviços prestados em educação e da consequente inclusão de uma significativa porcentagem de estudantes negros nos CEFETs e em outras instituições, o Espaço Humanidades tem, desde sua implementação até os dias atuais, a total e incansável colaboração financeira de seus fundadores e idealizadores com subsídios próprios, isto é, dos seus próprios salários. Informação quase nunca divulgada pelo casal de professores Juraci e Elizabeth Tavares, pela

modéstia e verdadeiro compromisso com a educação desde a fundação do Espaço aos dias atuais.

O espaço Humanidades Ossos 21 protagoniza os indivíduos participantes de forma que eles (as) possam ser inseridos gradativamente na sociedade através do curso preparatório com aulas de Português, Matemática e também de Cidadania para que possam alcançar a oportunidade de estudar em uma escola em que seja oferecida educação pública, crítica e de qualidade, principalmente para pessoas negras de baixa renda.

Inicialmente o local usado era a própria casa do casal de professores e aos poucos foi tomando o formato atual de uma escola. A trajetória do Espaço Humanidades tem um grande exemplo do próprio professor Juraci Tavares quando é grato pela sua formação na então Escola Técnica Federal da Bahia – ETFBA - que lhe deu, como ele mesmo diz, “régua e compasso” para os grandes desafios da vida. E hoje o Espaço é mais que um espaço formador, mas um espaço de cultura com cursos de formação, oficinas, lançamentos de livros entre outras atividades culturais.

Para o professor Juraci Tavares, o IFBA é uma escola de mestres e doutores que não passam apenas o conteúdo para os estudantes, mas de uma forma compulsória ensina as humanidades, ensina ao indivíduo a “andar com as próprias pernas”. E nesse sentido, vê a importância da Educação pública, crítica e de qualidade ampliada para uma população maior de jovens da

periferia, inclusive a “Educação Financeira” que contribui na vida pessoal do estudante que tem dificuldades de se manter economicamente. Para o professor Juraci, o estudante deve sair da “condição problema” para a “condição solução”, principalmente no que diz respeito à família negra e às diversas dificuldades que o Estado brasileiro, direta e indiretamente, entrega à sociedade.

O Espaço Humanidades Ossos 21 lembra que a escola pública é fundamental para os jovens e nem sempre teve tantos problemas como os de hoje. Esse histórico de enfraquecimento da educação coincide com o seu ativismo na cultura negra e, por isso, esse público específico é o foco do Espaço, mas qualquer pessoa que precise tem a mesma oportunidade, não importa a cor e a etnia.

A coordenadora Vera Lopes ressalta a importância deste curso preparatório na vida de muitos jovens. Foi emocionante ouvir dela o depoimento de um ex-aluno chamado Roberto, que hoje mora no exterior, em Singapura, e lembra com carinho o quanto esta escola representa na vida dele. Formado em química na UFBA, hoje é pós doutor, trabalha na área e é eternamente grato ao curso e seus professores Juraci e Elizabeth.

Os Caminhos da Educação do Mapa Cultural IFBA entende a importância do percurso histórico que faz desse lugar um espaço educativo, sobretudo humanitário, com instrumentos transformadores na troca de saberes e na afirmação da cultura afro-brasileira em pleno Centro Histórico de

Salvador, mais especificamente no bairro Santo Antônio Além do Carmo. Além de professor, Juracy Tavares é cantor, músico, poeta e compositor, possui uma vasta produção literária e no universo da música.

Para saber mais sobre o Espaço Humanidades Ossos 21, sugerimos ler o texto [aqui](#).

### 3. O Pensar Nagô



**Capa do Livro Pensar Nagô, 2017**

**Texto retirado de:** Muniz Sodré (p.112), no livro Pensar Nagô (2017). Hiperlink do livro [aqui](#). Acesso em 06 jul 2023.

“Entretanto, diferentemente de outras, a mística afro não comporta milenarismo nem eremitismo, por estar visceralmente marcada pela temporalidade do aqui e agora e pela força da diátese média, centrada na corporeidade coletiva. Isso se sintetiza na palavra sul-africana Ubuntu, que é um verbo-substantivo: significa homem enquanto humanidade, ou seja, para ser percebido



como humano, o indivíduo é, sendo junto a Outro. É uma palavra que resume o conceito de transcendência enquanto condição exclusiva do homem: o dirigir-se para algo além de si mesmo, para Outro, portanto.

Na verdade, esse conceito comparece em vários outros contextos africanos, quando se arma a primazia ontológica da comunidade sobre o indivíduo, a exemplo de juízos como 'eu sou, porque nós somos; e uma vez que somos, então eu sou' (John Mbiti). Em seu modo de ser, a transcendência não requer o relacionamento empírico com sujeito e objeto, posto que, como estrutura ontológica, ela é inerente ao ser homem por consistir na presença do Outro e suas diferenças. Isto é o que indica radicalmente Aristóteles em *De anima*: 'O modo de ser do homem é de alguma maneira todas as realizações'.

Na Arkhé nagô, o corpo empírico torna-se possível pela corporeidade – transcendental – do grupo. E na diáspora escrava, Arkhé é a própria continuidade do grupo."

#### 4. Instituto Cultural Steve Biko



**Sala de aula do Instituto Cultural Steve Biko - Rua do Carmo, Santo Antônio Além do Carmo.**

O Instituto traz uma educação a partir de valores ancestrais, colocando em prática a lei 10.639/03 e 11.645/08, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, além de colocar o Dia da Consciência Negra como data prevista no calendário escolar. O instituto estabelece uma educação diferenciada e inclusiva, que pauta a autoestima e a luta do povo negro no combate ao racismo.

Para saber mais, sugerimos o texto [aqui](#).

### **ETAPA 05:** **Prática - para realizar em sala de aula**

a) A depender do número de participantes, formar grupos ou duplas para leitura e apresentação de brasileiras notáveis, cujas realizações, às vezes ignoradas pela sociedade, ajudam a inspirar e aumentar a autoestima coletiva, além de terem contribuído para a redução das desigualdades raciais, econômicas e sociais.

b) Cada grupo ou dupla escolhe uma biografia do livro "Descolonizando saberes: mulheres negras nas ciências" (ver materiais anexos). O livro tem a finalidade de difundir grandes nomes da ciência africana e afro diaspórica, socializando produções científico-tecnológicas de mulheres negras das ciências biomédicas, matemáticas e tecnológicas. Da autora Profa. Dra. Bárbara Carine.

## ANEXOS

Textos do livro @Descolonizando \_ Saberes: Mulheres Negras na Ciência, de Bárbara Carine Soares Pinheiro. Editora Livraria da Física (2020), para uso na Prática 1. Acesse os textos [aqui](#).

### Histórias de vida:

Você também pode escrever as biografias de pessoas que fazem ou fizeram parte de suas histórias de vida com objetivo de descolonizar pensamentos. Vamos experimentar?

### Prática 2 - Para realização extra-oficina:

Uma expedição pelos Caminhos da Educação Decolonial, incluindo instituições que promovem educação inclusiva, com duas opções de roteiros:

#### 1. Educação colonial feminina X educação inclusiva

Partindo do Convento dos Perdões, (ver possibilidade de visita guiada pelos freis da Irmandade São João), seguindo em sentido ao Instituto de Cegos, sobe pela Rua São José de Baixo, mostrar casa (nº 90) onde nasceu e viveu Irmã Dulce que estudou no Curso Normal. Seguir até o prédio do Colégio Estadual Carneiro Ribeiro (desativado), na Ladeira da Soledade, subir a Ladeira passando pelo Centro de Surdos, finalizando no Convento da Soledade.



**Vista da Baía de Todos os Santos, da janela da Sede do Instituto Steve Biko.**

#### 2. Educação profissional - educação antirracista

Partindo do IFBA, visite o ICEIA-CEEP (ver possibilidade de visita guiada incluindo o Teatro), seguindo pela Rua Siqueira Campos para a Sede do Steve Biko no Largo do Carmo, retorno passando pelo Centro de Convivência Irmã Dulce, na Rua Direita. Por fim, pelo Beco do Zé, seguir para Rua dos Ossos, a parada obrigatória é no Espaço Humanidades Ossos 21 para finalização do percurso (ver possibilidade de conversar com alguém que atua no Espaço)



## ETAPA 06: Avaliando nossa oficina



Como foi ou está sendo dialogar sobre educação decolonial?



Onde acertamos e onde erramos na preparação e vivência dessa oficina?



**Mapa  
Cultural**  
IFBA



COLETÂNEA

# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos de Inclusões

Volume 10



**Autoria:**

Catiane Rocha Passos de Souza

Lucileide Mota Lima

Mirella Rodrigues da Cruz

**Revisora do Volume 10:**

Waleska Oliveira

**Assessoria Técnica, Designe Gráfico, Diagramação e Ilustração:**

Dango Costa

**Ilustração da capa:**

Maira Moura Miranda

# OFICINA 10:

## Caminhos de Inclusões

### OBJETIVOS:

Discutir o conceito e a diversidade do termo “inclusões” e conhecer legislação e principais instituições promotoras de inserção social nos Bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo, voltadas às populações com demandas e habilidades específicas: IFBA, Instituto de cegos, Centro de Surdos, Neojiba, Centro de Convivência Irmã Dulce, Instituto Steve Biko e Projeto Levanta-te e Anda.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Estudantes do IFBA e de qualquer escola/instituição de Salvador, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA Campus Salvador; artistas, produtores e agentes culturais em geral.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

2 aulas (100 minutos) para parte teórica e 2 aulas (100 minutos) para prática.

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

**Notebook, data show**, caixa de som, rede de internet, cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz, mapa Caminho de Inclusões impresso em tamanho A2 ou A1, materiais para alto relevo no mapa (areia, feijão, arroz, algodão, papel higiênico, esponja etc.), cola para uso na prática, tiras de tecido para vendar os olhos.

## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta Coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade, bem como esclarecer sobre a origem da Série de vídeos curtos documentários Caminhos Culturais do entorno do IFBA do Projeto [Mapa Cultural IFBA](#) como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta Coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da Série, que pode ser acessado [neste hiperhiperlink](#) com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- 📍 Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- 📍 Há algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- 📍 Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.

## a) **SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA**

Você conhece a Lei Nº 13.146, de julho de 2015, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)? Aguardar respostas.

Resposta após o grupo falar: Essa Lei se destina a “assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”, essas pessoas continuam enfrentando muitas barreiras no acesso aos lugares, informações, comunicação etc.

Quais dessas barreiras podem ser listadas? Aguardar respostas.

Resposta após o grupo falar: A Lei supracitada, em seu Artigo 3º, Inciso IV, considera barreiras: Qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros.

Sugestão de leitura da Literatura de Cordel - A peleja pela Inclusão, hiperlink [aqui](#)

O nome dessa oficina é Caminho de Inclusões. Você pode deduzir o porquê colocamos essa palavra no plural? Aguardar respostas.

Resposta após o grupo falar: O termo no plural diz respeito à diversidade de inclusões a serem consideradas (inclusão de pessoas com deficiência, inclusão social, inclusão de gênero, inclusão étnico-racial etc.).





## **b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS**

### **ETAPA 01**

Assistir ao curta-documentário Caminhos de Inclusões. Acesse [aqui](#) (Duração: 13 min).

### **ETAPA 02**

Coletar as impressões que o grupo obteve ao assistir ao curta-documentário anotando palavras-chaves na lousa ou numa cartolina.

### **ETAPA 03**

Exibir o mapa de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar no [hiperlink](#) o Mapa do Caminho de Inclusões.

### **ETAPA 04**

Aprofundar o conhecimento sobre agentes, produtores e projetos apresentados no vídeo. Para isso, ler materiais dos pontos do Mapa online do [Portal Mapa Cultural IFBA](#) referentes às instituições e projetos listados a seguir que promovem inclusões nos Barbalho, na Lapinha e no Santo Antônio Além do Carmo.

A leitura pode ser feita em grupos, pode dividir em 6 sendo um para cada texto, ou pode ser por formas de inclusão, nesse caso, em 4 grupos sobre trilhas do conhecimento conforme os tipos:

### **TRILHAS DO CONHECIMENTO**

**Inclusão pela educação (IFBA e Instituto Steve Biko)**

**Inclusão a pessoas com deficiência (Instituto de Cegos e Centro de Surdos)**

**Inclusão pela música (Neojiba)**

**Inclusão social (Centro de convivência Irmã Dulce e Projeto Levanta-te e Anda)**

# Nas Trilhas do Conhecimento

## INCLUSÃO PELA EDUCAÇÃO - IFBA e Steve Biko

### Educação profissional na Bahia: da Escola do mingau ao IFBA

Texto retirado de Livro "Cem anos de educação profissional no Brasil. História e memória do Instituto Federal da Bahia: 1909-2009", p. 55. Fonte: Livro Cem Anos da Educação Profissional no Brasil. Portal IFBA. Hiperlink [aqui](#). Acesso em 16 jul 2023.

"O ensino técnico profissional, ao longo do período, sofreu uma expansão com o crescimento do número de escolas técnico-profissionais. A Escola Técnica da Bahia nasceu marcada pelo seu caráter assistencialista, a 'Escola do Mingau', voltada para ensinar ofício aos desvalidos. Seu surgimento insere-se no contexto de criação das Escolas de Aprendizes e Artífices, que não objetivava, na época, o desenvolvimento da indústria e das profissões, mas resolver um problema social que era o crescimento das populações das cidades, com a presença das classes proletárias em luta pela sobrevivência. Assim, era necessário que essa população adquirisse o preparo técnico e profissional, e o hábito de trabalho, afastando-se da ociosidade."



**Estudantes da Escola Técnica Federal da Bahia, atual IFBA, nos Jogos Estudantis Brasileiros do Ensino Industrial, realizado em Fortaleza/CE, nos idos de 1960. Fonte: Grupo ETFBA Facebook.**



**Festival Setembro azul - Dia do surdo - organizado pela CAPNE IFBA Salvador.**

Atualmente, o IFBA possui Política de Assistência e Apoio Estudantil (PAAE) que é um Programa Seletivo que visa apoiar estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, no âmbito do qual caberá ao profissional de Serviço Social desenvolver ações de seleção dos estudantes, podendo inseri-los, de acordo com sua demanda, em uma das modalidades de bolsas e auxílios que compõem. Acesso mediante processo

seletivo interno divulgado em edital no respectivo campus. Além disso, possui a Coordenação de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (CAPNE) que tem por objetivo a identificação e acompanhamento dos estudantes com necessidades específicas, fornecendo apoio a estes e orientações aos demais setores da Instituição acerca das ações de acessibilidade, adaptações curriculares, metodológicas e de materiais pertinentes

às necessidades específicas de cada um dos alunos identificados. Além disso, compete ao CAPNE contribuir para a implementação das políticas de acesso, permanência e conclusão com êxito dos estudantes com necessidades específicas e, ainda, realizar atividades ordinárias e extraordinárias que visem à implantação, divulgação e fortalecimento da cultura da inclusão e da educação para convivência e aceitação da diferença no âmbito do Campus.

### **Instituto Cultural Steve Biko: Ações afirmativas, cidadania e direitos humanos**

“A gente tem que perceber a Steve Biko como sendo a instituição pioneira no Brasil que registou uma fase nova do movimento negro, que é a fase das ações afirmativas. Foi a primeira instituição a criar cursos para formar estudantes para ingressar na universidade, foi a primeira instituição a brigar, a lutar junto à UFBA pela isenção da taxa de inscrição do vestibular. Então, só essas ações já servem para provar a importância da Instituição para comunidade para o desenvolvimento da população negra.” (Ceres Santos - Jornalista)



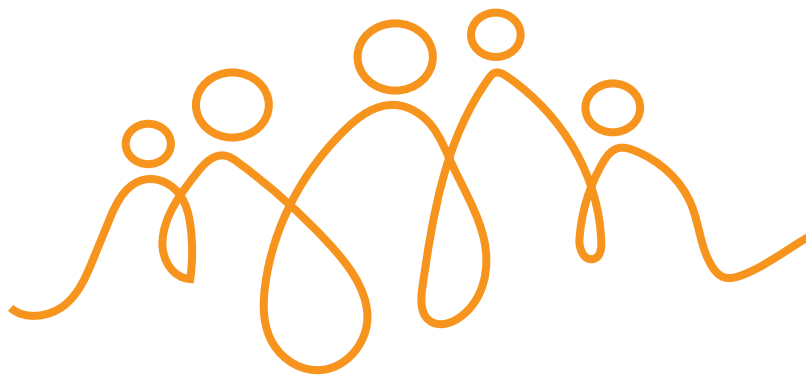
**Casarão sede de funcionamento do Instituto Cultural Steve Biko, na Rua do Carmo- Santo Antônio Além do Carmo.**

O Instituto é, hoje, reconhecido em meio às principais organizações dos movimentos sociais na Bahia e no Brasil, já tendo recebido, inclusive, o Prêmio Nacional de Direitos Humanos (1999) e o Prêmio Cidadania Mundial, outorgado pela Comunidade Bahá'í do Brasil, em 2003. Todos seus projetos são financiados por meio de apoio com instituições e empresas nacionais e internacionais, além de investimento social de pessoas físicas de diversos lugares no mundo.

Para saber mais, acesse o texto [aqui](#).



**Equipe do Mapa Cultural IFBA com a coordenadora do Instituto Steve Biko, Profª Jucy Silva, na sede do Projeto.**



# Nas Trilhas do Conhecimento

## INCLUSÃO A PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

### *Instituto de Cegos: uma história de continuidades de vidas*

Uma história que também tem início com demandas do mundo do trabalho, da Fábrica de Vassouras ao Instituto.

O Instituto de Cegos nasceu em um casarão no Barbalho em 1933, onde os albergados com suas famílias trabalhavam na confecção de vassouras para garantir o sustento.



**Sede do Instituto de Cegos, Rua S. José de Baixo - Barbalho.**

As crianças e jovens eram aceitas em regime de internato dirigido no início por freiras. Em maio de 1937, criou-se uma escola, que preparava os alunos até o 5º ano do antigo curso primário. Aqueles que queriam continuar os estudos iam para o Instituto Normal, hoje ICEIA. Em 1959, iniciou a construção de um novo prédio, com acomodações mais amplas e confortáveis em terreno existente no fundo do casarão. Em 1961, iniciou-se a inclusão sob a responsabilidade da Secretaria de Educação do estado e as crianças deficientes visuais começaram a ser alfabetizadas e integradas às classes regulares. Essa filosofia permanece até os

dias atuais. Em 1998, houve a criação do Centro de Intervenção Precoce, com o 1º atendimento passando a ser feito logo após o nascimento se as crianças apresentassem problemas de visão.

#### **Entrevista de José Márcio, ex-estudante e Professor no Instituto de Cegos ao Mapa Cultural IFBA**

“Então, o papel que o Instituto de Cegos tem na vida de pessoas com deficiência visual é indispensável, porque lá nós conseguimos nos reabilitar e aprender o que é necessário para que a gente dê continuidade na nossa vida de forma natural. Porque todos nós sabemos que a deficiência em si não é um impedimento para que a gente desenvolva as atividades do nosso cotidiano. As barreiras não são criadas pela deficiência, elas são criadas pela sociedade. Por isso, que existe uma teoria bastante consistente no sentido de afirmar que a deficiência é produzida socialmente, porque ela é agravada a partir das barreiras que a sociedade criou, sem essas barreiras nós viveríamos naturalmente, e o Instituto de Cegos tem um papel fundamental no sentido de nos mostrar e nos capacitar para que a gente pudesse transpor essas barreiras que a sociedade nos impõe.”



## **Centro de Surdos da Bahia (CESBA); articulando projetos sociais e pedagógicos**



### **Sede do CESBA, Ladeira da Soledade - Lapinha**

Fundado em 1979, o CESBA tem como foco o atendimento especializado a pessoas surdas.

O CESBA começou como uma associação criada por homens surdos. Inicialmente, fundada com objetivo mais esportivo, pois perceberam que os surdos tinham habilidade com jogos, como dominó e futebol. Com isso passaram a participar de competições, o que resultou no ganho de muitos prêmios. Depois de um tempo,

as mulheres passaram a se envolver, principalmente com futsal, se destacaram e trouxeram diversos prêmios para a associação.

Atualmente, o CESBA atua na área de integração da pessoa surda no mercado de trabalho e tem convênio com a Embasa e com instituições de ensino superior e técnico. O Centro também acolhe surdos em situação de vulnerabilidade social. O Centro conta com uma equipe que trabalha com projetos sociais e pedagógicos voltados à acessibilidade atitudinal, com objetivo de integração da pessoa surda no mercado de trabalho. Para isso oferece assessoria e cursos especializados para preparação das empresas que empregam pessoas surdas. Além disso, o Centro realiza múltiplos eventos de poesia, música, teatro e arte.



### **Entrevista com Márcia Gonçalves - presidenta do CESBA, acompanhada da intérprete Cíntia Santos.**

## **Nas Trilhas do Conhecimento INCLUSÃO PELA MÚSICA**

### **Neojiba: prática artística e desenvolvimento humano**

O Neojiba é um exemplo inovador de política pública mobilizando diferentes setores da sociedade no sentido de promover uma inclusão social. A ação vinculada à Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, a gestão dos núcleos de orquestras

juvenis infantis da Bahia acontece através do Instituto de ação social pela música trazendo como missão central promover o desenvolvimento e a integração social de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade através do ensino e da prática musical coletiva.

Criado em 2007, pelo pianista, educador, regente e gestor cultural Ricardo Castro, o NEOJIBA (Núcleos Estaduais de Orquestras



**Sarau da Arca do NEOJIBA no Parque do Queimado (Lapinha)**

## Nas Trilhas do Conhecimento INCLUSÃO SOCIAL

### Centro de convivência Irmã Dulce

Localizado na esquina entre a Rua Direita e ladeira do Boqueirão no bairro Santo Antônio Além do Carmo, o Centro é uma parceria com a Secretaria Estadual da Saúde para prestar assistência às pessoas em sofrimento psíquico e em vulnerabilidade social especialmente, aos usuários de substâncias psicoativas além do atendimento às famílias residentes no bairro e referenciados pelo Sistema Único de Saúde.

Juvenis e Infantis da Bahia) é um programa do Governo do Estado da Bahia, à Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, gerido pelo Instituto de Desenvolvimento Social Pela Música (IDSM).

Desde 2019, a sede do NEOJIBA passou a ser o casarão principal do Parque do Queimado. Em 1997, o casarão foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Em 2014, o lugar foi cedido pela Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa) para o IDSM, que o transformou num dos espaços para a prática e o ensino musical mais bem equipados do país. Além da sala NEOJIBA, com capacidade para 140 espectadores, no casarão, situam-se departamentos estratégicos do programa, como o setor de Desenvolvimento Social e o Centro de Documentação e Memória. Nos fins de semana, há apresentações gratuitas: Projeto Domingo no Parque. Também, uma vez por mês, acontece o Sarau da Arca.



**Casarão do Centro de Convivência Irmã Dulce dos Pobres**

A região atendida pelo Centro de Convivência tem relação com a biografia de Santa Dulce dos Pobres que nasceu no Barbalho, em 1914, na Rua São José de Baixo, nº 36, fez a primeira comunhão na Igreja de Santo Antônio Além do Carmo e estudou no ICEIA - Instituto Central de Educação Isaías Alves (Barbalho).



***Equipe e pessoas assistidas pelo Centro de Convivência Irmã Dulce em visita ao IFBA Campus Salvador numa atividade do Mapa Cultural IFBA.***

## **Projeto Levanta-te e Anda: um espaço de transformações**

### ***Trecho da entrevista com a Educadora Maria Galvão***

“Aqui acontece as transformações, a gente pega os pneus do lixo, garrafa pet e transforma em arte e beleza e a gente passa para eles. Hoje no momento, nós temos Seu Pedro que está fazendo parte das oficinas. A gente explica para ele: “Seu Pedro, o senhor conseguiu pegar a garrafa pet e transformar... aqui ó, foi essa que ele fez, ainda não terminou... e transformar em arte, então, o senhor então, que é filho de Deus, já pensou nessa transformação

aí dentro de você? Então, a gente trabalha nessa linha da transformação, eles que são muitas vezes considerados lixo, que muitas vezes comem lixo, vivem do lixo, então, eles pegam o lixo e transformam em arte e assim, aos poucos eles vão se transformando, porque aqui é um espaço de crescimento.”



***Igreja de São Francisco de Paula - Sede do Projeto Levanta-te e Anda - Lapinha.***

O Projeto é um centro de convivência de dia, para a população em situação de rua, vitimada pela total exclusão, garantindo dignidade e cidadania. O projeto, que faz parte da Pastoral Povo de Rua, é formado por uma equipe, sendo que alguns membros vieram da situação de rua. Esta característica é uma referência do projeto, pois o atendimento se torna muito humano. Para saber mais acesse o texto [aqui](#).



***Registro da oficina do Mapa Cultural IFBA realizada no Projeto Levanta-te e Anda em dezembro de 2023***



## ETAPA 05: Prática

Elaboração de mapa tátil, utilizando o mapa do Caminho de Inclusões como base. Aproveitar elementos do cotidiano que possam ser utilizados como material de alto-relevo e textura para produção do mapa, exemplo: Algodão, feijão, arroz, folhagem de plantas, palitos de dente e picolé etc.

Levar mapa ampliado em folha de A2 ou A1, 01 mapa para cada grupo (6 ou 4 grupos). Cada grupo da oficina pode fazer um mapa com foco em um caminho que leva a uma ou mais de uma, entre as instituições estudadas.

Os materiais a serem colados no mapa têm a função, através do toque, de orientação e localização de lugares e objetos para as pessoas com deficiência visual.

A ideia é que as pessoas da oficina sejam vendadas e que os mapas sejam trocados entre os grupos para que todos tenham a experiência do toque nos mapas táteis criados pelos outros grupos.

O passo a passo da produção de mapas táteis para pessoas com deficiência visual pode ser conferido no portal do IBGE, acesse o hiperlink [aqui](#).

## ETAPA 06: Avaliando nossa oficina

Como foi ou está sendo dialogar sobre inclusões?

Em que acertamos e em que erramos na preparação e vivência dessa oficina?



**Mapa  
Cultural**  
IFBA



COLETÂNEA

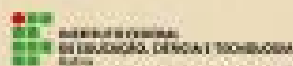
isise

## Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



## Caminhos de Religiosidades

## Volume 11



**Autoria:**

Virlene Cardoso Moreira

Catiane Rocha Passos de Souza

Maria Lucileide Mota Lima

Solange Maria de Souza Moura

**Revisão do Volume 11:**

Erika Maciel

**Assessoria Técnica, Designer Gráfico, Diagramação e Ilustrações:**

Dango Costa

**Ilustrações Capa:**

Maíra Moura Miranda

# OFICINA 11:

## Caminhos de Religiosidades

### OBJETIVOS:

Propor reflexões que projetem o tema 'religiosidade' para além da crença e fé individuais. A dimensão da espiritualidade é parte da condição humana e, como tal, insere-se em espaços socioculturais amplos e complexos. Discussões nesse sentido são importantes para formação da cidadania, pois, reconhecendo-se que a diversidade e pluralidade humana manifesta-se também nas religiões, é possível ampliar a escuta e valorizar diálogos em relação ao tema. O diálogo amplia o respeito às diferentes manifestações de fé que, por sua vez, ajuda no combate à intolerância religiosa.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Estudantes do IFBA e de qualquer escola/instituição de Salvador, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA Campus Salvador.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

4 aulas (200 minutos): 2 teóricas e 2 práticas

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

**Notebook, datashow, caixadesom, rede de internet, cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz.**

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial, a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta Coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem uma ordem cronológica, pois, apesar de terem temas correlacionados, são independentes e podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros do Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade, bem como esclarecer sobre a origem da Série de vídeos curtas documentários Caminhos Culturais do entorno do IFBA do Projeto [Mapa Cultural IFBA](#) como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta Coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da Série, que pode ser acessado [neste hiperlink](#), com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado através de questões, tais como:

- 📍 Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- 📍 Há algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- 📍 Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.



## **a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA**

Essa etapa se desenvolve a partir de UMA QUESTÃO-CHAVE INICIAL, escrita ou feita oralmente:

- O que significa religião para você?
- Para você, espiritualidade e religiosidade são a mesma coisa?

Escutar o público e, na sequência, formular outras questões problemas escritas ou oral, a partir das respostas surgidas. Acrescentar ao diálogo informações dos textos “ Nas Trilhas do Conhecimento”.



# Nas trilhas do conhecimento 01:

## Espiritualidade e Religiosidade

A espiritualidade é uma característica de todo ser humano, que pode ser ou não cultivada. Tem a ver com reflexões profundas sobre a existência e construções de um sentido para a própria vida. A espiritualidade, portanto, significa a possibilidade de uma pessoa mergulhar em seu íntimo e tornar-se uma versão melhor de si. É uma busca do sentido existencial, ou seja, é inerente a todo ser humano, diferentemente da religiosidade, que, não sendo parte da personalidade, é uma dimensão externa, na medida em que é um processo comunitário e cultural. A religiosidade não necessariamente tem relação com a espiritualidade.

Para Giovanetti, o termo “religiosidade” “implica a relação do ser humano com um ser transcendente” (2005 apud PINTO, 2009, p.72) e se manifesta através da religião. A religião é um sistema onde participam crenças, práticas, símbolos, visões do mundo, valores, coletividades e experiências. Os três primeiros, parte de um sistema de símbolos, reforçam-se reciprocamente. A visão do mundo e os valores, mutuamente intensificados, encontram-se no coração da religião, mas, por serem abstratos, concretizam-se e fortalecem-se pelos três

anteriores. As coletividades são componentes inerentes ao sistema e as experiências são, por vezes, a única forma de o tornar evidente. (COUTINHO, 2012, p.177)

O termo “espiritualidade” “não implica nenhuma ligação com uma realidade superior” (2005 apud PINTO, 2009, p.72). A religião é uma das maneiras de cultivar a espiritualidade, mas não a única. Assim, pode-se dizer que a religião é uma manifestação da espiritualidade, sendo, portanto, posterior a ela. Há elementos que são comuns a todas as religiões, “como a presença de mitos (especialmente mitos de origem e de fim), de ritos, de símbolos, da cultura e da congregação social de pessoas [...] sem esquecer das normas morais sobre como lidar com a vida, com o mundo e com as pessoas” (PINTO, 2009, p.73). A religiosidade é uma experiência pessoal e única da religião.

Por que é tão importante entendermos a diferença entre espiritualidade e religiosidade? Porque pode haver pessoas que expressam intensa religiosidade e pouca espiritualidade, assim como pessoas com nenhuma religiosidade, como um ateu ou um agnóstico, por exemplo, podem manifestar uma espiritualidade intensa. Assim, entendendo-se que a espiritualidade é a raiz da religiosidade, fica mais fácil acolher a diversidade religiosa e conviver com pessoas de diferentes religiões. Valorizar primordialmente a espiritualidade suscita “um diálogo delicado, respeitoso, franco e poético com o sentido da existência.” (PINTO, 2009, p.73)

Vamos fazer uma lista de denominações religiosas das quais já ouvimos falar?

➤ Aguardar as respostas. Ir anotando as respostas no quadro em categorias (cristianismos, religiões de matriz africana, espiritualismos).

➤ Escolha palavras, símbolos e/ou imagens que para você se relacionam com essas denominações (pode-se escrever as palavras ou disponibilizar recortes com palavras, símbolos ou imagens).



**Casa de Mãe Marta de Iansã. Santo Antônio Além do Carmo.**



**Igreja Batista Sinai - Barbalho.**

💡 Você já observou as denominações religiosas que possuem espaços em seu bairro?

💡 Você já entrou em algum desses espaços?

💡 Os diferentes espaços religiosos têm a mesma visibilidade?

## Nas trilhas do conhecimento 02:

### Quantitativo de presença de denominações religiosas

Com a presente trilha, objetiva-se apontar quantitativamente a presença das denominações religiosas listadas na sociedade em que estamos inseridos e mostrar que não se trata de fenômeno

aleatório, mas consequência de uma formação histórica.

Registros apontam para a existência de pelo menos 1165 terreiros de umbanda/candomblé, 372 igrejas católicas e 85 centros espíritas em Salvador atualmente. O censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010 indica a capital da Bahia como o quarto lugar entre as cidades do Brasil com mais evangélicos (524 mil declarados). Religiões evangélicas são denominações que englobam igrejas cristãs não católicas, herdeiras do Protestantismo (Protestantismo Histórico – Luteranos, Presbiterianos, Metodistas e Batistas; Pentecostalismo – Assembléia de Deus, Congregação Cristã, Igreja do Evangelho Quadrangular; Neopentecostalismo – Igreja Evangélica Pentecostal Brasil por Cristo, Deus é Amor, Igreja Universal do Reino de Deus e outras).



**Sede Histórica da Igreja Assembleia de Deus. Ladeira do Boqueirão - Santo Antônio Além do Carmo.**

A forte presença de religiões de matriz africana e a predominância cristã em Salvador estão relacionadas à nossa formação histórica (nunca podemos perder de vista que a religiosidade é a dimensão coletiva e cultural da espiritualidade). A colonização portuguesa na América impôs a religião católica aos povos originários do Brasil (embora não tenha conseguido destruir completamente a cultura indígena) e aos povos de origem africana que aqui foram enraizados por meio da escravização. Entre interações forçadas e espontâneas, forjaram-se manifestações religiosas que passam tanto pela influência da cultura indígena e do catolicismo nas religiões de matrizes africanas como manifestações populares católicas com presença de símbolos e crenças de religiosidades afrodescendentes.

A Igreja Católica funcionou como braço direito do Estado desde a chegada dos portugueses em 1500 até o final do Império, quando até os registros civis (nascimentos, casamentos e mortes), o gerenciamento de escolas, hospitais e cemitérios eram atividades de religiosos católicos. Nesse período, a religiosidade não era só uma questão de fé, mas refletia-se nos comportamentos e atos sociais. As práticas religiosas católicas giravam também em torno de festas como procissões, romarias e culto aos santos.

A proclamação da República trouxe uma ruptura entre a Igreja Católica e o Estado. A partir daí, desencadeou-se um processo de valorização do pluralismo religioso, motivando diferentes doutrinas, a exemplo



do espiritismo, umbanda e religiões evangélicas, a buscar formas de ampliar sua visibilidade na sociedade, embora práticas de perseguição às religiões de matriz africanas fossem bastante presentes.

O secularismo brasileiro conduziu a um processo de reconfiguração em que, da vertiginosa expansão das igrejas evangélicas, aumentou-se também sua influência na esfera pública e política. O IBGE calcula que, anualmente, são abertas 14 mil igrejas evangélicas no Brasil. Mantendo-se essa tendência de crescimento do número de evangélicos, os católicos devem representar atualmente menos da metade da população brasileira. Essas novas configurações cristãs, infelizmente, não possibilitaram um acolhimento à diversidade religiosa.



***Casa de Devoção Popular - Rua Direita no Santo Antônio Além do Carmo.***

## **b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS**

### **ETAPA 01**

Assistir ao [curta documentário](#) Caminhos de Religiosidades (duração 12'56").

### **ETAPA 02**

Coletar as impressões que o grupo obteve ao assistir o curta documentário.

### **ETAPA 03**

Exibir o mapa de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar [aqui](#) o Mapa dos Caminhos de Religiosidades.

### **ETAPA 04**

Aprofundar o conhecimento sobre questões apresentadas no vídeo. Para isso, apresentar os itens a seguir, oriundos de materiais dos pontos do Mapa online do [Portal Mapa Cultural IFBA](#).

# Nas Trilhas do Conhecimento

## TRILHA DAS IRMANDADES NEGRAS

### 1. Irmandades, o que são?

Irmandades religiosas são instituições relativamente autônomas dedicadas à devoção de santos católicos. Associações muito importantes no Brasil colonial e imperial, funcionavam como sociedade de ajuda mútua, onde seus membros recebiam assistência quando doentes, presos, famintos ou mortos. Uma das principais funções das irmandades era proporcionar funerais solenes, sepultamento dentro das igrejas e missas pela alma.

O principal critério agregador dos associados era a cor da pele em combinação com a nacionalidade. Havia irmandades de brancos (brasileiros ou portugueses), as de pretos (crioulos ou africanos), e, entre os africanos, havia subdivisões de acordo com as etnias de origem, ou “nações”, como se dizia na época, como angolanos, jejes, nagôs etc.

“A irmandade representava um espaço de relativa autonomia negra, no qual seus membros - em torno das festas, assembleias, eleições, funerais, missas e da assistência mútua - construíam identidades sociais significativas, no interior de um mundo às vezes sufocante e sempre incerto. A irmandade era uma espécie de família ritual, em que africanos desenraizados de suas terras viviam e morriam solidariamente. Idealizadas pelos brancos como um mecanismo de domesticação do espírito africano, através da africanização da religião dos senhores, elas vieram a constituir um instrumento de identidade e solidariedade coletivas”. (REIS, 1996, p. 4).

#### 1. 1 Irmandade do Boqueirão

A Igreja da [Ordem Terceira de Nossa Senhora do Boqueirão](#) foi construída “a partir de um racha com a irmandade da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, tanto é que a irmandade do Boqueirão chamava irmandade dos homens pardos, para se distinguir dos negros do Rosário dos Pretos.” (Padre Ronaldo Marques). Não há registros que precisem a data de fundação da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição dos Homens Pardos, mas há evidências de sua concretude em inícios do século XVIII, funcionando no altar lateral consagrado a Nossa Senhora de Nazaré, da antiga Igreja de Santo Antônio Além do Carmo, até que fosse sua igreja matriz fosse concluída (1770/75).



**Igreja de Nossa Senhora do Bouqueirão**  
**Fonte: Mapa Cultural IFBA**

## 1.2 Quinze Mistérios

Outro templo do Caminho de religiosidades do Mapa Cultural IFBA construído por irmandades negras foi a Igreja dos Quinze Mistérios. “O templo foi erguido em 1829, no terreno onde existia uma casa de adobe. Os irmãos da confraria usaram pedras de uma pedreira em Água de Meninos. Historiadores, como Pierre Verger, vincularam Quinze Mistérios aos desentendimentos ocorridos entre grupos negros originários de nações africanas distintas. Contam que os nagôs, de religião islâmica, criaram no templo, em 1832, a Irmandade de Nossa Senhora da Soledade e Amparo aos Desvalidos, em oposição aos bantus, responsáveis pela Igreja do Rosário dos Pretos na Ladeira do Pelourinho. Os nagôs-malês acabaram transformando Quinze Mistérios em um importante templo sincrético da Salvador do século XIX e abriram suas portas para os revoltosos

muçulmanos organizarem entre as quatro paredes planos da Revolta dos Malês, em 1835, implacavelmente reprimida pela Coroa portuguesa.” (TALENTO; HOLLANDA, 2008, p. 191)



## Nas Trilhas do Conhecimento

### TRILHA DAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DE RELIGIOSIDADE

#### 1. A Festa de Santo Antônio

A Festa de Santo Antônio (Santo Antônio Além do Carmo) e a Festa de Reis e Ternos (Lapinha) são tradicionais manifestações populares da religiosidade presente nesses bairros históricos de Salvador.

Entrevista de Erika Maciel – Professora de Língua Portuguesa do IFBA Campus Salvador ao Mapa Cultural IFBA.

“Minha devoção a Santo Antônio vem

da minha família materna. Desde muito pequena, acompanho as rezas nas casas da minha bisavó, da minha avó e das minhas tias. Em Alagoinhas, cidade de onde venho e em que ele é padroeiro, o seu dia é feriado,



e as festividades a esse santo querido são inesquecíveis. Quando cheguei a Salvador, há trinta anos, busquei manter a tradição de celebrar o dia de Santo Antônio. Sempre rezei em sua igreja, na Barra, ou em casa de amigos. Mas foi quando me tornei professora do IFBA, no Barbalho, que tive a graça de conhecer e usufruir do acolhimento do famoso bairro do Santo Antônio Além do Carmo, e de vivenciar as famosas comemorações ao Santo de mesmo nome. Não contei conversa e não me fiz de rogada: prometi que, sempre que fosse possível, participaria das missas e das procissões pela região, sempre descalça. E assim fiz. Andei cantando, rezando, chorando de emoção e sorrindo de alegria pelas ruelas do Santo Antônio e bairros próximos, louvando o meu santinho querido e agradecendo a dádiva de poder estar presente num lugar tão rico, especial, onde se pode respirar fé, cultura e ancestralidade.”



**Altar na calçada - Rua Direita, durante a Trezena de Santo Antônio**

## 2. A Festa de Reis

*Entrevista de Pablo Henrique da Silva Pinto, morador da Lapinha, ao Mapa Cultural IFBA.*

O Dia de Reis é festejado, anualmente no dia 6 de janeiro. De forma tradicional, as celebrações se iniciam às vésperas do dia 6 de janeiro. É uma tradição natalícia católica que comemora a visita dos três Reis Magos do Oriente ao Menino Jesus.

O Largo da Lapinha, nessas datas, se transforma, pois recebe muitos visitantes, religiosos ou foliões. Após a missa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Lapinha, sai o cortejo do Terno de Reis Anunciação, que começa no Largo da Lapinha, em frente à Igreja, vai em direção à Praça da Soledade, volta, passa em frente à praça novamente e segue em direção à Escola Municipal



**Saída do Terno da Anunciação no bairro da Lapinha**



Pirajá da Silva, de onde retorna ao Largo da Lapinha. No palanque, instalado no Largo, o Terno Anunciação e outros Ternos de Reis se apresentam com muita música, desde marchinhas de carnaval, samba, e músicas de autoria de cada terno. Enquanto um se apresenta, outro sai para o cortejo no mesmo trajeto.

Padre José de Souza Pinto (1947-2019) foi um dos grandes incentivadores e responsáveis pela manutenção da Festa de Reis da Lapinha, de 1973 até 2006. “O Padre

Pinto absorvia a Festa de Reis como marca identitária da própria paróquia. Antes dos anos 70, a Festa era entendida pelos paroquianos como algo à margem, algo da rua, da comunidade. Mesmo que existissem pessoas da paróquia dançando nos ternos, ainda não existia um terno da paróquia. Então, quando o Padre Pinto chegou e viu a Festa decaindo, ele alavancou a Festa para outro patamar”.

## Nas Trilhas do Conhecimento

### TERREIROS DE CANDOMBLÉ EM BAIRROS HISTÓRICOS DE TRADIÇÃO CATÓLICA

Entrevista de Mãe Marta de Iansã, líder espiritual do Terreiro Ilê Axé Oyá Ogum Silé Omim, Santo Antônio Além do Carmo.

“Manter um terreiro em um bairro histórico e católico é uma história de luta e de coragem. Tudo isso eu devo a minha mãe Iansã e a um legado deixado por Catarina Francisca de Assis, minha avó, esse legado é dela, eu sou herdeira de um cargo, herdeira dos caminhos de Ogum e tenho uma história muito forte com o bairro de Santo Antônio, com o forte de Santo Antônio. Então aqui praticamente eu nasci e me criei e pretendo morrer, lutando por essa causa religiosa, essa história de vida, sendo uma mulher negra, de família pobre e candomblecista, uma mulher de fé.”

Em 2016, Babalorixá Deloyá, líder espiritual do Terreiro Ilê Axé Oyá Omim Balé, localizado na Lapinha, denunciou atos de violência contra seu templo. “Os membros do terreiro estão temerosos depois de constantes ameaças de morte. Devido ao temor, as atividades religiosas foram reduzidas. As agressões estariam sendo praticadas por vizinhos (...) fezes de animal são jogadas



**Mãe Marta em entrevista ao Mapa Cultural IFBA em sua casa**

dentro do terreiro. Os agressores chegaram até colocar ácido em plantas sagradas para os candomblecistas.”

Texto retirado de: [Portal bahia.ba](http://Portalbahia.ba). Acesso em 10 abril 2024.



**D. Judite Veloso, rezadeira, Santo Antônio Além do Carmo.** Fonte Mapa Cultural IFBA



**Fotografia de colares de contas, acervo pessoal das autoras**

## Nas Trilhas do Conhecimento

# O ESPIRITISMO E A COMPREENSÃO SOBRE A CARIDADE

O Centro Espírita Luz e Caridade, localizado na Rua São José de Cima, 42 - Barbalho, foi fundado em 13 de junho de 1955. Entretanto, em Salvador, a fundação da Federação Espírita do Estado da Bahia existe desde 1915. A caridade é um princípio muito importante nessa comunidade.

Texto Retirado de: [Febnet.org.br](http://Febnet.org.br). Acesso em 18 de Out. de 2023.




“O verdadeiro objetivo da Caridade é o de dignificar aquele que é beneficiado, assim como se engrandece no silêncio e no anonimato aquele outro que a exerce.


Em razão disso, a Caridade pode ser material e espiritual, no seu aspecto enobecedor de natureza moral. Bem orientada, socorre a fome, a sede, a nudez, a enfermidade, mas também ilumina o desconforto moral,

o abandono afetivo, a loucura das paixões dissolventes, as situações de abandono, sem olvidar a iluminação das consciências. Nunca se perverte, nem depende de nada, exceto de ser vivenciada com naturalidade, arrancando o necessitado da situação em que padece, concedendo-lhe recursos morais para levantar-se da queda e recomeçar a avançar na jornada mil vezes. Quando as criaturas compreendermos que somos interdependentes umas das outras, e que a solidão, a distância entre os seres humanos são estados patológicos ou filhos rebeldes da ignorância assim como do orgulho vão, desaparecerão as diferenças de classes, as presunçosas manifestações do preconceito de qualquer natureza, porque todos serão vistos como irmãos em estágios diferentes da evolução, todos trabalhando para a sua ascensão moral e construção do mundo de legítima fraternidade.


A evolução do pensamento nas suas manifestações éticas, culturais, científicas, civilizatórias tem como alvo a união de todas as criaturas, mesmo animais e vegetais em harmonia, que se pode considerar sinfônica, pois que, cada qual, como se fosse um instrumento musical, é indispensável, portador de importância igual a todos demais. Qualquer expressão restritiva na conduta humana em relação ao seu próximo é atraso moral que a Caridade corrige."


## ETAPA 05: Prática

 O que modificaria nas escolhas de imagens, símbolos e palavras escolhidas na sensibilização do início?

 Visita aos espaços religiosos mencionados.

## ETAPA 06: Avaliando nossa oficina

 Como foi ou está sendo dialogar sobre religiosidades?

 Onde acertamos e onde erramos na preparação e vivência dessa oficina?

### REFERÊNCIAS

COUTINHO, José Pereira. Religião e outros conceitos. Sociologia, **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXIV, 2012, pp. 171-193. Disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10763.pdf>.

PINTO, Ênio Brito. Espiritualidade e religiosidade: articulações. **Revista de Estudos da Religião**; Dezembro, 2009, pp. 68-83. Disponível em [www.pucsp.br/rever/rv4\\_2009/t\\_brito.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.pdf).

10 abril 2024.

TALENTO, Biaggio; HOLLANDA, Helenita Monte de. **Basílicas e Capelinhas: um estudo sobre a História, Arquitetura e Arte de 42 igrejas de Salvador**. 2. ed. Salvador: Bureau Gráfica Editora, 2008.

Mapeamento dos terreiros de Salvador: Disponível em <http://terreiros.ceao.ufba.br/terreiro/config/100>. Acesso em 10 abril 2024.

QUEIROZ, Christina. **Fé pública**. Pesquisadores locais e estrangeiros buscam compreender o crescimento evangélico no Brasil, o maior do mundo. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/fe-publica/> Edição 286 dez. 2019. Acesso em

ALMEIDA, Luana. **Salvador é quarta cidade do País em número de evangélicos**. Disponível em <https://atarde.com.br/bahia/bahiasalvador/salvador-e-quarta-cidade-do-pais-em-numero-de-evangelicos-466719>. Acesso em 10 abril 2024.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Igrejas e conventos da Bahia**. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2010. Roteiros do Patrimônio; v. 9 , t. 1.

REIS, João José. **Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n°. 3, 1996, p. 7-33. Disponível em [https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg3-1.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg3-1.pdf) . Acesso em 10 abril 2024.



**Mapa  
Cultural**  
IFBA



REVISTA

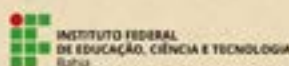
# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos de Arte e Artesanato

Volume 12



**Autoria:**

Solange Maria de Souza Moura  
Virleene Cardoso Moreira  
Catiane Rocha Passos de Souza  
Maria Lucileide Mota Lima

**Revisão Volume 12:**

Elisângela dos Passos Mendes

**Assessoria Técnica, Designer Gráfico, Diagramação e Ilustrações:**

Dango Costa

**Ilustrações Capa:**

Maíra Moura Miranda

# OFICINA 12:

## Caminhos de Arte e Artesanato

### OBJETIVOS:

1. Apresentar a diversidade das manifestações artísticas dos bairros Lapinha, Barbalho e Santo Antônio Além do Carmo, mostrando como o conceito de Arte pode ser amplo e complexo, pois abrange representação, expressão, forma e instituições; 2. Tratar o artesanato como manifestação artística multifacetada, uma vez que traz questões sociais e culturais, concilia tradição e contemporaneidade, além de ter uma importância econômica gigantesca, pois representa a fonte de renda de milhões de brasileiros.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Estudantes do IFBA e de qualquer escola/instituição de Salvador, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA Campus Salvador.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

4 aulas (200 minutos): 2 teóricas e 2 práticas.

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### LOCAL DE APLICAÇÃO PREVISTO:

IFBA - Campus Salvador; escolas e/ou outros espaços/instituições dos bairros no entorno do IFBA.

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Notebook, data show, caixa de som, rede de internet, cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz.

## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta Coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade, bem como esclarecer sobre a origem da Série de vídeos curtos documentários Caminhos Culturais do entorno do IFBA do Projeto [Mapa Cultural IFBA](#) como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta Coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da Série, que pode ser acessado [neste hiperlink](#) com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- Tem algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.



## a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA

Essa etapa se desenvolve a partir de uma questão inicial:

📍 Para você, o que é Arte?

Aguardar respostas. Em seguida, apresentar variadas imagens (impressa ou projetada).

Perguntar às pessoas o que elas compreendem como Arte.

Ouvir as respostas e depois usar informações dos textos “Nas Trilhas do Conhecimento 01”.



**Escultura do Artista Gringo Freitas. Ateliê no Forte do Barbalho.**

# Nas trilhas do conhecimento 01:

## Afinal, o que é Arte?

A pergunta “O que é Arte?” não é simples de ser respondida. A palavra ‘arte’ está relacionada ao termo latino ‘ars’, que significa habilidade ou ofício. A definição de arte tem sido debatida por séculos entre os filósofos. Trata-se da questão mais básica presente no campo da Estética (ramo da filosofia que tem por objetivo o estudo da natureza, da beleza e dos fundamentos da arte). De modo geral, a definição está centrada nas categorias representação, expressão e forma, mas, contemporaneamente, a ‘teoria da instituição’ e a ‘teoria da semelhança familiar’ foram ordens incorporadas às possibilidades de se pensar a definição de arte.

## 1. Arte: Representação, Expressão e Forma

Textos (1.1, 1.2 e 1.3) retirados de: NEVES, Vagner (16/02/2023). O que é arte? A definição e os diferentes tipos: seu significado sofreu constantes modificações ao longo da história. Disponível em [arteref.com/arte/o-que-e-arte](http://arteref.com/arte/o-que-e-arte). Acesso em 26 de março 2023.

### 1.1. Arte como representação (mimesis).

“Platão (428 a.C – 347 a.C) foi o primeiro a desenvolver a ideia de arte como “mimese”, que, em grego, significa cópia ou imitação.

É a partir desse filósofo que, durante séculos, tivemos a definição do conceito artístico como a representação de algo tal qual nos é mostrado pela natureza. Até aproximadamente o final do século XVIII, uma obra de arte era avaliada com base na fidelidade com que reproduzia seu tema. Esse tipo de definição (que ainda existe, porém não de maneira hegemônica) leva as pessoas a darem um grande valor a obras muito realistas, como as de Michelangelo, Peter Paul Rubens, Velásquez, etc. Uma imensa produção artística como literatura, música e pinturas (abstratas, surrealistas, cubistas, etc.) ficaria de fora dessa definição, afinal, não são cópias precisas da realidade.”

### 1.2. Arte como expressão

“Com o surgimento do Romantismo (Século XVIII – XIX), a arte se voltou cada vez mais para as esferas da emoção, sentimento e subjetividade. O movimento surgiu como forma de reação ao Cientificismo e Iluminismo predominante na Europa naquele momento. O centro dessa teoria está no filósofo R.G. Collingwood. Para ele, antes do artista produzir a sua obra, ele não sabe a emoção estética que a obra produzirá no espectador e em si mesmo. Na medida em que ele utiliza a sua imaginação para produzir a obra, ele consegue reconhecer melhor a natureza de suas emoções, determiná-las e fazer a articulação com o objeto. As emoções que a obra transmite serão assimiladas e interpretadas pelo público. Como consequência, teremos a ampliação da consciência emocional tanto do artista quanto do espectador, um enriquecimento subjetivo. É importante salientar que uma arte voltada para o entretenimento, ou

seja, que já apresenta previamente um objetivo de despertar emoções específicas no espectador não apresenta esse caráter mais elevado da “verdadeira arte” para Collingwood. Essa definição tem bastante força atualmente. Muitos artistas procuram se conectar e gerar reflexões em seus espectadores. Aqui, a arte necessariamente apresenta uma função social e exprime determinado(s) sentimento(s). A partir disso, criaram-se conceitos inteiramente baseados na subjetividade, tornando cada vez mais difícil encontrar pontos objetivos em comum que pudessem ser aplicados a qualquer tipo de arte, tanto para defini-la quanto para valorá-la ou interpretar seu significado.”

### 1.3. Arte como forma

“Temos como principal expoente dessa vertente o filósofo Clive Bell (1881-1964). Ele acreditava que a arte deveria ser julgada apenas por suas qualidades formais (equilíbrio, ritmo, harmonia, unidade). A forma significativa é quem seria capaz de provocar uma emoção estética no público. Nessa vertente, acredita-se que não se deve começar por procurar aquilo que define uma obra de arte na própria obra, mas sim no sujeito que a aprecia. Além disso, a representação e o contexto da obra não teriam relevância para Bell. As qualidades formais tornaram-se importantes principalmente com o surgimento da arte mais abstrata no final do século XIX.

#### Teoria da Instituição.

Essa teoria é sustentada principalmente por George Dickie. Segundo o filósofo, pessoas envolvidas com o mundo da Arte devem determinar o que ela é (argumento de

autoridade). Tomando como base essa linha de raciocínio, o ideal da arte estaria fora de si, na medida que a concepção do termo está dentro de uma instituição classificadora. Um dos pilares que sustenta essa teoria é o enquadramento. O jeito que o objeto é apresentado pode mudar seu significado (uma lata exposta no supermercado não tem o mesmo peso que uma lata em um museu). Diferentemente do formalismo, aqui, o contexto é crucial. Podemos observar um círculo vicioso na definição: obras de arte são definidas por pessoas que fazem parte do universo da arte; estas pessoas, por sua vez, são definidas por determinarem quais objetos podem ser classificados como obras. Podemos chegar em dois caminhos: ou a escolha do que é arte é arbitrária (não dotada de critérios práticos) ou a sustentação da teoria acaba esbarrando em conceitos já elaborados anteriormente (como forma, representação ou expressão).

#### Teoria da Semelhança Familiar.

De acordo com o filósofo Morris Weitz, não podemos definir o que é arte. Qual a semelhança entre a Mona Lisa e A Fonte? Entre uma ópera e uma colagem digital? Como podemos enquadrar trabalhos tão distintos numa categoria chamada Arte? Graças às transformações históricas, artistas estão o tempo todo rompendo barreiras e reformulando o conceito de arte. Segundo essa linha, o que sustenta um conceito não é um único fio condutor, mas sim um conjunto de diversas fibras entrelaçadas tal como em uma corda. Weitz propôs que o conceito de arte não deveria ser suscetível de um esgotamento teórico e não poderia ser fechado numa definição unilateral.

Para o filósofo, toda teoria, ao determinar uma essência, fecha o conceito e, como consequência inevitável, acaba prejudicando a própria criação de novos exemplares, que é condição favorável à esfera artística.”

## Nas trilhas do conhecimento 02:



Para você, o que faz uma Arte ser compreendida como Artesanato?

### 2.1. O que é Artesanato

Texto retirado de: <https://www.artesol.org.br/conteudos/visualizar/O-que-e-conceitos>. Acesso em 28 de agosto 023.

“Artesanato é a arte de criar objetos por meio da transformação da matéria-prima, usando as mãos como o principal instrumento de trabalho. As ferramentas e equipamentos [quando estão presentes] são sempre auxiliares, não se sobrepondo ao fazer manual.

A produção artesanal envolve diferentes etapas, como a obtenção da matéria-prima, seu processamento, a confecção de objetos e a comercialização. Ela pode ser realizada por um indivíduo ou por um grupo, dependendo do processo produtivo e das condições geográficas, ambientais, sociais

e econômicas da comunidade. [Algumas] vezes é acompanhada de ações como cantos, rezas, rituais e festas que conectam o trabalho artesanal a outros aspectos da vida, como a religião e o convívio social.

O artesanato sempre manifesta aspectos individuais e coletivos. As escolhas, os gestos e o ritmo do artesão ficam registrados no objeto, assim como as características estéticas, valores e a identidade cultural compartilhados por um grupo de pessoas.”

### 2.2 O que é Artesanato

Texto retirado de: <https://redeartesanatobrasil.com.br/2021/07/24/importanciadoartesanato/>. Acesso em 18 de dezembro 2023.

“A participação artesanal no processo de formação de uma cultura nunca foi questionada, muito pelo contrário, se buscarmos a origem do artesanato, fica claro que ele sempre esteve ligado à subsistência das tradições, fato muito importante para a consolidação de uma identidade cultural. Um exemplo disso é pensar que as primeiras manifestações artesanais no Brasil são a produção de cestarias, ferramentas, cerâmicas, pinturas e adornos por povos indígenas, que até hoje se dedicam nessas confecções.

Entretanto, compreender a relevância patrimonial desse ofício muitas vezes provoca um movimento que atrapalha o setor: entendê-lo exclusivamente como uma atividade cultural. Por que isso é um problema? O artesanato é fonte de renda de milhões de pessoas, que compreendem a relevância sociocultural dele, contudo, desde artesãos e artesãs até os consumidores dos



produtos, colocam de lado a importância do artesanato enquanto impulsionador econômico, inclusive de outros setores, como o turismo.

Desse modo, políticas públicas e outras iniciativas que visam ajudar esses trabalhadores e trabalhadoras se concentram, muitas vezes, em fomentar sua relevância no cenário artístico. Vale apontar que esse enaltecimento cultural não deve ser questionado, mas é preciso discutir e considerar que o artesanato ultrapassa essa linha que divide a cultura e a economia, sendo uma atividade comum aos dois setores e que demanda valorização mútua.

Em adição, é comum também associar o artesanato apenas a práticas antigas, visto que perduram milhares de anos, mas esquecendo da sua adaptação e relevância no cenário atual, que passa desde a incorporação das mídias sociais e das feiras virtuais como mecanismos de venda até o aproveitamento das novas tecnologias para auxiliar na produção.

[...] é possível afirmar que o produto artesanal é atemporal, já que atende às novas necessidades de mercado consumidor e se adapta a ele, mas, simultaneamente, carrega consigo uma bagagem cultural, social e identitária significativa."

## Nas trilhas do conhecimento 03:

### 3.1 Qual a diferença entre o Belo e o Bonito?

**Texto retirado de:** COSTA Cristina. Questões de Arte: o belo, percepções estéticas e o fazer artístico. São Paulo, Ed. Moderna; 2004, p. 29.

"[...] Meu pai lia uma dessas reportagens que denunciavam ao resto do mundo a crueldade do conflito, quando o ouvi exclamar: "Que bela fotografia!". Eu era muito jovem e, tendo ficado impressionada com a admiração que ele demonstrava, fui correndo ver a cena fotografada. A foto mostrava uma trincheira, no meio de uma mata rala, onde se escondia um guerrilheiro de cerca de quinze anos. Era uma figura encolhida e tensa que olhava temerosa para fora do esconderijo, como se tentasse escapar de uma perseguição [...] A cena passava para o observador uma sensação de solidão e fragilidade. Não era uma sensação agradável o que ela despertava. Naquele momento, não entendi como meu pai podia achar bela uma fotografia de um adolescente, sozinho numa mata, em meio a uma guerra, assustado, e, talvez, perto da morte. Retruquei que aquela imagem não era bonita, que o guerrilheiro aparecia sujo, encolhido e feio. Meu pai me explicou, então, a diferença entre o belo e o bonito."

## b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

### ETAPA 01

Assistir ao curta-documentário [‘Caminhos da Arte e Artesanato’](#) (duração 14’04”).

### ETAPA 02

Coletar as impressões que o grupo obteve ao assistir o curta-documentário.

### ETAPA 03

Exibir o mapa de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que

as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar [aqui](#) o Mapa dos Caminhos de Religiosidades.

### ETAPA 04

Aprofundar o conhecimento sobre questões apresentadas no vídeo. Para isso, apresentar os itens seguintes, oriundos de materiais dos pontos do Mapa online do [Portal Mapa Cultural IFBA](#).

## Nas Trilhas do Conhecimento ESTÉTICA ARTE SACRA

Trechos (em aspas) retirado sde: Luis Eugênio Sanábio de Souza. Disponível em [aticanews.va/pt/mundo/news/2022-04/o-sentido-da-arte-sacra](https://aticanews.va/pt/mundo/news/2022-04/o-sentido-da-arte-sacra). Acesso em 18 de dezembro 2023.

A Igreja Católica sempre entendeu que as artes, mas sobretudo a arte sacra, têm em vista, “por natureza, exprimir de alguma forma nas obras humanas a beleza infinita de Deus e procuram aumentar seu louvor e sua glória na medida em que não tiverem outro propósito senão o de contribuir poderosamente para encaminhar os corações humanos a Deus” - Concílio Vaticano II: SC nº 122-. No século VI, o Papa São Gregório Magno insistiu no caráter didático das pinturas nas igrejas, úteis para que os analfabetos, ao contemplá-las, pudessem ler, pelo menos nas paredes, aquilo que não eram capazes de ler nos livros. No século XIII, Santo Tomás de Aquino reafirmou

que as imagens nos conduzem ao Deus encarnado: “Ora, o movimento que dirige à imagem enquanto tal não termina nela, mas tende para a realidade da qual é imagem”.

Assim, a Igreja Católica definiu e determinou: “As veneráveis e santas imagens, bem como a representação da cruz preciosa e vivificante, sejam elas pintadas, de mosaico

ou de qualquer outra matéria apropriada, devem ser colocadas nas santas igrejas de Deus, sobre os utensílios e as vestes sacras, sobre paredes e em quadros, nas casas e nos caminhos, tanto a imagem de Nosso Senhor, Deus e Salvador, Jesus Cristo, quanto a de Nossa Senhora, apuríssima e santíssima mãe de Deus, dos santos anjos, de todos os santos e dos justos” - II Concílio de Nicéia, ano 787.



**Sacristia do Museu do Carmo, Santo Antônio Alé do Carmo.**

## 1 Arte Sacra na Bahia

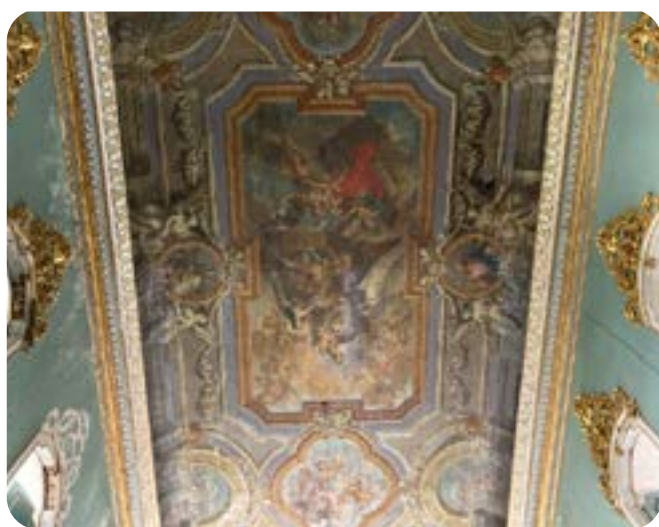
A Arte Sacra da Bahia foi produzida por mãos afro-brasileiras entre os séculos XVII e XIX, sobretudo. Os pintores e escultores contratados por ordem religiosas e irmandades naqueles contextos eram mestres artífices não reconhecidos na sua individualidade, mas sujeitos inseridos ou à margem da estrutura corporativa dos ofícios mecânicos.

Na Arte Sacra das igrejas do Santo Antônio, encontramos em suas cenas narrativas e metáforas pictóricas que representam o espetáculo colonial das estéticas barroca, rococó e neoclássica. A Arte naqueles contextos desempenha o papel de catecismos imagéticos e são tratados pictóricos de estudos da óptica e da matemática tradutores de dogmas do Concílio de Trento.

Cada pintura, por exemplo, traz na cena principal o orago da respectiva devoção religiosa. Na nave da [Ordem Terceira do Carmo](#), pintada por José Teófilo de Jesus, está representada a cena em que Nossa Senhora do Carmo entrega o escapulário a Santa Tereza D'Ávila e a São João da Cruz.

Na capela da **Nossa Senhora da Piedade** e do [Recolhimento dos Perdões](#), também de autoria de José Teófilo de Jesus, tem como tema central da pintura monumental a transfiguração de Cristo na tríade misericórdia, perdão e piedade.

Entre as obras sacras do barroco, destacamos as esculturas de [Francisco Manoel das Chagas](#). São poucos os registros desse grande escultor que fez emergir da madeira corpos que pulsam pela perfeita anatomia e dramaticidade com que expressa a dor de um corpo torturado que se contorce em Cristo Atado e expondo sulcos de uma carne viva em que o sangue escorre e goteja ornado em pequenos rubis do Senhor Morto.



**Sacristia do Museu do Carmo, Santo Antônio Alé do Carmo.**

## Nas Trilhas do Conhecimento

# TRAVESSIAS DA ESTÉTICA NAS ARTES CONTEMPORÂNEAS

Nas cenas do curta documentário “Caminhos de Arte e Artesanato”, fruimos cenas com diferentes artistas e concepções de Arte. A Arte Contemporânea é assim denominada, entre outras características, por reposicionar o público - deixamos de ser espectadores retinianos para participarmos da obra-; uma Arte que se constrói com diferentes materiais e suportes; e uma Arte que pode não se concretizar em um objeto, mas existir na sua própria efemeridade. As cenas do curta nos levam pelos bairros do Barbalho, da Lapinha e do Santo Antônio Além do Carmo, conhecendo artistas visuais, fotógrafos, ateliês de pinturas, esculturas, fotografias, artesanatos, restaurações, dentre outras produções artísticas. As cenas também nos provocam para refletirmos, através da Arte, sobre temas tão presentes no nosso cotidiano.

### 1. **Tiago Sansou - as brincadeiras de infância, as marisqueiras e a ancestralidade**

Entrevista concedida ao Mapa Cultural IFBA

“Eu brinco muito com essa questão dessa natureza absorvendo a vida das pessoas, dessa natureza engolindo a vida das pessoas [...] eu estou comunicando também o quão frutífera era a favela...é que hoje em dia o pessoal fala de favela como se fosse só concreto, só bloco, só aquele laranja daquelas paredes...mas onde eu cresci tinha planta, tinha bananeira, tinha cana. Eu cresci num lugar onde tinha muita cana e eu nunca entendi o porquê, até eu aprender na escola que boa parte dos bairros periféricos eram antigos quilombos, que a periferia, o lugar mesmo, né, dos bairros afastados,



**Detalhe da pintura “Espírito Atemporal da Praia de Paripe”, Tiago Sansou.**

eles eram antigos quilombos. Aí eu consegui entender que isso poderia ser uma relação entre o quilombo, o escravizado, e aquilo que eles plantavam para as gerações futuras encontrarem. E eu fiquei fazendo a estorinha na minha cabeça: será que uma pessoa escravizada resolveu levar cana para os filhos para chuparem o doce da vida e não só o amargo daquela condição...” (Entrevista com Tiago Sansou/Rua dos Ossos, 35A).



Tiago Sansou é Artista visual e designer formado pela Escola de Belas Artes - UFBA. O seu ateliê, também residência, nasceu em tempos de pandemia. Sua chegada ao bairro de Santo Antônio Além do Carmo deu-se pelo interesse do artista nas manifestações culturais e, principalmente, históricas da região. “Quando o espaço tem história e cultura, certamente o artista suga isso para ele”, comenta Tiago.

Cresceu na região do Subúrbio Ferroviário de Salvador e os arquétipos dessa região, dos anos 90, vão influenciar seu trabalho - um contexto em que a comunidade da periferia “era negra e do candomblé”, bem diferente da realidade “neopentecostal de hoje”. Para o artista, sua arte reflete muito da matriz religiosa do candomblé: na sua paleta não há cor preta e nem contorno. Seu trabalho reflete ainda sobre a memória da Salvador dos anos 90 – das ‘mariscagens’ – trabalho que acompanhava sua mãe – e dos pivetes brincando – no jogo de gude e no empinar arraia.

## **2. Marcia Abreu: O Feminino, Ancestralidade e Violência**

Mestre em Artes Visuais, pintora, gravurista, professora e artista multimídia. Moradora no Santo Antônio Além do Carmo há 22 anos. Sua casa é um espaço para desenvolver o seu trabalho artístico. Participou de inúmeras exposições, a nível nacional, entre elas: 1º e o 2º Salão MAM-Bahia de Artes Plásticas, Triangulações (PA), 8ª Bienal do Recôncavo Composições para Tempos Insurgentes (RJ). Desenvolve temática sobre a questão

do feminino, ancestralidade com diferentes técnicas e materiais: pintura, desenho, bordado, gravura, trabalhos tridimensionais.

Os tempos pandêmicos vão interferir em seu trabalho artístico. Seja na impossibilidade de obter materiais e aproveitar lençóis antigos de sua mãe; seja ao voltar também para o cotidiano de violência, que choca a artista e “parece que ninguém faz nada”. A exemplo da manifestação contra a morte de Floyd, uma pessoa levanta a cabeça de um porco em alusão a sociedade americana; e, a morte brutal de Genival Santos, pela polícia em Sergipe, como cita Márcia em entrevista a equipe do Mapa Cultural IFBA.

Marcia Abreu atua também com design e decoração, intervenções em móveis e espaços residenciais e comerciais, que a artista denomina como Arte Aplicada.



***“Tetas”, de Marcia Abreu. Estandarte com tingimento, costura e bordado  
Tamanho aproximado 60 X 80 cm. 2019***

## 2.1 A representação do Feminino na obra de arte

As obras de Marcia Abreu “Tetas”, “Trompas” e outras que abordam uma representação de corpos femininos, nos fazem compreender um “uso de signos e símbolos da feminilidade como crítica aos regimes de corpos e de desejos” (<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa27229/marcia-abreu>, acesso em 19/12/2023) e , ao mesmo tempo, a dualidade barroca - do sagrado e profano.

O que poderíamos compreender, nas leituras de algumas de suas obras, sobre essa crítica?

Permitam-me ensaiar algumas reflexões a partir das representações do corpo feminino na mídia e em determinados contextos da história das artes visuais. A primeira impressão de “Tetas” é o próprio



**“TROMPAS”, de Marcia Abreu. Bordado e tingimento  
60 X 60 cm, 2019.**

título, que posiciona os corpos femininos representados como todas as fêmeas mamíferas. A segunda, praticamente imbricada a essa primeira impressão, é que elas estão penduradas. Aqui, eu me permito enveredar por um outro caminho e propor uma leitura pelos cânones de uma estética pautada na proporção idealizada. “Tetas” é uma ruptura ao regime dos belos corpos renascentistas e ou aqueles concebidos na interpretação do ideal de beleza da estética clássica: em que a harmonia e o equilíbrio são as justas medidas. Mesmas leituras que constroem até os dias atuais a ditadura dos corpos midiáticos.

A diversificação de cores e as texturas dos bordados que ressaltam os mamilos de “Tetas” é um elemento intrigante e que puxa nosso olhar pela tensão criada no seu paradoxo: “Tetas” é uma parte do corpo feminino que é alimento/sobrevivência - no ato de dar de mamar e de prover um outro ser; e é uma parte do desejo.

Coexistem em “Tetas”, arte contemporânea, a dualidade do barroco entre o sagrado e o profano?



E em “Trompas”, que impressões podemos ensaiar?

Vamos observar com atenção a obra e nossa experiência diante dela - seus símbolos e signos, o que percebemos e o que conhecemos do que é representado.

Cabe observar o que aqui compreendemos por impressões em um processo de leitura de uma imagem.

“A arte como impressão, produzindo sentimentos de identificação no espectador, descortina sentidos e significados que não estão cravados no objeto artístico como algo fixo, inalterado. O fruidor/espectador, de forma sensível, crítica e autoral estabelece um diálogo com o objeto numa construção perpassada e conduzida pelos seus sentimentos e suas experiências cotidianas. Nesse diálogo, interage objeto e espectador.” (Moura, 2009, p.75)

Referência

MOURA, Solange M.S. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29820>. Acesso em 19 de dez. 2023

## 2.2 O cotidiano de racismo e violência sobre os corpos negros

Toda Arte possui interface política?

Para Jacques Rancière (2005), a interface política na Arte se encontra nas fissuras e nas rupturas com as configurações do sensível naturalizadas, ao deslocar posições ali conformadas ou previstas.

A Arte não é apenas política ao representar nos seus discursos visuais, sonoros, verbais, gestuais ou corporais um contexto histórico, social e uma cultura, um conflito político ou identidades sociais, étnicas ou sexuais. Ela é política também pelas ações formais e discursivas que configuram e ocupam sensorialmente um espaço e um tempo recortados, os quais determinam uma forma de experiência específica.

Nesse sentido, a Arte na sua interface com a política causa perturbamentos ao que se encontra naturalizado.

É sobre o gestual de perturbamento que observamos Marcia Abreu rememorar em seu trabalho uma cena simbólica na luta cotidiana antirracista tão entranhada na sociedade brasileira. A artista cria um estandarte com a imagem de um porco em tecido e bordado e a coloca ao lado de uma fotografia referencial.

Qual o contexto da obra de Marcia Abreu?

A fotografia referencial é a imagem que emergiu durante o movimento #VidasNegras Importam#, manifestações posteriores ao



**Marcia Abreu, detalhes da obra  
“BLACK LIVES METHER BLM**



assassinato brutal de George Floyd em 2020, nos EUA, que mobilizaram milhares de pessoas em diversas cidades dos EUA e em outros países, incluindo, no Brasil. Em uma das manifestações, na cidade de *Minneapolis*, há um [gesto performatizado](#) - forte e impactante - de um homem negro que em protesto empunha uma cabeça de porco como um troféu. Que simbolismos essa cena nos remete?

Na obra de Marcia Abreu, a violência contra corpos negros e a cena impactante, se objetifica na forma da cabeça do porco que simboliza, segundo a artista, “a supremacia do povo branco que oprime o povo preto.” O porco representa, nos respectivos contextos que sua obra alude, a subjugação de corpos, “o policial” que tirou a vida de Floyd e, dois anos depois, os policiais que assassinaram [Genivaldo de Jesus Santos](#), em Sergipe, com uma reencenação da “câmara de gás”.

[Leia mais sobre esses artistas aqui!](#)

Para saber mais sobre representações de corpos femininos nas artes visuais acesse o [hiperlink](#). Acesso em 19/12/2023.

### 3. Leo Furtado: redimensionando os mundos

O artista plástico e miniaturista Leo Furtado em uma [entrevista concedida ao Mapa Cultural IFBA](#) nos contou sobre seu trabalho de recriação:

“Minha chegada no Forte do Barbalho foi muito interessante. Eu recebi o convite para participar do ‘Órun Áiyé: a criação do



***Detalhe do cenário em homenagem a Ariano Suassuna, de Leo Furtado.***

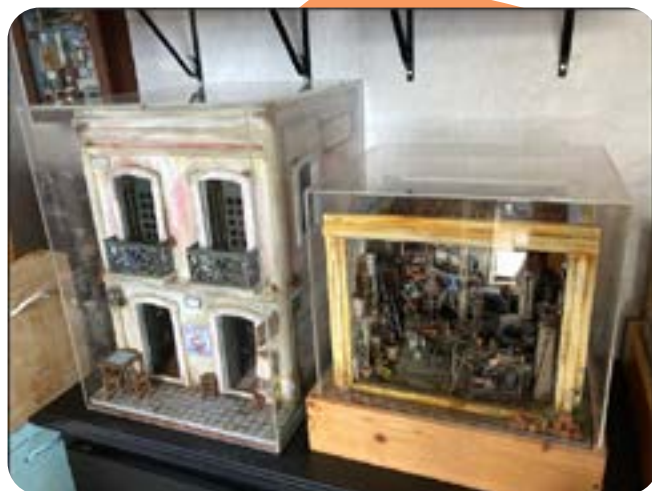
‘mundo’ (animação curta-metragem), que foi feito todo aqui. Passamos aqui quase dois anos produzindo esse filme que foi uma animação Stop Motion da Bahia, que ganhou vários prêmios, inclusive prêmios internacionais, que temos bastante orgulho de dizer que nós participamos e do brilhantismo de Jamile Coelho e de Cíntia Maria, que foram a diretora e produtora [...]. E a partir daí, foi 2014 [...] eu recebi esse convite para vir pra cá e estou aqui até hoje. Num local muito significativo que é o Forte do Barbalho por várias situações que todos nós sabemos, mas que no momento ... nós estamos tentando requalificar com Arte porque aqui [...] existem artistas, de vários segmentos. Aqui [...] pode fazer um filme completamente, porque tem cenário, tem figurino, tem cenógrafos, tem iluminação, tem produção, tem tudo aqui dentro do Forte do Barbalho. Nós temos uma associação de artistas aqui dentro também, justamente para não deixar que um local como este fique obsoleto, né. E que a comunidade, que as pessoas venham conhecer esse trabalho que está aqui, é um trabalho novo, é um trabalho de formiguinha, um trabalho de cada um de nós dando o que nós temos,



mas o objetivo final vai valer a pena, que é a requalificação deste lugar.”

Léo Furtado é especialista em cenários, e trabalha na escala de redução de 1:12 para compor as cenas dos filmes. Podemos visualizar os detalhes em suas miniaturas que reproduzem e/ou criam diferentes espaços. A árvore é um elemento presente em diversos trabalhos que realiza. Quando perguntado pelo Mapa Cultural IFBA sobre essa presença, o artista responde brincando que acha que já foi árvore em “outra encarnação”, mas logo depois diz que “é um símbolo que busco colocar pelo significado que tem a árvore de estar lá, de resistir, de ver...”

A Arte de Léo Furtado já ganhou o país e o mundo. Para visualizar o ateliê de Léo Furtado no Forte, acesse a Pasta do Mapa Cultural IFBA no [hiperhiperlink](#).



**Miniaturas de Leo Furtado.**

Saiba mais sobre a produção artística e cultural no [Forte do Barbalho](#).

## Nas Trilhas do Conhecimento

### ARTE E COTIDIANO

Nas cenas do curta documentário, as quais o vídeo se propõe a uma travessia pela Estética do Cotidiano, a câmera passeia pelos espaços do Ateliê de Maria Candeias, no Forte do Barbalho; da loja de Luciana Fernandes, na rua dos Adobes; por feiras de arte; e se encontra com Alessandra Flores e seus Gigantes.

#### 1. Maria das Candeias: transformando bombonas em bolsas

[Em entrevista ao Mapa Cultural IFBA](#), a artesã Maria das Candeias apresenta seu objeto de criação - uma bolsa, abre e nos mostra,

para nossa surpresa e seu prazer, o interior do objeto feito de bambona. O que nos interessa olhar nessa cena é o seu gesto de apresentar a sua criação e transformação de um objeto do cotidiano em uma arte aplicada ou artesanato (não importa a denominação que a sociedade queira dar). Das suas mãos, nasceram aquele objeto,

das suas mãos, uma bombona de plástico - matéria que foi modificada - passa a ter um novo significado. Das suas mãos, cores e formas foram organizadas e configuradas. O ato de (re)criar é uma necessidade humana e reafirma o que a artista Fayga Ostrower (1983) diz que ao criar nos recriamos.

O gesto de criação de Maria das Candeias é sustentável!

Escutemos Maria das Candeias!

“Meu nome é Maria das Candeias, eu sou artesã, eu vivo realmente do artesanato, me sustento dele. Eu tenho alguns trabalhos, este é autoral, ele é feito de bambona [embalagens multifuncionais que servem tanto para o transporte quanto para a armazenagem de produtos, como alimentos, bebidas e outras], normalmente é o que eu chamo de uma bolsa sustentável... Eu trabalho com artesanato desde 2008, quando eu tirei a minha carteira do antigo Instituto Mauá... eu nunca me afastei, a única coisa que não fiz foi colocar, por exemplo, meus produtos em loja. E eu senti muito isso na pandemia quando eu não tinha o público nem um mercado para vender, então aí foi muito difícil para mim. Mas agora com as feiras retornando... porque a minha paixão é o contato com o público, levar meu produto ao público direto, conversar com eles e convencê-los... principalmente o público baiano...é disso que eu retiro meu sustento aqui dentro do Forte [do Barbalho].”



**Peças produzidas por Maria das Candeias.**

### 1.1 Uma crítica à sociedade do consumo

A bambona que Maria das Candeias transforma em bolsa adquire também um novo posicionamento estético pelo artista plástico do Benin - Romuald Hazoumé - quando a transforma em máscara.

**Trecho retirado de:** CONDURU, Roberto. Conjugando (subvertendo?) o glocal a partir do Benim: Hazoumé, Quenum, Zinkpé . XXX Colóquio CBHA 2010 [cbha.art.br/coloquios/2010/anais/site/pdf/cbha\\_2010\\_conduru\\_roberto\\_art.pdf](http://cbha.art.br/coloquios/2010/anais/site/pdf/cbha_2010_conduru_roberto_art.pdf) Acesso em 19 de dez.2023.

“A partir da África, mais especificamente do Benim, Dominique Zinkpé [...], Gérard Quenum [...] e Romuald Hazoumé [...] desenvolvem suas poéticas, se inserindo nos sistemas de arte e de cultura mundial, que os absorvem em processos característicos da contemporaneidade.<sup>4</sup> Hazoumé, Quenum e Zinkpé conjugam o glocal, pois suas obras transitam entre os contextos locais, a partir de onde atuam, e a cultura mundial, à qual estão atentos e articulados. A um primeiro olhar, em seus trabalhos, os sintagmas (objetos, figuras)

e a semântica (temas, conteúdos) são locais, enquanto a sintaxe é característica das práticas artísticas atuais, uma vez que eles adotam os procedimentos plásticos e conceituais hoje dominantes. Com efeito, Hazoumé, Quenum e Zinkpé produzem obras com meios tradicionais e recentes. E falam de tópicos Beninenses, africanos. Entretanto, o fato de lidarem muitas vezes com alguns dos estereótipos entranhados no imaginário Ocidental em relação à África – a máscara, a escultura, o artesanato, a simbologia religiosa, a vitalidade do corpo humano – é um caminho para perceber como eles reverterem, cada qual a seu modo, as expectativas do sistema de arte e cultural para que conjuguem com sotaque o esperanto da arte internacional hoje. Hazoumé atende à persistente demanda por máscaras africanas. Contudo, para fazê-lo, ele se apropria de um elemento a princípio não artístico e mundialmente corriqueiro: galões para transporte de líquidos; em seu caso, os galões são adquiridos junto aos motociclistas que participam do comércio ilegal de combustíveis transitando por todo o Benim [...] As máscaras feitas com galões, cabelo, tecidos e outros itens de Hazoumé configuram sujeitos, ao articularem títulos a elementos que remetem aos processos de construção subjetiva por meio de marcações religiosas, penteados femininos, indumentária, adereços e outros signos derivados ou associados ao corpo [...].”



**Máscaras de galão, de Hazoumé -2009.**

Fonte--<https://gagosian.com/exhibitions/2016/romuald-hazoume-paris-project-space/>

## 2. Luciana Fernandes: o fazer artístico como um processo de cura e subsistência

Luciana Fernandes conta ao Mapa Cultural IFBA sobre o entrelaçamento entre a criatividade do seu fazer artístico em pequenos cadernos, louças, azulejos e demais objetos utilitários e decorativos e ser a Arte um “alimento para a alma”.

### Entrevista de Luciana Fernandes ao Mapa Cultural IFBA.

“Sempre gostei de arte, sempre gostei de mexer com a criatividade e tal, mas quando eu fiz o concurso e passei ...pouco tempo depois minha mãe descobriu que estava com câncer incurável e então eu comecei nessa saga nos cuidados com minha mãe e ela foi piorando, piorando, e como já era de se esperar ela foi embora e, no momento que ela foi embora, meu mundo caiu. E aí eu descobri fibromialgia, artrite, artrose, entrei numa depressão terrível. E eu sempre ouvia, minha mãe sempre falou que a arte curava, né... que os livros alimentavam a mente e que a arte alimentava a alma e ela sempre incentivou. Aí quando eu descobri essa depressão terrível que eu não conseguia levantar da cama, que eu fui buscar tratamento médico, o meu médico perguntou se eu sabia o poder que a arte tinha e aí eu lembrei daquelas conversas que minha mãe tinha e aí eu comecei a fazer arte para conseguir me levantar. E aí eu fui fazendo tanta coisa, tanta coisa, tanta coisa, que as pessoas começaram a perguntar ‘nossa isso aqui é lindo e você vai fazer o quê com isso?’...aí eu fui produzindo, as pessoas



foram gostando e meu marido... começou a me ajudar... Aí a gente se descobriu um casal apaixonado pela arte. Ele tomou um curso de fotografia, sempre foi apaixonado por fotografar... esse é nosso espaço aqui. Às vezes as pessoas vêm aqui para comprar pessoalmente, mas onde a gente mais vende é nas feiras e pela internet mesmo.”

## 2.1 A arte cura?

A psiquiatra Nise da Silveira, na década de 40 do século XX, encontrou nos trabalhos manuais de marcenaria, nos ateliês de pintura e nas oficinas de teatro a possibilidade no tratamento psiquiátrico. Talvez a médica e os pacientes tenham acessado de uma outra forma suas “almas”, através da arte “alimento”, como Luciana ouvia da sua mãe.

Quero apresentar um artista que viveu por 50 anos na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. Seu nome, Arthur Bispo do Rosário. Esse é um artista que muito me emociona quando falo dele e quando estou diante de sua obra. A obra de Bispo poderia ser compreendida como uma estética barroca na contemporaneidade, considero sua obra sacra.

A obra sacra de Arthur do Bispo Rosário não era formada de santos, anjos nem arcanjos, mas de manto, estandarte, roda, barco, canecas... Uma obra que reorganiza, recria e ressignifica um mundo, desde o seu cotidiano. A arte de Bispo do Rosário é labiríntica, cheia de dificuldades a serem vencidas. Um labirinto barroco, de dobras, reentrâncias. O labirinto existe como desenho, jogo, enigma e tem conotação existencial. Segundo Luciana Hidalgo:



**Estandartes, de Bispo do Rosário. Bordado sobre Tecido. Foto Acervo particular da autora**



“[...] Nascido nessa vila cravada por sentenças seculares, ele gravaria de alguma forma a diversidade dos bordados, fardões e tecidos das datas festivas. Um dia, designado “rei dos reis” por seres luminosos, ele teceria o próprio manto, vermelho, salpicado de bordados, se faria coroar e protagonizaria a própria via sacra.” (Hidalgo, 1996, p.39).

## 2.2. Quem foi Bispo do Rosário?

Arthur Bispo do Rosário, artista negro, nascido em Sergipe vinte e um anos após a abolição da escravidão, encontrou na arte uma linguagem capaz de dar forma a tudo que existisse no mundo, após ser acometido por alucinação que lhe falava e chamava para a hora de reconstruir um mundo, para o dia do “juízo final”. Na sua condição de interno em um hospício do Rio Janeiro, viveu horas isolado, jejuando, costurando, bordando, ocupando-se em reconstruir um mundo em miniaturas. Sua história revelada, nos objetos artísticos - Manto e Estandarte - nas tantas palavras e linhas bordadas, ecoa o poder de realizar um mundo sem limites. Esse artista, um estranho no seu lugar, na sua percepção da cor, das linhas, formas e vozes revelava o desejo de tornar-se mestre de sua realidade, utilizando de objetos e dejetos recolhidos da sociedade de consumo. Tecia o cotidiano com os fios de lençóis e de roupas que desfiavam também histórias e memórias. Desfiou, fiou, tornou a desfiar e fiar, por cinquenta anos, dando corpo a um mundo de suas memórias e existências.

“[...] Arte? Nada disso. Para Bispo, criar significava a própria salvação. Suas obras

seriam apresentadas ao Todo-Poderoso no dia do Juízo Final. Em 1989 [...] morreu e deu passagem a um artista plástico consagrado. Em 1995, seus bordados, assemblages e estandartes representaram o Brasil na Bienal de Veneza e foram requisitados para mostras em Paris e Nova York” (Hidalgo, 1996, citação da capa).

Nas produções de uma arte contemporânea de Bispo do Rosário – *Ready-made*, *assemblages* e colagens – observamos sua relação com obras de vários artistas de vanguarda da década de 60 e com as concepções de arte pós-moderna. Com “Canecas” – várias canecas organizadas em um quadro – , por exemplo, Bispo do Rosário transforma um objeto em Assemblage, ao retirar-lhe do seu uso habitual e inseri-lo em uma nova organização. Assim, devolve aos objetos o que eles são, distanciando-os de uma realidade tal como é vista comumente por todos.

## 3. Alessandra Flores: as histórias de vida modeladas em gigantes



Em entrevista ao Mapa Cultural IFBA, Alessandra Flores conta sobre o projeto coletivo “Lugar de Gigantes”

“Eu me chamo Alessandra Flores, eu nasci em Salvador , fui embora aos 11 anos para Curitiba com a minha família e voltei para fazer mestrado. Isso já faz mais de uma década. E desde então [...] eu moro no Santo Antônio e eu venho trabalhando com história de vida com criação artística a partir do compartilhamento de história de vida. Essa é minha pesquisa acadêmica e o meu trabalho artístico e esse projeto que a gente fez aqui no Santo Antônio foi o primeiro projeto “lugar de Gigantes” que abriu o caminho para os outros que vieram depois [...] Eu comecei a trabalhar com gigantes.

E é um processo essencialmente coletivo [...] No Santo Antônio, a gente trabalhou ali no Forte da Capoeira e as histórias foram muitas. Histórias incríveis! A gente brinca que o Santo Antônio dá e deixa e sempre foi assim. Aqui passava um bonde na Rua Direita e aqui no Santo Antônio morou Castro Alves. Contaram pra gente que tinha uma senhora que morava numa árvore [...] na Praça Santo Antônio; e disseram que morava o mágico aqui na Rua Direita. E todas essas histórias que foram contadas viraram personagens. Assim, normalmente, a gente constrói um personagem de [...] cada comunidade, seja ela uma ou de diversas histórias. Ou uma pessoa, uma criatura única que a gente mistura - uma quimera em um lugar. Mas, aqui no Santo Antônio [...] foi um bonde, era um bonde do Santo Antônio. Então, a gente fez quatro estruturas que eram móveis: a frente e atrás do bonde e a lateral. E dentro do “Bonde do Santo Antônio” veio [...] a árvore, o mágico, veio o Castro Alves com seu cavalo, veio uma serra elétrica na cola

da árvore que é um produto, uma coisa que a gente enfrenta nessa cidade [...] E lá no Uruguai foi Maria Palafita, que era uma negra gigante, uma negra grávida, uma lata d’água na cabeça e da lata d’água saiam as palafitas.

Depois disso tem um encontro [...] no terceiro lugar que, nesse caso, foi no Dique do Tororó. Maria Palafita encontrou com o Bonde de Santo Antônio e tudo isso ao som da orquestra do Maestro Fred Dantas.”

Papel, cola, armação para estrutura são os materiais que dão vida aos personagens das histórias de vida de uma comunidade. Mas, antes tem os desenhos em que todos participam, em um processo que não exclui: olho de um, nariz do outro e etc . A criatura terá um pedaço de cada participante.



**Alessandra Flores em entrevista ao Mapa Cultural IFBA.**

## ETAPA 05: Prática

### 1. Produção de Ateliê 01 - Com um artista

Nessa proposta, o grupo vai até o artista ou o artista é convidado para ter um encontro com o grupo no local da Oficina. Um momento de ouvir, ver e produzir junto com esse/a artista.

### 2. Produção de ateliê 02

Esse é o momento do fazer artístico. Partindo da ideia de que a Arte não busca resposta, mas problematiza, sugerimos que a proposta do fazer esteja articulada às questões que tenham surgido durante o processo e que tenha relação com uma das trilhas que foi percorrida pelo grupo.

**Por exemplo:** Se o grupo trabalhou na Trilha Estética de Artes Contemporâneas e se deteve no trajeto das representações dos corpos femininos, poderíamos sensibilizar o grupo para que percebessem seu corpo (fechando os olhos, escutando uma música - Traduzir-se, Ferreira Gullart) e escolhessem uma parte para compor sua visualidade e os símbolos e signos estariam associados a essa representação.

Em 2.1, 2.2 e 2.3, apresentamos algumas sugestões das linguagens e técnicas que podem ser executadas.



**Mosaico de Vanderlei - o Rei do mosaico Rua Direita - Santo Antônio Além do Carmo.**

#### 2.1 Mosaico

O mosaico é uma linguagem das Artes Visuais que se utiliza da técnica de colagem de pequenas pedras, pastilhas, pedaços de azulejos, conchas e outros materiais sobre um suporte - madeira, parede, chão, papel cartonado e etc. A palavra de origem grega - mousaikón - (mesma origem de musas)- significa "das musas". O registro mais antigo do uso do mosaico data de, aproximadamente, 3500. a.C. na Mesopotâmia.

Para a execução da Produção de Ateliê de Mosaicos, utilizando suportes de papelão, madeira ou papel craft, vamos precisar de cola e mais os materiais de pedraria tradicionais ou sementes, botões, folhas, papéis coloridos etc.:



## 2.2 Assemblage



**Assemblage, de Stael Kyanda . Acervo do Mapa Cultural IFBA**

### O que é uma Assemblage

O termo **assemblage** é incorporado às artes em 1953 e faz referência a uma estética da acumulação, em que um ou mais objetos (elementos) do cotidiano são justapostos e identificados sobre uma superfície. Vai além das colagens e qualquer tipo de material pode ser incorporado à obra de arte . O trabalho artístico visa romper definitivamente as fronteiras entre arte e vida cotidiana. A

Para a execução da **assemblage** é importante saber o que queremos catalogar de nossas histórias de vida, do mundo e mãos à obra!!! É só olhar em volta e , como Bispo do Rosário, buscar objetos do cotidiano que são descartados ou que não queremos mais e dar-lhes uma nova proposta estética.

### Referências bibliográficas

HIDALGO, Luciana. Arthur Bispo do Rosário. O senhor do labirinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. São Paulo: Editora 34, 2005.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1983.

## ETAPA 06: Avaliando nossa oficina

💡 Como foi a sua experiência em dialogar sobre Arte e Artesanato?

💡 Onde acertamos e onde erramos na preparação e vivência dessa oficina?



**Mapa  
Cultural**  
IFBA



COLETÂNEA

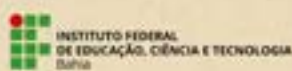
# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos de Cidadania

Volume 13



**Autoria:**

Maria Lucileide Mota Lima

Catiane Rocha Passos de Souza

Solange Maria de Souza Moura

**Revisão Volume 13:**

Waleska Oliveira Moura

**Assessoria Técnica, Designer Gráfico, Diagramação e Ilustrações:**

Dango Costa

**Ilustrações Capa:**

Maíra Moura Miranda

# OFICINA 13:

## Caminhos de Cidadania

### OBJETIVOS:

Refletir sobre cidadania e direitos humanos, bem como, conhecer ações, coletivos e eventos históricos e contemporâneos dos Bairros Lapinha, Barbalho e Santo Antônio Além do Carmo que caracterizam a formação cidadã (a exemplo da Festa do Dois de Julho) e iniciativas contemporâneas de combate ao racismo.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Estudantes e servidores do IFBA e de qualquer escola/instituição de Salvador, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA Campus Salvador; artistas, produtores e agentes culturais em geral.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

2 aulas (100 minutos).

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### LOCAL DE APLICAÇÃO PREVISTO:

IFBA - Campus Salvador; escolas e/ou outros espaços/instituições dos bairros no entorno do IFBA.

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Notebook, data show, caixa de som, rede de internet, cartolina ou quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz.

## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta Coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade, bem como esclarecer sobre a origem da Série de vídeos curtas documentários **Caminhos Culturais do entorno do IFBA** do Projeto [Mapa Cultural IFBA](#) como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta Coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da Série, que pode ser acessado no [hiperhiperlink aqui](#), com duração de 6

minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- Há algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.



## a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA

### I momento - Acolhimento e dinâmica de apresentação

Inspirados pelo vídeo, propomos a formação de duplas para um momento de cochicho buscando saber um pouco sobre a pessoa ao lado. Estendendo um pouco mais o cochicho dialógico, vamos buscar investigar sobre as expectativas dessa pessoa sobre a nossa oficina. Esse breve momento requer que exercitemos uma escuta sensível e dialógica com a pessoa com a qual formamos uma dupla. Depois desse exercício do cochicho dialógico, vamos apresentar a(o) colega para o grupo. (15 min).



Dialogar pressupõe abertura interior, sensibilidade para vivenciar a própria individualidade que já contempla as teias do ser-com-o-outro, amorosidade do indivíduo, a princípio com ele mesmo. Junto-me a Buber para pressupor que a pessoa só consegue encontrar o outro e com ele dialogar quando vivencia o processo de autoconhecimento. Nas palavras desse filósofo, “para podermos sair de nós mesmos em direção ao outro é preciso, sem dúvida, partirmos do nosso próprio interior, é preciso ter estado, é preciso estar em si mesmo” (BUBER, 1982, p. 55).

Assim, a vivência diálogo pressupõe estarmos imbuídos do espírito da “escuta sensível”, que, como diz Barbier (1993), é um caminho para a investigação rigorosa e compreensiva do contexto observado, pois reconhece e aceita o outro sem julgamentos e comparações.

Foi com esse espírito dialógico, sensível que construímos e trilhamos os diversos caminhos desse nosso projeto de pesquisa “Caminhos culturais do IFBA e seu entorno: Barbalho, Santo Antônio Além do Carmo e Lapinha” e é imersos nele que pretendemos vivenciar essa nossa oficina sobre cidadania.

💡 Sugestão de material sobre a prática da escuta sensível, acesse [aqui](#).

Texto: O Diálogo entre Carl Rogers e Buber, hiperlink [aqui](#).

💡 Sugestão de vídeo que reflete sobre cidadania, acesse [aqui](#).

Outras referências bibliográficas sobre diálogo e escuta sensível:

💡 BARBIER, René. **A escuta sensível na educação**. Cadernos ANPED. Porto Alegre: N. 05, set. 1993;

💡 BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982;

💡 BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 1974;

💡 LIMA, Maria L. M. **Tecendo a Eco com-vivência, diálogo e valores humanos na formação do educador**. Tese de doutoramento em Educação. UFBA, 2012;

💡 LIMA, Maria L. M. **Ser aprendiz de si mesmo - o autoconhecimento para o desenvolvimento humano nas organizações**. Salvador-Ba:Ed.Quarteto, 2007;



## II momento - Tempestade de ideias sobre cidadania (15 min)

Visando colher as primeiras referências, saberes, inquietações sobre cidadania, vamos dizer em uma palavra o que cidadania significa e/ou representa para cada um de nós. Segundo o dicionário online: Brainstorming (ou tempestade de ideias) é uma técnica criativa para grupos que serve para tentar encontrar uma solução para um problema específico. Isso é feito ao reunir uma lista de ideias contribuídas pelos membros da equipe de maneira espontânea. No nosso caso, vamos utilizar a técnica para uma espécie de reconhecimento de saberes sobre o conceito de cidadania.



# Nas trilhas do conhecimento 01:

Compreendendo oficinas pedagógicas como uma metodologia que pode possibilitar momentos de desenvolvimento humano ou de formação humana integral ou mesmo transdisciplinar, vamos tratar essa nossa vivência sobre a Cidadania como um instrumento para exercitar o nosso estudar/compreender, pensar/refletir e o fazer/agir. Para tanto, exercitarmos o diálogo enquanto um verdadeiro exercício de comunicação com vista a respeitosa e democrática troca de saberes tanto teóricos quanto práticos.

Aqui lembro de Sócrates (1987), que em sua maiêutica, conclamava seus pares de conversação a questionar os próprios conhecimentos, crenças, valores para, depois de um processo de catarse (de autoconhecimento), abrir um espaço de transformação e de novas possibilidades. Essa lembrança de Sócrates se deve ao fato de pensar essa vivência como um processo, também, de autorreflexão sobre a nossa forma de pensar, sobre os nossos valores e sobre as nossas ações.

Propomos ao longo dessa oficina refletir sobre a cidadania e sobre a civilidade para além de que está constituído no código de direito civil de um determinado país que regulamenta os direitos e deveres dos seus cidadãos. Códigos esses,

influenciados pela ideologia, pelo contexto sociocultural e econômico, pela política, e, consequentemente, pelos detentores do poder desta nação em um determinado tempo/espço.

Pretendemos, pois, vivenciar um breve processo de autoconhecimento ou um momento de olhar de forma sensível e cuidadosa para nossas ações cidadãs ou não. Ou melhor, perceber a “nossa cidadania” no que tange a nossa forma de ser, de viver a vida cotidiana e/ou de nos relacionarmos conosco mesmo, com o(s) outro(s).

Quando falamos em cidadania, a princípio, pensamos em direitos e deveres das pessoas que compartilham de ambientes comuns: um grupo, uma instituição, um bairro, uma cidade, um país e um planeta. Ou seja, tratamos de questões de inter-relação, coparticipação e responsabilidades em problemáticas (socioculturais, econômicas, ambientais...) locais e globais. Questões essas que dizem respeito a ética e/ou a dignidade da pessoa humana e diria mais: a dignidade da vida em nosso habitat comum, o planeta terra.





**Cartazes de populares - Exposição do Pavilhão 2 de julho, Lapinha**

Talvez com o propósito de enfraquecer o conceito, ou melhor, a vivência da cidadania, na atualidade, é comum fazer-se referência à cidadania apenas na perspectiva de cobrar direitos, em especial os direitos sociais. Essa compreensão, do exercício da cidadania, precisa ser analisada. Ou seja, somos cidadãs, cidadãos quando construímos coletivamente a sociedade na qual vivemos, portanto, sobre a qual temos responsabilidades. Percebemos que é relativamente comum algumas pessoas nem mesmo cuidarem dos bens públicos, por não se identificarem como parte ativa, ao menos da arrecadação dos recursos aplicados nos mesmos, e isso é preocupante, porque sem identificação, sem reconhecer-se parte da instituição (Estado, sociedade, organização...) o indivíduo, possivelmente, não vai atuar com responsabilidade e compromisso com essas instituições. Estando desidentificado, sentindo-se apartado dessas instituições, a pessoa, também, não se sentirá cidadã, cidadão.

A conquista da cidadania historicamente ocorreu através de lutas das “minorias” pelo reconhecimento de sua dignidade e consequentemente de sua cidadania que se efetiva em direitos humanos fundamentais, garantidos pelo Estado de direito. Lutas pelo enfrentamento das desigualdades étnico-racial, social, econômica, entre outras e dos abismos por elas instituídos. Essas lutas ocorreram e ocorrem pela garantia da dignidade humana ou pelo reconhecimento da condição humana que em si constitui de diversidade, complexidade constituída de seres com corporeidade, racionalidade, sensibilidade, afetividade, liberdade, vontade...

Sabemos que essa reflexão precisa ser ampliada para compreendermos os conceitos e as práticas de uma República e de uma Democracia. Mas vamos tentar refletir aqui sobre essa questão de não percepção da corresponsabilidade pela vida em sociedade. Por que isso acontece? A quem interessa que parte da população não se perceba como sujeito da sua história e, consequentemente, da história de sua coletividade? A quem interessa que essas pessoas se achem apartadas do Estado?

### **MATERIAL DE PESQUISA:**

💡 Artigo – BENEVIDES, Maria V. Cidadania e Direitos Humanos. Disponível [aqui](#).

💡 Texto Ética e direitos humanos, entrevista com Renato Janine. Disponível [aqui](#).

SÓCRATES. In Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.



## b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

### ETAPA 01

Assistir ao curta-documentário Caminhos da cidadania, acesse o vídeo [aqui](#).

### ETAPA 02

Coletar as impressões que o grupo obteve ao assistir ao curta-documentário anotando palavras-chave na lousa ou numa cartolina. Em caso de acesso à internet e a aparelhos com acesso à rede, pode-se criar nuvem de palavras online.

2.1 Nesse momento, fazer uma inter-relação com os dois primeiros momentos dessa oficina, perguntando:

Qual a importância de festejarmos as nossas ações históricas de lutas pela conquista da cidadania?

Como a nossa história instituída (tanto nos livros, como nas artes) aborda essas ações?

Vocês conhecem, já vivenciaram ou estão atuando em alguma ação de luta pela conquista, preservação ou mesmo conscientização dos direitos e deveres do cidadão?

Por exemplo: Participam de algum coletivo e/ou movimento que possui uma causa ou realizações cidadãs? (Grêmios estudantis, ONGs, Associações e outros).

### ETAPA 03

Exibir o mapa de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar o Mapa do Caminho da cidadania [aqui](#). Visualizar/sentir/estudar/fruir do mapa dos caminhos da cidadania.

### ETAPA 04

Aprofundar o conhecimento sobre agentes, produtores e projetos apresentados no vídeo. Para isso, exibir os pontos do Mapa online do [Portal Mapa Cultural IFBA](#).



# Nas Trilhas do Conhecimento

## FESTA DO DOIS DE JULHO

Escutar o hino do 2 de julho, criado pelo militar baiano Ladislau dos Santos Titára, para celebrar a luta popular e a conquista da independência da Bahia, acesse o hiperlink [aqui](#).



**Cortejo do Dois de julho - ala dos cangaceiros**

Sobre um dos símbolos ao 2 de julho:

O Pavilhão 2 de Julho, também chamado Pavilhão da Lapinha, é uma construção histórica presente no Largo da Lapinha na cidade de Salvador. Sobre esse Pavilhão o professor Baldaia, diz: “De modo amplo, no período monárquico, os festejos iniciaram-se no mês de junho com as saídas bastante aguardadas dos bandos anunciadores, compostos por mascarados e montados a cavalo, terminando com as comemorações em Pirajá no final de julho. Na véspera, os Carros Emblemáticos eram velados nas imediações da Estrada das Boiadas em grande procissão noturna, denominada de ‘Noite Primeira’. Este evento foi suprimido no início da década de 1860, quando da inauguração do Pavilhão Cívico da Lapinha, ainda um amplo barracão, para guardar os Caboclos e os seus carros quando não

estivessem no ciclo festivo” (BALDAIA, 2018, p. 84). Para saber mais, acesse a Tese de doutorado do Professor de Sociologia Fábio Baldaia (IFBA-Campus Salvador): “A festa, o drama e a trama: cultura e poder nas comemorações da Independência da Bahia (1959-2017)”, pelo hiperlink [aqui](#).



**Aula de campo do Mapa Cultural IFBA - do IFBA ao Pavilhão Dois de julho**

O Pavilhão Cívico da Lapinha foi inaugurado em 2 de julho de 1918 por meio de uma ação do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), destinado a guardar os símbolos usados nas comemorações da Independência da Bahia, como os construídos pelo artista baiano Manoel Ignácio da Costa que esculpiu, por encomenda, a figura do Caboclo e decorou com elementos que faziam referência à

guerra, aos locais das batalhas decisivas e à conquista da Independência. Mais tarde, foi esculpida, por Domingos Baião, a figura da “Cabocla”, a representar a força e a presença ativa das mulheres na formação do Brasil.

Ler a transcrição da fala de Arany Santana, secretária estadual de cultura de 2017 a 2022, entrevistada pela equipe do Mapa Cultural

“Olhe, eu quando vim para aqui em Salvador depois do golpe em 65, eu comecei a entender porque as pessoas da periferia se vestiam, se arrumavam para acompanhar o cortejo do 2 de julho porque para mim era apenas uma data histórica, mas a presença popular, pessoas humildes, da juventude, dos mais velhos, dos idosos era muito grande e eu comecei a pesquisar coisas que não tinham no livro didático. A minha pesquisa sobre o 2 de julho foi muito em cima das pessoas mais velhas, disso que vocês estão fazendo, conversando com as pessoas que participaram e honram essa data, por quê? Porque os seus ancestrais ouviram histórias dos seus mais velhos e como fora à luta pela independência do Brasil na Bahia, razão pela qual para mim o 2 de julho é reverenciar esses ancestrais, essas pessoas que não tinham armamento sofisticado para enfrentar as tropas portuguesas.

Foram pessoas negras e negros, mulheres, libertos, não libertos, trabalhadores que enfrentaram esse exército armado, que expulsava a tropa portuguesa deste estado e do recôncavo baiano.

Por isso que quando eu venho no 2 de julho, eu venho com sentimento de gratidão pela ancestralidade. São anônimos, não têm nomes nas estátuas que não têm bustos, são anônimos que lutaram. Por isso que nós estamos aqui”.

Para ouvir a fala completa no vídeo, acesse [aqui](#).

💡 O que essa fala representa para você?

💡 Você já teve alguma experiência, similar a de Arany, em uma festa cívica?

💡 Por que nossa história, de certa forma, oculta ou não dá a devida importância à participação dos negros, indígenas, da população pobre na luta pela independência da Bahia?

💡 Quais as demais lutas estão sendo ocultadas pelas representações políticas e econômicas da nossa sociedade?



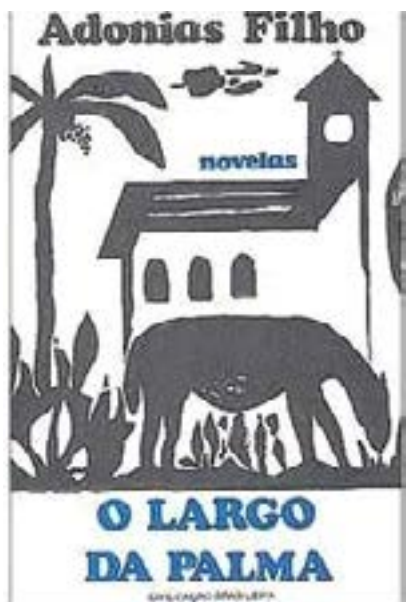
***Casa decorada para o Dois de julho - tradição no percurso da festa***



# Nas Trilhas do Conhecimento

## HERÓIS EM LUTA PELA INDEPENDÊNCIA

Nessa trilha, vamos apresentar um breve resumo do conto “Os Enforcados”, de Adonias Filho, escritor baiano, na obra “O Largo da Palma” (1981).



**Capa do Livro O Largo da Palma**

Esta narrativa está localizada temporalmente. Através de um cego, a história da revolução dos alfaiates é contada numa perspectiva de pessoas que assistiram ao enforcamento dos revolucionários acusados. O ceguinho do Largo da Palma, como era chamado, sentiu que o largo estava vazio, que a igreja tinha poucos fiéis e todos saíram apressados. Ficou sabendo que era o dia dos enforcados. Como não recebe nenhuma esmola, vai para a Piedade, mas antes para na birosca do Valentim. É o Valentim que vai narrar o enforcamento para o ceguinho, ele que tinha uma voz de sermão, hoje fala baixo, tem medo fruto das prisões e das torturas. A cidade traz a marca da tragédia:

- A cidade parece triste.
- A Bahia nunca foi alegre — Valentim, abaixando a voz disse por sua vez. — Uma

cidade com escravos é sempre triste. É muito triste mesmo.

Quando os quatro condenados estão chegando, a multidão se agita. O cego tudo tomava conhecimento pela voz de Valentim, voz emocionada, afinal era ele quem via. Quando a morte do último condenado aconteceu, Valentim sumiu, deixando o ceguinho só, tão só, apenas com o porrete na mão. Andou até reconhecer o Largo da Palma. Tudo o que queria era seu canto do pátio da igreja. E ao aproximar-se, ao sentir o cheiro de incenso, pensou que, naquele momento, já cortavam as cabeças e as mãos dos enforcados. Colocadas em exposição, no Cruzeiro de São Francisco ou na Rua Direita do Palácio, até que ficassem os ossos. O Largo da Palma, porque sem povo e movimento, seria poupado. Ajoelhou-se, então, pondo as mãos na porta da Igreja. E, a única vez em toda a vida, agradeceu à Santa Palma ter ficado cego.

### COMENTÁRIO:

O cego da narrativa pode ser a representação do poeta itinerante, uma visão de renúncia às coisas externas fugidias. Para explicar o que o cego não vê é preciso falar: a narrativa se faz necessária. É a justificativa para uma história ser contada, no caso, “costurando a revolução”, tecendo os fatos. O cego, sem poder ver os fatos exteriores, tem a capacidade de ver a verdade interior.



A Revolta dos Alfaiates ou Inconfidência baiana ocorreu em 1798, cujos participantes pertenciam às camadas pobres. Dois soldados, Lucas Dantas e Luís Gonzaga das Virgens, dois alfaiates, João de Deus do Nascimento e Manuel Faustino dos Santos, que tinha dezoito anos, lutavam pela República. Eram todos negros. Os intelectuais e os ricos da Loja Maçônica Cavaleiros da Luz foram perdoados. O castigo aos pobres deveu-se ao medo de que houvesse uma rebelião dos negros como havia acontecido nas Antilhas.

O dia dos enforcados, na Piedade, 08/11/1799.

Na narrativa, o nome do governador D. Fernando José de Portugal e Castro, os atos que praticava para impor respeito: a chibata, os grilhões, a forca, o esquartejamento, fazem parte do mundo de violência que não deve ser visto. Por isso, o cego agradece à Santa. Para saber mais, acesse o hiperlink [aqui](#).

Muitos heróis e heroínas fizeram parte de nossa luta pela independência na Bahia, antes e depois da batalha do 02 de julho de 1823.

#### Referências bibliográficas:

Baldaia, Fábio Peixoto Bastos. A festa, o drama e a trama: Cultura e poder nas comemorações da Independência da Bahia (1959-2017). Salvador, 2018. 235 f. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25957>.

Filho, Adonias. O Largo da Palma. Novelas 9ª ed. Bertrand Brasil:Rio de Janeiro/ 2013.



**Carros da Cabocla e do Caboclo no Museu do Pavilhão  
2 de julho - Lapinha**

## Nas Trilhas do Conhecimento AÇÕES NO IFBA

Conhecendo algumas ações desenvolvidas pelo IFBA visando a formação cidadã dos seus discentes, bem como, algumas outras instituições nos bairros pesquisados que estão comprometidas com práticas de conscientização e promoção da cidadania especialmente para as pessoas mais carentes.

Fala da Profª Marcilene Garcia (Diretora de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis do IFBA), acesse o vídeo [aqui](#).

Comentários sobre o valor determinante e urgente das instituições de educação criar órgãos (a exemplo da nossa diretoria) divinamente institucionalizados para tratar das políticas afirmativas, das questões étnico/raciais, de gênero e demais demandas estudantis na perspectiva de formação de cidadãos, cidadãos que sejam capazes de pensar de forma reflexiva/crítica sobre a sua realidade global e local e de se prepararem para atuar nos espaços cotidianos de forma consciente.



**Manifestação estudantil na frente do IFBA Campus Salvador**

Destacar a importância das manifestações estudantis e/ou sociais pela conquista de direitos, bem como, manifestações em protesto reflexivo/crítico contra desmandos sociais e políticos.

## Nas Trilhas do Conhecimento SOBRE A DEMOCRACIA

Uma das características de uma democracia é a liberdade atribuída a seu povo de se manifestar de forma pacífica e ordeira em defesa ou para reivindicar direitos civis, sociais e políticos, assim como, para expressar indignação por ações de desmandos cometidos por instituições públicas ou por sujeitos de qualquer ordem. Manifestação é, pois, um ato coletivo em que os cidadãos se reúnem publicamente para expressar uma opinião pública. É habitual que se atribua a uma manifestação um êxito tanto maior quanto maior o número de participantes. O objeto das manifestações são, em geral, tópicos de natureza política, econômica e social.

Segundo o dicionário Michaelis (on-line), manifestação é ato de manifestar ou de manifestar-se; é também grupo de pessoas que se reúnem em local público para defender seus direitos, opiniões etc. Num país democrático, quando as pessoas se reúnem para expressar suas ideias e lutar por seus direitos, isso também é manifestação.





**Manifestação em prol da Democracia na Rua Direita**

Assim, manifestar é o ato de expor, apresentar, declarar, tornar visível, publicar. A manifestação é uma forma do cidadão ou grupo de cidadãos expressarem para a sociedade, para os detentores do poder seus anseios, angústias, dúvidas, opiniões. Dessa forma pode auxiliar o Poder Público a aprimorar a gestão de políticas e serviços, ou a combater a prática de atos ilícitos.

Em algumas situações, elas chegam a ter o poder de mudar relações de poder e mesmo de aprovar uma legislação.

Na democracia, o direito à manifestação política é garantido por lei. No nosso caso, esse direito está incluído no artigo 5º, da Constituição Federal de 1988, que assegura: Liberdade de Expressão IV – é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato; bem como a Liberdade de Reunião XVI – todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente; Liberdade de Associação XVII – é plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar.

## Nas Trilhas do Conhecimento CONHECENDO O CEN E ALGUMAS DE SUAS AÇÕES

### Coletivo de Entidades Negras - CEN

**Fala de Marcos Rezende do CEN em entrevista à equipe do Mapa Cultural IFBA:**

“Nós do coletivo de entidades negras, uma entidade que surgiu em 2003, que começou aqui em Salvador, mas que hoje está em 16 estados do Brasil resolvemos construir aqui no Santo Antônio Além do Carmo o núcleo de gestão popular Milton Santos com

o objetivo de trazer para esse local, que antes foi um local em que a comunidade negra tinha um pertencimento. Se formos olhar aqui onde tem o forte da Capoeira, na praça aqui da frente era onde tinha os ensaios do Ilê Ayiê, por exemplo, nós tínhamos uma série de manifestações culturais negras e, com o passar do tempo, essas manifestações foram sumindo. Não só as manifestações como também os moradores que ao ver a valorização do



bairro em um distanciamento dos locais onde eles poderiam fazer compras, onde eles poderiam ter acesso a bens e serviços de forma mais tranquila, isso foi se distanciando deles, e eles começaram a perceber que talvez fosse melhor comercializar as suas casas e nisso esse bairro entrou em processo de gentrificação. Nós percebemos hoje que temos muitos europeus, muito não negros aqui na região, e a comunidade negra meio que vivia isolada em pequenas porções em um local que outrora nós tínhamos uma relação mais cotidiana nessa religião. Daí esse núcleo de gestão que tem como objetivo buscar pessoas que fazem ações culturais no bairro, pessoas que de outros bairros também trabalham aqui como comerciantes, pessoas que querem fazer formação política e compreenderem melhor a cidade, porque Milton Santos, já tem um geógrafo aqui do lado que não me deixa mentir, foi esse único brasileiro que ganhou esse Prêmio Vautrin Lud que foi o maior prêmio da Geografia, é o maior prêmio de Geografia, ele já discutia a cidade, o direito à cidade e como essa cidade se comporta ao redor do mundo garantindo direitos à cidadania a uns e não garantindo a outros o direito de plenitude cidadã.

Desafios que têm a ver com a permanência e êxodos dos nossos estudantes quando considera as qualidades das relações sociais do ambiente escolar. O nosso ambiente escolar tem que ser um ambiente que possibilite bolsas de assistência estudantil, mas que seja um ambiente que consigamos enfrentar as discriminações de forma geral, racial, de gênero, em relações às pessoas com deficiência, em relação à população

LGBTQIA+, em relação aos quilombolas. Isso pressupõe formação e alteração de conteúdo, pressupõe mudanças de cultura dentro da instituição e, sobretudo, reforço em relação à população negra. Nossos estudantes em sua maioria são negros, nós não podemos conceber uma instituição como se ela não estivesse nesse lugar que é de vivermos um estado África no ponto de vista do seu percentual e quantidade de estudantes negros considerando os autodeclarados pretos e pardos. Um abraço!"



***Sede do Núcleo Milton Santos, do CEN  
Rua Direita, Santo Antônio Além do Carmo***



O Coletivo de entidades negras – CEN – é uma instituição sem fins lucrativos, criada em 2003 pelo movimento negro brasileiro visando atuar no enfrentamento ao racismo e na garantia dos direitos da população negra. Hoje, o CEN está presente em 16 estados brasileiros e em 4 países, sendo 3 da América Latina e nos Estados Unidos. O Núcleo Milton Santos, do CEN, fica localizado na Rua Direta do bairro Santo Antônio Além do Carmo, em Salvador-Ba, ao lado da Igreja do Boqueirão. Esse núcleo Milton Santos foi implantado para resgatar o pleno direito ao bairro pela população negra que vem sendo distanciada do mesmo pelo processo de gentrificação.

Em entrevista ao Mapa Cultural IFBA, Marcos Rezende fala da importância de ocupar esse espaço no Bairro, assista ao vídeo no hiperlink [aqui](#).

Assim, visando garantir plenos direitos à população negra, o Núcleo atua na formação política e cidadã tanto dos moradores, artistas e trabalhadores do bairro, quanto de outras pessoas que necessitem do CEN, núcleo Milton Santos.

Para acessar outros registros do Núcleo, visite nossa pasta no hiperlink [aqui](#).

Sobre processos de Gentrificação no Santo Antônio Além do Carmo, leia o artigo publicado pela equipe do Mapa Cultural IFBA, acesse o hiperlink [aqui](#).

## Nas Trilhas do Conhecimento CONHECENDO O GIA E ALGUMAS DE SUAS AÇÕES

**Entrevista com Cristiano Piton - Professor da Escola de Belas Artes da UFBA e integrante do GIA (Grupo de Interferência Ambiental) à equipe do Mapa Cultural IFBA.**

**Fala do Professor Piton:**

“Gente, é um prazer estar aqui! Devo dizer que o IFBA mora em meu coração sobre o tempo da escola técnica, fiz eletrônica na escola técnica na época de transição do CEFET. Entrei na escola técnica e me formei no CEFET. Sou desse período aí, esse lugar é essencial para meu coração, fui aluno de Diana professora. Esse lugar mora muito no meu coração, por isso eu falei com Ludmilla que eu gostaria muito de ter essa conversa. Minha filha faz, meu filho fez, minha esposa... me encontrei com minha esposa nesse lugar.

Então, resalto a importância desse lugar para a construção da cidadania, da nossa postura política, das considerações que a gente faz na vida, dos amigos que a gente constrói para toda a vida. A escola técnica, IFBA, CEFET são lugares muito importantes na minha vida, tá?”

Desde 2011, quem passava pela Praça dos 15 Mistérios, no Bairro Santo Antônio Além do Carmo, nos primeiros domingos de cada mês conheceu a Feira de Arte, Maravilhas e Esquisitices. Frequentada por artistas e amantes das artes, reunia

artesanato, brechó, comidinhas, livros, bijuterias e outras miudezas vendidas e/ou trocadas a preços baratos e negociáveis. Depois de alguns anos, a feira passou a acontecer no segundo domingo do mês, no “Beco do Zé”, uma travessa entre a rua Direita e rua dos Carvões. A Feira foi criada como uma ocupação coletiva do espaço público destinada ao encontro, ao lazer e ao entretenimento, criando um ambiente de troca cultural e afetiva. Assim, no final da tarde, começaram as apresentações de artistas e grupos culturais. A Feira de Arte, Maravilhas e Esquisitices foi uma das ações iniciadas pelo GIA - Grupo de Interferência Ambiental junto com moradores do Bairro. O GIA existe desde 2002, quando seus integrantes se reuniam no Forte do Barbalho para planejar intervenções urbanas. A partir daí, o GIA teve sede no Bairro Santo Antônio Além do Carmo, no Pelourinho e em outros bairros de Salvador. Formado pelos artistas visuais, designers, arte-educadores e músicos Cristiano Piton, Everton Marco, Luis Parras, Ludmila Britto, Mark. Fonte: hiperlink [aqui](#).

Dayves, Tiago Ribeiro e Tininha Llanos, que têm em comum, além da amizade, uma admiração pelas linguagens artísticas contemporâneas e sua pluralidade, o GIA atua no encontro entre arte, espaço público e convivência.

Desde 2002, as intervenções do GIA acontecem em Salvador, algumas delas podem ser vistas no Blog: [arquivogia.blogspot.com](#) como os vídeos no hiperlink [aqui](#).



**Fonte da imagem:** [portal Prêmio PIPA](#)

O GIA já desenvolveu ações em diversos estados brasileiros e fora do país. Sobre a história do GIA e de suas diferentes atividades ao longo dos anos de sua existência, a equipe do “Mapeamento Cultural” conversou com Cristiano Piton, Ludmila Britto e Tiago Ribeiro no dia 08 de setembro de 2021.

Acesse o hiperlink [aqui](#) para assistir à gravação da conversa.

### **Transcrição de falas dos membros do GIA.**

“Aleatoriedade, humor e reflexões a respeito da vida cotidiana e suas singularidades: talvez esses sejam pontos chaves do Grupo de Interferência Ambiental - GIA, coletivo artístico que foge a qualquer tentativa de definição. O grupo é formado por artistas visuais, designers, arte-educadores e (às vezes) músicos que têm em comum, além da amizade, uma admiração pelas linguagens artísticas contemporâneas e sua pluralidade, mais especificamente àquelas relacionadas à arte e ao espaço público. Pode-se dizer que as práticas do GIA beberam na fonte da arte conceitual, em que o estatuto da obra de arte é negado, em favor do processo, e,

muitas vezes, da ação efêmera, buscando uma reconfiguração da relação entre o artista e o público. A estética GIA, baseada na simplicidade e ao mesmo tempo irônica, procura mostrar, portanto, que a arte está indissolivelmente ligada à vida”. Fonte: Blog do GIA, acesse [aqui](#).

As intervenções urbanas do GIA são bastante reconhecidas, mas, quase sempre, não possuem apoio financeiro. Por conta disso, acabou surgindo o “Sambagia” – Grupo de Samba do GIA que fazia apresentações na própria sede às quintas-feiras. Para ouvir o CD do Sambagia, acesse [aqui](#).

Em 2021, o GIA celebra 18 anos de intervenções artísticas com o lançamento d'O LIVRO DO GIA: “Essa variedade é fruto de uma das características do GIA: a dificuldade de categorização. Isso porque nós nunca nos preocupamos muito em imprimir no grupo um estilo único, embora muita gente tenha escrito que a precariedade, a informalidade e o humor sejam marcas registradas de nossas ações. Para nós, essa nunca foi uma questão tão relevante. Tudo começou de forma muito espontânea e sem preocupações de definir um estilo ou uma forma rígida que caracterizasse o coletivo. Assim, de forma despreocupada e sem muitas pretensões, surgiu o GIA, numa Salvador que, sem dúvida, era uma cidade completamente diferente da que temos hoje”, comenta Ludmila. Fonte: hiperlink [aqui](#).

“As propostas do GIA revelam um entendimento da obra de arte como entidade subjetiva, fragmentária, aberta e instável. Suas intervenções questionam a natureza convencional do objeto artístico, encurtam a distância entre arte e cotidiano, e, através do absurdo, re-propõem a



**O livro do GIA, foto de João Milet Meirelles, no portal [Marcelo Terça-nada!](#)**

vontade dadaísta de aniquilamento dos mecanismos artísticos tradicionais de produção de significados. Utilizando-se da provocação e da ironia, corroem o prestígio social e o valor mercadológico da obra de arte tradicional. Em alguns trabalhos do GIA, a exemplo de Cama, a justaposição de objetos descontextualizados lembra o ‘método paranóico-crítico de sistematização da confusão’ de Dali, que servira de base para numerosas associações e inter-relações delirantes em várias obras. O delírio aqui não é ver o objeto ‘cama’ e uma pessoa dormindo na praça, mas sim a indiferença da sociedade diante da cena cotidiana de pessoas que dormem na rua. Sartre disse que o homem atual está no meio de dois nadas: a vida e a morte. Recentemente ouvi de alguém uma lúcida paráfrase dessa reflexão: o artista contemporâneo está entre dois vazios: o espaço público e o da arte atual. O percurso do GIA até aqui é mais uma das tentativas contemporâneas de retomada do espaço público e da arte. Em Salvador, entre dois nadas, as ações do GIA mostram um caminho pertinente de resistência à mesmice e ao tédio.” Fonte: Blog do GIA, hiperlink [aqui](#).

Para concluir, sem finalizar:

Nessa oficina, não tratamos diretamente, ou melhor, teoricamente, sobre a cidadania cultural porque, tal abordagem requer uma oficina específica. Entretanto, a partir das nossas entrevistas e vídeos das ações de cidadania apresentadas, vemos a inter-relação e a interdependência entre cidadania e cultura. Os traços culturais sempre identificaram povos, etnias, estados dentro de suas formas de ver e viver no mundo. Marcando tradições, raízes que os caracterizam.

Entretanto, a cidadania cultural, demonstra o aspecto plural e a capacidade humana de interação, de diálogos, de convivência com o diverso, o diferente e de aprendizados compartilhados. A vivência da cidadania cultural e/ou da multiculturalidade, principalmente em nossa realidade de mundo globalizado e transnacional, aproxima o local e o global, traçando redes de pertencimento. Mas, também, de reflexão sobre o contexto no qual cada ser humano está inserido e as implicações dessa realidade. A cidadania na contemporaneidade, enfim, não é pensada apenas nos aspectos de direitos e deveres políticos, sociais e econômicos, mas no que tange às questões culturais em sua amplitude.

### **SUGESTÃO DE LEITURA:**

***Vista do Cidadania cultural (usp.br)***

## **ETAPA 05: Prática**

Para finalizar, vamos fazer alguns estudos de “auto casos”. Cada um vai utilizar uma folha de papel em branco e:

- 📍 Identificar-se: dizer em poucas linhas quem é você agora;
- 📍 Relatar ações nas quais você agiu como um / uma verdadeiro / verdadeira cidadão (ã), tentar identificar na declaração dos direitos humanos onde suas ações se encaixam;
- 📍 Relatar ações nas quais você não agiu como um / uma verdadeiro / verdadeira cidadão (ã), tentar identificar na declaração dos direitos humanos onde suas ações (não) se encaixam;
- 📍 Identificar e elencar valores, crenças, preconceitos, desejos, emoções, ideologias experimentados em cada uma das quatro ações relatadas.

Hiperlink [aqui](#) para acessar a Declaração universal dos Direitos Humanos.

## **ETAPA 06: Avaliando nossa oficina**

- 💡 Como foi ou está sendo dialogar sobre cidadania?
- 💡 Onde acertamos e onde erramos na preparação e vivência dessa oficina?



**Mapa  
Cultural**  
IFBA



COLETÂNEA

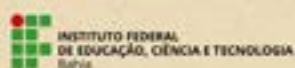
# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos da Capoeira

Volume 14



**Autoria:**

Gracione Batista de Oliveira  
Catiane Rocha Passos de Souza,  
Maria Lucileide Mota Lima  
Solange Maria de Souza Moura

**Revisão Volume 14:**

Elisângela dos Passos Mendes

**Assessoria Técnica, Designer Gráfico, Diagramação e Ilustrações:**

Dango Costa

**Ilustrações Capa:**

Maíra Moura Miranda

# OFICINA 14:

## Caminhos da Capoeira

### OBJETIVOS:

Compreender a capoeira como movimento de resistência e transformação sociocultural, e de diálogos com expressões artísticas. Conhecer o Forte da Capoeira, seu histórico e os grandes Mestres dos bairros Barbalho, Santo Antônio Além do Carmo e Lapinha. Destacar a musicalidade, os instrumentos, as danças e o compromisso com a formação social que constituem o universo da capoeira.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Estudantes do IFBA e de qualquer escola/instituição de Salvador, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA Campus Salvador; artistas, produtores e agentes culturais em geral.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

2 aulas (100 minutos).

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### LOCAL DE APLICAÇÃO PREVISTO:

IFBA - Campus Salvador; escolas e/ou outros espaços/instituições dos bairros no entorno do IFBA.

### MATERIAIS NECESSÁRIOS:

**Notebook, data show**, caixa de som, rede de internet, cartolina, quadro para anotações, caneta para quadro ou cartaz, lápis hidrocor ou pilotos coloridos.

## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade, bem como esclarecer sobre a origem da Série de vídeos curtas documentários **Caminhos Culturais do entorno do IFBA** do Projeto **Mapa Cultural IFBA** como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta Coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da Série, que pode ser acessado no [hiperlink aqui](#), com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado com questões, tais como:

- Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- Há algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta Coletânea.



## a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA

Receber os participantes executando a [playlist “Roda de Capoeira”](#).

### PRIMEIRO MOMENTO.

**Sugestão 01:** Leitura de trecho de letras de músicas de capoeira. [Aqui](#) podem ser encontradas algumas sugestões de trechos de músicas para serem utilizadas nesse momento.

**SEGUNDO MOMENTO.** Perguntar aos participantes sobre sua relação com a capoeira e o que as letras das músicas e a dinâmica de uma roda de capoeira revelam sobre essa prática. À medida que as falas forem surgindo, registrar aspectos relevantes levantados pelos participantes.

**TERCEIRO MOMENTO.** Fazer leitura coletiva do texto sobre a capoeira, extraído do portal da Câmara dos Deputados, que apresentamos a seguir com breves supressões de trechos.

## Nas trilhas do conhecimento 01:

### A história da capoeira no Brasil

**Texto Retirado de:** [Câmara Legislativa Brasileira](#). Acesso em 22 de Abril de 2023. Acesso 22 de abr.2023.

“Símbolo de combate e resistência, a capoeira faz parte da identidade cultural brasileira, sendo reconhecida mundialmente como prática que une o esporte e a arte. Julho é mês de celebrarmos a capoeira enquanto expressão artística brasileira que mistura esporte, luta, filosofia, dança e musicalidade. Todo mundo já deve ter visto uma roda de



capoeira - mesmo que somente em um filme ou numa pintura. A cena é familiar: praticantes se reúnem em um círculo e ao centro dois capoeiristas executam movimentos de ataque e defesa. As demais pessoas cantam e tocam instrumentos. É a música que conduz o ritmo dos jogadores. [...]

A capoeira no mundo - A celebração do Dia Mundial da Capoeira [05 de julho] está prevista no Artigo 10 da Convenção Internacional da Capoeira, documento que criou a Federação Internacional dessa arte. O objetivo é congregar todas as comunidades de capoeira ao redor do mundo e estabelecer um organismo único de regulamentação do esporte. Em 2014, a prática foi reconhecida como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura). Assim, a tradição passa a ser vista como uma filosofia de mundo, buscando manter o respeito entre comunidades, promover integração social e salvaguardar a memória de resistência do povo vindo da África. No Brasil, a Roda de Capoeira já havia sido reconhecida pelo Iphan como Patrimônio Cultural Brasileiro desde julho de 2008 -

conquista essa que reflete mais de oito décadas de combate contra o preconceito à prática.”



**Entrevista com Mestre Boca Rica no Forte da Capoeira**

#### **QUARTO MOMENTO. Questionar:**

- 💡 Vocês já pensaram sobre o que a capoeira representa e por que ela é um símbolo nacional?
- 💡 Quais os aspectos do texto que vocês destacaram e por quê?
- 💡 Vocês conhecem o Forte da Capoeira e os mestres e mestras de capoeira do entorno do IFBA Campus Salvador?
- 💡 Registrar trechos das respostas/depoimentos dos participantes.



## b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

### ETAPA 01

Assistir ao [curta-documentário](#) “Caminhos da Capoeira”, que apresenta o Forte da Capoeira e os grandes Mestres dos bairros Barbalho, Santo Antônio Além do Carmo e Lapinha. (Duração: 12’44”).

### ETAPA 02

Solicitar que o grupo externalize suas impressões após assistir o curta-documentário (o que acharam, provocou emoções, lembranças, curiosidades...).

#### QUESTIONAR:

O curta-documentário responde, de alguma forma, ao questionamento sobre o que a capoeira representa enquanto movimento de resistência e patrimônio imaterial? Os aspectos da capoeira identificados no primeiro momento da sensibilização são explorados em algum trecho do curta-documentário? Outras questões do universo da capoeira são tocadas no curta-documentário e ainda não foram mencionadas até aqui? Quais?

Retomar a lista dos aspectos relevantes levantados pelos participantes no segundo e quarto momento da sensibilização e acrescentar os aspectos relevantes levantados pelos participantes nessa etapa da oficina e que ainda não aparecem nas anotações realizadas anteriormente.

### ETAPA 03

Exibir o [mapa de orientação](#) com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele.

### ETAPA 04

Aprofundar o conhecimento sobre agentes, produtores e projetos apresentados no vídeo. Para isso, ler materiais dos pontos do Mapa online do Portal [Mapa Cultural IFBA](#). Se optar por usar os pontos do Mapa, fazer uma busca dos itens a seguir no mapa online do hiperlink [aqui](#).



# Trilhas do Conhecimento

## FORTE DA CAPOEIRA

### 1. Breve Histórico

Conhecido como Forte da Capoeira, construído entre 1695 e 1703, localiza-se na praça Barão do Triunfo no Largo de Santo Antônio Além do Carmo. Devido à sua posição, cruzava fogos com o Forte do Barbalho, com o qual cooperava. Em 1830, tornou-se Cadeia da Correção do Ministério da Justiça, onde foram detidos os afro-brasileiros capturados na Revolta dos Malês (1835) e os presos na Revolta Sabinada (1837). Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1981, após reforma, passou a abrigar o Centro de Cultura Popular, com o apoio do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia (IPAC), da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) e da Prefeitura Municipal de Salvador. De 1982 a 1988, abrigou os ensaios do Bloco Afro Ilê Aiyê. Desde então, passou a reunir escolas de Capoeira: o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), de Mestre Pastinha; o Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP), de Mestre Moraes; a Escola de Capoeira Angola da Bahia (ECAB), do Mestre Boca Rica; e a Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos (ECAIG), do Mestre Curió; o Centro de Cultura da Capoeira Tradicional Baiana, do Mestre Bola Sete; Escola de Capoeira Filhos de Bimba, do Mestre Nenel; Associação de Capoeira Angola, de Mestre Pelé da Bomba. O Forte do Santo Antônio Além do Carmo é considerado um importante espaço da nossa cultura.



Para saber mais, leia a dissertação de Carolina Ferreira (UFBA), intitulada [\*“Forte da capoeira: esquivas entre espetáculo e resistência em Salvador”\*](#). [...]

Além disso, abriga apresentações, festivais de capoeira e outros eventos promovidos pela Secretariade Cultura.



Texto completo sobre o tema no hiperlink [aqui](#).



**Forte Santo Antônio Além do Carmo, conhecido como Forte da Capoeira**

Em 2003, passa a ser conhecido como Forte da Capoeira. Hoje o Forte é o espaço de memória e de vida da capoeira com museu, escola de mestres da capoeira e oficinas.

### 2. História de Resistência

[Entrevista com Pedro Abib ao Mapa Cultural IFBA](#)

“Foi muito importante a ressignificação desse espaço. Mestre Pequeno foi um dos primeiros a ocupar o forte de Santo Antônio depois que deixou de ser prisão, isso no começo da década de 80 ainda. E depois que ele chegou lá, chegaram outros grupos de capoeira e depois passou por um momento de decadência aquele espaço, ficou meio que em ruínas, aí todo mundo saiu de lá e



João pequeno ficou lá, junto com Mestre Moraes, os dois ficaram lá. No início dos anos 2000, iam mudar aquilo lá, iam fazer uma reforma. O projeto era transformar em sede das filarmônicas da Bahia. Então a gente fez o movimento, o forte junto com a capoeira toda e resistência. Então, a gente criou várias estratégias para poder chamar a atenção da sociedade porque aquilo ali era um crime, tirar João Pequeno, uma figura, na época, ele era o mestre de capoeira mais importante e queriam tirá-lo de lá como aconteceu com Pastinha, que morreu à míngua, morreu lá na miséria porque tiraram o espaço dele, que hoje é o restaurante Sesc Senac lá no



***Painel doado pelo governo do estado da Bahia ao Forte da Capoeira***

pelourinho. A gente depois de muito tempo e de muita luta, a gente conseguiu sensibilizar as autoridades e aí resolveram então mudar o projeto, e aí virou o forte da capoeira, mas por conta dessa luta e resistência dos capoeiristas”.

## **Trilhas do Conhecimento**

### **TRILHA DOS MESTRES E MESTRA**

#### **1. Mestra Jararaca**

No cenário de representação feminina na capoeira se destaca Mestra Jararaca - a primeira mestra de Capoeira Angola da Bahia. Sua história na capoeira se inicia desde criança quando acompanhava sua irmã capoeirista, conhecida como Ritinha Capoeira, nas aulas de Mestre João Pequeno, uma das alunas mais velha do mestre. [...] Mestra Jararaca sempre morou no Santo Antônio e não havia muitas escolas de capoeira, principalmente no centro. Aos 14 anos (em 1989), após a morte de seu pai, ela passou a frequentar a escola de Mestre João Pequeno, no antigo Centro de Cultura Popular, atual Forte da Capoeira. Ficou lá por cinco anos e meio, recebendo o título de Professora. Titulação que era dada pelos



***Fotografia da Mestra Jararaca. Fonte: Portal UFBA***  
***hiperlink [aqui](#)***

mestres angoleiros, exceto por Mestre Curió que intitulava seus alunos aptos a ensinar de Treinel. [...] Texto completo no hiperlink [aqui](#).

## 1.1 Ensinaamentos da Mestra

Escutar Mestra Jararaca é algo especial. De forma simples, a mestra nos leva a uma reflexão que alarga os sentidos da Capoeira. Em uma dessas falas ela nos disse: “Mas a capoeira assim como o candomblé, ele é um espaço - a roça ... o terreiro é um espaço sagrado, então você não pode chegar de qualquer jeito e nem sair de qualquer jeito. Tem que saber entrar e sair e respeitar os princípios.”

## 2. Mestre Aranha

No dia 19 de setembro de 2022, o Mapa Cultural IFBA visitou o Forte do Barbalho e lá conheceu o Mestre Aranha de João pequeno de Pastinha, fundador do grupo tribo de Angola, onde seu trabalho de preservação é importante por diversos aspectos. Iniciado na capoeira quando ainda era menino, Aranha conta que conheceu as rodas por um convite de um soldado que morava em Salvador e que conhecia a escola de Mestre Bimba. Esse soldado viu ele e seus amigos brincando de dar saltos na areia da beira do rio e falou: “rapaz isso é capoeira [...] se vocês estivessem lá em Salvador, [...] vocês iam ser bons capoeiristas.” Aranha disse que ficou “arrepinado” e disse “eu quero aprender”. Passaram, então, a fazer essa brincadeira mais cotidianamente. Em 1983, chegou a Salvador, só por causa da capoeira. Enfrentou os preconceitos dos irmãos, que diziam que “capoeira era de preto” e que



**Academia de capoeira de angola - Tribo de Angola - do Mestre Aranha**

ele deveria fazer outra arte, como Karatê. Mas, ele só queria capoeira. A oportunidade surgiu! Saiu da escola com colegas, subiu a Baluarte e foi falar com o Mestre João Pequeno que queria se inscrever. O mestre marcou com ele segunda-feira, a partir das 9 h.

Texto completo sobre o Mestre Aranha no hiperlink [aqui](#).

### 2.1. Os Ensinaamentos do Mestre Aranha

#### **Entrevista do Mestre Aranha ao Mapa Cultural IFBA.**

“A capoeira angola é uma arte em forma de dança, como sempre foi. Como forma de luta, como sempre foi. A dança é uma arte, né, corporal, e dessa arte, ela pode se transformar em uma ferramenta, um instrumento de autodefesa. Dentro da roda, existe o ataque e defesa, mas é como arte, como dança, como cultura, teatro. Aquela coisa de fingir que tomou uma pegada, tomou uma cabeçada sem ter tomado”.



**Espaço da Tribo de Angola - Forte do Barbalho**

“Quais são os instrumentos obrigatórios de uma roda? Baco, reco reco, agogô, pandeiro e três berimbau. A roda de capoeira de Angola é composta por três berimbaus, enquanto na regional não é só um berimbau. Cada um tem uma função de toque, aquele maior é chamado de gunga, aquele menor é chamado de médio, e o menor é chamado de viola. Ele é alegria e a tristeza ao mesmo tempo, ele tem duas formas de tocar, eu só sei de lúna. A iúna também significa uma ave do sertão.”



**Instrumentos musicais da Capoeira de Angola**

### 3. Professor Robertinho: Roda de Capoeira na Lapinha

O professor Roberto, nascido e criado no bairro da Lapinha, começou a lutar karatê aos cinco anos, migrando posteriormente para a capoeira com o tio. Frequentou as rodas no Mercado Modelo e no Pelourinho pela Academia do Mestre Bimba. Roberto também frequentou academia no bairro Mussurunga e circula a cidade e toda Bahia dando aulas ou fazendo eventos de capoeira. Para o Professor, não há divisões na capoeira, tanto Regional como Angola fazem parte do mesmo tronco e nascem da mesma origem africana. Roberto destaca que a capoeira enquanto luta ou dança tem relação com a história, pois, nos tempos da escravização dos povos africanos, o uso da musicalidade e da dança junto a capoeira eram mecanismos de disfarce, já que os escravizados não poderiam praticar nenhum tipo de luta que ameaçasse o engenho. Além disso, cita o vínculo da capoeira à religiosidade de matriz africana, sobretudo ao candomblé.



**Aula de capoeira com o professor Robertinho**





Sobre a importância da capoeira na formação do cidadão, da cidadã, diz Mestre Roberto:

“A capoeira na escola é essencial para o nosso currículo escolar, para a formação dos nossos estudantes na terra que tem o maior quantitativo de afrodescendentes da diáspora. Então, é fundamental para constituir o currículo das escolas daqui de

Salvador e da Bahia. Já dei aula aqui em algumas escolas da prefeitura do bairro, sem ganhar nada, sem falar nada, só fui apenas lá.

Texto completo e hiperlinks para mais conteúdos sobre o tema [aqui](#).

## Nas Trilhas do Conhecimento

### TRILHA LEITURAS SOBRE A CAPOEIRA ANGOLA

Essa trilha apresenta a Coletânea composta por cinco livros, que são obras dos professores da Universidade Federal da Bahia, Pedro Abib e Rosângela Araújo; uma coletânea de artigos acadêmicos sobre a Capoeira; a reedição do livro Capoeira Angola- Ensaio Sócio Etnográfico, de Waldeloir Rego; e o último volume é um registro dos grupos e instituições de capoeira de Salvador.

#### 1. A História de Juma, O Capoeira Autor Pedro Abib

Paulista de Mogi das Cruzes e residente em Salvador desde 1993, Pedro Abib é praticante de Capoeira Angola, sendo discípulo do Mestre João Pequeno durante 20 anos. É professor da Faculdade de Educação da UFBA, coordenador do Grupo de Pesquisa Griô, além de escritor, sambista, compositor e cineasta.

Inspirado na sua experiência, o autor escreveu a obra infanto-juvenil que conta a história de Juma, um negro trazido da África quando ainda era criança, por meio de um navio negreiro, onde perdeu a sua mãe. Aqui foi escravizado, fugiu para Palmares e se tornou escravo mais uma vez em Santo Amaro, escapando para a Serra da Barriga. Aprendeu a jogar capoeira vendo o N’Golo,

dança da zebra na África, o que lhe deu estratégias nas suas rotas de fuga. Quando já estava livre em Salvador, encontrou Mestre Bimba no Mercado Modelo e um professor capoeirista que o levou a palestrar com estudantes em uma universidade.



**Entrevista com Pedro Abib**



Sugestão de questões a serem abordadas a partir da obra: a memória dos mestres e mestras da capoeira; o preconceito com a capoeira, ontem e hoje; a relação da capoeira com o processo de fim da escravidão, dentre outros.

## 2. É Preta, Kalunga: A Capoeira Angola como prática política entre os angoleiros baianos – Anos 80-90

**Autora Rosângela Costa Araújo**



**Capas dos livros da coletânea**

Escrito pela mestra de capoeira doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e professora da Ufba, Rosângela Costa Araújo, ou Mestre Janja, o livro traz reflexões importantes sobre a capoeira como uma forma complexa de conhecimento, que tem componentes básicos nas relações entre mestres e discípulos e na vivência entre grupos. Faz uma análise inserida no contexto do Centro Histórico de Salvador nos anos 80 e se utiliza de fontes documentais e relatos que se unem à experiência da autora como capoeirista e pesquisadora.

## SUGESTÃO PARA CONHECER

Grupo Nizinga: Grupo Nzinga Salvador Comunidade.

Atividades: segundas, quartas e sextas, das 19 às 21h.

Rua Alto da Sereia, nº 2 - 3º andar, Rio Vermelho.

Sugestão de questões a serem abordadas a partir da obra: capoeira como espaço de autoconhecimento e exercício para as relações sociais; relação mestre e discípulo na capoeira; formação de capoeiristas; interface capoeira/academia; ações de pesquisadores e pesquisadoras de várias partes do mundo que tomam a capoeira como uma das mais importantes expressões afro-brasileira nacional e internacional.

## 3. Pensando a Capoeira Organizadores Franciane Simpício e Alex Pochat



**Imagens do Livro Pensando a capoeira**

O livro reúne 10 estudos em forma de artigos acadêmicos na área de Capoeira, envolvendo temas como religiosidade, educação, gênero, história, tradição, entre outros. Tem como objetivo difundir a produção acadêmica de jovens docentes e

discentes pesquisadores das cinco regiões do país, com ênfase no Nordeste, e se propõe a ser uma referência bibliográfica para os que desejam estudar a manifestação cultural, contribuindo para o seu estudo de forma crítica e sistemática.

Franciane Simplício é mestra em Educação pela Ufba e coordena as ações do programa Capoeira Viva. Produz e coordena projetos no Brasil e no exterior. Já Alex Pochat é compositor, intérprete, produtor cultural e doutorando em Composição pela UFBA. É membro-fundador da Associação Civil Oficina de Composição Agora (OCA) e da Associação Brasileira de Teoria e Análise Musical (TEMA).

**Sugestão de questões a serem abordadas a partir da obra:** gênero e capoeira: o ingresso das mulheres em um mundo tradicionalmente masculino; malícia e mandinga como herança do contexto da escravidão; a religiosidade como um dos pilares constituintes do imaginário social da capoeira; instrumentos, música, canto e sincretismo religioso no universo simbólico da roda de capoeira; expansão da capoeira em outras partes do mundo; regulamentação da capoeira e sua problemática no mundo do trabalho na sociedade capitalista; a contribuição da capoeira no processo de educação formal no que se refere à cultura corporal, musicalidade e relações interpessoais.

## 4. Capoeira Angola – Ensaio Sócio Etnográfico

**Autor Waldeloir Rêgo**

Segunda edição da obra, uma das mais abrangentes pesquisas do universo da capoeira. A primeira edição foi lançada em 1968, sendo que há muito tempo não se encontra em circulação no mercado, mas ainda constitui uma fonte importante para os pesquisadores da área. Foi escrita pelo professor, pesquisador, escritor, etnólogo, folclorista, artista plástico, designer de jóias e Ogã do Ilê Axé Opó Afonjá, Waldeloir Rêgo (1930-2001).

Apresenta um rico inventário da capoeira com profícuas histórias sobre a vinda dos escravos ao Brasil, os fluxos de negros levados para Portugal a partir de 1441, bem como a presença dos negros no território brasileiro através do tráfico de escravos; a busca incessante sobre a origem da capoeira; o jogo da capoeira e suas nuances; os instrumentos musicais que compõem a roda de capoeira; entre outros temas.

**Sugestão de questões a serem abordadas a partir da obra:** o termo capoeira; a origem da capoeira; a indumentária da capoeira; o jogo da capoeira e suas nuances; toques e golpes da capoeira; a riqueza percussiva dos instrumentos musicais que compõem a roda de capoeira; a complexidade do canto da roda de capoeira; memória dos capoeiras famosos e seus legados; ascensão cultural e social da capoeira; capoeira nas artes do cinema e do teatro.

## 5. A Capoeira em Salvador

**Registro de Mestres e Instituições - Organizadores Franciane Simplício, Alex Pochat e Nágila Diacuí**

Catálogo contendo informações sobre as instituições de capoeira em Salvador, como localização, mestres responsáveis e contatos, que permite construir um real diagnóstico sobre a amplitude da manifestação cultural na cidade. A obra é resultado de um chamamento público feito pela Fundação Gregório de Mattos à comunidade da capoeira, a fim de convidá-la a cadastrar suas instituições e fornecer dados que possam auxiliar o encaminhamento de novas ações de incentivo e salvaguarda da capoeira, sobretudo no âmbito das políticas públicas.

Nágila Diacuí é gestora ambiental especializada em Gestão e Elaboração de Projetos Socioambientais e Culturais

pela Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs). Tem experiência na área de elaboração e execução de projetos de educação ambiental, arte-educação e cultura.

**Sugestão de questões a serem abordadas a partir da obra:** facilidade de acesso ao nome das instituições de capoeira (escolas, fundações, associações e grupos) e ao mestres, contramestres e professores de capoeira de Salvador; ações de fortalecimento de políticas públicas para a capoeira; implicações da regulamentação da capoeira; reflexões sobre formação de capoeiristas, dentre outros.

A coleção completa está disponível para download no hiperlink [aqui](#).

## Nas Trilhas do Conhecimento CAPOEIRA E EDUCAÇÃO

O Prof. José Luiz, do IFBA Campus Salvador, na cena do curta fala sobre a relevância da Capoeira na Educação e nos currículos.

“A capoeira na escola é essencial para o nosso currículo escolar, para a formação dos nossos estudantes na terra que tem o maior quantitativo de afrodescendentes da diáspora, então é fundamental para constituir o currículo das escolas daqui de Salvador e da Bahia.”

Ainda em um universo restrito do currículo da Educação Infantil, a Capoeira, nos seus princípios e fundamentos é potencia para toda Educação Básica. Não apenas nas aulas de Educação Física, mas nos saberes e diálogos dos Mestres e Mestras nos espaços da Educação Formal. O texto [a Capoeira e a Educação Libertária para Formação de Sujeitos Autônomos](#) é uma leitura relevante para iniciarmos essa reflexão.

Notícias sobre essa temática, acesse no hiperlink [aqui](#).

## ETAPA 05: Prática

A partir daquilo que foi abordado pelos participantes e dos depoimentos presentes no curta, deverá ser produzido um Glossário da Capoeira com termos que compõem o universo dessa prática.



Dividir os participantes em grupos e orientar que sistematizem os termos levantados em torno dos diferentes aspectos da capoeira: nomenclaturas usadas pelos mestres, nomes de instrumentos, nomes de movimentos, de ritmos, etc.

Socialização dos resultados a que cada grupo chegou e as possíveis dificuldades encontradas.

O material produzido pelos grupos deve ser posteriormente agrupado e organizado em um único documento que, acrescido de seus devidos significados, constituirá um Glossário da Capoeira.

Prática posterior à oficina: visita ao forte da capoeira, rodas de capoeira, conversa com mestres...



## ETAPA 06: Avaliando nossa oficina

- Como foi ou está sendo dialogar sobre a capoeira?
- Onde acertamos e onde erramos na preparação e vivência dessa oficina?



## Referências

ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola: Cultura Popular e o jogo dos saberes na roda**. 2a ed. -Salvador : EDUFBA, 2017.

\_\_\_\_\_. **A história de Juma, o capoeira**. Coleção Capoeira Viva. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.

FONSECA, Carolina Ferreira. **Forte da Capoeira: esquivas entre o espetáculo e resistência em Salvador**. Dissertação, Salvador, UFBA/PPGAU, 2009.

IPHAN. **Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília, DF: Iphan, 2014. Disponível em : Acesso em: 15 de setembro de 2018.

REGO, W. **Capoeira Angola: ensaios sócio etnográficos**. Ilustração André Frauzino. Coleção Capoeira Viva. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.

ARAÚJO, Rosângela Costa. **É preta, Kalunga: a capoeira angola como prática política entre os baianos: anos 80-90**. Ilustração de André Flauzino. Coleção Capoeira Viva. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.

SIMPLÍCIO, F.; POCHAT, A.(Org.). **Pensando a capoeira: dimensões e perspectivas**. Coleção Capoeira Viva. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.

SIMPLICIO, Franciane; POCHAT, Alex; DIACUI, Nágila. **A capoeira em Salvador**. Registro de Mestres e Instituições. Coleção Capoeira Viva. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.



**Mapa  
Cultural**  
IFBA

REVISTA

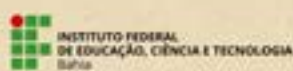
# isise

Materiais didáticos interdisciplinares Caminhos Culturais



Caminhos de Gastronomia

Volume 16



**Autoria:**

Gracione Batista de Oliveira  
Catiane Rocha Passos de Souza  
Maria Lucileide Mota Lima

**Revisão do Volume 16:**

Erika Fonseca Maciel

**Assessoria Técnica, Designer Gráfico, Diagramação e Ilustrações:**

Dango Costa

**Ilustrações Capa:**

Maíra Moura Miranda

# OFICINA 16:

## Caminhos de Gastronomia

### OBJETIVOS:

Compreender que o comportamento relativo à comida está impregnado de simbolismos e referências histórico-culturais de um povo, proporcionando o conhecimento de si e do ambiente que o cerca; analisar que os alimentos que escolhemos e a forma como os consumimos revelam identidade, costumes e características socioculturais de um grupo; abordar mudanças contemporâneas de hábitos alimentares, marcados por gradativas perdas de qualidade nutricional e afastamento das referências tradicionais; refletir sobre questões sociais e políticas quanto à garantia de acesso à alimentação.

### PÚBLICO SUGERIDO:

Estudantes do IFBA e de qualquer escola/instituição de Salvador, exceto da Educação Infantil; moradores do entorno do IFBA Campus Salvador; artistas, produtores e agentes culturais em geral.

### CARGA HORÁRIA MÉDIA:

2 aulas (100 minutos).

### AMBIENTE:

Presencial ou virtual em plataformas de videoconferência.

### LOCAL DE APLICAÇÃO PREVISTO:

IFBA - Campus Salvador; escolas e/ou outros espaços/instituições dos bairros no entorno do IFBA.



## CONTEXTUALIZAÇÃO PREAMBULAR



A indicação é que essa contextualização seja realizada antes da oficina inicial, a ser escolhida dentre as 15 oficinas desta coletânea. Apesar da ordenação sumária, as oficinas não seguem uma ordem cronológica, ou seja, podem ser realizadas conforme os interesses dos sujeitos envolvidos e possuem independência, apesar dos temas correlacionados.

O objetivo da contextualização é apresentar os bairros do Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo como território de grande potência de produção cultural para a cidade, bem como esclarecer sobre a origem da Série de vídeos curtas documentários **Caminhos Culturais do entorno do IFBA** do Projeto [Mapa Cultural IFBA](#) como principal fonte de pesquisa dos materiais usados e indicados nas oficinas desta coletânea.

Nesse intento, a sugestão é que se apresente o vídeo 01 da Série, que pode ser acessado no [hiperlink aqui](#), com duração de 6 minutos.

Em seguida, o diálogo pode ser provocado através de questões, tais como:

- 📍 Quem conhece os lugares e as pessoas exibidos/as no vídeo?
- 📍 Há algum diálogo ou fala dos entrevistados no curta que vocês gostariam de comentar?
- 📍 Gostariam de saber mais sobre esses lugares e essas histórias? Por quê?

A partir das respostas, pode-se levantar o grau de conhecimento do grupo em relação ao território em destaque nas oficinas a serem desenvolvidas nesta coletânea.

## a) SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA

Apresentar, através de slides, uma sequência de imagens relacionadas à gastronomia e ao prazer inerente ao ato de comer e seus estímulos sensoriais: a beleza, os cheiros, as texturas, os sabores... Em seguida, com a intenção de suscitar a reflexão e a crítica, apresentar uma sequência de imagens relacionando a arte culinária a questões como: cultivo dos alimentos; percurso que o alimento faz até chegar a nossas mãos; sustentabilidade alimentar e desperdício de alimentos; alimentação saudável; culinária e religiosidade; culinária e identidade cultural, dentre outras. Algumas sugestões de imagens podem ser encontradas no tópico “Anexos” no final dessa revista.

Questionar aos participantes sobre o que as duas sequências de imagens provocaram neles: lembranças, emoções, preocupações...

A partir dos questionamentos que se seguem, busca-se problematizar o tema da gastronomia e aproximá-lo do contexto dos bairros do entorno do IFBA, contemplados no Mapa Cultural IFBA: Lapinha, Barbalho e Santo Antônio Além do Carmo.

Vocês sabem que os bairros do entorno do IFBA, Lapinha, Barbalho e Santo Antônio possuem uma imensa variedade de opções gastronômicas que atendem desde lanches rápidos inspirados em hábitos culturais norte americanos (*fast food*), até refeições com pratos emblemáticos da gastronomia baiana de influência notadamente africana?

A mudança dos hábitos alimentares pode revelar algo sobre um povo? A gastronomia pode ajudar a entender a realidade das pessoas e da sociedade a que elas pertencem?

Ao comer, alguém já se flagrou pensando sobre o percurso que o alimento fez, e nas mãos pelas quais passou, até chegar à nossa mesa?

Pode a gastronomia ser elemento de aproximação entre pessoas, fortalecendo laços e criando vínculos culturais?



Comidas caseiras, restaurante Self Service próximo ao IFBA.

## **b) ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS**

### **ETAPA 01**

Assistir ao curta-documentário “Caminhos da Gastronomia”, que apresenta os caminhos da comida nos bairros do entorno do IFBA, trata da alimentação escolar e da insegurança alimentar. Vídeo disponível [aqui](#), com duração de 9 ‘29.

### **ETAPA 02**

Solicitar aos participantes que exponham livremente suas impressões sobre o vídeo e as questões relacionadas a ele. Retomar os questionamentos realizados no momento da sensibilização e propor que os participantes apontem trechos do vídeo onde essas questões aparecem.

### **Nas Trilhas do Conhecimento GASTRONOMIA: BOM PARA PENSAR!**

A gastronomia pode ser compreendida, de modo geral, como o conjunto das práticas culturais relacionadas à alimentação, e representa importante elemento de identidade cultural e diferenciação social. Suas raízes são tão antigas quanto à própria espécie humana. Ao longo da história, os diversos grupos humanos foram descobrindo, criando e adaptando formas de cultivos e preparos de seus alimentos, e incorporando técnicas e simbologias aos comportamentos relativos à comida. Com a descoberta do prazer de comer e do ato de partilhar alimentos, essas práticas deixam de ser apenas uma necessidade imediata de sobrevivência, e passam a incorporar novas interações sociais que possibilitam a sensação de acolhimento e pertencimento, novos exercícios da sociabilidade, transmissão de saberes, desenvolvimento de tecnologias e aprimoramento do conhecimento de si e do ambiente. Tais aspectos terminam por conferir à gastronomia uma posição determinante na constituição cultural de um povo.

Tomando como referência o pensamento do antropólogo francês Claude Levi-Strauss ao afirmar que “um alimento não é somente bom para comer, mas também para pensar”, propomos que essa “Oficina” seja uma oportunidade para memórias, afetos, cuidados e reflexão crítica em torno da gastronomia. A alimentação vai além do simples ato de comer, ela é também um ato político! Diante de um contexto de imposições hegemônicas de padrões comportamentais massificados,

estrangeiros às práticas tradicionais e às identidades culturais, faz-se necessário refletir sobre o exercício de poder embutido na questão alimentar.

No momento atual, vivemos uma situação paradoxal que pode ser observada nos dados de aumento de produção e produtividade de alimentos no mundo, em contraposição aos dados de que 735 milhões de pessoas passam fome em todo o planeta e, que apenas no Brasil, 2,1 milhões estão sofrendo com falta de alimentos, conforme

divulgado pela ONU, em relatório de 2023, sobre o estado da segurança alimentar e nutrição no mundo. O relatório aponta conflitos, temperaturas extremas no clima e crises econômicas como principais fatores para essa situação; no Brasil, observamos a prevalência de fatores relacionados à falta de acesso à renda e à terra.

Diante desses dados e considerando as recentes modificações comportamentais

impulsionadas pelo processo de expansão econômica, política e cultural a nível mundial, a globalização, e a consequente perda de referências culturais regionais e tradicionais, talvez possamos perceber nisso, um quadro sintomático de uma crise muito mais profunda e abrangente, revelada também na questão alimentar: uma “crise de sentido” da própria realidade.

## Nas Trilhas do Conhecimento

### COMIDA DE RUA

“A comida de rua em Salvador está nas esquinas, calçadas, praças e largos. Povo a memória, estabelece encontros, resiste aos esforços de ordem, controle e padronização que se apresentam sobre a cidade. Ela está nos carrinhos, tabuleiros, bicicletas, bancas e cestos. Em pontos fixos dos bairros onde pode ser encontrada cotidianamente, ou com vendedores ambulantes que tangenciam o caminho dos passantes. Tem comida de rua pra qualquer hora do dia. Seja para um café da manhã reforçado, para merenda (lanches ao longo do dia), para almoço ou para matar a fome no meio da madrugada. A diversidade é enorme. As delícias são muitas. Um universo inteiro a ser experimentado.”

Trecho do Pequeno guia afetivo da comida de rua de Salvador. Pesquisa de campo realizada com os ambulantes e vendedores de bairros e regiões da cidade: Nazaré, Sete Portas, Barbalho, Santo Antônio, Pelourinho, Baixa dos Sapateiros, Barroquinha, dentre outros. Para conhecer o Guia completo, acesse o hiperlink [aqui](#).

### PROVOCAÇÃO

Dentre as comidas de rua oferecidas nos lugares que você frequenta, qual a sua preferida? Cachorro-quente, espetinho, água de côco, hambúrguer, açaí, milho verde, churros, pipoca, beiju ou acarajé? O bolinho de feijão fradinho, frito no azeite de dendê, certamente está entre as preferências dos baianos (especialmente daqueles que residem na capital e no Recôncavo Baiano).

*Dez horas da noite, na rua deserta a preta  
mercando parece um lamento. Ê o abará na  
sua gamela tem molho ê cheiroso, pimenta  
da costa, tem acarajé. Ô acarajé é cor, ô lá,  
lá iô vem benzer tá quentinho. Todo mundo  
gosta do acarajé. O trabalho que dá para  
fazer que é.*

Música **PretadoAcarajé**, Dorival Caymmi.

Música interpretada por Gal Costa disponível [aqui](#), acesso em 10.10.2023.



## 1. Acarajé

Bolinho feito de feijão fradinho, cebola e sal, frito no azeite de dendê e recheado com vatapá, caruru, camarão e molho de pimenta. Seu nome tem origem na língua iorubá: “acará” (bola de fogo) e “jé” (comer). Começou a ser vendido em tabuleiros nas ruas de Salvador por negras alforriadas que usavam as mesmas roupas dos terreiros de candomblé e se tornou o carro-chefe da culinária baiana. Em 2004, o acarajé foi tombado como patrimônio nacional pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). E a técnica de feitura do acarajé é reconhecida como patrimônio cultural imaterial. Para saber mais, acesse [aqui](#) o “Dossiê IPHAN 6”.

**Fonte:** Gastronomia da Lapinha. Ver texto do Portal Mapa Cultural IFBA, acesse o hiperlink [aqui](#).

O tombamento do acarajé e do ofício das baianas como patrimônio imaterial representa um importante marco legal de reconhecimento da contribuição do povo preto na formação cultural do nosso país. Entretanto, faz-se, ainda, necessário aprofundar questões relacionadas ao histórico de participação social que foi negada a essa parcela da população e ao seu longo processo de luta por reconhecimento e justiça social.



## PROVOCAÇÃO

As Baianas de acarajé ainda são vítimas de preconceito? Se sim, de que tipo? (Tentativas de descaracterização de seu ofício, negação de suas significações na esfera religiosas, restrições à ocupação de espaços públicos...)

## 2. No entorno do IFBA

“Uma comida de rua garante a popularidade da lanchonete Travessa’s entre os frequentadores do IFBA Campus Salvador. Localizada na Rua dos Ossos, Bairro Santo Antônio Além do Carmo, a lanchonete, fundada em 1987, é conhecida por garantir o melhor cachorro-quente da Cidade. ‘É tudo muito bom. Além do ambiente agradável’, garante Fabiane Safira, que conheceu o lugar quando estudava no então Cefet (hoje Ifba). ‘E o preço também é bastante em conta, muito atrativo’, completa. Ela diz ainda que já marcou muitas reuniões de turma no estabelecimento. Trecho da matéria ‘Melhor cachorro-quente de Salvador completa 30 anos em 2017’, do site [bahia.ba](#).

**Fonte:** Gastronomia da Lapinha. Ver texto de apoio no hiperlink [aqui](#).

## 3. Feijoada

O prato, rico em calorias, é apreciado não apenas nos almoços. Nos eventos e festas populares é servido desde as primeiras horas do dia, principalmente em diversos bares, restaurantes e mesmo em barracas nas ruas da Cidade. Dica:

Feijoada das Meninas – é servida no Largo da Lapinha, ao lado da igreja. O bar fica aberto durante toda a madrugada aos finais de semana. Nos Bairros Barbalho, Lapinha e Santo Antônio Além do Carmo, é possível encontrar uma variedade gastronômica, com estabelecimentos que vão desde lanches mais simples a comidas mais elaboradas, como as da Chef Andrea Nascimento, moradora da Lapinha.

Atualmente, o Largo da Lapinha tem se apresentado como uma das opções na cidade de gastronomia com excelente qualidade

e muito diversificada. O Largo reúne inúmeras opções, do tradicional acarajé ao yakisoba que já caiu no gosto do baiano. Além das comidas de rua, na região há uma variedade de restaurantes com comida boa e ambientes bem aconchegantes. Entre as opções gastronômicas do bairro estão: o restaurante Entre Folhas e Ervas, o Espaço Cultural Belvedere da Lapinha e Maísa - baiana de Acarajé do Largo da Lapinha.

Fonte: Gastronomia da Lapinha. Ver texto de apoio no hiperlink [aqui](#).

## **Nas Trilhas do Conhecimento**

# **GASTRONOMIA: UMA QUESTÃO DE AUTOCONHECIMENTO E DE IDENTIDADE CULTURAL**

### **PROVOCAÇÃO**

O que os alimentos que escolhemos e a forma como os consumimos revelam sobre quem somos e sobre a constituição de nossa identidade?

Quanto a essas questões, consideremos dois breves trechos de Maria Eunice Maciel, no texto Identidade Cultural e Alimentação.

“A socióloga Deborah Lupton [...], em seu livro ‘A alma no prato’, enfatiza o valor comunicativo das práticas e linguagens construídas em torno do fenômeno da alimentação. Em seu estudo, Lupton centra-se na análise dos discursos sobre a comida, assim como sobre quaisquer diferenças observadas dependendo do ambiente. Nesta perspectiva, estes discursos tornam-se parte integrante dos significados que são atribuídos tanto à refeição como à comida em si. O indivíduo, através do sentido do tato, olfato, paladar, audição e visão, estabelece um contato com a cultura, pelo fato de que os sentidos representam os canais de entrada na mesma. A forma como nós preparamos, tocamos, manipulamos e comemos a nossa comida, comunica a nossa experiência, os nossos valores e a nossa personalidade.” [...] “Mais do que hábitos e comportamentos alimentares, as cozinhas implicam formas de perceber e expressar um determinado modo ou estilo de vida que se quer particular a um determinado grupo.

Assim, o que é colocado no prato serve para nutrir o corpo, mas também sinaliza um pertencimento, servindo como um código de reconhecimento social.”

**Texto retirado de:** MACIEL, Maria Eunice. Identidade Cultural e Alimentação, In Antropologia e nutrição: um diálogo possível. Disponível no [hiperlink](#). Acesso 30 de set. 2023.

## PROVOCAÇÃO

Qual a comida que mais lhe traz a sensação de pertencimento às suas raízes culturais?



Garrafas de licor expostas no Santo Antônio Além do Carmo, Bebida típica dos festejos juninos.

## Nas Trilhas do Conhecimento

# MUDANÇA DE HÁBITO ALIMENTAR NO BRASIL

**“O que entra por nossa boca é o que nutre nosso corpo” -**

Fernanda (restaurante Nossa Terra - Barbalho) em depoimento no curta-documentário “Caminhos da Gastronomia”.

## 1. Alimentação saudável: dos frutos aos nuggets

**Texto retirado de:** Cláudia Chagas/ Agência Saúde Ministério da Saúde. [hiperlink aqui](#). Acesso em 01 de out. 2023.

“ Comida congelada, suco de caixinha, pipoca de microondas, sopa instantânea, nuggets, enlatados. Produtos alimentícios como esses, ícones da vida moderna e que enchem nossos carrinhos de supermercados, não fazem jus ao caminho

percorrido por nossos antepassados ao longo da história para manter a barriga cheia, o corpo nutrido e a saúde em dia.

No início era a coleta. Há cerca de 200 mil anos, nossos ancestrais, que eram nômades, se alimentavam de frutos e raízes, consumiam carne de caça, peixe e possivelmente moluscos in natura. Como num drive-thru paleolítico, eles aproveitavam as ofertas alimentícias que encontravam pelo caminho. Ainda

nesta época, nossos parentes hominídeos inventaram de assar e cozinhar os alimentos. E foram levando a vida assim, durante alguns milhares de anos. Eles andavam, caçavam, pescavam e comiam. Se não se mexessem, ou se a oferta era escassa, passavam fome.

Muito tempo depois, há aproximadamente 10 mil anos, veio a mudança que influenciaria a alimentação, a cultura e as sociedades humanas até hoje: a agricultura. Cansados de vagar, e com a experiência de milênios acumulada, nossos ancestrais resolveram fixar residência. Passaram a viver às margens de rios e lagos, cultivando trigo, cevada, milho, arroz e cereais – estes que são a base da alimentação tradicional de diferentes povos por todo o planeta até hoje. Ao mesmo tempo, dava-se início a criação de bovinos, ovinos, caprinos e suínos. Também começaram a produzir bebidas e alimentos líquidos usando cereais, caules, grãos, vagens, brotos; além de cozidos, ensopados e condimentos.

[...] O modo de produção de alimentos permaneceu praticamente o mesmo por muito tempo: o cultivo de vegetais e a criação de animais eram feitos em propriedades familiares e as farinhas eram produzidas de forma artesanal, preservando suas fibras e benefícios naturais. Mas, ainda na Idade Moderna (séculos XV ao XVIII), a agricultura, que antes era de subsistência, passou a ter fins comerciais.

Em meados do século XIX, a história da humanidade passou por um momento de ‘fermentação’, com a chegada da

Revolução Industrial, que ‘desandou’ com a ordem estabelecida e o que era feito de forma artesanal, passou a ser produzido com a ajuda de máquinas para acelerar a produção e abastecer uma população que não parava de crescer. O movimento atingiu todos os setores, em especial a produção de alimentos. É dessa época a criação dos alimentos enlatados (França-1810), criados para atender a necessidade militar, mas que em pouco tempo invadiu prateleiras e casas de todo o mundo.

A partir daí, em uma velocidade sem precedentes na história da alimentação humana e com a necessidade de se produzir em grande escala para suprir populações imensas, a comida passou a ser objeto de uma verdadeira alquimia, nem sempre saudável.

Hoje, uma inocente receita pode conter corantes, conservantes, antioxidantes, estabilizadores, emulsionantes, espessantes e até gelificantes. Quem quiser realmente saber o que está comendo terá que decifrar ‘ingredientes’ como E162 (corante Vermelho de beterraba), E202 (conservante Sorbato de potássio) ou ainda um ‘apetitoso’ E469 (emulsionante Carboximetilcelulose hidrolisada enzimaticamente). Inclui-se aí também muito sal, muito açúcar, muita gordura.”





## PROVOCAÇÃO

Como vocês avaliam a qualidade dos alimentos que consumimos hoje? As feiras livres ainda têm sua importância na oferta de alimentos para a população brasileira? Onde elas estão? Vocês costumam frequentá-las? Sabiam que no IFBA acontece, semanalmente, uma feirinha de produtos orgânicos, e que parte dos ingredientes usados na preparação das refeições oferecidas aos discentes no refeitório do IFBA são provenientes da Agricultura Familiar?

## 2. DEZ PASSOS PARA UMA ALIMENTAÇÃO ADEQUADA E SAUDÁVEL

Texto retirado de: Guia alimentar para a população brasileira. 2014, p. 45. Guia completo disponível no hiperlink [aqui](#). Acesso em 01 de out. 2023.

1. Fazer de alimentos **in natura** ou minimamente processados a base da alimentação.
2. Utilizar óleos, gorduras, sal e açúcar

em pequenas quantidades ao temperar e cozinhar alimentos e criar preparações culinárias.

3. Limitar o consumo de alimentos processados.
4. Evitar o consumo de alimentos ultraprocessados.
5. Comer com regularidade e atenção, em ambientes apropriados e, sempre que possível, com companhia.
6. Fazer compras em locais que oferecem variedades de alimentos **in natura** ou minimamente processados.
7. Desenvolver, exercitar e partilhar habilidades culinárias.
8. Planejar o uso do tempo para dar à alimentação o espaço que ela merece.
9. Dar preferência, quando fora de casa, a locais que servem refeições feitas na hora.
10. Ser crítico quanto a informações, orientações e mensagens sobre alimentação veiculadas em propagandas comerciais.

## Nas Trilhas do Conhecimento SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL, E DIREITOS HUMANOS

“Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.” Art. I da DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS.

## PROVOCAÇÃO

O artigo da DUDH é respeitado em nosso país no que se refere ao acesso aos alimentos?

## O que é Segurança Alimentar?

1ªSegurança Alimentar e Nutricional (SAN) é a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis.

[...]

Dois conceitos estão fortemente relacionados ao de SAN: o Direito Humano à Alimentação e a Soberania Alimentar. O direito à alimentação é parte dos direitos fundamentais da humanidade, que foram definidos por um pacto mundial, do qual o Brasil é signatário. Esses direitos referem-se a um conjunto de condições necessárias e essenciais para que todos os seres humanos, de forma igualitária e sem nenhum tipo de discriminação, existam, desenvolvam suas capacidades e participem plenamente e dignamente da vida em sociedade. Cada país, por sua vez, tem o direito de definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o

1Trecho do documento: "Princípios e Diretrizes de uma Política de Segurança Alimentar e Nutricional: textos de referência da II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional". Brasília, 2004. Documento completo disponível no hiperlink [aqui](#). Acesso 09.10.2023.

direito à alimentação para toda a população (soberania alimentar), respeitando as múltiplas características culturais dos povos."



**Carnes para o preparo da feijoada expostas em um mercado.**

Quanto às questões relacionadas à Segurança alimentar e nutricional, seguem depoimentos extraídos do curta-documentário "Caminhos da Gastronomia".

"Inicialmente, é importante lembrarmos que quando falamos de alimentação, estamos falando de um direito humano, um direito que também se apresenta como uma condição essencial para a vida. A vida em sociedade. Por isso que a alimentação é pautada na nossa constituição de 88 como um direito social. Contudo, vivemos hoje uma realidade marcada pelo agravamento da fome no mundo e, em particular, no Brasil." -(Entrevista da Profª Hingryd Freitas

(IFBA ao Mapa Cultural).

“São aproximadamente 31,1 milhões de pessoas vivendo essa realidade de insegurança alimentar e essa insegurança atinge muito mais as famílias chefiadas por mulheres e essas mulheres... a gente precisa fazer um recorte... mulheres negras, pretas e pardas e as crianças. Então, eu moro aqui no Barbalho, eu tenho vivenciado e experimentado cada vez que vou ao mercado o aumento dos preços e de alimentos básicos como café, leite, pão, carne e até os ovos que era um alimento mais acessível, subiu exorbitantemente de preço.” (Entrevista da Assistente Social Eliana Nascimento- IFBA).

## ETAPA 03

Exibir o mapa de orientação com localização dos lugares exibidos no vídeo, para que as pessoas identifiquem o território e se reconheçam como parte dele. Acessar o Mapa do **Caminho da Gastronomia** disponível [aqui](#).

## ETAPA 04

Aprofundar o conhecimento sobre agentes, produtores e projetos apresentados no vídeo. Para isso, ler materiais dos pontos do Mapa online do [Portal Mapa Cultural IFBA](#). Se optar por usar slides, acessar o arquivo Gastronomia com Identidades. Ver texto de apoio no hiperlink para leitura e discussão em grupo no [hiperlink](#).

## ETAPA 05: Prática - para realizar em sala de aula

Mapeamento as mãos pelas quais passam os alimentos até chegar à nossa mesa. Quem são esses sujeitos, onde estão, como são suas condições de vida e de trabalho? Apresentar através de como painel, comunicação oral, produção artística ou outra forma escolhida pelos participantes.

## ETAPA 06: Avaliando nossa oficina

- Como foi ou está sendo dialogar sobre gastronomia?
- Onde acertamos e onde erramos na preparação e vivência dessa oficina?



## REFERÊNCIAS

BRASIL. ONU. Relatório “O Estado de Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo 2023”. Disponível no hiperlink [aqui](#). Acesso em 10.10.2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia alimentar para a população brasileira. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível [aqui](#). Acesso em 10.10.2023.

Da MATTA, R. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. Correio da Unesco, 15(7):21- 23, 1987.

CASCUDO, Câmara. História da alimentação no Brasil. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1983.

CONSEA - Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Princípios e Diretrizes de uma Política de Segurança Alimentar e Nutricional: textos de referência da II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O cru e o cozido. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MACIEL, M.E. (2005). Olhares antropológicos sobre a alimentação. Identidade cultural e alimentação. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. Acedido Novembro, 13, 2015 em. Acesse o hiperlink [aqui](#).

## ANEXOS:



**Café - Disponível no [hiperlink](#), acesso 21 de Abril de 2023**



**Acarajé - Disponível no [hiperlink](#), acesso 21 de Abril de 2023**





**Alimentação saudável** - Disponível no [hiperlink](#), acesso 21 de Abril de 2023



**Comida típica da Bahia** - Disponível no [hiperlink](#), acesso 21 de Abril de 2023'



**Feijoada** - Disponível no [hiperlink](#), acesso 21 de Abril de 2023



**Agricultura Familiar e Sustentabilidade alimentar** - Disponível no [hiperlink](#), acesso 21 de Abril de 2023



**Desperdício de alimentos** - Disponível no [hiperlink](#), acesso 21 de Abril de 2023



**Feira Agroecológica do IFBA** - Disponível no [hiperlink](#). acesso 21 de Abril de 2023



**Mapa  
Cultural**  
IFBA